



A Prostituição de Luxo
Uma construção cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Tatiana Raquel Abreu Freitas Capelo

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro | 2016

A Prostituição de Luxo
Uma construção cultural

MASTER DISSERTATION

Tatiana Raquel Abreu Freitas Capelo

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTADORA

Cristina Maria Nascimento Guerra dos Santos Pinheiro

CO-ORIENTADOR

José Sílvio Moreira Fernandes

Agradecimentos

Foi um longo percurso até chegar à conclusão desta investigação. Contudo, o resultado final é muito satisfatório. E por isso quero agradecer o apoio e a ajuda preciosa das pessoas com quem contei...

Quero agradecer acima de tudo à minha querida orientadora, a professora Doutora Cristina Pinheiro, pela sua total disponibilidade e atenção, pela paciência, pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e motivação, pela preocupação, pelas críticas construtivas (sempre com muito senso de humor) e pelos sábios conselhos. Escolhi sem sombra de dúvidas a melhor!

Quero agradecer ao meu co-orientador, o professor Doutor Sílvio Fernandes, pelo apoio e pelas sugestões.

Quero agradecer também à minha família e aos meus amigos, Andreia, Cátia, Cristina, Joana, Lisandra... pelo constante apoio, pela compreensão, pelas palavras de encorajamento e de confiança, por me aturarem e confortarem nas alturas mais críticas... Destes, em especial à minha querida amiga Andreia Carvalho pelas longas horas de conversas doidas, de queixumes, de incentivo e motivação, pela partilha de experiência... e também pela importante ajuda principalmente com as traduções, tanto da Andreia como da Joana Bettencourt.

Quero também agradecer aos meus colegas de trabalho pela compreensão e pelas palavras de apoio e motivação.

A todos um Bem-Haja!

Resumo

Esta investigação tem como objetivo a análise cultural da prostituição a nível ocidental, mais precisamente em épocas passadas como a Antiguidade Clássica, a Idade Média, e o Renascimento, e na atualidade. Com o estudo destas épocas pretendeu-se demonstrar a evolução negativa que a atividade e as suas profissionais sofreram, de uma profissão considerada aceite para uma atividade marginal e criminalizada. Dentro de cada cultura estudada, deu-se particular atenção à evolução do fenómeno da prostituição de luxo feminina, apresentando em cada época histórias de vida das suas intervenientes de forma a analisar a justificação que aí se apresenta para esta escolha de vida. O mundo da prostituição de luxo é muito complexo. Fugindo às imagens estereotipadas e negativas ligadas às profissionais do comércio do sexo, as prostitutas que trabalham num contexto económico e social elevado revelam-se, por norma, como mulheres instruídas, cultas, bonitas, sofisticadas, sem problemas afetivos ou familiares. Muitas vezes, escolhem a atividade da prostituição não por falta de alternativas, mas como uma opção lógica para o seu modo de vida. Contudo, esta não foi uma realidade para todas as profissionais desta indústria em todas as épocas estudadas, tendo em conta que o contexto social, político e cultural é completamente diferente em todas elas. Recorremos também à análise de anúncios publicitários de produtos do quotidiano em comparação com anúncios de prostitutas de luxo. Com estes pretendeu-se demonstrar que este meio de comunicação utilizando a imagem da mulher e do seu corpo, nas mais diversas metáforas consumistas, transforma-a num objeto sexual a ser desejado e consumido, como as mulheres que encontramos nos anúncios das prostitutas de luxo. Foi criada, como componente prática desta investigação, uma galeria virtual (*website*). Este *website* contém imagens que retratam as personagens, as histórias e as épocas estudadas. Inclui, de igual forma, um levantamento de artigos, notícias, depoimentos, reportagens e documentários sobre a prostituição na atualidade, e em particular sobre a prostituição de luxo e suas intervenientes.

Palavras-chave: Prostituição; Antiguidade Clássica; Idade Média; Renascimento; Atualidade; Prostituição de luxo; anúncios; objeto sexual.

Abstract

This research aims to provide a cultural analysis of prostitution in the West, more precisely in past ages such as the Classical Antiquity, the Middle Ages and the Renaissance, as well as nowadays. The study of these ages intended to show the negative evolution that the activity and their professionals suffered, shifting from an acceptable activity to a marginal and criminalized one. In each studied culture, it was given special attention to the evolution of the phenomenon of female escort service, presenting in each era participants' life stories, in order to analyse their explanation to this life choice. The world of escort service is a very complex one. Apart from the stereotyped and negative images related to the sex trade professionals, prostitutes that work in a high economic and social contexts generally prove to be educated, cultivated, beautiful and sophisticated women, with no affective or family problems. Many times, they choose this activity as a logical option to their lifestyle and not for lack of alternatives. However, this was not a reality for all the professionals of this industry in all the studied ages, bearing in mind that the social, political and cultural contexts are completely different in all of them. Advertisements of products used in everyday life were analysed, in comparison with advertisements of escorts. The aim was to show that this media uses the image of women and their body, in the most diverse consumerist metaphors, transforming her in a sex object to be desired and consumed like the women that are found in the escorts' advertisements. It was created, as a practical component of this research, a virtual gallery (website). This website contains images that portrait the characters, the stories and the studied ages. Furthermore, it includes a gathering of articles, news, testimonies, reports and documentaries about prostitution nowadays and, in particular, about the escort service and its participants.

Keywords: Prostitution; Classical Antiquity; the Middle Ages; Renaissance; nowadays; escort service; advertisements; sex object.

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Introdução	1
1. Tema.....	1
2. Enquadramento teórico-prático.....	1
3. Objetivos da análise da prostituição nas diversas épocas e na publicidade.....	2
4. Justificação do tema.....	3
5. Conceitos de prostituição e de prostituta ao longo dos tempos.....	4
6. Definições de Prostituta de Luxo.....	9
Capítulo 1 – A prostituição na Grécia e em Roma na Antiguidade Clássica	11
1.1.Mitos sobre a criação da mulher e a sensualidade feminina – Eva e Pandora.....	11
2. Prostituição na Grécia e em Roma.....	15
2.1.Contexto sócio-cultural na Grécia.....	15
2.2. Prostituição na Grécia.....	17
2.2.1. Hetera Grega.....	23
2.3. Contexto sócio-cultural em Roma.....	30
2.4. Prostituição em Roma.....	33
2.4.1. Lex Iulia de adulteriis coercendis e Leges Iulia et Papia de maritandis ordinibus.....	37
2.4.2. Cortesã Romana.....	41
2.4.3. Conclusões.....	46
Capítulo 2 – Prostituição na Sociedade Medieval	48
1. Antiguidade tardia.....	49
1.1. Teorias Cristãs sobre a sexualidade.....	49
1.2.Prostituição.....	51
2. Idade Média.....	53
2.1. Alta Idade Média – até ao século X.....	53
2.1.1. Contextualização social.....	53
2.1.2. Prostituição.....	54

2.2. Idade Média Central	55
2.2.1. Contextualização social.....	55
2.2.2. Prostituição.....	58
2.3. Baixa Idade Média.....	64
2.3.1. Contextualização social.....	64
2.3.2. Prostituição.....	66
3. Conclusões.....	71
Capítulo 3 – A prostituição no tempo da Reforma e do Renascimento.....	72
1. Reforma Católica e Contra-Reforma.....	72
2. Cortesã do Renascimento.....	77
2.1.Contextualização socio-cultural.....	77
2.2.Caraterização da Cortesã.....	81
2.3.Cortesãs do Renascimento Italiano.....	87
3. Prostituição séculos XVII – XXI.....	95
Capítulo 4 – Prostituição de Luxo na atualidade.....	99
1. Contextos Sócio-culturais da prostituição na atualidade.....	99
1.1. Caraterização do negócio da prostituição.....	99
1.2. A <i>Internet</i>	106
1.3. Políticas vigentes em três países da União Europeia.....	107
1.3.1. Portugal.....	107
1.3.2. Holanda.....	109
1.3.2.1. Cidade de Amesterdão.....	111
1.3.3. França.....	113
1.4. Conclusões.....	116
2. Acompanhantes de Luxo.....	117
2.1. Composição do <i>Corpus</i> de Estudo.....	118
2.2.Análise do <i>Corpus</i> de Estudo.....	119
2.3.Caraterização da prostituição de luxo e dos seus intervenientes.....	128
2.4. Métodos de trabalho.....	130
2.5.Comercialização do corpo e dos seus serviços.....	133
2.6. Os clientes.....	135
2.7.Motivações.....	137

2.8. Conclusões.....	140
Conclusão Final	143
ANEXOS	146
Anexo A – Análise da Obra <i>Martelo das Bruxas</i>	147
Anexo B – Mulher sensual/erótica como objeto sexual na publicidade	151
1. Imagens estereotipadas da mulher-corpo.....	153
1.1. Veneração/valorização e importância do corpo e da aparência na atualidade.....	154
1.2. Construção do corpo-objeto na publicidade.....	155
1.3. Contextualização da exposição e exploração do corpo feminino nos mídias.....	157
2. Análise de imagens publicitárias e de anúncios de acompanhantes de luxo... 162	
I. Figura 1 – Anúncio do perfume <i>Opium</i> , Ano 2000.....	162
II. Figura 2 – Anúncio de Elena.....	165
III. Figura 3 – Anúncio do batom da Marca <i>Dolce&Gabbana</i> , Ano 2009....	167
IV. Figura 4 – Anúncio de Brooke Ashlees.....	169
V. Figuras 5 e 6 – Anúncios do Perfume <i>Tom Ford for men</i> , Ano 2007.....	172
VI. Figura 7 – Anúncio de Marybea.....	174
VII. Figura 8 – Anúncio de Rashina.....	174
VIII. Figura 9 – Anúncio do perfume <i>Obsession</i> , Ano 1986.....	177
IX. Figura 10 – Anúncio de Adele.....	179
X. Figura 11 – Anúncio do desodorante <i>AXE Maniac</i> , Ano 2000.....	180
XI. Figuras 12 e 13 – Anúncio de Renata.....	182
XII. Figura 14 – Anúncio da seleção <i>Premium</i> de carros usados da BMW, Ano 2008.....	183
XIII. Figura 15 – Anúncio de Englatine.....	186
XIV. Figura 16 – Anúncio da cerveja <i>Devassa Loura</i> , ano 2010.....	188
XV. Figuras 17 – Anúncio de Isabella.....	190
2.1. Conclusão.....	192
Anexo C – Imagens do Site	195
I. Imagem 1.....	195
II. Imagem 2.....	195

III.	Imagem 3.....	195
IV.	Imagem 4.....	196
V.	Imagem 5.....	196
VI.	Imagem 6.....	196
VII.	Imagem 7.....	196
VIII.	Imagem 8.....	197
IX.	Imagem 9.....	197
X.	Imagem 10.....	197
Bibliografia		198

Introdução

1. Tema

Esta dissertação intitulada “Prostituição de luxo: uma construção cultural” insere-se no âmbito do mestrado de Gestão Cultural, referente ao ano letivo 2012-2016. Esta terá como objeto de estudo a prostituição de luxo feminina em alguns momentos do passado que foram determinantes para a configuração social, moral e ética da prostituição, e na atualidade, especialmente mediante o estudo da prostituição de luxo. O seu objetivo é ampliar o conhecimento deste fenómeno cultural, assim como servir como ponto de partida para futuras investigações sobre esta temática.

2. Enquadramento teórico-prático

A presente investigação teve como enquadramento teórico a análise cultural da prostituição a nível ocidental, mais precisamente em épocas passadas como a Antiguidade Clássica, a Idade Média, e o Renascimento, e na atualidade. A escolha destas épocas deveu-se ao facto de se pretender demonstrar a evolução negativa que a atividade e as suas profissionais sofreram, de uma profissão considerada normal e necessária para uma atividade marginal e criminalizada. Esta foi também integrada num contexto social mais alargado, ou seja, na vida pública e privada dos cidadãos, contudo, dentro de cada cultura estudada, foi dada particular atenção à evolução do fenómeno da prostituição de luxo feminina, apresentando em cada época histórias de vida das suas intervenientes de forma a analisar a justificação que aí se apresenta para esta escolha de vida.

Como complemento da análise da prostituição de luxo na atualidade, foi igualmente foco desta investigação a análise de publicidade que inclui representações visuais de corpos femininos que se inserem numa vertente erótica. São corpos belos e atraentes, em poses sensuais ou mesmo eróticas que insinuam disponibilidade sexual. Há uma encenação pornográfica, em que todas as cenas representadas estão validadas no imaginário sexual, a mulher é retratada como um objeto sexual a ser consumido. Parece notório que o objetivo destas imagens não é vender sexo, mas sim produtos de consumo quotidiano. Estas mesmas campanhas publicitárias são comparadas com anúncios de acompanhantes de luxo da atualidade, mulheres que se encontram dentro dos mesmos padrões idealizados. Estas campanhas recorrem ao mesmo tipo de técnicas visuais para cativar, seduzir e adquirir os seus clientes.

Foi criada, como componente prática desta investigação, uma galeria virtual (*website*) disponível no *link* <http://tatiana-capelo2008.wix.com/prostituicaodeluxo>. Este *website* contém imagens que retratam as personagens, as histórias e as épocas estudadas. Inclui de igual forma, um levantamento de artigos, notícias, depoimentos, reportagens e documentários sobre a prostituição na atualidade, e em particular sobre a prostituição de luxo e suas intervenientes.

3. Objetivos da análise da prostituição nas diversas épocas e na publicidade

A sociedade ocidental inclui inúmeras representações da mulher prostituta. Segundo SCHOUTEN (2010: 85), entre elas incluem-se a de:

(...) pecadora, adúltera, sedutora, pessoa imoral, criminosa, toxicod dependente, perturbadora da ordem, desestabilizadora da sociedade, fonte de infeção, mulher neurótica ou psicótica, pessoa desviante, ninfómana, mulher frígida, lésbica, objeto de prazer, mulher oprimida, vítima.

Em todas estas imagens estereotipadas, criadas sobre a mulher prostituta e que serão identificadas ao longo desta investigação, ela é entendida de forma negativa, como uma mulher marginal, má ou vítima, sendo por vezes difícil de associar e de compreender a realidade prostitucional praticada por uma mulher instruída, culta, bonita, sofisticada, normal, sem problemas afetivos ou familiares. Um dos objetivos desta investigação será demonstrar que na indústria¹ da prostituição de luxo da atualidade se encontram muitas mulheres com estudos, com alguma estabilidade financeira, com uma boa estrutura familiar, com boas condições de vida, com belos atributos físicos, assim como mulheres com muitas outras opções de profissão.² São mulheres que fazem esta opção por uma diversidade de razões, sendo o dinheiro uma das principais. Estas estão dispostas a oferecer, o mais discretamente possível, por diversas compensações, os seus serviços, incluindo serviços sexuais ou apenas a sua companhia em eventos sociais diversos, com clientes maioritariamente abastados e bem posicionados socialmente.

¹ A prostituição é nesta investigação entendida como uma indústria, tendo em conta que, segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, este termo significa: “1.4. arte ou ofício que alguém exerce para viver; atividade profissional; ocupação; (...) 9. Exploração lucrativa e inescrupulosa de uma atividade que normalmente não deveria ter tal objetivo. (...)”

² Esta não foi uma realidade para todas as profissionais desta indústria em todas as épocas estudadas, tendo em conta que o contexto social, político e cultural é completamente diferente em todas elas. Como será referido ao longo da pesquisa, as condições de vida destas mulheres, dependiam também do estatuto da mulher em cada sociedade. No entanto, existem muitas características similares entre as mulheres que optaram por esta atividade ao longo do tempo.

Sabemos que a prostituição pode pôr em causa estereótipos relacionados com o género feminino, como o de que a mulher deve ser uma boa mãe e dona de casa. Contudo, em pleno século XXI começa a haver a noção de que os estereótipos com que se classificam as prostitutas não correspondem à realidade da vida destas mulheres. Dando particular atenção ao *corpus* de estudo estabelecido, que inclui histórias de prostitutas de luxo da atualidade, é possível perceber que muitas delas mantêm duas vidas completamente opostas, uma vez que no seu dia-a-dia são mães, estudantes, namoradas, funcionárias públicas, donas de casa, etc., ou seja, elas estabelecem e mantêm relações afetivas e sociais, firmes e duradouras, fora do contexto prostitucional, e a maioria destas ligações desconhece a sua vida dupla.

Tendo em conta a perspetiva histórica de diversos autores e textos, bem como os estudos e testemunhos sobre a prostituição (documentários, depoimentos, artigos), um dos objetivos desta investigação é pesquisar a conotação negativa da profissão de prostituta, e a partir daí entender o porquê de a prostituição ser um tema que ao longo da história tem sido marginalizado, e em muitas sociedades ainda ser considerado um tema tabu.

Através do estabelecimento de um *corpus* de estudo e da investigação produzida pretendeu-se também com esta pesquisa perceber como é que algumas mulheres, vítimas da sua própria sensualidade e sexualidade, se tornaram objetos sexuais, tentando estabelecer uma ligação entre a mulher sensual e erótica com a prostituta e a mulher objeto sexual apresentada na publicidade. Por meio da análise de anúncios publicitários de produtos do quotidiano em comparação com anúncios de prostitutas de luxo, o objetivo de introduzir a publicidade nesta investigação foi demonstrar que este meio de comunicação utilizando a mulher e o seu corpo, nas mais diversas metáforas consumistas, transforma-a num objeto sexual a ser desejado e consumido. A associação deste tipo de publicidade a esta investigação deve-se ao facto das mulheres presentes nos anúncios publicitários serem tão belas e sensuais como as que encontramos nos anúncios de prostitutas de luxo, mulheres que moldam os seus corpos num sentido fetichista, e que com a utilização de técnicas visuais prometem com as suas imagens todas as fantasias presentes no imaginário sexual masculino.

4. Justificação do tema

A escolha deste tema é justificada pelo facto de este ser um fenómeno polémico e complexo presente em todas as épocas e culturas, e ainda assim ser considerado um tema

tabu. Assim como é uma escolha fundamentada no reconhecimento da importância das mulheres na história da civilização, bem como pela sua caracterização como fonte do pecado e de todo o mal em alguns momentos da história, uma história escrita por homens e para homens. Tendo em conta esta visão negativa das mulheres foi importante incluir uma análise dos mitos da criação de Pandora e Eva, referentes às culturas grega e cristã, uma vez que ambos são importantes para compreender as ideias sobre a formação da raça humana e conseqüentemente à sua hierarquia e diferenciação de papéis de género na sociedade. Através da análise destas figuras começa-se a perceber o poder atribuído ao corpo feminino enquanto elemento de tentação dos homens, e como é que através deste se condicionaram a percepção e modo de vida das mulheres. Nos diferentes capítulos desta investigação foram retratadas várias épocas da história da humanidade, nas quais se tentou uma análise – necessariamente breve e sucinta – da vida pública e privada das mulheres, isto é, como foram caracterizadas nas leis, nos mitos, nos costumes do dia-a-dia, na vida política e familiar, de forma a ter um melhor entendimento da relação e dos papéis de género na sociedade, dando maior enfoque ao fenómeno da prostituição e conseqüentemente à vida das mulheres que trabalhavam neste meio.

A prostituição existe e é regulamentada de forma direta ou indireta pelas normas sociais, morais e éticas, bem como pelos comportamentos e relações entre homens e mulheres. Como tal, não pode ser um tema tabu ou um assunto a ignorar pela sociedade, pois faz parte da herança cultural da humanidade. Uma investigação nesta área não só vai melhorar a compreensão dos conceitos de prostituta e de prostituição, como vai permitir um melhor entendimento da vida económica, política, cultural e social das diferentes culturas ao longo da história. Tendo em conta que o principal foco é a prostituição de luxo feminina, este estudo irá também levar a um melhor entendimento da realidade de vida destas mulheres, através de questões orientadoras tais como: quem eram/são; o porquê desta escolha de vida; quais os seus atributos, qualidades e instrução; como eram/são vistas e tratadas pela sociedade e pela lei; que tipo de clientes as procuravam/procuram e por que razão; quais os ganhos, benefícios e desvantagens desta profissão.

5. Conceitos de prostituição e de prostituta ao longo dos tempos

A prostituição é entendida como a “mais velha profissão do mundo”. Contudo, a história da prostituição tem sido um tema tabu, um tema marginal na historiografia e principalmente em algumas sociedades. Só é possível entender o seu conceito, a sua

persistência no tempo e no espaço, integrando-a num contexto social mais alargado, ou seja, abarcando o modo de vida privado, social e político de homens e mulheres nas diferentes épocas, dando particular atenção ao tipo de mentalidades, conceitos e noções assentes nas sociedades.

De acordo com o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de António Houaiss entende-se “prostituição” como:

ato ou efeito de prostituir (-se). 1. Atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas. 2. Meio de vida principal ou complementar de prostitutas e prostitutos. (...) 5. Vida devassa, desregrada; libertinagem (...).

Prostituição é assim uma atividade comercial de prestação de serviços sexuais entre prostitutas(os) e os/as seus/suas clientes a fim de uma compensação material. Sendo uma atividade exercida por ambos os sexos, contudo ela foi e continua a ser uma atividade em que predomina o sexo feminino como vendedoras e o sexo masculino como compradores.³ Como será explicado mais à frente, de acordo com o papel estrutural dos valores de género, o homem tende a ser educado com base em ideias de masculinidade hegemónica, isto é, sexo dominador, com direito a satisfação sexual e a relações promíscuas, sendo a mulher, por outro lado, pensada em termos de sexo subordinado, de objeto sexual e de prazer dos homens. Tendo em conta este tipo de ideologia, e não só, é natural que os clientes desta atividade sejam maioritariamente do sexo masculino.⁴

Como foi referido, a prostituição é entendida como “a mais velha profissão do mundo”, contudo, como diz SCHOUTEN (2010: 92) esta é uma asserção duvidosa e pouco realista, uma vez que são raras as sociedades onde a prostituição é reconhecida como profissão, embora, como defendem BINDMAN & DOEZEMA (1997)⁵, a atividade prostitucional seja realmente um trabalho, uma vez que é uma atividade económica de prestação de serviços que visa a obtenção de recursos para sobreviver ou para melhorar o nível de vida. Como será evidenciado ao longo da investigação, a escolha da prostituição é, na sua maioria, uma opção racional, é uma escolha de sobrevivência, ou então, que visa a melhoria da qualidade de vida. Por estas razões, cada vez mais os profissionais do sexo

³ EDLUND & KORN (2002: 184) e ARNOWITZ (2014: 224).

⁴ Vide SACRAMENTO & RIBEIRO (2010: 172-173); SILVA (2010: 23; 34); MARCHBANK & LETHERBY (2007: 261) e GIDDENS (1995: 5-8; 77).

⁵ Disponível em: <http://www.walnet.org/csis/papers/redefining.html#2>. Acedido em 02/12/2014.

exigem os mesmos direitos que têm os trabalhadores de outras profissões. Apesar de serem uma minoria, já existem alguns países onde a prostituição é reconhecida como uma atividade totalmente legal, países como a Holanda, a Alemanha e a Austrália, em que os profissionais do sexo têm os mesmo direitos e deveres que os restantes.

Surtem diferentes tipos de reações para com esta escolha de vida, umas condenatórias e abolicionistas, outras mais tolerantes e progressistas, mas no geral, o atual conceito de prostituição acarreta uma conotação extremamente negativa, preconceituosa e marginal para com as mulheres deste meio. A prostituta é apontada num tom moralista, sendo acusada e vista como responsável pelo modo de vida que leva. Como nos diz SILVA (2010: 24), as prostitutas são identificadas com seres degenerados, mulheres “depravadas, desonradas, promíscuas e sem-vergonha”. Estes rótulos e preconceitos devem-se aos discursos ideológicos da sociedade, que entende a prostituição como o caminho mais fácil para uma vida sem esforço, descomplicada, acessível, leviana e lucrativa. Contudo, as causas e as motivações que levam uma mulher a este tipo de vida são as mais variadas e nem sempre as mais fáceis de entender ou julgar.⁶ Tendo em mente a estigmatização social que os intervenientes deste meio sofrem, há ainda que ter em conta a diversidade de problemas que esta atividade envolve, desde a violência física e psicológica ao tráfico de pessoas e ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis. Este pode ser o caminho mais curto, mas nunca o mais fácil, pois é uma atividade que envolve dinheiro rápido e de forma simples, mas quem enfrenta os riscos físicos e psicológicos que esta profissão envolve, não considera de forma alguma que este é um caminho fácil, uma vez que o preço a pagar por tal escolha por vezes é demasiado alto. O facto de as prostitutas serem simplesmente marcadas pela sociedade como pessoas inferiores, infames, um mal a evitar só ajuda a marginalizá-las ainda mais, como é referido por FONTINHA (1989: 59):

Ser prostituta é sentir-se diferente das outras mulheres. É sentir-se inferior, é ter vergonha da vida que se faz. É estar em defesa contra todos. É aparentar um porte agressivo para sobreviver aos olhares acusadores dos outros. É sentir-se excluída do mundo dos “bons”. É viver num mundo à margem.

⁶ Segundo SILVA (2010: 23-24), a entrada e permanência dos diversos intervenientes na vida prostitucional dependem de diversos factores tais como: a existência e controlo de recursos económicos; relações afetivas; desejos eróticos; assim como o seu lugar e espaço de manobra com as forças sociais, tendo em conta os contextos político-organizacionais; entre estes factores incluem-se a vulnerabilidade jurídica do sujeito perante a lei; a sua racionalidade estratégica de comparar as vantagens associadas à vida de prostituta com outras saídas profissionais e ambições futuras; os seus hábitos e estilos de vida; tal como o seu trajeto biográfico.

Este estigma nem sempre marcou as mulheres que trabalham neste meio nem a prostituição em si foi sempre vista de forma tão negativa. Para uma noção clara da evolução do conceito, bem como para entender o quando e o porquê de ter adquirido esta conotação tão negativa, faremos uma análise de alguns momentos da história, bem como de sociedades nas quais a prostituição era entendida como natural e mesmo necessária, pois não passava de mais uma atividade comercial.

Como já foi referido, há que dar especial atenção à interpretação das mentalidades, dos conceitos e das noções atuantes em diferentes sociedades em momentos diversos, pois o entendimento do conceito de prostituição no bom ou mau sentido depende do tipo de noções relacionadas com a sexualidade e as práticas sexuais dentro e fora do casamento. Isto é, como é que as diferentes sociedades interpretavam e interpretam a natureza da sexualidade humana, que tipo de relações e de práticas eram e são consideradas aceitáveis quer dentro quer fora do casamento, ou seja, como se relacionavam e relacionam homens e mulheres no contexto específico da conjugalidade.

Como explica COCKS (2013: 38-39), o termo “sexualidade”, referindo-se a “behaviour, orientation, identity, desire, anatomy and other matters that relate to individuality”, é recente, tendo em conta que no século XVIII, este termo era usado especificamente para falar da capacidade reprodutiva de um organismo e até ao século XX a palavra “sexo” referencia sobretudo as características anatómicas que diferenciam os sexos. Na Idade Média, quando falamos de comportamento sexual este está claramente ligado a questões tais como a reprodução, o casamento, a moral, a religião, etc. COCKS (2013: 40-52) fala de duas teorias que tentam explicar o que é a sexualidade moderna. A primeira sugere que as ideias sobre a sexualidade resultaram do aumento e da expansão da liberdade pessoal e sexual. Isto é, desde o século XVIII, os indivíduos passaram a dedicar mais tempo a si próprios, às suas necessidades e prazeres. A sexualidade e/ou determinadas práticas que eram até então reprimidas, controladas, punidas ou entendidas como pecaminosas começaram progressivamente a ser expressadas e aceites, levando assim a mudanças na esfera íntima das pessoas, de grupos ou minorias considerados marginais. A segunda teoria está associada à obra de Foucault e baseia-se no argumento de que a sexualidade representa uma arena onde diferentes forças políticas, sociais, religiosas, económicas, etc. procuram intervir diretamente e controlar o comportamento sexual das

populações. Como explica COCKS (2013: 44): “many forms of legislation, custom and tradition try to prevent people from committing certain sexual acts, and to regulate, maintain and encourage others regarded as useful and good (...)”.

Thomas McGinn (1998: 18) afirma que existe prostituição quando estão presentes três critérios: 1) indiferença emocional entre parceiros; 2) promiscuidade; 3) pagamento. Estes critérios permitem distinguir este fenómeno nas diferentes sociedades e épocas:

The task of definition is of enormous importance because prostitution must be distinguished from other forms of nonmarital sexual relations, including adultery and concubinage. All of these types will assume different forms in different societies. A definition of prostitution that includes the three criteria of promiscuity, payment, and emotional indifference between the partners seems best suited to this distinction and flexible enough to allow for the great variety these forms of sexuality exhibit in different societies, both present and past.

Em especial, para analisar o fenómeno da prostituição na Grécia e em Roma é necessário ter em conta os critérios apresentados por McGinn, pois, em ambas as sociedades, os homens podiam ter relacionamentos sexuais com as mulheres em contextos diferentes incluindo a concubinagem, o casamento, o adultério ou o seu direito sexual legal sobre as suas escravas. Em nenhuma destas formas de relacionamento coexistiam os três critérios como na prostituição, ou seja, o facto de uma mulher se demonstrar totalmente disponível a nível sexual, de forma completamente indiscriminada, visando o ganho económico, no entanto, não nutrindo qualquer sentimento de afeto pelos diversos parceiros sexuais, estando simplesmente a prestar um serviço. Estas características colocam este fenómeno na categoria de atividade sexual e económica, e os seus intervenientes são classificadas como prostitutas(os), com uma visão extremamente negativa do seu trabalho por se considerar que se comportam de acordo com valores imorais e vergonhosos. Segundo FLEMMING (1999: 39), é através destes critérios e dos “rótulos” sociais atribuídos aos seus intervenientes que podemos distinguir claramente este fenómeno na sociedade romana, assim como em sociedades anteriores e posteriores.

O entendimento do conceito de prostituição é também condicionado pelo tipo de sociedade e pelos conceitos de género e de sexo nela predominantes.⁷ Isto é, que tipo de

⁷ Segundo MARCHBANK & LETHERBY (2007: 5) “Género” é um conceito que se refere a uma diferença socialmente determinante, baseada nas diferenças dos órgãos sexuais dos indivíduos. “Sexo” refere-se à noção de um indivíduo ser identificado como masculino ou feminino, de acordo com as suas características biológicas, tais como a sua anatomia, os seus órgãos reprodutivos e os seus cromossomas.

relações sociais, estruturas e poderes existem numa determinada sociedade e como é que estes influenciam a compreensão de género. O género é aqui importante porque ele denota o tipo de hierarquias existentes numa sociedade, bem como quais os papéis atribuídos a cada um dos sexos. Ao longo dos tempos, homens e mulheres enfrentam diferentes expectativas e reações relativamente à forma como se vestem, se comportam, trabalham, e ao tipo de relacionamento que devem ter com a família, os amigos, no trabalho, na rua, etc.⁸ Tudo isto é muito variável, ou seja, os conceitos, as noções do certo e errado, justo e injusto dependem dos padrões de conduta ideais ou apropriados para homens e mulheres de acordo com uma determinada cultura.

As sociedades em análise são consideradas fundamentalmente patriarcais. De acordo com MARCHBANK & LETHERBY (2007: 10-12), entende-se como tal um sistema abrangente que se refere às condições económicas, sociais e culturais, bem como às oportunidades de ser homem ou mulher dentro de uma determinada sociedade de hegemonia masculina. Isto é, a crença subjacente a uma sociedade patriarcal reside no facto de se acreditar, como diz POMEROY (1995: 100), que “ (...) men are born to rule, and women to obey.”

6. Definições de Prostituta de Luxo

Após uma contextualização do conceito de prostituição, em algumas épocas e sociedades, esta investigação dará particular importância à prática da prostituição de luxo.

Na Grécia clássica, encontramos o termo “*hetaira*”, que segundo LIDDELL & SCOTT (1883: s.v), significa literalmente “companheira”. Esta era, portanto, a companheira de luxo, paga pelos homens de estatuto social elevado para os acompanhar em todo o tipo de convívios e festas, tendo em conta a educação privilegiada que estas mulheres tinham. Como indica CORNER (2011: 69-70), eram também as únicas a quem era permitida a entrada no *oikos* familiar, embora no contexto específico do simpósio. Contudo, a hetera grega era igualmente solicitada para encontros de carácter sexual com os seus clientes.

Em Roma, não existe nenhum termo que distinga as prostitutas que trabalhavam num contexto social e económico elevado das prostitutas de rua. Ambas são “meretrices” (meretrizes). As prostitutas de luxo eram aquelas que prestavam serviços sexuais, e

⁸ Vide MARCHBANK & LETHERBY (2007: 4-19; 258-264) e GIDDENS (1995: 5- 8; 77).

acompanhavam homens poderosos da sociedade a diversos convívios sociais. Eram também as mais privilegiadas a nível da sua educação, da sua beleza e da sua remuneração.

Em Itália, no Renascimento, as mulheres ligadas à prostituição de luxo eram designadas “cortesãs”. Segundo SHEMEK (2007: 101), entende-se cortesã:

(...) an educated and talented woman who, in the courtly and urban society of early modern Italy, provided sexual services to wealthy and prominent men. Despite her name, the courtesan was not a direct counterpart to the male courtier (*cortegiano*) who was usually a court diplomat or intellectual. She is also not to be confused with the palace lady or princess (*dama, donna di palazzo*) or with the lady-in-waiting (*donzella, damigella*).

As cortesãs desempenhavam um papel ambíguo na sociedade renascentista, pois eram consideradas mulheres promíscuas, que vendiam o seu corpo ou a sua companhia a homens de elite, a troco de bens, de riqueza ou de ascensão social, embora associadas a uma vida de luxo, de requinte e de cultura. De igual forma, a sua mobilidade social quebrava todas as barreiras convencionais e de classes existentes, pois entravam em esferas proibidas ao seu sexo, e à sua condição, e mantinham relações com e eram protegidas por cidadãos da aristocracia.

Na atualidade, as prostitutas de luxo são denominadas de acompanhantes, *escorts* ou *call girls* – segundo o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o termo “call girl” significa: “a woman prostitute who makes her arrangements by telephone.”; e “escort” refere-se a: “2. a social companion (...); 3. A man or woman who is paid to go out socially with another: an escort agency.” Segundo DITMORE (2006: 74; 144-145), estes termos surgiram associados à criação de agências de serviços de encontros. Estas agências disponibilizavam o serviço de acompanhantes, normalmente modelos, a homens que procuravam companhia para uma diversidade de ocasiões. Mais tarde passaram a incluir também serviços de caráter sexual.

Capítulo 1 – A prostituição na Grécia e em Roma na Antiguidade Clássica

1. Mitos sobre a criação da mulher e a sensualidade feminina – Eva e Pandora

A análise das histórias de Eva e Pandora, duas figuras míticas, é relevante para esta investigação, pois são duas personagens controversas, que surgiram em culturas de caráter patriarcal e com tendências misóginas.⁹ Nestas culturas, os mitos de criação mostram uma imagem negativa das mulheres, retratando-as como um mal para a humanidade e como seres inferiores aos homens. Daí a análise das histórias de Eva e Pandora ser de extrema relevância, pois ambas são retratadas como as primeiras mulheres da história, através das quais o mal chegou ao mundo. Qualquer um dos mitos providencia um olhar prévio sobre o tipo de relacionamento existente entre homens e mulheres.

Segundo o mito grego descrito por Hesíodo no século VIII a. C., a origem de Pandora, a primeira mulher, terá sido uma vingança, um castigo dos deuses para os homens. De acordo com o mito grego, foi a mulher que trouxe os males e o sofrimento à humanidade, pois Prometeu roubou o fogo aos deuses, e Zeus irado com tal traição prometeu trazer o maior dos males para a terra, como tal no Olimpo criou Pandora. (Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 60-89).¹⁰

Segundo a descrição da criação de Pandora, vemos que todos os deuses a dotaram de características únicas, irresistíveis e sedutoras aos olhos dos homens. No entanto, também a dotaram de espírito dissimulado o que a tornava também prejudicial para estes. Pandora foi

⁹ Para mais informações sobre estas histórias, vide JESUS (2009/2010: 1-13).

¹⁰ Tradução de PINHEIRO (2000: 70-71): “Ordenou ao ilustre Hefesto que misturasse, rapidamente, terra com água, infundisse a voz e o vigor do homem e assimilasse o seu rosto ao das deusas imortais, a uma bela e deliciosa figura de donzela. De seguida, a Atena que lhe ensinasse os trabalhos, a tecer a tela trabalhada com muita arte; a Afrodite que derramasse na sua cabeça um dourado encanto, um avassalador desejo e inquietantes carícias; a Hermes, mensageiro de Argifontes, ordenou incutir nela cínica inteligência e caráter volúvel. Assim disse e eles obedeceram ao soberano Zeus Crónida. Prontamente o ilustre coxo modelou da terra um ser semelhante a uma obsequiosa donzela, de acordo com a determinação do Crónida; a deusa Atena, de olhos garços, cingiu-a e adornou-a; as divinas Graças e a augusta Persuasão colocaram à volta do seu pescoço doirados colares; as Horas de bela cabeleira coroaram-na com flores primaveris; Palas Atena aplicou todos os cosméticos à sua pele; e depois o mensageiro Argifontes aplicou no seu caráter mentiras, sedutoras palavras e um caráter volúvel, segundo a vontade de Zeus tonitruante. Além disso, o arauto dos deuses infundiu-lhe a voz e chamou a esta mulher Pandora, porque todos os habitantes das moradas Olímpicas lhe concederam um dom, sofrimentos para os homens comedores de pão. Depois que terminou o árduo e irresistível dolo, o pai enviou a Epimeteu o ilustre Argifontes, célere mensageiro dos deuses, com o dom. Epimeteu não se lembrou de que Prometeu lhe tinha dito para não aceitar o dom vindo de Zeus Olímpico, mas que logo o devolvesse, para que não chegasse nenhum mal aos mortais. Depois que o recebeu, quando já tinha o mal compreendeu.”

enviada como prenda a Epimeteu, irmão de Prometeu. Epimeteu, seduzido pela beleza e pelo encanto da mulher, tomou-a em casamento, sem se aperceber do perigo que ela realmente representava, pois Pandora seria a fonte do pesar para os mortais, Na versão da *Teogonia* (585) Pandora é considerada um *kalon kakon* – um mal bonito. Como explicam ZEITLIN (1996: 56) e KING (1998: 27), uma mulher com um belo exterior, semelhante às deusas imortais, extremamente desejável, mas com um interior abominável e nocivo.

A Pandora foi-lhe oferecida uma vasilha, a qual não deveria abrir. Contudo, devido ao seu caráter dissimulado e pernicioso, um dos grandes defeitos de Pandora era a curiosidade, devido à qual a mulher desobedeceu e abriu a vasilha para ver o que continha. Dela imediatamente escaparam todos os males que lá estavam enclausurados e que os homens desconheciam: a guerra, a mentira, o ódio, a velhice, a doença, o pesar, etc. Pandora tentou fechar, mas infelizmente era tarde demais, pois a vasilha já só continha a esperança. Contudo, como explica ZEITLIN (1996: 64), a esperança que permaneceu na vasilha pode ser entendida de dois modos: segundo uma perspectiva positiva, a esperança representava uma contínua inspiração e força de vontade por parte dos homens de trabalhar para assegurar e melhorar o seu modo de vida no futuro, por outro lado a esperança também podia representar uma qualidade negativa na vida dos homens, na medida em que os homens ociosos se deixariam viver na ilusão de que tudo melhoraria sem lutarem por isso. Ou seja, a esperança pode servir de consolo ou de engano para os homens.

A figura de Pandora representa assim a origem dos males da humanidade, pois foi devido à sua natureza enganadora e traiçoeira e ao seu caráter frívolo e malicioso que a humanidade conheceu a doença, a morte e os problemas que a assolam. De facto, antes da ação de Pandora reinava a paz, a felicidade e o desconhecimento do mal entre os homens. Pandora serviu de armadilha fatal para os mortais. Uma vez que os homens encontraram o fogo sem a vontade divina, também receberam assim os malefícios da mulher. A mulher passa assim a ser encarada como a personificação do mal. Como se percebe através do seguinte fragmento: “Oh Zeus porque é que é preciso dizer mal das mulheres? Que seja suficiente dizer apenas mulher.” (Carcinus II, *Semele*, TGrFFr)¹¹

Como explica KING (1998: 23), Pandora foi dada como uma prenda a Epimeteu sob a forma de donzela, ou seja, virgem. Só se tornaria mulher após dar à luz. No entanto, como afirma ZEITLIN (1996: 59), no mito de Hesíodo não há descrição do seu

¹¹Tradução portuguesa do material de Família.

relacionamento sexual com Epimeteu, nem da procriação. Na versão da *Teogonia* (602-6), contudo, Hesíodo indiretamente remete para a necessidade das mulheres para produzir herdeiros e garantir a continuação da raça e a manutenção do património.¹²

O que se pressupõe é que a união de Pandora a Epimeteu representava também o laço do matrimónio entre o homem e a mulher. Todo o homem que escolhesse casar com uma mulher teria uma longa vida de trabalho árduo, cheia de doenças, guerras, velhice e dor ao lado de uma criatura maldosa e traiçoeira. Esta união visava também a procriação, senão o homem morreria sozinho, sem ninguém que cuidasse de si na velhice, e como tal uma continuação das desgraças para os mortais. Como explica KING (2002: 78), através da figura de Pandora concluímos que os gregos consideravam a mulher como um mal necessário. Um mal por causa do seu carácter indisciplinado, licencioso e da sua falta de auto-controle, no entanto era necessária para a procriação e continuação da espécie.

À semelhança de Pandora também Eva, a primeira mulher segundo a Bíblia, foi criada depois do homem, embora ambas com propósitos distintos, pois enquanto Pandora é criada como uma punição para o homem, Eva foi criada como sua companheira e auxiliar: “Javé Deus disse: «Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe seja semelhante».” (Gn 2:18). No entanto, tal como Pandora, Eva também é considerada a causadora dos infortúnios que assolaram a humanidade, por ter desobedecido a Deus ao comer o fruto da árvore proibida, ou seja, a árvore que lhe traria o dom do conhecimento, e ao persuadir também Adão a comê-lo.¹³

Após comerem o fruto da árvore do conhecimento, Eva e Adão ganharam noção de que estavam nus, assim como tomaram conhecimento do bem e do mal, conhecimento este que levaria à sua infelicidade e conseqüentemente à sua degradação. Por terem desobedecido às ordens de Deus e por terem pecado, também foram punidos: pois foram

¹² “Aquele que, evitando o casamento [*gamos*] e os vergonhosos trabalhos das mulheres [*mermera erga gunaikon*], e não quer casar, atinge a velhice mortal sem alguém que cuide da sua idade avançada [*gerokomos*], e apesar de não ter falta de meios de subsistência enquanto vive, à sua morte, os seus parentes afastados partilham os seus bens.” Tradução portuguesa do material de Família.

¹³ (Gn 3: 2-7) “A mulher respondeu à serpente: «Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Não comereis dele nem lhe tocareis, de contrário morrereis”» Então a serpente disse à mulher: «Não, não morrereis. Mas Deus sabe que, no dia em que comerdes o fruto, os vossos olhos abrir-se-ão e tornar-vos-eis como deuses, conhecedores do bem e do mal.» Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou no fruto e comeu-o; depois deu-o também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. Então abriram-se os olhos aos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas.”

expulsos do Paraíso e condenados com a mortalidade e o trabalho árduo, e as mulheres com a procriação acompanhada de grandes dores no parto e a submissão ao marido.¹⁴

Ambas as mulheres receberam ordens específicas, às quais desobedeceram. Como consequência a humanidade padeceu. Contudo, é a criação de ambas que garante a continuação da humanidade, pois representa a definição de dois sexos: feminino e masculino, ambos complementares um ao outro, embora os mitos aqui representados relatem a criação das mulheres como uma categoria secundária, na medida em que ambas foram criadas após o homem, uma para seu benefício, outra como seu castigo. Como explica ZEITLIN (1996: 60-61), Eva tornou-se a mãe de toda a humanidade (Gn 3: 20); Pandora, por outro lado, está ligada à criação da “raça das mulheres”, sem as quais não existiria humanidade. No entanto, a ideia transmitida através destas narrativas míticas é de que o mundo era um local melhor antes da criação das mulheres, ou seja, elas são vistas como uma outra raça, estranhas que foram introduzidas como ameaça no mundo masculino. O mesmo é dizer que os males dos homens como a sua infelicidade devem-se à mulher.¹⁵ Segundo estas histórias, foi devido ao caráter dissimulado, astuto, traiçoeiro e sedutor das mulheres, que os homens foram levados a cair no seu enleio e consequentemente adveio a desgraça para a humanidade. A mulher é assim encarada como uma tentação para o homem e a personificação do mal.

Como indica ABREU (2007: 66), a interpretação destas histórias sobre a criação das mulheres demonstra uma clara tentativa de desresponsabilização dos atos dos homens, pois em ambas as narrativas estes tendem a justificar as suas ações e responsabilidades como consequência de confiarem nas terríveis e perversas criaturas que são as mulheres. Consideram-nas traiçoeiras, sendo impossível confiar nestas, pois como diz ZEITLIN (1996: 56): “Man and woman cannot converse with one another because she conceals the truth in order to deceive.” Ou seja, são histórias que transmitem a ideia de que o homem pecou e como tal foi punido por “dar ouvidos” à mulher. Com estas narrativas demonstra-se a condição de inferioridade das mulheres, e por esta razão os homens ditaram e regularam as vontades destas. Estes são mitos que justificam a submissão feminina ao

¹⁴ Segundo a (Gn 3: 16-19): “Javé Deus disse então à mulher: «Vou fazer-te sofrer muito na tua gravidez: entre dores, darás à luz os teus filhos; a paixão vai arrastar-te para o marido, e ele te dominará». Javé Deus disse ao homem: «Já que deste ouvidos à tua mulher e comeste da árvore cujo fruto Eu te tinha proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Enquanto viveres, dela te alimentarás com fadiga. A terra produzir-te-á espinhos e ervas daninhas, e comerás a erva dos campos. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes para a terra, pois dela foste tirado. Tu és pó, e ao pó voltarás»”

¹⁵ PINHEIRO (2000: 72).

homem, bem como a sua dependência deste. Ambos os mitos são assim importantes quando pretendemos compreender as ideias sobre a formação da raça humana e consequentemente a sua hierarquia e a diferenciação de papéis de género na sociedade.

2. Prostituição na Grécia e em Roma

Para compreender o conceito de prostituta e prostituição no período clássico há que enquadrar este modo de vida na vida social e política dos restantes membros da sociedade, especialmente das mulheres. O estudo da prostituição melhora o entendimento da história clássica a nível económico, político, cultural e social. Como indicam GLAZEBROOK & HENRY (2011: 13), é igualmente necessário ter noção de que até hoje existem mais estudos e dados arqueológicos sobre a prostituição em Roma do que na Grécia e é errado tentar assumir que os dados sobre a prostituição romana são iguais para a civilização grega.

Neste período da história, as fontes são quase exclusivamente masculinas, e normalmente relacionadas com homens de classes sociais elevadas, o que indica que as “verdades” no que diz respeito às mulheres são por vezes um pouco distorcidas, também pelo facto de estes terem dado pouca atenção às mulheres de classe baixa, às não cidadãs e às escravas, representando maioritariamente a sua classe. Tratando-se de um estudo sobre a prostituição é difícil compreender a verdadeira história desta quando a construção ideológica da sexualidade é feita por uma elite de homens que legislaram, regularam e escreveram sobre ela. Como refere FLEMMING (1999: 38), não houve um esforço para ter em conta a verdadeira perspetiva das prostitutas. É igualmente importante referir que nas diferentes cidades-estado gregas do período clássico, as mulheres não tinham os mesmos papéis e estatutos sociais. Nesta investigação, teremos em conta a cidade de Atenas.

2.1. Contexto sócio-cultural na Grécia

A civilização grega era já uma sociedade patriarcal, organizada por classes. Neste sistema patriarcal que marca o Ocidente já desde a antiguidade, o estatuto religioso, político e social das mulheres é sempre moldado de forma a restringir a capacidade de interferirem ou terem voz ativa na vida pública, a qual era definida pelo homem. Ou seja, como indicam FANTHAM *et al.* (1994: 72), legalmente as mulheres não podiam tomar decisões importantes a nível social ou financeiro sem a supervisão ou autorização do marido ou tutor, de tal forma que a maioria das mulheres se submetia assim às

necessidades e desejos dos homens, pois pertenciam a um Estado que as excluía do sistema político e militar.

Como explicam FANTHAM *et al.* (1994: 7), nesta sociedade, os homens visavam criar uma reputação digna e duradoura na sua cidade, para si e para a sua família. Para tal era necessário que as mulheres pertencentes à sua família (esposa, filhas, netas, mãe, etc.) evitassem ter má reputação para não comprometerem a da sua família. Estas deveriam permanecer em silêncio em público ou pelo menos de maneira controlada, para evitar serem comentadas pelos homens. As suas únicas preocupações deveriam ser gerar filhos legítimos e herdeiros, cuidar destes e da casa. Outro tipo de conduta que pusesse em causa a sua castidade ou pudor arruinaria a sua reputação e consequentemente a da família.

A vida das mulheres gregas era marcada por diversos tipos de rituais de importância diferente. Por exemplo, um ritual de iniciação na vida adulta eram as *Arkteia*, que eram realizadas num santuário em Bráuron, em honra da deusa Ártemis Braurónia.¹⁶ Nestes rituais as raparigas eram preparadas para dançar, cantar e participar nos eventos religiosos.

Em Atenas, a mulher era dada em casamento pelo seu pai, irmão ou parente a um homem por este escolhido, não tendo ela voz na escolha do seu parceiro. *Engysis* é o termo que designa o contrato feito entre dois homens, o parente da noiva e o noivo.¹⁷ O esposo passava a ser o novo *kyrios* da mulher.¹⁸ Havia também o casamento por *epidikasia*.¹⁹ O que fazia a legitimidade do casamento ateniense era a co-habitação do casal e o reconhecimento social. O casamento entre um cidadão e um não cidadão era considerado ilegal, ou seja, as mulheres estrangeiras com estatuto de meteco não podiam casar com um cidadão ateniense, logo os seus filhos não adquiririam direitos de

¹⁶ De quatro em quatro anos, algumas jovens selecionadas, eram acompanhadas pelas mães até Bráuron para se submeterem ao ritual. Neste elas realizavam danças que imitavam o movimento dos ursos. Esta cerimónia era feita antes do casamento e era entendida como uma espécie de transição e também um ensinamento, isto é, era um ritual que se baseava no entendimento de que as raparigas eram por natureza selvagens e incivilizadas, e que ao se submeterem àquele processo elas seriam domesticadas, tornando-se aptas para os seus novos papéis na vida adulta. Para mais detalhes sobre o ritual, *vide* GOFF (2004: 105-109).

¹⁷ Para mais informações, *vide* SEALEY (1990: 25-27).

¹⁸ Em Atenas, as mulheres tinham sempre um *kyrios*, termo que designa o seu guardião, isto é, em consequência do seu nascimento este seria o seu pai, após o falecimento deste seria o irmão, o tio, o avô ou outro parente do sexo masculino. Após o casamento o seu marido. As funções do *kyrios* eram administrar a propriedade da mulher, executar as transações, representá-la na lei, uma vez que ela podia processar e ser processada, bem como dá-la em casamento ou dissolvê-lo, daí ele ter total autoridade sobre esta. Em outras cidades gregas, as suas funções podiam ser distintas, no entanto, o *kyrios* era sempre o representante da mulher.

¹⁹ Se um pai falecesse antes de casar a filha, e não tivesse filhos homens, o sucessor seria o parente do sexo masculino mais próximo, mas ele teria de casar com a herdeira ou *epikleros*. *Vide* SEALEY (1990:29-30).

cidadania.²⁰ O seu *kyrios* só a poderia dar em casamento a metecos ou em concubinação a cidadãos. A dissolução do matrimónio em Atenas era fácil e não era necessária uma causa específica.²¹

O papel da mulher no casamento é-nos apresentado num discurso reproduzido em *Económicos*, de Xenofonte, acerca da esposa de Iscómaco. Numa conversa com Sócrates, Iscómaco descreve como treinou a mulher a ser a esposa perfeita, a cuidar e gerir a casa, dos seus mantimentos e membros, assim como a se comportar de forma adequada.

Como indicam FANTHAM *et al.* (1994: 106-109) e POMEROY (1995: 71-73), muitas mulheres na Grécia, especialmente as de classe média e baixa, por diversas razões possuíam outras ocupações e profissões fora da casa. Por exemplo, nas figuras dos vasos gregos aparecem mulheres bem vestidas, o que sugere não serem escravas, a irem buscar ou a carregar água dos poços, sendo esta uma tarefa normalmente das escravas. Nos vasos também aparecem mulheres a apanharem fruta, o que sugere o seu trabalho na agricultura, provavelmente nas propriedades da família. De várias fontes literárias sabe-se também que elas tinham profissões como amas de crianças, vendedoras de pão, de perfumes, de fruta, trabalhadoras na indústria de lã, parteiras, lavadeiras. Ou seja, as mulheres poderiam ser compradoras e vendedoras num comércio retalhista, embora de pequena escala. Contudo, transações de grande valor, decorrentes da gestão das suas propriedades bem como a possibilidade de fazer um testamento eram-lhes proibidas. Algumas pinturas nos vasos demonstram que as mulheres também dedicavam o seu tempo à leitura e à música, não sendo tão incultas como alguns autores parecem assumir. A imagem de isolamento das mulheres, que alguns historiadores têm tentado transmitir, também é posta em causa no drama grego, que retrata vários encontros e reuniões entre as mulheres, por exemplo para troca de bens, para conversa ou até para servirem de parteiras umas das outras.

2.2. Prostituição na Grécia

Apesar de as mulheres que mais vestígios históricos deixaram serem as das classes mais elevadas, havia, como vimos, mulheres a quem não se aplicavam os ideais morais

²⁰ De acordo com a lei de cidadania de Péricles (451-450 a. C.) os filhos só seriam legítimos se ambos os pais fossem cidadãos atenienses. Esta lei veio também distinguir a mulher cidadã das restantes. A cidadania das mulheres consistia na sua capacidade de gerar cidadãos. *Vide* SEALEY (1990:12-13).

²¹ Bastava a mulher sair da casa do marido, e que o marido devolvesse juntamente o dote. A mulher tinha, contudo, de voltar para a casa da família, ficando sob a autoridade de um novo *kyrios*, ou seja, o seu parente masculino mais próximo. Este teria de registar o divórcio junto de um arconte.

austeros, sendo relevante para esta investigação as informações deixadas sobre as prostitutas.²²

Como indica POMEROY (1995: 88-89), a prostituição era uma atividade sexual comumente aceita na Grécia. Foi um negócio que floresceu ao longo dos anos nas cidades gregas, especialmente nas que ficavam perto da costa, uma vez que o movimento de pessoas era grande.

Segundo GILHULY (2009: 13-14) e KAPPARIS (2011: 223), na Grécia havia vários termos para designar as prostitutas: as *pornai*, termo que significa literalmente “mulheres para venda”, e que se referia às prostitutas comuns (entre estas as que trabalhavam na rua e nos bordéis); as *hetairai*, termo que significa “companheira feminina”, e se referia às prostitutas de luxo; as *auletrides*, que eram as tocadoras de flauta; as *orchestrades*, que eram as bailarinas e/ou acrobatas. Os termos eram usados para designar categorias específicas, especializações das trabalhadoras ou mesmo qualidades da prostituição. De acordo com GILHULY (2009: 14), não havia uma palavra genérica como “prostituta” para referir uma pessoa que vivia do negócio do sexo. Como explicam GLAZEBROOK & HENRY (2011: 4-9) e CORNER (2011: 75-78), têm surgido, contudo, diversas controvérsias sobre estes termos. De acordo com a maioria dos investigadores, *hetaira* designa uma elite de mulheres que se dedicavam à prostituição no contexto específico do simpósio²³. É também a este contexto que se associam as *auletrides*²⁴, no

²² Para esta investigação teremos em conta os principais estudos sobre a prostituição na Grécia, tais como a coleção de ensaios publicados na obra de GLAZEBROOK & HENRY (2011). Entre eles o de Glazebrook, “Porneion. Prostitution in Athenian Civic Place”, onde a autora fala sobre os espaços usados para prostituição na Grécia, e dos seus trabalhadores. O de Sean Corner, “Bringing the Outside In. The *Andrôn* as Brothel and the Symposium’s Civic Sexuality”, que começa por definir o *andrôn* como um espaço masculino na casa. Defende depois que o simpósio não era uma instituição elitista, salientando a presença e a importância da hetaera neste. Corner argumenta também que a distinção fundamental entre a hetaera e a *porne* corresponde às suas atribuições na esfera privada e pública. E o de Kapparis, “The Terminology of Prostitution in the Ancient Greek World”, onde o autor faz um tratamento amplo da terminologia referente à prostituição, desde o período arcaico até ao fim da antiguidade clássica.

²³ Como indica CORNER (2011: 60), o simpósio é, de acordo com a maioria dos investigadores, entendido como uma instituição elitista. Era um grande banquete que se realizava no *oikos*, mais precisamente no *andrôn*, onde as hetaeras eram convidadas a participar e entreter os visitantes. Para CORNER, pelo contrário, o simpósio era uma festa que trazia a sexualidade da rua e do bordel para dentro do *oikos*. Como explica o autor (2011: 71): “The liberty of extramarital sex that the polis afforded to men was normally to be exercised outside the household out of respect for the wife and the proper integrity of the *oikos*. The symposium represented a unique case of legitimately bringing the civic sexuality into the house.” A presença da hetaera neste banquete, dentro da casa, representava para os seus participantes a sua liberdade sexual. Como indicou MURRAY, citado em CORNER (2011: 69), as hetaeras eram: “a carefree poetry of love of young girls as sexual objects, involving no complications, transient and easily satisfied.” Este tipo de sexualidade, neste espaço, contrastava com a marital, na qual o propósito era a geração de herdeiros. O simpósio era também um evento no qual os intervenientes faziam concursos e jogos entre si e onde eram travados diálogos e conversas intelectuais. Para mais informações *vide* CORNER (2011: 60-79).

qual serviriam de entretenimento aos homens de poder e prestígio da sociedade. Já o termo *porne* dizia respeito às prostitutas de classe baixa e média. Algumas eram estrangeiras residentes, outras eram mulheres livres e residentes, assim como havia as escravas que serviam nos bordéis. No entanto, como explicam GLAZEBROOK & HENRY (2011: 5) o estatuto de prostituta podia ser flexível, ou seja, uma mulher podia começar como *porne*, tornando-se depois *pallakis* (concubina) de um homem rico, ou podia ainda tornar-se numa mulher rica e independente como a *hetaira*. GLAZEBROOK & HENRY (2011: 5) e GILHULY (2009: 44) argumentam ainda que vários autores antigos utilizam os termos *porne* e *hetaira* indiferentemente ou atribuem diferentes termos à mesma mulher, como aconteceu com o caso de Neera – figura aprofundada mais à frente. Contudo, a visão predominante é a de que a *hetaira* era uma companheira de luxo para os homens da alta sociedade, que frequentava o *oikos*, mais precisamente o *andron*, nos banquetes, nos quais podia ser motivo de disputa, ao contrário da *porne* que trabalhava na rua e nos bordéis, a muito baixo custo, e a quem recorriam principalmente homens de baixo estatuto.

Segundo GLAZEBROOK (2011: 35), *porneion* é o termo mais preciso para designar um bordel. A autora salienta também o facto surpreendente de não haver bordéis construídos com tal propósito na Grécia, como aconteceu em Roma. Qualquer estrutura podia ser utilizada para a atividade da prostituição, desde que dispusesse simplesmente de espaços apropriados para os clientes e para as profissionais, e não havendo a prática de serviços sexuais, o espaço podia assim alojar outras atividades comerciais. No seu ensaio (2011: 46-54), a autora indica também que os gerentes destes espaços eram quase sempre mulheres, designadas por *pornoboskousai*, frequentemente mulheres libertas e ex-prostitutas. As provas literárias e arqueológicas sugerem que os trabalhadores eram principalmente escravos. Não há indicações de que estes espaços fossem regulados, a não ser através do imposto sobre a prostituição. Nem havia localizações específicas nem restrições para estes espaços, contudo, estes encontravam-se sobretudo em zonas de grande tráfego, como o Pireu e o Cerâmico, e na ágora. Em relação aos clientes que frequentavam estes espaços, as provas sugerem que não eram só escravos ou pobres, mas também homens ricos e influentes – sobretudo porque as prostitutas que trabalhavam de forma

²⁴ Como explica DAVIDSON (1998: 81-82), embora as *auletrides* se distinguissem das restantes prostitutas por, para além de venderem sexo também entreterem os membros da sociedade como tocadoras de flauta, o seu estatuto era ambíguo, pois enquanto algumas delas eram equiparadas às heteras ao serem convidadas para o simpósio para prestarem ambos os serviços, a maioria das *auletrides* eram consideradas prostitutas de baixo estatuto, mulheres que vendiam essencialmente sexo a baixo preço, nas ruas.

independente como as heteras cobravam quantias elevadas, e gastar tanto dinheiro com estas mulheres não era bem entendido pela sociedade, como indica GLAZEBOOK (2011: 53): “Paying for sex is not a problem; paying too much is.” Na Grécia, esta profissão não era marginalizada, visto que em qualquer parte a prostituição era visível e nada se fazia para acabar com ela. Assim como os proprietários e gerentes de espaços de prostituição não eram discriminados, pelo contrário, até os cidadãos geriam e eram donos destes espaços, *ibidem*, p. 53: “ (...) Athenian brothels and their clientele were more diverse than previously acknowledged and that those running such places were not socially or legally marginalized – even Athenian citizens owned them.”

Como refere GLAZEBOOK (2011: 48-49), em Atenas, Sólon impôs uma taxa sobre a prostituição (*pornikon telos*) que tinha de ser paga tanto pelas *pornai* como pelas *hetairai*, pelos *pornoboskoi* (proxenetas) e pelas *pornoboskousai* (alcoviteiras) que tinham prostitutas (os) de estatuto escravo a seu cargo. Este imposto vinha assim legitimar a prostituição em Atenas.

GLAZEBOOK & HENRY (2011: 9) indicando as obras de Lísias (3.4.) e Iseu (3.17), explicam que os jovens atenienses recorriam frequentemente a prostitutas. Estes comportamentos eram considerados normais e eram aceites pela sociedade ateniense desde que tal não acabasse em matrimónio, pois a liberdade extramarital que era assegurada ao homem não podia jamais pôr em causa o papel das mulheres legítimas. E o casamento entre um cidadão e uma prostituta não era permitido. RABINOWITZ (2011: 127) argumenta que a prostituição feminina provavelmente fazia parte da democracia, e Sólon veria nas prostitutas uma solução para os desejos naturais dos jovens, uma vez que lhes desviava a atenção de condutas impróprias com mulheres respeitáveis.

Segundo GLAZEBOOK & HENRY (2011: 12), alguns escritores gregos descreviam as prostitutas sobretudo com histórias que enfatizavam a sua natureza excessiva e desviante (excesso de álcool e relações promíscuas). Outros caracterizavam-nas como mulheres gananciosas, astutas e traiçoeiras, só interessadas em ganhar dinheiro, não se importando de enganar os clientes. Mulheres que se ajudavam umas às outras a se iniciar no ramo da prostituição, tendo a capacidade de com os seus truques tornar a mais feia das mulheres atraente aos olhos dos homens. Veja-se o seguinte fragmento:

Em primeiro lugar, elas preocupam-se em fazer dinheiro e roubar os vizinhos. Tudo o resto é uma prioridade secundária. Elas armam armadilhas contra todos. Quando

começam a fazer dinheiro recrutam novas heteras que estão a começar na profissão. Elas remodelam estas raparigas imediatamente, e as suas maneiras e a aparência não continuam as mesmas. Acontece que uma delas é baixa? Cortiça é costurada nos seus sapatos. Outra é alta? Usa chinelos finos e anda com a cabeça ao nível dos ombros; isto reduz a sua altura. Não tem ancas? Ela põe uma almofada e os que a vêem fazem comentários acerca das suas belas formas. Usam seios como os atores cómicos [i. e. seios postiços]; (...). Outra tem sobrancelhas ruivas? Pintam-lhas com fuligem. Nasceu com sobrancelhas escuras? Ela aplica alvaiade. Outra é demasiado pálida? Pinta-se de carmim. Se uma parte do seu corpo é bonita, ela deixa-a nua. Tem dentes bem formados? Deve necessariamente rir, para a companhia presente poder ver a boca da qual ela é tão orgulhosa. Se ela não gosta de rir, passa o dia dentro de casa, como a carne no talhante, quando as cabeças de cabra estão à venda; ela mantém um pequeno pedaço de murta entre os lábios, para que com o tempo ela sorria, quer ela queira quer não. (Alexis, Fr.103 PCG.G)²⁵

Nesta profissão, eram usados todos os tipos de artifícios para melhorar o aspeto das mulheres, tornando-as mais sedutoras e garantindo o seu sucesso no meio. Como explicam GLAZEBROOK & HENRY (2011: 12), era esta capacidade de se adornar e adaptar que tornava as prostitutas, em especial as *hetairai*, pessoas em quem não se devia confiar. Mulheres capazes de conseguir seduzir um homem, fazendo-o realizar os seus desejos, como por exemplo dar cidadania aos seus filhos. Como tal, eram uma ameaça para os homens e para a sociedade. Tendo em conta a limitada liberdade de que as mulheres gregas dispunham, e que o seu comportamento era valorizado pela submissão e modéstia, o facto de as prostitutas fugirem à regra, ao serem identificadas por uma série de comportamentos considerados inapropriados para mulheres, como por exemplo poderem controlar com quem tinham relações, assim como viverem dos lucros dessas relações, muitas vezes consideráveis quantias de dinheiro, como explica POMEROY (1995: 91), tornava-as mercenárias aos olhos dos homens e conseqüentemente uma ameaça.

Existiam diversas categorias de mulheres na Grécia, e todas elas eram caracterizadas de acordo com as relações que mantinham com os homens. A sua caracterização era feita segundo as necessidades dos homens, como nos é indicado pela seguinte citação de Demóstenes: “Com efeito, as heteras nós as temos para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, mas as esposas para que tenham filhos legítimos e mantenham a guarda fiel da casa.”²⁶ Isto é, às heteras os homens solicitavam prazer, às concubinas que cuidassem dos seus corpos e às esposas que gerassem filhos legítimos e que fossem guardiãs do lar.

²⁵ Tradução portuguesa do material de Família.

²⁶ Demóstenes *Contra Neera*, 122, (tradução do grego de Glória Onelley e introdução de Ana Lúcia Curado).

As *pornai* sendo prostitutas de rua e de bordéis, a baixo custo, muitas vezes serviriam de iniciação, entretenimento e mesmo aprendizagem para os rapazes, bem como para os outros homens de baixo estatuto, o que representava sempre uma relação de muito curta duração. As heteras sendo consideradas cortesãs de classe elevada, mulheres cultas, refinadas, com gostos ostensivos, seriam as companheiras de luxo, de prazer sensual e entretenimento de homens ricos e poderosos. Segundo DAVIDSON (1998: 134-136) eram mulheres fascinantes que serviam também de musas de inspiração de pintores, escultores, escritores e poetas. O seu relacionamento com os homens podia ser de curta a média duração, tendo sempre em vista obter destes o maior lucro possível. Era também comum os homens terem concubinas, designadas de *pallakai*, com quem mantinham relacionamentos mais ou menos longos, e com as quais chegavam a ter filhos legítimos e ilegítimos no caso de estas não serem atenienses. Era um relacionamento que exigia maior responsabilidade da parte do homem. Como indica POMEROY (1995: 91), se um homem vivesse com uma *pallake*, ela era considerada sua propriedade sexual. Era-lhes ainda permitido ter relações sexuais com as suas escravas. Todos estes envolvimento extramaritais representam as diferentes facetas da masculinidade e do seu poder.

O papel da esposa legítima era produzir herdeiros legítimos, como tal, eram as únicas que eram protegidas pela lei. No entanto, eram também as únicas sem qualquer tipo de privilégios no que toca a escolher o parceiro sexual, pois se acaso tivessem relações antes de serem casadas, a sua reputação estaria manchada e como tal seriam consideradas marginais. Após o casamento só lhes eram permitidas relações com o seu marido, uma vez que as relações extramaritais eram punidas. Como indicam CORNER (2011: 69) e DAVIDSON (1998: 76), provavelmente para alguns homens, as relações que tinham com a esposa eram consideradas como uma obrigação ou dever, na medida em que o propósito seria gerar herdeiros, e muitos casamentos eram combinados pelas famílias. Ao contrário do prazer erótico que procuravam com as prostitutas.

Como explica DAVIDSON (1998: 74-77), na Grécia, esta distinção entre diferentes categorias de mulheres era importante e necessária para os homens, pois distinguia claramente as mulheres com quem estes podiam ter relações. Estando indisponíveis todas as esposas e mulheres de família. Contudo, as mulheres eram consideradas irresponsáveis, fracas de espírito, pelo que estariam sempre prontas para relacionamentos sexuais, como diz KING (2002: 79): “(...) all women are potencial whores, if they are allowed to

surrender to their uncontrolled desires; all women are slaves to their emotions, of which only man can be master.” Como indica DOVER (2002: 22), este era o pensamento grego, e era também uma tentativa de aliviar a vergonha de um marido traído.

2.2.1. Hetera Grega

O termo *hetaira*, segundo LIDDELL & SCOTT (1883: s.v.) significa literalmente companheira. As heteras gregas, como já foi referido, representavam a mais alta e elegante classe das prostitutas na antiga Grécia. Como indica CORNER (2011: 69-70), eram as únicas a quem era permitida a entrada no *oikos* familiar, embora no contexto específico do simpósio. No entanto, também compareciam a festas e a outros convívios sociais. A sua presença nestes eventos colocava-as em contato com homens de diversas categorias.

Segundo CURADO (2012: 27), normalmente as heteras eram iniciadas na profissão pela mãe ou por uma mulher experiente no ramo. Através da obra *O Diálogo das Cortesãs*, de Luciano de Samósata, conseguimos perceber como funcionava realmente esta profissão na sociedade ateniense do século II d.C. No diálogo entre a cortesã Musário e sua mãe, vemos que a mãe incentiva a filha a aceitar as propostas de clientes com recursos financeiros que a procuram e deixar o seu amante Quéreas, que em vez de assegurar o modo de vida da cortesã, oferecendo-lhe luxos como vestidos, sapatos, perfumes, joias ou dinheiro que ela normalmente receberia pelos seus serviços, é ele suportado economicamente por Musário. Também o diálogo entre Filina e a sua mãe nos dá conta da cortesã Filina a ser repreendida pela sua mãe, por ter causado ciúmes ao seu amante Dífilo com Lâmprias, o que poderia pôr em causa o seu sustento, uma vez que Dífilo as apoiava financeiramente: “Ó minha filha, não vês que somos pobres? Não te lembras dos muitos presentes que recebemos dele nem como teríamos passado o último Inverno, se Afrodite não no-lo tivesse enviado?”²⁷ As mães das cortesãs ensinavam-nas a tirar partido dos seus atributos físicos e intelectuais, e a comportar-se da maneira adequada para cativar os homens. Como vemos no diálogo entre Crobíla e sua filha Corina”:

Antes de mais, vestindo-se com elegância e mostrando-se simples e bem-disposta com todos os homens, sem ir ao ponto de soltar gargalhadas, como tu costumavas fazer, mas sorrindo docemente e de maneira sedutora; depois, tratando-os com muito tato e não iludindo quem vem procurá-la ou lhe faz a corte, mas também sem se apegar a nenhum homem. E sempre que vai a um jantar mediante salário, não se embriaga

²⁷ LUCIANO (2012: 59-60).

(coisa ridícula; os homens detestam tais mulheres) nem se atafulha alarvemente de comida, mas toca-lhe só com a ponta dos dedos, [come] cada porção em silêncio, sem atafulhar ambas as bochechas, bebe tranquilamente (...) não fala mais do que necessário nem troça de nenhum dos convivas, e só olha para aquele que lhe paga. É por isso que os homens gostam dela. Quando é preciso ir para a cama, não procede nem com insolência nem com frieza, mas procura, acima de tudo atrair o homem e fazê-lo apaixonar-se por si. É isto o que todos os homens louvam nela. Se tu, minha filha, aprenderes estas regras, também nós seremos felizes (...).²⁸

As heteras eram conhecidas por serem mulheres de uma excepcional beleza (embora algumas talvez à base de artifícios) e inteligência, visto serem consideradas as mulheres mais bem instruídas de toda a Grécia. Como é indicado em POMEROY (1995: 89) e ROBERTS (1996: 34; 38) diz-se que as heteras possuíam escolas próprias, para elas e para as aspirantes adquirirem conhecimentos nas mais diversas áreas: filosofia, literatura, artes, bem como na sua arte principal, que era a arte profissional de amar; tinham também especializações musicais que eram depois aplicadas no simpósio e nas festas. Estas mulheres, para serem as mulheres mais desejadas, cobiçadas e requisitadas para convívios sociais requintados, necessitavam de treino, esforço e formação, de forma a desenvolverem uma personalidade atraente e erudita. Segundo ODGEN (1999: 218), eram ainda consideradas divertidas, engenhosas, astutas e traiçoeiras.

De acordo com RABINOWITZ (2011: 125-126); RAUH (2011: 206-207) e ROBERTS (1996: 34-35), algumas das heteras mais famosas tornavam-se as amantes exclusivas ou principais de homens de estatuto social elevado, nas suas categorias diversas: artistas, poetas, filósofos, homens de Estado – os quais diziam influenciar, daí gozarem de mais liberdade do que a maioria das mulheres. Os homens que as procuravam não o faziam com intentos meramente sexuais, mas também procuravam nelas convívio, companheirismo e um relacionamento mais erótico e talvez também emocional.

O negócio das heteras era independente da prostituição praticada nos bordéis e na rua e elas gozavam de autonomia, tendo mesmo algumas a possibilidade de escolher os seus amantes e o que estes pagariam pelos seus serviços.²⁹ Eram, por assim dizer, as mulheres com o estatuto mais confortável da Grécia, como defende Wells (1982), citado em GLAZEBROOK & HENRY (2011: 6):

²⁸ LUCIANO (2012: 56).

²⁹ DAVIDSON (1998: 126), citando um fragmento de Mácon, relata o caso de Frine, que terá pedido cem dracmas por relações sexuais com Moerichus, que contestou dizendo que ela se havia deitado por muito menos com um estranho. Frine respondeu-lhe que o mesmo se aplicaria a ele, desde que esperasse até que ela quisesse ter relações com ele.

The Athenian woman with the most exalted position and the most freedom were... the hetaerae. They were intelligent, witty, articulate and educated, the only woman in Athenian society allowed to manage their own financial affairs, stroll through the streets anywhere at any time. They were free to attend plays, ceremonies and speeches, to speak with whomever, whenever they pleased, to share the intellectual activities of Greece. They could take the sexual or romantic initiative with men [and]... were accomplished conversationalists, the intellectual equals of the men they entertained.

Provavelmente toda esta liberdade descrita por Wells será um pouco exagerada, mas demonstra claramente a autonomia que estas mulheres tinham. Tendo em conta o contexto, esta liberdade era possivelmente invejável para algumas mulheres, pelo menos, para as escravas, as prostitutas de rua e bordéis e as mulheres de estatuto mais humilde.

Eram mulheres que podiam chegar a possuir grandes riquezas, quer em propriedades quer em bens, como prendas e/ou remunerações dos seus clientes pelo seu trabalho, uma vez que os seus amantes eram pessoas de grande poder, influência e riqueza. Estas exigiam pagamentos elevados pelo seu talento e pelos serviços prestados, daí, como explica RAUH (2011: 206; 208), terem adquirido também a reputação de mulheres gananciosas e mercenárias, e conseqüentemente serem vistas como um risco para a sociedade. Os serviços das heteras não se resumiam à venda de sexo, como as *pornai*. Sendo mulheres instruídas, cultas e refinadas, as heteras vendiam essencialmente a sua companhia, sendo pagas para servirem de acompanhantes nas mais prestigiadas festas e banquetes. Elas conversavam, bebiam, comiam, elogiavam e faziam jogos de sedução com os homens. Os serviços sexuais eram o último passo, mas não o menos importante, no trabalho da cortesã. Como explica DAVIDSON (1998: 103), o objetivo das heteras era fazer os clientes sentir-se bem e terem prazer na sua companhia, de forma a manterem um relacionamento mais duradouro e benéfico para elas, pois, como é indicado por Luciano, nos diálogos entre Glicera e Taíde e entre Melita e Báquide, era comum as heteras seduzirem e “roubarem” os clientes das outras, quando elas se descuidavam. É também referido neste último diálogo que as heteras recorriam a “fórmulas encantatórias” para seduzir e/ou trazer de volta os seus amantes.

De acordo com DAVIDSON (1998: 92) “The first women who could properly be called hetaeras are the so-called ‘wage-earners’, the *mistharnousai*, women hired for an evening or longer as escorts, rather than being paid like the *pornai* simply for sex.” Os

pagamentos pelos serviços das heteras eram vistos mais como prendas do que propriamente como pagamentos, daí muitas delas não receberem dinheiro, mas sim propriedades, bens, jóias, etc. Isto estabelecia também uma distinção importante relativamente às *pornai*.³⁰

Segundo RAUH (2011: 207), algumas das heteras, apesar de terem usufruído de grande notoriedade e riqueza enquanto jovens cortesãs, com a velhice terão empobrecido, mantendo-se, no entanto, sempre em contato com o seu meio, pois algumas tornavam-se alcoviteiras ou guardiãs, mensageiras entre outras cortesãs e os seus clientes, bem como fornecedoras de cosméticos e poções. Poucas foram as heteras que, como Aspásia – de quem falaremos *infra* – mantiveram a riqueza e notoriedade até à morte.

Em geral, as heteras eram consideradas intrigantes por muitos autores da época, daí se terem tornado objeto de adoração e invenção por parte destes. Eram, por assim dizer, as suas musas. Como explica DAVIDSON (1998: 106):

(...) hetaeras are the rich and famous ones, the ones catalogued in scholarly treatises, who had plays written about them and speeches composed on their behalf, the ones whose *bons mots* were recorded in anecdotal collections like those of Machon and Lynceus of Samos. Thanks to Apollodorus speech and a comedy of Timocles named after her, Neaera herself could claim a place on this exalted list along with Lais the younger, Lais the elder, Sinope, Mania, Gnathaena, Nais, Thais and many others. Of all of these Phryne was perhaps the most renowned.

Estes textos descreviam a sua feminilidade, sensualidade, o seu *glamour*, a astúcia e inteligência, bem como a sua moral duvidosa, características que fascinavam os seus clientes, em especial, pintores e escultores, pois muitos deles usavam-nas como modelos nas suas obras, fosse para templos fosse para túmulos, o que proporcionava às heteras grande reconhecimento e notoriedade.³¹

³⁰ DAVIDSON (1998: 111-112; 123-125).

³¹ OGDEN (1999: 264-265). Uma das mais famosas heteras foi Frine, considerada uma das mais belas mulheres da época. Foi usada como inspiração por muitos escultores para estátuas que representavam deusas. Frine ficou particularmente conhecida por ter sido a inspiração do escultor Praxíteles, quando este a usou como modelo para uma estátua que representava a deusa Afrodite. Foi uma estátua que causou grande impacto, pois ele esculpiu-a nua. Os cidadãos da cidade de Cós, que tinham de início patrocinado a estátua rejeitaram-na, e esta acabou sendo exposta na cidade de Cnido. Trata-se da “Afrodite de Cnido” de Praxíteles. Outro episódio que retrata a beleza desta cortesã foi quando esta foi condenada pelo crime de impiedade e profanação dos mistérios sagrados, por Sólon. O advogado de defesa de Frine foi Hipérides, que apesar da sua arte de retórica se viu na iminência de não conseguir convencer os jurados. Como último recurso rasgou as vestes de Frine, em pleno tribunal, deixando-a nua, e argumentou por fim se seria justo condenar tal beleza, digna de uma verdadeira deusa. Deixando os jurados sem palavras, conseguiu assim a absolvição de Frine. Este episódio é recordado por diversos autores e escritores ao longo da história. Foi

Aspásia³² foi uma das heteras mais famosas da Antiguidade. Grande parte do que sabemos da sua vida foi-nos transmitido através da biografia de Péricles, escrita por Plutarco.³³ Aspásia era de Mileto, uma cidade da Ásia Menor e terá chegado a Atenas por volta de 452 a. C. onde passou a residir com o estatuto de meteco. Sendo estrangeira, não podia casar com um cidadão ateniense.

Aspásia era considerada uma mulher muito bela e inteligente, uma vez que era conhecida por ser instruída e ótima companhia para conversas e entretenimento. Segundo a obra de Péricles, dizia-se que Aspásia igualava Targélia, uma famosa cortesã de Mileto, por se “entregar” aos homens poderosos. Como indicam FERREIRA & RODRIGUES (2013: 107), tradutores da obra de Plutarco, e foi visto na contextualização da vida social em Atenas, o facto de uma mulher conversar em espaços públicos com homens ou de beber com um homem era sinal de vida devassa. Pela sua cultura e instrução, assim como por frequentar locais interditos às mulheres atenienses e interagir diretamente com os homens, em especial de estatuto social elevado, e ser comparada a Targélia diz-se que terá sido uma cortesã, a mais famosa da época.

Desde 445 a. C. terá sido amante de um dos mais importantes homens de Estado, Péricles, quando este se divorciou da esposa. Ter-se-á tratado de uma união publicamente reconhecida, pois segundo a obra de Plutarco (2013: 109):

Diz-se que, todos os dias, quando saía da ágora ou nela entrava a saudava com um beijo. Nas comédias ela aparece como uma nova Ônfale, Dejanira e como Hera. Cratino chama-lhe diretamente concubina nestes versos: “A Sem-Vergonhice dá à luz esta Hera, Aspásia, uma concubina de olhos de cadela.”

Do seu relacionamento com Péricles resultou um filho, que terá sido reconhecido como legítimo mesmo após a lei de cidadania de Péricles, que impedia a sua legitimidade por a sua mãe não ser cidadã ateniense. Este relacionamento foi bastante marcante, pois supõe-se que Aspásia terá influenciado o líder político de Atenas no sentido de este iniciar as guerras de Sâmia e do Peloponeso, e como tal foram feitas diversas acusações de imoralidade a Aspásia. Segundo Plutarco, Aspásia terá também sido alcoviteira, sendo por

retratado pelo pintor Gerard no quadro “Frine perante os jurados”, e no filme “Afrodite, Deusa do Amor” (1958).

³² As informações sobre Aspásia a ter em conta para esta investigação encontram-se em: SABAWI (2010) e HAMMOND & SCULLARD (1970: s.v. “Aspasia”).

³³ Para esta investigação será considerada a obra traduzida por FERREIRA & RODRIGUES (2013).

isso acusada por Hermipo de ter um espaço onde Péricles se encontrava com as suas prostitutas.

Aspásia era, contudo, admirada e respeitada como uma brilhante filósofa e professora de retórica e consta que a sua casa se terá tornado um salão de encontros intelectuais, por onde passavam grandes nomes como Sócrates e os seus discípulos, e supostamente, de acordo com Plutarco, também as mulheres destes.

Outra figura extremamente famosa e igualmente controversa e polémica da sociedade grega é a da hetera **Neera**. Segundo o discurso *Contra Neera*, atribuído a Demóstenes, esta hetera foi acusada de usurpar o direito de cidadania. Ao longo do discurso é feita uma tentativa de denegrir a imagem de Neera e de Estéfano, seu pretenso marido, ao expor com testemunhos verídicos os abusos e crimes destes, de forma a que ambos fossem legalmente penalizados por todos os ultrajes cometidos. No entanto, o fio condutor de tal acusação era a vingança contra o mau carácter e comportamento desregrado de Estéfano, que haviam prejudicado vários cidadãos atenienses, uma vez que foi devido às ações deste que a verdadeira condição de Neera se tornou pública.

Neera havia sido uma escrava e fora comprada por Nicareta, uma mulher liberta que comprava jovens raparigas, as quais criava, educava e ensinava, a fim de utilizá-las no negócio da prostituição ([D.] 59.18-20). A vida de Neera nesta atividade é exemplificada com diversos episódios ([D.] 59.21-24), como por exemplo quando o cidadão Lísias, amante de Matanira, se recusou a alojá-las em sua casa, junto com as mulheres da sua família. Noutra situação é descrita a acompanhar Simo e Nicareta às grandes Panateneias e na casa de Ctesipo, a comer e a beber na presença de muitos homens como se fosse uma hetera (simpósio). E em Corinto era bastante famosa entre os seus diversos amantes. ([D.] 59.26).

Posteriormente terá sido comprada a Nicareta pelos amantes Timanóridas e Êucrates, que não a queriam partilhar com outros homens. No entanto, mais tarde estes resolveram dar-lhe a liberdade, sob algumas condições: não a queriam ver a trabalhar em Corinto ou submetida a um *pornoboskos* (proxeneta), e era necessário que Neera lhes restituísse uma parte do que haviam pago por ela. Para este fim, Neera reuniu dinheiro com ajuda dos seus antigos amantes e comprou a sua liberdade ([D.] 59.29-32). Depois, ao lado do amante Frínion, levou uma vida bastante devassa e liberal, pois esta acompanhava-o em banquetes, festas, cortejos, e ele tinha relações sexuais com ela sempre que o desejava publicamente.

No entanto, por vezes, enquanto Frínion dormia e Neera estava embriagada, ela envolvia-se sexualmente com muitos outros homens, até mesmo com os criados. Pelos ultrajes que Frínion lhe fazia, Neera fugiu para Mégara, onde conheceu Estéfano que se tornou seu amante e protetor. Prometeu-lhe casar com ela, e legitimar como seus os três filhos dela, tornando-os cidadãos. Como tal levou-os a todos para Atenas. ([D.] 59.37-39).

O regresso de Neera a Atenas é marcado pela tentativa de Frínion de a reaver como sua amante. No entanto, no final acaba por partilhá-la com Estéfano. Neera continuou a exercer a profissão de hetera, mas cobrava preços muito mais elevados, por se dizer ser esposa de Estéfano. ([D.] 59.41). A sua vida ao lado de Estéfano é marcada por situações de oportunismo, chantagem e fraudes. Enganavam estrangeiros ricos que não conheciam a sua condição. Estéfano apanhava-os em flagrante com Neera, declarando adultério e cobrando-lhes muito dinheiro em troca da sua liberdade.

Em relação a Fano, filha de Neera, Estéfano dá-a em casamento ao ateniense Frastor juntamente com um dote, como se esta fosse sua filha. No entanto, ao fim de um ano de casamento, Frastor descobre que fora enganado e repudia a esposa grávida, sem devolver o dote. Contudo, a dedicação de Fano quando Frastor adoece e a sua débil condição, levam-no a reconhecer o filho dela, embora fosse proibido de o inscrever na sua fratria e no seu *genos*. ([D.] 59.50-59)

Estéfano enganou ainda Teógenes, o arconte-rei, ao dar Fano em casamento, como se esta fosse sua filha. Devido ao cargo que Teógenes detinha, a sua esposa deveria exercer algumas funções religiosas, e participar em sacrifícios secretos. Uma das cerimónias mais importantes era a das Antestérias, em honra de Dionísio.³⁴ No entanto, a lei ateniense especificava que a esposa do arconte-rei, para participar neste ritual deveria ser cidadã e virgem. Como Fano não era nenhuma das duas coisas, havia cometido um grande sacrilégio ao participar nestas cerimónias, e tendo em conta o significado do ritual, ela havia também posto em perigo a cidade de Atenas. Teógenes não foi punido, pois alegou ter sido enganado, e após ter descoberto a verdade logo repudiou Fano. ([D.] 59.72-83)

³⁴ Segundo ONELLY (2012: 90): “Era celebrada por três dias, a partir do décimo primeiro dia do mês “*Anthesteriôn*” (oitavo mês do ano, no calendário ático), durante os quais se bebia o vinho da última colheita da uva. No segundo dia das Antestérias, realizava-se, no interior do templo consagrado a Dionísio, o casamento simbólico entre a rainha e a divindade, representada pela pessoa do arconte-rei, o que significava que, durante um ano inteiro, estariam asseguradas a fecundidade e a fertilidade da região. O rei e sua esposa confundiam-se nesse dia com as forças naturais, o que equivalia a admitir que a sucessão das estações não se realizaria se o rei não cumprisse tais ritos. Durante esse ritual, a rainha assistia ao juramento feito por catorze sacerdotisas, as *gerairai* (as veneráveis), antes que iniciassem os sacrifícios para a salvação da cidade.”

A análise desta história é crucial, pois tendo em conta que é Estéfano, um cidadão ateniense, quem inventa os planos fraudulentos e danosos para o povo ateniense. No entanto, é na figura de Neera, e conseqüentemente na sua filha Fano, duas heteras que usurparam o privilégio de cidadania, que cai a maior acusação, por terem transposto regras que garantiam a ordem cívica e o bem-estar da pólis, por casarem com atenienses, quando o seu estatuto não o permitia; por ter sido dado a Fano um dote, prerrogativa exclusiva das mulheres livres, de forma a casar com um cidadão ateniense; assim como por ter participado nos ritos secretos reservados às cidadãs. Neera e Fano quebraram todas as barreiras, ao desrespeitarem as leis dos homens e dos deuses. Eram heteras, mulheres que gozavam de uma liberdade social negada às cidadãs, que ainda assim usurparam a condição de esposas legítimas, tendo assim também desfrutado dos privilégios de cidadania. A posição social de ambas, devido a tais circunstâncias, tornara-se um privilégio em relação às restantes mulheres. Se Neera não fosse punida, o seu exemplo seria visto como a aceitação da igualdade entre cidadãs e cortesãs. Seria igualmente um incentivo à prostituição para as filhas dos cidadãos sem recursos. Não se sabe o veredicto da acusação, mas tendo em conta todas as circunstâncias apresentadas na obra é provável que Neera tenha efetivamente sido punida. A lei estabelecia que Neera fosse vendida como escrava por usurpar o direito de cidadania e que Estéfano fosse multado em mil dracmas e perdesse esse direito, por ter dado Fano em casamento a dois atenienses. ([D.] 59.16 e 52). O caso de Neera ilustra o poder dos limites: podia, enquanto hetera, ter privilégios e liberdades que a distinguiam de uma cidadã. Ainda assim, não podia usufruir da condição desta.

2.3. Contexto sócio-cultural em Roma

Para falar sobre a prostituição em Roma há que ter em conta que este fenómeno estava ligado a uma série de noções e problemas sociais muito mais abrangentes, tais como o papel da mulher na sociedade, as leis romanas relativas ao matrimónio e à sexualidade, bem como à hierarquização social.

A civilização romana é considerada também uma sociedade patriarcal, na qual o curso de vida das mulheres era definido pelos homens, desde o seu nascimento até à morte. Após o nascimento das crianças, o pai, juntamente com a mãe ou não, tomava a decisão de criar ou não a criança.³⁵ No entanto, a prática de não criar todos os filhos não era sinónimo

³⁵ Para mais informações sobre a exposição e o infanticídio em Roma, *vide* PINHEIRO (2012: 74-83; 149).

de infanticídio, na medida em que as crianças eram normalmente abandonadas em locais onde pudessem eventualmente ser recolhidas. Como é indicado em POMEROY (1995: 91) e FLEMMING (2007: 41), algumas das crianças expostas eram salvas por prostitutas, sendo depois por elas criadas e ensinadas. Muitas destas crianças eram treinadas no negócio do sexo e mais tarde enveredavam também pelo ramo, como pessoas livres ou mesmo escravas das prostitutas, de forma a garantir às prostitutas que as acolheram uma fonte de rendimento após a sua reforma. POMEROY (1995: 91) indica também que provavelmente as prostitutas seriam as mulheres que mais praticavam o infanticídio, dando preferência à sobrevivência das filhas, que as sucederiam na profissão.³⁶

O *paterfamilias* tinha poder absoluto sobre a casa, a esposa, os filhos e os escravos – *patria potestas* – ou seja, tudo o que dizia respeito à vida privada. Enquanto vivesse, o pai tinha uma autoridade total sobre os seus descendentes, a não ser que lhes concedesse a *emancipatio*. A filha de um cidadão romano estava, assim, sujeita à autoridade do pai, e era ele que a dava em casamento, sendo esperado que esta casasse e gerasse filhos. Como indica POMEROY (1995: 164), segundo a lei, a rapariga estava apta para casar após os doze anos.³⁷

Em Roma, as mulheres respeitáveis podiam assistir a jogos e espetáculos, a representações teatrais, visitar templos e tribunais e ir às termas que passaram a existir para o público feminino no século II. Ou seja, elas sempre foram bem aceites em ocasiões sociais junto da sua classe. O que não quer dizer que a sua participação nas mesmas atividades em que participavam os homens fosse encorajada pela sociedade.

A sua educação dependia da riqueza da família. Raparigas de famílias abastadas aprendiam música, dança e arte. Segundo FANTHAM *et al.* (1994: 272), algumas tinham até a possibilidade de estudar outras matérias em casa com os pedagogos. Contudo, esta não era uma educação específica para elas, mas sim para os seus irmãos, instrução à qual elas assistiam. Aprendiam matérias como literatura grega, poesia latina e alguns exercícios

³⁶ Não há, contudo, qualquer prova desta afirmação.

³⁷ TREGGIARI (1993: 16-36) explica que em Roma o matrimónio podia ser *in manum*, por *usus* ou *sine manu*. *In manum* - a mulher passava a pertencer à família do marido, o que implicava que os seus bens passassem para a posse do esposo e em casos legais a autoridade pertencia a este, estando ela sob sua custódia. Se num casamento por *usus* a mulher permanecesse fora da casa do marido durante três noites do ano não estaria sujeita à autoridade deste, mas permanecia sob a *patria potestas* do pai, ou então, seria *sui iuris* (independente) – a mulher adquiria este estatuto se o seu *paterfamilias* tivesse morrido ou a tivesse libertado por *emancipatio*. Ou então, o casamento podia ser *sine manu* – a mulher não era considerada membro da família do marido, estando assim excluída dos seus ritos e cultos.

básicos de composição. Não estudavam com filósofos ou professores de retórica, pois quando os seus irmãos iniciassem esses estudos, já elas estariam casadas.

Segundo McGINN (1998: 10-14), em Roma, o estatuto social das mulheres está intimamente ligado ao seu pudor sexual. Cabia aos homens da família proteger a sua honra, pois a honra da família também seria posta em causa, caso a mulher não conservasse a sua pureza sexual. A natureza do relacionamento com os homens ou pelo menos o seu entendimento pela sociedade definia o estatuto das mulheres na sociedade. Era, pois, requerido às mulheres romanas que tivessem pudor, ou seja, que fossem recatadas e discretas, pois chamar a atenção dos homens sobre si, tal como a má conduta podia vir a destruir a sua reputação. Idealmente, as mulheres tinham que ter atenção a forma como se vestiam, como se comportavam em público e em privado e só deveriam ter contato com homens de família e com o seu marido.

As matronas respeitáveis, que eram filhas, esposas ou mães de homens de grande influência, eram dignas de elogios. Mulheres cuja reputação e virtude eram inquestionáveis, punham supostamente a família acima de tudo e como tal vinham assim também enaltecer as qualidades dos homens a quem estavam ligadas.³⁸ Por tais razões eram elogiadas como modelos a seguir, como é o caso de Cornélia, mãe dos Gracos e filha de Cipião Africano Maior.³⁹ Como explica DIXON (2007: 49-74), estas mulheres eram criadas para serem educadas, pudicas, virtuosas, modestas, fiéis aos seus maridos e mães exemplares. Segundo SEBESTA (2001: 48-49) e FANTHAM *et al.* (1994: 232), estas respeitáveis mulheres eram identificadas pelo uso da *stola*, que cobria o seu vestido ou túnica e uma capa de lã que servia de véu e lhes cobria a cabeça sempre que estavam em público. Isto era um factor que as distinguia das mulheres solteiras e principalmente das *probrosae*, palavra que designava as mulheres impuras – neste grupo estavam incluídas as mulheres que perdiam a reputação e o estatuto por conduta imprópria, como por exemplo as adúlteras e as prostitutas, que como indica SEBESTA (2001: 50-51) eram obrigadas a usar uma toga simples; e também mulheres que devido à natureza do seu trabalho em

³⁸ Como indica POMEROY (1995: 183-184), o principal propósito de homenagear uma mulher era enaltecer o homem de quem eram filhas ou esposas, mães ou mesmo irmãs.

³⁹ Segundo DIXON (2007), Cornélia foi uma mulher de vasta cultura, reconhecida pela sua devoção ao marido, a Roma e em especial aos seus filhos, pela sua fidelidade e virtude. Cornélia era vista como o ideal da matrona romana e da condição feminina em geral. No entanto, o seu reconhecimento deveu-se sobretudo aos homens a quem estava ligada, pois ficou conhecida por ser filha de um herói, esposa de um distinto político romano e mãe de campeões do povo romano.

público, com homens e com álcool, ganhavam má reputação, como por exemplo as empregadas de bar e tabernas, criadas e atrizes.⁴⁰

Era na religião que as mulheres tinham um papel significativo e formal, no sentido de participar na vida pública. Segundo STAPLES (1998) e MCGINN (1998: 24) o papel que elas desempenhavam em festivais como o da Bona Dea, de Ceres, de Flora, de Vénus, de Vesta, etc. era outra forma de distinção do seu estatuto, na medida em que as classificava de acordo com categorias sexuais: matronas, sacerdotisas e prostitutas.⁴¹

2.4. Prostituição em Roma

De acordo com MCGINN (1998: 10): “Prostitution was both socially approved and suspect for moral reasons.” As prostitutas eram definidas como pessoas depravadas, promíscuas, que faziam parte de um meio desonrado e como tal à margem da lei. Contudo, estas mulheres eram também consideradas importantes e complementares à norma, que significava casar, gerar e educar os filhos, pois as prostitutas afastavam os homens de mulheres respeitáveis, e também eram uma espécie de aviso acerca das consequências a enfrentar por uma honra sexual perdida. Como refere MCGINN (1998: 9), a prostituição era uma espécie de atalho para os preceitos legais da sociedade, que estipulavam assim um comportamento sexual desejável, de forma a salvaguardar a reputação das famílias romanas.

As prostitutas estavam proibidas de participar, por exemplo, nos cultos da Bona Dea e de Ceres, exclusivos das matronas. No entanto, também tinham os seus cultos, como o festival dos *Floralia*. Segundo MCGINN (1998: 26), estes festivais davam às prostitutas a oportunidade de aumentar o seu comércio. Como referem STAPLES (1998: 92-93) e MCGINN (1998: 24-26), estas eram festas marcadas por cenas de embriaguez, devassidão,

⁴⁰ Sendo as tabernas e bares locais que funcionavam também como prostíbulos, era difícil distinguir uma mulher que trabalhava como simples empregada a servir às mesas de uma prostituta. Possivelmente, seria o facto de serem prostitutas que lhes garantia o trabalho, pois os donos dos estabelecimentos sabiam que o que atraía os clientes não era a capacidade das mulheres de servir comida ou bebida, mas sim a sua sensualidade. Daí a conotação negativa ligada às mulheres que trabalhavam em espaços públicos, onde tinham de servir homens. Vide RODRIGUES (2009: 388-390) e FANTHAM *et al.* (1994: 380).

⁴¹ As matronas, como já foi referido, eram o símbolo e modelo a seguir. Segundo FANTHAM *et al.* (1994: 234-237) e STAPLES (1998: 129-130), as virgens vestais (sacerdotisas) eram seis raparigas de origem aristocrática, escolhidas antes de entrarem na puberdade (normalmente entre os seis e os dez anos) para se dedicarem por trinta anos à deusa Vesta. Tinham a obrigação de manter acesa a chama do fogo no templo da deusa. Gozavam de um estatuto social privilegiado, sendo as únicas mulheres que estavam isentas de tutela; elas frequentavam banquetes, espetáculos de jogos com lugares de honra; poderiam fazer o seu próprio testamento; tratavam elas próprias dos seus assuntos e bens. Se por acaso quebrassem o voto de castidade poderiam sofrer diversas punições, inclusive a morte.

licenciosidade, promiscuidade e nudez. Como diz McGINN (1998: 26), nos *Floralia*: “(...) prostitutes stripped themselves naked at the urging of the public. Nothing can testify more decisively to their total lack of honor.”

Outro festival ligado à prostituição e à história da fundação de Roma é o de Aca Larência.⁴² Segundo o mito, Reia Sílvia, uma virgem vestal, deu à luz dois gémeos, Rómulo e Remo. A estes o tio mandou-os lançar ao rio Tibre. Contudo, devido à cheia do rio, deixaram-nos expostos nos charcos, na esperança de que estes morressem na mesma. No entanto, tal não sucedeu, pois, segundo a lenda, foram amamentados por uma loba, que indo beber água, foi atraída pelo choro das crianças. Mais tarde o pastor Fáustulo, encontrou-os e levou-os para casa, para serem criados pela sua mulher Aca Larência, que era também conhecida como *Lupa*. Segundo STAPLES (1998: 64), o termo *lupa* referia-se tanto a uma loba como a uma prostituta, “(...) they called her Lupa because she slept around.” Diferentes histórias têm sido apresentadas sobre Aca Larência. No entanto, apenas serão referenciadas duas. Segundo Lívio, Aca Larência terá sido a mãe adotiva dos fundadores de Roma. Segundo outra versão, ela era uma cortesã, que dormiu com Hércules e recebeu como recompensa dos deuses um casamento com Tarutilus, um homem bastante rico, que quando morreu lhe deixou toda a riqueza.⁴³ Em ambas as histórias ela seria provavelmente uma prostituta (por causa do termo *lupa*), que forneceu um serviço ao Estado, quer por ter amamentado o seu fundador, quer por ter enriquecido os seus cidadãos. Este mito é extremamente importante, pois como foi referido, era com a matrona que um homem podia ter filhos legítimos. É curioso que neste mito da fundação de Roma, há a ausência da figura da matrona, que por sua vez é substituída pela figura da prostituta. Embora a mãe biológica de Rómulo e Remo tenha sido Reia Sílvia, a figura predominante na história é a de Aca Larência, a prostituta que cria os gémeos.

De acordo com RODRIGUES (2009: 392), havia diversas designações para caracterizar as prostitutas: *aelicaria*, *amasia*, *amatrix*, *ambubaia*, *ambulatatrix*, *amica*, *blitea*, *bustuarria*, *citharistria*, *copa*, *cymbalistris*, *diobolaris*, *doris*, *famosa*, *foraria*, *fornix*,

⁴² LÍVIO, Liv. 1: (1993: 43-47) e STAPLES (1998: 62-66).

⁴³ A institucionalização do culto de Aca Larência em Roma deveu-se ao facto de esta ter prestado um grande serviço aos cidadãos romanos. Em ambas as versões apresentadas, Aca Larência foi uma figura importante para Roma. Enquanto prostituta recebeu uma grande herança de Tarutilus, e após a sua morte deixou-a ao povo romano. Segundo a outra versão, esta fora a mãe adotiva dos gémeos Rómulo e Remo, fundadores de Roma.

gallina, lupa, meretrix, mima, noctiluca, nonaria, proседа, prostibula, quadrantaria, scortum, scortum erraticum, ou spurca.

Quem eram estas mulheres e porquê a escolha desta vida? Como indicam FLEMMING (1999: 40-41) e RODRIGUES (2009: 391-392), na literatura são nos apresentadas basicamente cinco hipóteses para estas questões: 1) que as mulheres eram prostitutas por serem escravas, e, conseqüentemente, não tinham poder de decisão sobre o que o seu dono fazia com o corpo delas; 2) seriam esposas ou filhas obrigadas a se prostituir por razões de carência económica, ou seja, pela indigência e miséria que assolava grande parte da população romana; 3) pertencendo à aristocracia, eram mulheres que tentavam livrar-se das punições por adultério ao adquirirem o estatuto de prostituta; 4) dedicavam-se a esta atividade porque não passavam de mulheres de espírito fraco, promíscuas e que não resistiam à luxúria; ou 5) viam nesta atividade uma via para a sua independência social e económica. Contudo, as razões subjacentes a esta escolha devem ter sido mais complexas.

Como explica FLEMMING (1999: 43), sabendo que a sociedade romana era esclavagista, podemos supor que algumas das escravas fossem utilizadas na prostituição, em estabelecimentos como tabernas, banhos, estalagens e nos bordéis. Isto significa que aqueles que lucravam com o corpo destas, não eram elas próprias, mas sim os seus donos e *lenones* (proxenetas). Existiam também prostitutas livres da classe baixa, que podiam ou não ser obrigadas pela família a se prostituir. Algumas delas eram estrangeiras e procuravam meios de subsistência. Trabalhavam na rua, em bares, portos, estalagens, termas e bordéis. Existiam ainda as cortesãs, que eram as prostitutas de mais elevado estatuto e que se dedicavam sobretudo a satisfazer as necessidades dos homens da aristocracia. Sabemos que estas mulheres podiam ser de qualquer origem social, pois quer graças ao seu ensino, à sua beleza, aos seus talentos ou aos conhecimentos sociais, no sentido de estabelecerem relações muito íntimas com homens com grande poder e influência, atingiram o mais elevado estatuto dentro daquele meio.

Como indica RODRIGUES (2009: 384-389), a prostituição em Roma era legal e os espaços utilizados para tal eram variados, não havendo espaços vedados a tal prática. No entanto, era mais visível em locais como os foros, os banhos públicos, os pórticos, os templos, os teatros, as lojas dos mais diversos negócios (cujo espaço, por vezes, tinha cubículos especialmente dedicados a quem vendia o corpo, pois este tipo de serviço era na

altura considerado atraente para os outros negócios). Portos, tabernas e estalagens eram também locais preferidos das prostitutas, devido à grande afluência de pessoas. Em Roma a oportunidade de incluir o comércio prostitucional em determinados espaços, ou em conjunto com outros empreendimentos, dependia da sua rentabilidade para as prostitutas e para os comerciantes.

A existência destes diferentes tipos de prostitutas, bem como de locais como os bordéis e outros estabelecimentos em que se vendia sexo, permitia que a prostituição fosse um fenómeno firmemente estabelecido na sociedade romana, disponível para homens de todos os estatutos, e não apenas para homens da elite. Como refere RODRIGUES (2009: 400), era comum os jovens romanos (especialmente os mais ricos) terem a sua primeira relação sexual com uma prostituta.

A maioria das prostitutas romanas trabalharia para sobreviver. Nem todas seriam bonitas ou teriam atributos que as privilegiassem, e muitas tinham também uma saúde débil, e mesmo muitas daquelas que outrora haveriam sido deslumbrantes, acabavam sendo descritas, como diz RODRIGUES (2009: 395) por autores como Plauto e Terêncio, como:

(...) criaturas famélicas, malnutridas, vítimas das mais variadas doenças, em que predominariam por certo as venéreas, expostas à porta dos seus cubículos aguardando pateticamente por alguém que nelas reparasse e nelas reflectisse as suas filias ou tão simplesmente nelas confirmasse o valor que podia despender para o amor comprado, e com isso lhes proporcionasse as poucas moedas com que garantiam a subsistência desse dia.

De acordo com RODRIGUES (2009: 395; 400-401), no geral, sem incluir as prostitutas de luxo, as prostitutas romanas faziam-se notar pela sua pobre condição, tornando motivo de atração para os clientes apenas o seu corpo nu. Também eram descritas pelos autores da altura como mulheres mercenárias e ambiciosas (especialmente prostitutas que se movimentavam entre as classes altas da sociedade) por tentarem iludir clientes, especialmente os mais jovens, que pouco sabiam das artes do amor e do prazer, mas também os mais velhos, que procuravam um vigor renovado. O objetivo destas era obter o maior lucro possível, aproveitando-se da ingenuidade e necessidade dos clientes.

Apesar da tolerância para com a atividade, os intervenientes deste negócio não eram, contudo, bem aceites pela sociedade. Eram considerados um grupo marginal, caracterizados

como *infames*⁴⁴, ou seja, aqueles que não tinham reputação, aos que faltava honra. Estes estavam sujeitos a um conjunto de restrições, limitações e incapacidades cívicas, que partilhavam com outras categorias marginais como atores e gladiadores. Fazendo parte destas categorias, estavam proibidos de prestar testemunho em tribunal; de fazer acusações contra outros; e em algumas circunstâncias, muitas das violências cometidas sobre estes ficavam impunes, pois as palavras de quem ganhava a sua vida de forma vergonhosa não valiam nada segundo o sistema legal romano, visto serem considerados pessoas duvidosas. Não podiam também candidatar-se a cargos senatoriais, nem a magistraturas. Estas incapacidades podem não parecer muito severas, contudo demonstravam claramente a impotência destes indivíduos perante a lei. Estas profissões eram consideradas vergonhosas, e todos os que as desempenhassem adquiriam inevitavelmente esta classificação, pela forma como ganhavam o seu dinheiro.

Como explica MCGINN (1998: 248-287), outro factor importante da prostituição em Roma deveu-se ao imposto que Calígula taxou sobre as prostitutas. Uma vez que eram obrigadas a registar-se junto do edil era difícil escapar ao seu pagamento. Esta foi uma taxa que foi cobrada durante todo o período imperial e as receitas geradas eram muito altas. Tanto o registo como o imposto visavam aumentar o controle sobre os trabalhadores do sexo. Ao mesmo tempo, o imposto veio legitimar a prática da prostituição, uma vez que Calígula criou bordéis estatais e, de acordo com RODRIGUES (2009: 404), por vezes ele próprio emprestava dinheiro, com exagerados juros, a cidadãos que queriam satisfazer os seus prazeres e fantasias em tais espaços.

2.4.1. Lex Iulia de adulteriis coercendis e Leges Iulia et Papia de maritandis ordinibus

As leis morais promulgadas por Augusto entre 18 e 17 a. C. visavam restabelecer velhas tradições e costumes na sociedade, de forma a regular e proteger o matrimónio. Viriam também a alterar conceitos da área privada que até então pertenciam à jurisdição do *paterfamilias*. Através da *lex Iulia de adulteriis coercendis*⁴⁵, o adultério passa a ser considerado um crime público (responsabilidade do Estado), daí terem-se estabelecido punições para as mulheres que o cometessem, uma vez que o estatuto social da mulher dependia da sua castidade, por isso, a regulamentação do seu comportamento estava a

⁴⁴ Vide EDWARDS (1997: 69-82) e LEFKOWITZ & FANT (1992: 118).

⁴⁵ Vide TEIXEIRA (2009: 363-366); MCGINN (1998: 140-207) e PINHEIRO (2012: 126-130).

cargo dos homens da família: pai ou marido. O crime de adultério referia-se a relações extramatrimoniais entre uma mulher casada e um homem de qualquer estatuto social e estado civil. Estavam excluídas desta acusação as *probrosae*.⁴⁶ Até à promulgação da *lex Iulia de adulteriis coercendis* cabia ao *paterfamilias* a decisão sobre a pena a aplicar em casos de conduta imprópria por parte da mulher. Com a nova lei, a mulher tinha de responder pela sua conduta sexual perante o Estado e não apenas junto da família.⁴⁷ A mulher acusada de adultério perderia metade do seu dote, um terço da sua propriedade, seria banida, tal como o seu amante, para uma ilha distante, estando também proibida de voltar a casar com cidadãos livres e seria considerada ao mesmo nível da prostituta. Segundo MCGINN (1998: 156-157), seriam identificadas pela sua roupa:

(...) a woman convicted of adultery was to be publicly humiliated through open identification as a prostitute. This was mainly achieved by stipulating that the *adultera domnata* should wear the toga, which heretofore only prostitutes among women had been accustomed to wear.

Um caso importante para esta análise é o de Júlia *Maior*, filha de Augusto.⁴⁸ Júlia foi usada pelo pai para consolidar alianças políticas, uma vez que foi ele quem escolheu os seus maridos, tendo em conta as suas conveniências.⁴⁹ Durante o seu segundo casamento, já é atribuído a Júlia um comportamento impróprio por relações adúlteras. Entre as suas más condutas encontra-se a tentativa de seduzir Tibério, seu próximo marido, ainda casada com Agripa. O seu casamento com Tibério é forçado e conturbado, e após a morte do filho de ambos, Tibério exilou-se em Rodes, por volta de 6 a. C. Quatro anos mais tarde, Augusto enviou ao Senado um relatório sobre o comportamento indecoroso da filha, relatando a sua presença em festas noturnas, relações sexuais promíscuas e indiscriminadas, e bem pior, afirmando que esta procurava lugares públicos como o foro,

⁴⁶ Como explica PINHEIRO (2012: 127): “Nem todas as mulheres são penalizadas, pois a lei define categorias de pessoas isentas da sua aplicação. De facto, a criação de dois grupos diferentes de mulheres é uma das consequências mais importantes da lei. Assim, designam-se como *feminae probrosae* as mulheres não sujeitas à aplicação da lei sobre o adultério e com quem se pode manter relações impunemente: prostitutas, *lenae*, atrizes e mulheres condenadas por adultério.”

⁴⁷ Com a nova lei, o marido da adúltera já não a podia matar. Contudo, podia matar o parceiro caso ele pertencesse às categorias de proxenetas, atores ou escravos e no caso de os surpreender na sua própria casa. Antes da formalização da queixa de adultério em tribunal, o marido tinha até sessenta dias para se divorciar da adúltera. Caso não o fizesse podia ser acusado de lenocínio. O pai da adúltera podia, no entanto, matar a própria filha e o amante, mas apenas se os descobrisse em flagrante na sua casa ou na do genro.

⁴⁸ Cf., sobre esta matéria, PINHEIRO (2010: 307-320) e (2012: 133-146).

⁴⁹ Júlia foi casada três vezes. No entanto, os seus dois últimos maridos já eram casados quando Augusto decidiu que seriam esposos da sua filha. Foram obrigados a se divorciar para casar com Júlia.

para as suas aventuras. Segundo as fontes citadas em PINHEIRO (2010: 313-315), mais precisamente Séneca e Veleio Patérculo, estes crimes foram apresentados como ofensas de ordem moral. Devido aos comportamentos escandalosos e indecentes de Júlia, ela foi descrita por estes autores como uma meretriz, mulher sem carácter, nem moral. Como explica PINHEIRO (2010: 314): “(...) de acordo com Séneca, Júlia reclamava para si o estatuto de prostituta, isto é, transformava-se numa mulher a quem as punições da lei sobre o adultério não se aplicavam.”

Como esclarece PINHEIRO (2012: 139-143), após a condenação por adultério, Júlia é exilada na ilha de Pandatéria. Segundo as fontes, terá sido Augusto como *paterfamilias* a aplicar o castigo, proibindo qualquer pessoa de se aproximar dela, sem o seu consentimento prévio e forneceu à filha apenas as condições básicas para a sua sobrevivência.

O caso de Júlia é fundamental nesta investigação, quando tentamos perceber como é que, mesmo sendo detentoras de posições sociais privilegiadas, riqueza e influências familiares, as mulheres não tinham quaisquer direitos sobre a escolha dos seus relacionamentos. A severa punição dos crimes de Júlia deveu-se também provavelmente à sua condição social, pois não era uma mulher qualquer que apresentava publicamente um comportamento tão indecoroso, mas sim a filha de Augusto. E perante a afronta e ao desrespeito da filha pela legislação promulgada pelo pai, Augusto demonstrou com as sanções aplicadas que nenhuma mulher estava acima destas leis, independentemente da sua condição e estatuto.

Outro factor relevante nesta análise surge do facto de certos autores não apresentarem uma distinção clara entre uma mulher adúltera e uma prostituta, como por exemplo Séneca (*Ben.* 6.32.1), ao caraterizar Júlia como uma meretriz:

O Divino Augusto exilou a filha, impudica além da ofensa de impudicícia, e publicou as desonras da casa imperial: que os adúlteros eram aí acolhidos em bandos, que durante as festas nocturnas percorriam a cidade, que o próprio foro e a tribuna, da qual as suas aventuras, que ia todos os dias para junto da estátua de Mársias, quando, transformada de adúltera em prostituta, reclamava o direito a toda e qualquer pouca vergonha com um adúltero que não conhecia.⁵⁰

Como já foi referido, após ser acusada de adultério uma mulher era considerada ao nível da prostituta – era estigmatizada, exilada e perdia quaisquer tipos de direitos que

⁵⁰ Tradução de PINHEIRO (2012: 139).

anteriormente tinha. No entanto, como é referido em BRANDÃO (2009: 367-368) e EDWARDS (1997: 85-86), segundo Suetónio (*Aug.* 34.1), também terão ocorrido em Roma, durante o reinado de Tibério, alguns casos de mulheres de famílias respeitáveis que preferiram registar-se como prostitutas, de forma a não sofrerem as penalizações de serem acusadas de adúlteras, devido ao seu comportamento sexual. Contudo, só é conhecido o caso de Vistília. Isto demonstra que, apesar de tudo, esta profissão tão infame era controversa, pois o facto de ser considerada como preferível em alguns casos, indica claramente que a acusação de adultério era um fardo maior a carregar do que ser identificada como prostituta, apesar de todas as implicações que tal profissão infame carregava. RODRIGUES (2009: 394) apresenta ainda uma outra hipótese para a escolha desta “solução”: “Talvez este tipo de comportamento constituísse também uma forma de escape social e económico para estas mulheres. A prostituição seria assim um mal menor.”.

Como explica MCGINN (1998: 70-102), segundo as leis *Iulia et Papia* também promulgadas por Augusto, todos os indivíduos do sexo masculino, entre vinte e cinco e sessenta anos, assim como do sexo feminino, entre os vinte e os cinquenta, eram obrigados a casar – sendo penalizados os que não o faziam. No entanto, estas leis condicionavam a escolha do cônjuge. Os membros de classe senatorial e seus descendentes estavam proibidos de casar com homens e mulheres libertos, atores, atrizes e qualquer pessoa cujo pai ou mãe fosse ator ou atriz, bem como com prostitutas, *lenones*, etc. Os restantes cidadãos de nascimento livre estavam também proibidos de casar com prostitutas, proxenetas e pessoas condenadas por adultério. Ou seja, esta lei incentivava os cidadãos romanos a escolher um cônjuge apropriado, criando categorias sociais e morais distintas. A prostituta era vista como um perigo, pois ameaçava tanto o património como a honra da família, como tal o casamento com uma mulher desta categoria era proibido.

Esta legislação criada por Augusto visaria sobretudo revitalizar a moral das classes altas, assim como aumentar o número de nascimentos de cidadãos romanos. Para tal era necessário penalizar e controlar a conduta social e moral da sociedade que parecia estar mais interessada nos prazeres mundanos. A prostituição em Roma desempenhava assim um papel muito importante na salvaguarda da ordem moral e social, pois afastava possíveis predadores, homens sem moral, das mulheres de família, cuja honra era o que as caracterizava. Demonstrava igualmente às mulheres quais as desvantagens de desrespeitarem as leis ao seguirem condutas não desejáveis para mulheres respeitáveis.

2.4.2. Cortesã Romana

Como já foi referido, em Roma existiam diversas designações para caracterizar as mulheres que vendiam o corpo. A distinção entre as prostitutas de luxo e as restantes é evidente nas palavras de RODRIGUES (2009: 392):

A galeria supracitada [designações das prostitutas romanas] reflete uma sociolinguística que se consubstancia nos vários tipos de prostituta romana, de acordo com a sua especialidade, origem ou habitat: da prostituta de rua à do bordel; da que é associada à noite ou ao preço do seu corpo; da meretriz que não podia vangloriar-se de escolher os seus clientes à que, por várias razões, que iam da condição física (idade, beleza e saúde) ao patrocínio que angariava, podia fazê-lo. Seria esta a tal designada por «cortesã».

Tendo em conta esta distinção, as cortesãs romanas eram as mulheres do meio prostitucional que prestavam serviços sexuais, e acompanhavam homens poderosos da sociedade a diversos convívios sociais. Eram mulheres que se distinguiam pelos seus atributos físicos, eram normalmente as mais belas, assim como a sua educação, pois eram instruídas, cultas. Segundo RODRIGUES (2009: 392-393), supostamente, por volta dos catorze anos estas cortesãs recebiam uma aprendizagem abrangente em requintes e luxo, dança, música, e normas de comportamento, iniciando-se depois nas especialidades do sexo. No entanto, estas representavam um pequeno grupo de mulheres “privilegiadas” pela instrução que recebiam, e provavelmente as que teriam sucesso dentro do grande negócio da prostituição romana.

De acordo com RODRIGUES (2009: 393), eram normalmente mulheres libertas, que usavam o seu corpo, os seus truques de sedução e a sua inteligência como forma de alcançarem mais dinheiro para sobreviver, algumas tentando mesmo alcançar outro nível social ou alguma influência, através do seu relacionamento com homens de estatuto social elevado. Contudo, nunca deixaram o seu estatuto de cortesãs. Como já referido atrás, é também reconhecido que entre as cortesãs havia mulheres originárias de famílias respeitáveis e de estatuto superior. A razão para tal escolha por parte destas mulheres é muito questionada. Segundo ROBERTS (1996: 62) e RODRIGUES (2009: 394) um factor que provavelmente as motivava a deixar de lado a sua reputação de mulher respeitável e a adquirir tal estatuto seria o facto de poderem alcançar uma liberdade económica e social que não lhe era permitida enquanto mulheres casadas. Esta é uma hipótese a considerar, pois segundo EDWARDS (1997: 85-86) “prostitution was associated with the license and

disorder, with pleasures that escaped the control of official authority.” As mulheres em Roma normalmente comportavam-se de acordo com as vontades e desejos pessoais dos homens. Esta era uma maneira de terem elas um pouco de controle sobre as suas vidas.

Como refere EDWARDS (1997: 78-79), autores romanos mais moralistas como Juvenal (6.103-12) falavam do vício da luxúria, que fazia estas mulheres ignorarem o seu lugar na hierarquia social. As mulheres eram caracterizadas como criaturas sexualmente insaciáveis, sendo levadas pela lascívia e pelo desejo que lhes era negado, à perdição e à ruína, pois na procura de satisfazerem os seus apetites esqueciam o seu estatuto nobre, e todas as noções que lhes conferiam um estatuto e identidade social. O seu desejo arrastava-as para o mais baixo dos níveis. Contudo, segundo RODRIGUES (2009: 394), o argumento que explica esta escolha como consequência de uma acusação por adultério é dos mais verosímeis, lembrando que algumas mulheres de origem aristocrática preferiram registar-se como prostitutas do que serem punidas com as sanções de adultério.

As cortesãs romanas eram independentes, ou seja, não dependiam de nenhum proxeneta, e os seus clientes pertenciam aos estatutos sociais mais importantes de Roma, logo seriam influentes e ricos. Apesar de as prostitutas em Roma serem obrigadas a se registar junto de um edil, o mesmo não era obrigatório para as prostitutas que trabalhavam num contexto económico e social elevado. As prostitutas, como já foi referido, deveriam usar a toga, no entanto, as prostitutas de luxo romanas destacavam-se das restantes, pois segundo descreve EDWARDS (1997: 81) usavam vestidos muito mais vistosos, e em especial de seda transparente, o que as tornava mais sedutoras e fascinantes aos olhos dos homens.

As cortesãs eram também obrigadas a pagar a já referida taxa imposta por Calígula. Segundo MCGINN (1998: 267), a taxa máxima era de um denário. Contudo, uma taxa tão elevada teria efeitos completamente diferentes para os diversos tipos de prostitutas. As cortesãs romanas já cobravam aos clientes um valor aproximado de um denário. Sendo estas as profissionais que trabalhavam num meio mais seletivo, que incluía apenas homens de elevados recursos financeiros, embora pagassem uma excessiva taxa, podiam igualmente aumentar os preços dos seus serviços, não sendo tão prejudicadas como prostitutas de estatuto mais baixo. De acordo com RODRIGUES (2009: 386), provavelmente foi no bairro do Aventino que um maior número de prostitutas, com um nível económico-social superior, se instalaram.

Uma cortesã romana importante de lembrar é Volúmnia Citéris, também conhecida pelo pseudónimo de Lícoris. Segundo TRAINA (2001: 83-85), nasceu por volta de 70 a. C. e provavelmente era de origem helénica. A sua presença em Roma ter-se-á devido ao facto de ser uma prisioneira de guerra, trazida para Roma como escrava. Citéris era propriedade de Públio Volúmnio Eutrapelo. Enquanto escrava prestava diversos serviços ao seu dono, incluindo a prostituição. No entanto, Citéris era também “*mima*”, ou seja, atriz de mimos, o que significa que cantava, dançava e representava. Este era um género de representação bastante popular em Roma, durante a República. No entanto, como explica TRAINA (2001: 86), a palavra “mimo” também era usada muitas vezes como sinónimo de prostituta.

Entretanto Eutrapelo ter-lhe-á concedido a liberdade, não de maneira desinteressada, mas esperando obter maiores benefícios com a nova condição de Citéris. Como explicam KEITH (2011: 38; 41) e TRAINA (2001: 89), a liberdade desta era por assim dizer uma maneira de a introduzir na sociedade, pois Citéris, mesmo liberta, continuava a ter deveres de lealdade para como seu antigo dono, prestando-lhe serviços gratuitamente ou tornando-se amante de um homem poderoso a quem este estava ligado. De acordo com TRAINA (2001: 88), o teatro e a política estavam interligados, pois era normal os homens poderosos financiarem espetáculos e as carreiras de atores e atrizes. Lícoris já era bastante aclamada pelas suas performances. Eutrapelo estava associado ao círculo de César, um grupo extremamente poderoso e influente. Contudo, seria indecoroso um homem influente e poderoso ser visto na companhia de uma atriz, que ainda por cima era escrava.⁵¹

Como explica KEITH (2011: 38-40), a história de Citéris tornou-se essencialmente conhecida devido à identidade dos homens a quem esteve ligada, entre os quais Marco António, Bruto e António Galo, todos eles membros da elite romana. O seu relacionamento com Marco António foi o mais conhecido e que mais escândalo causou. Segundo TRAINA (2001: 91-94), estes envolveram-se cerca de 40 a. C., e o seu relacionamento tornou-se o mais público possível, uma vez que António viajava com Citéris pela Itália abertamente, como se esta fosse um troféu, e mais ainda, tratava-a com dignidade como se fosse uma matrona, oferecendo-lhe ainda propriedades na Campânia. Cícero nas (*Filípicas*: 2.58) descreve a forma inapropriada e desonrada de tal envolvimento:

⁵¹ Não devemos esquecer que as profissões de atores, assim como de prostitutas estavam associadas à categoria de infames, sendo considerados grupos marginais e com todas as incapacidades cívicas que tal estatuto determinava, como por exemplo a impossibilidade de casar com pessoas de estatuto senatorial.

E na verdade quando é que alguma vez na terra se ouviu falar de tamanha infâmia, de tamanha torpeza, de tamanha desonra? O tribuno da plebe fazia-se transportar num carro; caminhavam à sua frente lictores ornados de loureiro e no meio destes numa liteira aberta era transportada a *mima*. A esta encontrava-na, por necessidade, os cidadãos nobres dos municípios que avançavam das cidades e saudavam-na não pelo seu nome popular e artístico [i. e. Citéris], mas pelo nome de Volúmnia. Seguia atrás um carro de proxenetas, a mais devassa das companhias. A mãe, rejeitada para o fim da comitiva, ia atrás da amante do filho infame, como se ela fosse sua nora.

Era considerado um relacionamento fora do comum, pois António tratava-a como se fosse sua esposa, o que era impossível devido à condição de ambos. Enquanto amante devia estar longe do olhar público, não exibida perante todos, como aconteceu. Este relacionamento estava condenado, pois, após a consolidação da posição política de António, a relação chegou ao fim, por ser impossível a António manter uma vida tão indecorosa sem sofrer as respetivas consequências.

Citéris terá ainda mantido um relacionamento breve com Bruto e com Galo. Contudo, destes, o relacionamento com Galo é o mais notório, pois Citéris foi a musa para a sua poesia erótica, sob o nome de Lícoris. Outros autores contemporâneos como Vergílio, Propércio, Ovídio e Marcial também escreveram sobre o amor entre ambos, embora a sua representação na poesia fosse mais ficção. Como explica KEITH (2011: 27-28; 32-33; 34-35), falando das obras destes autores, Vergílio representa Lícoris como a indigna amante que abandona Galo para seguir outro, transmitindo a imagem de uma mulher promíscua e instável. Propércio identifica Galo no catálogo de poetas romanos que se dedicaram à poesia erótica e Lícoris como sua amante, a quem ele estava famosamente associado. Ovídio liga o nome de Lícoris à fama literária de Galo e Marcial relembra a bela Lícoris que inspirou Galo na sua poesia.

Citéris ficou conhecida como uma cortesã grega que circulava junto dos membros da elite romana, assim como junto dos homens de letras. Contudo, apesar de tais relacionamentos lhe trazerem vantagens, pelas suas profissões de atriz e cortesã, ela detinha o estatuto de infame, o que significava que o seu envolvimento com estes homens era limitado, não podendo jamais ter um casamento legítimo com qualquer um deles. Também a possibilidade de ascender socialmente estava condicionada.

Será também importante mencionar outra proeminente figura romana., Embora não fosse cortesã, o estatuto superior e os relacionamentos amorosos em que se envolveu

valeram-lhe a reputação de meretriz. Valéria Messalina⁵², conhecida como a imperatriz lasciva e devassa, mulher de uma sexualidade incontável. Esposa do imperador Cláudio, ficou conhecida pelas suas sucessivas traições e adultérios e pela sua crueldade e ambição. Diz-se ter tido vários amantes, incluindo senadores, cavaleiros, libertos e até escravos. Segundo JOSHEL (1997: 231), alguns destes terão supostamente até sido chamados ao palácio à noite para satisfazer a sua concupiscência.

Como explica RODRIGUES (2003: 515), segundo os historiadores, ela é identificada como sendo adúltera pelas suas traições a Cláudio. No entanto, o satirista Juvenal retrata-a como uma prostituta. Messalina viveria uma vida dupla: imperatriz durante o dia, à noite disfarçava-se de prostituta e, adotando o nome de Licisca, trabalharia num bordel. Esta sua suposta vida é descrita na Sátira VI de Juvenal, a partir da qual se difundiu a imagem da imperatriz prostituta, que é também divulgada por Plínio-o-Velho.

Segundo defendem alguns historiadores, ela terá usado o seu poder para saciar a sua ganância e o seu desejo sexual. Tendo grande influência sobre o seu marido Cláudio, como explica RODRIGUES (2003: 515-516), Messalina “não se refreia de castigar, por vezes com a própria vida, todos aqueles que não a adulem, que não admirem a sua beleza ou que não cedam às suas tentativas de sedução.” Por exemplo, como recorda JOSHEL (1997: 224-225), a história contada por Tácito sobre o julgamento e condenação à morte do nobre Valério Asiático, acusado de ameaçar o trono de Cláudio. Porém, para Tácito os verdadeiros motivos de Messalina eram este ser amante de Popeia Sabina, esta que teria tido um relacionamento com o ator Mnester, amante de Messalina. Por ciúmes, Messalina terá também levado Popeia ao suicídio. RODRIGUES (2003: 517) recorda outro caso célebre envolvendo a imperatriz, o de Ápio Júnio Silano. Tratava-se do governador da Hispânia oriental, que supostamente iria desposar a mãe de Messalina, Domícia Lépida. Contudo, este arranjo dever-se-ia ao interesse sexual de Messalina no governador. Após ter recusado o leito da imperatriz, ela por despeito vingou-se de Silano, conseguindo acusá-lo de conspiração contra Cláudio e levando-o à morte.

Diz-se que o imperador Cláudio sabia das suas aventuras amorosas e sexuais, mas que fingia não ter conhecimento. Contudo, quando Messalina conheceu o cônsul Gaio Sílio, o seu envolvimento foi além das suas simples aventuras, pois obrigou Sílio a se divorciar da esposa e chegou mesmo a casar com este, numa cerimónia secreta, descrita

⁵² A informação biográfica sobre esta personagem baseou-se sobretudo em: RODRIGUES (2003); JOSHEL (1997: 221-249) e HAMMOND e SCULLARD (1970: s.v. “Messalina (I)”).

por Tácito. Como explica JOSHEL (1997: 222), alguns autores romanos descrevem esta relação como meramente sexual, enquanto os autores mais modernos a vêem como uma aliança política. Porém, o envolvimento da imperatriz com Sílio levou à morte de Messalina em 48, fosse por traição pública a Cláudio, ou por uma suposta tentativa de o derrubar do poder. Acrescente-se o facto de todas as aventuras sexuais que lhe são atribuídas lhe terem valido uma das piores reputações da história romana.

A história de Messalina foi escrita por homens. Como explica JOSHEL (1997: 227), a sua descrição, assim como as suas palavras, ações e motivos dependem da interpretação e estratégia usada por estes. Não tentando negar os seus adultérios ou comportamentos e ações, sabemos que a imagem transmitida de Messalina foi uma criação de uma historiografia feita de juízos de valor sobre o sexo feminino, especialmente acerca daquelas designadas de más mulheres, com conduta imprópria como as prostitutas.

As relações de Messalina com os diversos amantes podem ser entendidas como alianças políticas, uma vez que sendo ela uma mulher ambiciosa, calculista e sedenta de poder usou a sua sexualidade e os seus atrativos como uma ferramenta política. Ou apenas como aventuras puramente sexuais, relacionadas com a sua fama de mulher lasciva, promíscua e insaciável. Em suma, as fontes descrevem-na com base na sua sexualidade, afirmando que por prazer ou ambição se entregou a quem desejou, daí a sua classificação de prostituta.

2.4.3. Conclusões

Tendo em conta todos estes factores, podemos caraterizar a prostituição em Roma como um fenómeno que era reconhecido como necessário e que era tolerado, fosse para salvaguardar a reputação das famílias romanas, fosse para contribuir para a riqueza do estado Romano, através da taxação da atividade. No entanto, o negócio da prostituição promovia uma certa ambiguidade socio-económica na sociedade romana, isto é, era tolerado e mesmo considerado uma necessidade, mas também rejeitado moralmente. As prostitutas apesar de serem consideradas marginais para a sociedade romana, eram também figuras essenciais para o discurso sobre a sexualidade, pois era devido ao seu comportamento que o Estado ditava o que era ou não má conduta, especialmente no que diz respeito às mulheres. A prostituição salvaguardava também a honra das mulheres respeitáveis. Era de igual forma um negócio rentável com que o próprio Estado lucrava,

por isso não houve espaços vedados em Roma para a prática desta atividade e os clientes não sofriam quaisquer represálias. Ao mesmo tempo, a prostituição era rejeitada por razões morais, isto é, era um fenómeno que fazia parte da vida romana, mas os trabalhadores do sexo eram considerados seres vergonhosos e impuros, pessoas vistas com desprezo e marcadas como marginais, *infames*, com todas as incapacidades cívicas a que tal categoria estava ligada, e um mal a evitar pela sociedade.

Capítulo 2 – Prostituição na Sociedade Medieval

Esta parte da investigação abrange ainda a fase final do Império Romano – Antiguidade Tardia – de forma a demonstrar como a doutrina do cristianismo alterou por completo as crenças sobre a sexualidade. O espaço temporal definido para a Idade Média utilizado nesta investigação corresponde a um período que tem o seu início na queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o seu fim na segunda metade do século XV. Esta definição temporal é contestada por alguns historiadores, como é o caso de Le GOFF (1994: 18-23). É contudo, a mais aceite.

Para analisar o fenómeno da prostituição na Idade Média há que enquadrá-lo nas crenças cristãs e na nova organização social. Como diz ROSSIAUD (1988: viii), o seu entendimento: “requires its definition in terms of demographic and matrimonial structures, of normal and deviant sexual practices, and of the cultural values and mental attitudes widely shared by social groups that tolerated it or prosecuted it.” Todos estes factores influenciaram o desenvolvimento e a prática desta profissão, durante um período marcado por grandes e sucessivas transformações na sociedade, a todos os níveis. Contudo, neste capítulo, o fenómeno da prostituição foi analisado no seu contexto geral, uma vez que, segundo as principais fontes usadas como base desta pesquisa, nomeadamente BRUNDAGE (1987), OTIS (1985) e ROSSIAUD (1988), não existem provas da existência da prática da prostituição de luxo neste período.

É importantíssimo o estudo deste período da história, pois as nossas ideias e atuais crenças sobre a moralidade sexual baseiam-se nas normas e doutrinas que se tornaram leis na Europa Cristã, durante a Idade Média, e regularam os povos europeus. A ideia do sexo como algo vergonhoso, impuro e fonte do pecado da humanidade, conseqüentemente um tema tabu numa sociedade educada e respeitosa faz parte da nossa herança medieval. Esta noção, apesar de conservadora para muitos, persiste na mentalidade geral das sociedades e condiciona a forma como encaramos e vivemos a sexualidade humana. O modo como a sexualidade foi entendida a partir desta época é referida por FOUCAULT (1994: 9-10):

A sexualidade é então cuidadosamente aferrolhada. Transfere-se. A família conjugal confisca-a e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, faz-se silêncio. O casal, legítimo e procriador, é a lei. Impõe-se como modelo, faz valer a norma, detém a vontade, conserva o direito de falar reservando para si o princípio do segredo. No espaço social, como o coração da cada casa, há um só lugar

de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. O resto terá de esfumar-se; a conveniência das atitudes evita os corpos, a decência das palavras descora os discursos.

A partir do estudo deste período da história é possível compreender algumas noções elementares na sociedade ocidental, assim como os temas tabu que durante várias gerações persistiram nas vidas de homens e mulheres, neste caso, os temas ligados à sexualidade humana, que envolvem conceitos de vergonha, pudor e marginalização.

1. Antiguidade tardia

1.1. Teorias Cristãs sobre a sexualidade

O cristianismo, a nova ordem religiosa, foi imposto como a religião oficial do Império Romano por Constantino (311-337) no século IV e mesmo após a queda do Império manteve-se como a mais importante doutrina religiosa do ocidente. A moralidade sexual cristã, ou seja, as ideias dos homens da Igreja sobre a conduta sexual apropriada para os cristãos, começa a tomar forma nos séculos IV e V, e passa a ser lei escrita no século VI.⁵³ A grande mudança que ocorreu neste período foi o desenvolvimento de ideias negativas acerca do corpo humano, em especial do feminino, e dos prazeres sexuais, como diz Le GOFF (1994: 146): “O horror ao corpo culmina nos seus aspetos sexuais. (...) A abominação do corpo e do sexo atinge o cúmulo no corpo feminino.” A sexualidade e o prazer sexual que até então eram considerados como naturais e positivos passam a ser condenados e estritamente regulamentados. O pecado da carne passou a ser intitulado de luxúria. Segundo Le GOFF (1994: 167): “a luxúria é uma prostituta que Satanás «oferece a todos»”.

Uma das figuras mais proeminentes das teorias cristãs sobre a sexualidade é Santo Agostinho de Hipona (354-430).⁵⁴ É um dos nomes de maior expressão da Igreja Católica,

⁵³ As normas canônicas visavam regular todo o tipo de relacionamentos e problemas morais. No geral, a Igreja requeria que os cristãos tivessem relacionamentos monogâmicos, fossem fiéis aos seus parceiros, e que evitassem qualquer tipo de atividades sexuais fora do casamento. *Vide* BRUNDAGE (1987: 3) e (2010: 34).

⁵⁴ Grande parte da informação que temos sobre a sua vida encontra-se na sua obra *Confissões* – para esta investigação será usada a obra traduzida por ESPÍRITO SANTO, BEATO & PIMENTEL (2001). Aurélio Augusto nasceu no fim do Império Romano em Tagaste. Apesar de ser proveniente de uma família de baixo estatuto, beneficiou de um grande investimento na sua formação. Santo Agostinho, como todos os jovens da sua época também ele seguiu as práticas da altura, mantendo relacionamentos que mais tarde segundo a doutrina do Cristianismo serão considerados ilícitos. Manteve um relacionamento de 15 anos com uma concubina, uma mulher com quem teve um filho. Apesar de ser sua intenção casar com esta, ela era de baixo estatuto, não tendo dote, que era essencial para o noivado. O seu amigo Alípio confrontou-o com a impossibilidade de viver tranquilamente no amor e na sabedoria. Tais condicionamentos levaram ao seu

sendo um dos fundadores das doutrinas cristãs. As suas teorias e os princípios básicos que fundou influenciaram as ideias modernas sobre a sexualidade na civilização ocidental.

Após a sua conversão ao cristianismo, Santo Agostinho torna-se uma das principais figuras a repudiar por absoluto todos os desejos carniais. Na sua obra *Confissões*, mostra-se arrependido pela sua vida anterior. Tendo desfrutado dos prazeres do sexo, tornou-se defensor de que a maior fraqueza do ser humano era o desejo sexual, por ser uma força poderosa capaz de toldar a razão e a vontade de qualquer homem. Como é explicado em BRUNDAGE (1987: 80-81), que analisa as obras de Santo Agostinho, para este, sexo tornara-se algo vergonhoso, sórdido e impuro, que tinha de ser praticado num local isolado e privado e apenas como dever ou obrigação de gerar filhos. Como tal, entendia a instituição do casamento como algo positivo, pois acreditava que esta podia transformar uma coisa maléfica como o sexo em algo benéfico.⁵⁵ Sexo marital que tivesse outro propósito como o prazer ou divertimento era um pecado.⁵⁶ Por isso, argumentava também que os casais que já tivessem um ou dois filhos deveriam abster-se da atividade sexual.⁵⁷ Como explica BRUNDAGE (1987: 85), para Santo Agostinho as mulheres eram a causa da tentação sexual dos homens, e como tal um perigo. Por isso, como se perceberá, a moral sexual feminina era muito mais restritiva e punitiva.

afastamento. Contudo, Santo Agostinho teve uma segunda concubina, com a qual não teve grandes laços emotivos, procurando deleitar-se simplesmente com os prazeres carniais. Em 386, abandona a sua promissora carreira secular e a hipótese de um bom casamento e converte-se ao Cristianismo.

⁵⁵ O casamento, segundo Santo Agostinho, além de levar à procriação, também promovia a fidelidade entre os parceiros, evitando males como o sexo ilícito ou fornicação – fornicação referia-se a relações sexuais entre pessoas solteiras, ou seja, sexo por puro prazer. *Vide* BOLOGNE (1999: 79-80).

⁵⁶ A atividade sexual entre os cônjuges, apesar de ser permitida, era regulada por diversas medidas e recomendações, tais como a proibição de toques considerados indecentes como carícias nos genitais; proibição de relações sexuais que não visavam a procriação como o sexo anal; das relações sexuais durante a menstruação, e em dias santos. A procura destes prazeres “estranhos” equivalia a pecados graves, segundo as normas da Igreja, com direito a penitência. *Vide* LE GOFF (1994: 164-165) e BRUNDAGE (1987: 67).

⁵⁷ Sed tamen aliud est non concumbere nisi sola voluntate generandi, quod non habet culpam, aliud carnis concumbendo adpetere voluptatem, sed non praeter coniugem, quod venialem habet culpam, quia, etsi non causa propagandae prolis concumbitur, non tamen huius libidinis causa propagationi prolis obsistitur sive voto malo sive opere malo. Nam qui hoc faciunt quamvis vocentur coniuges, non sunt nec ullam nuptiarum retinent veritatem, sed honestum nomen velandae turpitudini obtendunt. “Todavia, uma coisa é ter relações apenas com a vontade de procriar, o que carece de culpa; outra é procurar nas relações, mas não com alguém que não o cônjuge, o prazer da carne, o que comporta uma culpa venial, porque, mesmo que a relação não tenha como finalidade a procriação, ainda assim por causa deste prazer não é oposta à procriação seja por um desejo mau seja por uma má obra. Pois aqueles que fazem isto, ainda que sejam chamados cônjuges, não o são nem mantêm nenhuma verdade no seu casamento, mas escondem a torpeza com um nome honesto.” Santo Agostinho, *De nuptiis et concupiscentia* 1.15. Tradução portuguesa do material de Família.

São Jerónimo (347-419/20), outro dos fundadores da doutrina cristã, também tinha uma visão negativa em relação ao sexo. Para ele, mesmo a sexualidade marital era considerada algo sórdido e um pecado, tendo ou não, o propósito de procriar. O pecado só poderia ser evitado através de uma vida casta.⁵⁸ No geral, as figuras patrísticas dos séculos IV e V censuravam as relações sexuais, elogiando claramente a virgindade como a maior virtude, uma vez que a doutrina destes homens se baseava na primazia do espírito sobre a carne. As únicas relações sexuais permitidas eram as maritais, e com o intuito único de procriar. Como explica CADDEN (1993: 148), condenavam todo o tipo de medidas contraceptivas e abortivas⁵⁹, assim como todas as posições sexuais que não serviam para a procriação, e simplesmente para o prazer. Os diversos tipos de relacionamentos sexuais que eram permitidos na Antiguidade, como por exemplo a concubinação, eram agora tidos como errados e ilícitos.⁶⁰

1.2. Prostituição

Como explica OTIS (1985: 12), em relação ao negócio da prostituição, para os pais fundadores da Igreja este era um grande mal e um pecado, contudo, um mal necessário e inevitável para a sociedade. Santo Agostinho defendia que esta atividade preservava a ordem social e conseqüentemente o procedimento normal da vida cívica, como é indicado

⁵⁸ BRUNDAGE (1976: 831) e BRUNDAGE (1987: 82).

⁵⁹ Ao longo da Antiguidade Clássica e da Idade Média, vários eram os métodos contraceptivos e abortivos utilizados pelas mulheres e referidos nos tratados de medicina. Segundo RIDDLE (1991: 26-27; 124-125) e (1994: 16), o conhecimento destes métodos era principalmente transmitido pelas mulheres, por exemplo as parteiras. Entre os métodos utilizados, os mais conhecidos eram as poções, normalmente misturas de ervas e outras substâncias com efeitos emenagogos, contraceptivos e/ou abortivos. Estas poções eram conhecidas como *maleficium* e *veneficium*. Vide ELSAKKERS (2010: 454-457). Entre as várias plantas usadas encontravam-se a fécula (funcho gigante); a romã; o zimbardo; o poejo; o pepino selvagem; a cenoura selvagem; a arruda; o gengibre selvagem; a artemísia, etc.. Vide RIDDLE (1991: 7-23). Nos penitenciais, que segundo a definição de ELSAKKERS (2010: 393) eram: “catalogs of sins that serve as guidelines for confessors”, estavam prescritas as penas a aplicar às mulheres que cometessem aborto voluntário. Por exemplo nos penitenciais do Império Franco, as mulheres que cometessem aborto intencional, assim como os seus ajudantes, neste caso alguém que lhes prescrevesse as “receitas” ou “venenos” tinham a mesma pena ou por vezes uma pena mais severa: estes tinham de cumprir pena de três anos de excomunhão e jejum, pois era considerado um homicídio. Os penitenciais Teodorianos (dos povos anglo-saxónicos do século VII), por outro lado, prescreviam pena de um ano. Nos séculos X e XI, as penas aumentaram, havendo penas, como nos penitenciais hispânicos, que iam dos quinze aos vinte e um anos. Vide ELSAKKERS (2010: 448-449). Na lei secular, a interrupção voluntária da gravidez também era punida. As penas, no entanto, eram sobretudo para quem fornecia as receitas ou as “poções venenosas” à mulher que cometia o aborto. Dependendo da lei, as penas poderiam incluir pena de morte ou apenas uma multa. Apenas as leis Visigóticas e a lei antiga Germânica puniam a mulher grávida que tentasse abortar, com penas que incluíam a escravização da mulher, duzentas chicotadas ou a remoção dos olhos. Vide ELSAKKERS (2010: 467-469).

⁶⁰ Esta prática foi, contudo, tolerada pela Igreja Católica, pois esta ainda não se encontrava munida com mecanismos de poder suficientes para a proibir definitivamente. A única solução era tentar impedir que um homem tivesse mais do que uma concubina. Vide BRUNDAGE (1987: 98-103).

na seguinte citação: “Retirem-se as meretrizes da sociedade, e tudo ficará perturbado por causa da lascívia.”⁶¹ A prostituição continuava a ser tolerada de forma a preservar as mulheres respeitáveis, por se defender que o sexo toldava a razão dos homens, levando-os a atos de loucura, tais como a ruína da reputação de uma mulher casta ou a prática de atos sexuais anormais, como por exemplo ter relações com outro homem.⁶²

Como explica BRUNDAGE (1976: 831), para a Igreja, a prostituição era um facto social inevitável, o que colocava as prostitutas numa situação ambígua, pois estas apresentavam-se para as autoridades eclesiásticas como um mal necessário, ou seja, entre o pecado e a necessidade. A Igreja mantinha que os relacionamentos ilícitos com estas mulheres infames eram um pecado, pois os homens procuravam-nas apenas com intuito de obter prazer sexual. Contudo, para os católicos, uma prostituta poderia alcançar a salvação se deixasse aquele modo de vida e fizesse penitência pelos seus pecados.⁶³ Como explica OTIS (1985: 13), ao contrário do que acontecia com a noção romana, não havia um estigma permanente ligado à condição de prostituta se esta se arrependesse. Eram pecadoras que podiam ser salvas. Como nos diz CADDEN (1993: 264), segundo o pensamento teológico cristão, acreditava-se que “(...) the essence of virginal purity might exist in spite of the absence of physical virginity, as might happen in cases of saved prostitutes.”, ou seja, a Igreja Católica não excluía as prostitutas da redenção. Por outro lado, como refere OTIS (1985: 13), a Igreja condenava duramente quem lucrava com este negócio, como os proxenetas.

A ideologia cristã sobre a atividade prostitucional foi também refletida na legislação dos imperadores cristãos. Segundo BRUNDAGE (1987: 105-106), o Imperador Constantino (311-337) aplicou novas leis sobre a prostituição, tendo em conta a nova religião. Declarou ser ilegal ter mulheres cristãs a trabalhar num bordel; privou dos seus cargos senadores e homens da classe aristocrata que tivessem filhos com prostitutas. De forma a restringir o negócio, Constantinopla foi a localização escolhida para controlar a atividade, sendo requerido a todas as prostitutas que se mantivessem dentro dos limites da cidade. O imposto aplicado por Calígula sobre a prostituição continuou vigente pelo menos até ao ano de 439, permanecendo assim como uma das principais fontes de receita do

⁶¹ BRUNDAGE (1987: 106). Santo Agostinho, *De Ordine* 2.4.12. Tradução portuguesa do material de Família.

⁶² Estes argumentos de Santo Agostinho persistem até hoje como base de certas políticas e atitudes sociais. *Vide* ROSSIAUD (1988: 80-81) e GILFOYLE (1999: 123).

⁶³ Sobre as penitências, *vide* PAYER (2010: 3-16).

Estado. No geral, as políticas e atitudes em relação às prostitutas eram de repugnância e desprezo. Elas eram consideradas mulheres *infames*. Tendo em conta a sua condição, não se entendia como necessário estabelecer para elas mais medidas punitivas, colocando-as assim abaixo da preocupação da lei.

Com o imperador Justiniano (527-65), a política e a atitude para com as prostitutas foi de tolerância, mas principalmente de ajuda às mulheres deste meio, e não de desprezo e punição pelo seu estilo de vida. Justiniano tentou proteger as mulheres que eram obrigadas a prostituir-se, libertando todas as escravas que haviam sido sujeitas a tal brutalidade e retirando quaisquer direitos aos seus donos. Em 534, proibiu os bordéis na cidade de Constantinopla; aplicou multas a todos os que dirigissem negócios de sexo, assim como baniu todos os proxenetas de Constantinopla. Criou ainda um convento para todas as mulheres que decidissem deixar a profissão.⁶⁴

2. Idade Média

2.1. Alta Idade Média – até ao século X

2.1.1. Contextualização social

Com a queda do Império Romano, deu-se uma alteração completa do modo de vida da população europeia. A partir do século IV, ocorreu uma grande migração de povos germânicos para as províncias romanas, as chamadas “invasões bárbaras”.⁶⁵ Estes eram povos que não falavam grego ou latim, e tinham leis e costumes completamente diferentes dos romanos. No início do século VI, já não existia um governo único, pois o Império Romano dado lugar a vários estados governados por diferentes povos. No fim, as leis e costumes de ambos (bárbaros e romanos) modificaram-se, sendo a sociedade medieval, como diz Le GOFF (1983: 48), uma fusão dos dois mundos. Foi uma época em que se deu um processo de ruralização da Europa, e a principal atividade económica passou a ser a agricultura. Com o passar do tempo, os povos germânicos acabaram adotando o cristianismo como religião, seguindo assim a doutrina sexual da Igreja. As crenças sobre a sexualidade humana no início da Idade Média baseavam-se, essencialmente, nas ideias das

⁶⁴ Vide OTIS (1985: 13) e BRUNDAGE (1987: 120-121). O Convento do Arrependimento visava servir de refúgio para todas as prostitutas que desejassem deixar a sua vida de *infames*. Segundo Procópio (*De aedificiis* 1.9.5 – 10), este convento rapidamente albergou mais de quinhentas prostitutas, no entanto, nem todas elas se encontravam lá de livre vontade.

⁶⁵ Para informações mais detalhadas sobre as invasões bárbaras e os povos que fizeram parte destas, Vide Le GOFF (1983: 27- 63).

figuras patrísticas, como já referido, crenças que assentavam no repúdio dos prazeres carnis e na primazia do espírito sobre estes. Como explica CADDEN (2010: 55), tendo em conta estas teorias, alguns autores medievais defendiam que o prazer nas relações sexuais era para alguns um incentivo psicológico, a única forma de ultrapassarem a aversão de praticarem este ato tão vergonhoso e repugnante. E tal como defendia Santo Agostinho, o casamento era visto como um bem, pois prevenia males maiores como a fornicção.

Era muito raro um homem permanecer virgem até ao seu casamento, embora as suas aventuras não fossem jamais punidas.⁶⁶ Já as mulheres eram severamente reprimidas, sendo a castidade feminina considerada uma grande virtude. Contudo, muitos legisladores consideravam-na um marco impossível de alcançar. Mesmo quando afirmada, era motivo de suspeita, devido a um rol de características com que identificavam as mulheres e que são descritas na seguinte citação de BRUNDAGE (1976: 832-833):

Nonetheless, women commonly yielded to stray sexual desires, for a variety of reasons: they were overly trusting and put faith in the dubious promises of unworthy men; they were ignorant, sometimes so ignorant that they were unaware that adultery was sinful; or they might be separated from their spouses and despair of their return. Moreover, they were fickle and inconstant creatures by nature. They were soft of heart, moreover, and susceptible to sensual stimulation, which easily led them into sexual sins.

Qualquer delito por parte das mulheres arriscava a sua reputação e conseqüentemente a possibilidade de se tornar uma mulher de família através do casamento.

2.1.2. Prostituição

Devido à reduzida tolerância da Igreja para com a sexualidade humana, a prostituição sofreu várias repreensões por parte das autoridades. Segundo OTIS (1985: 13), o reino franco ou carolíngio é considerado o mais repressivo para com este grupo marginal.

Sabe-se pouco acerca do fenómeno da prostituição nestes povos. Segundo BRUNDAGE (1987: 133) o único código que tratou em detalhe deste tema foi o visigótico, no qual se refere que uma mulher acusada de prostituição levaria trezentas chicotadas, sendo libertada apenas com a condição de não voltar ao negócio. Se tal acontecesse seria novamente chicoteada e a seguir seria dada em casamento a um homem

⁶⁶ Os homens gozavam de grande liberdade sexual tendo acesso às criadas, campesinas, prostitutas, etc., uma vez que os autores do direito canónico reconheciam como naturais os seus apetites carnis. *Vide* BRUNDAGE (1976: 834).

pobre. O código inclui também referências às penas aplicadas aos pais e patrões que vendessem ou obrigassem mulheres a se prostituir, penalizações que incluíam multas e chicotadas públicas. No entanto, apesar destas atitudes de intolerância para com este meio de vida e para com os seus intervenientes, a prostituição acabou por florescer junto dos povos germânicos. A maior parte das mulheres que trabalhavam neste meio eram provavelmente vítimas capturadas como espólio nas expedições, uma vez que esta foi uma altura de vários confrontos militares.

Como explica OTIS (1985: 133), durante este período não havia um termo específico para designar a prostituta profissional. O termo “meretriz” que designava estas mulheres durante o Império Romano, correspondia agora às mulheres cuja conduta sexual imprópria havia envergonhado a família e/ou o marido.

2.2. Idade Média Central

2.2.1. Contextualização social

Após a chamada Reforma Gregoriana, entre os finais do século XI e o início do século XII, a Igreja tomou a supremacia dos assuntos relacionados com questões sexuais, com a elaboração de medidas que regulamentavam o casamento, a separação, a prostituição, etc. A lei canónica ganhou a independência da lei civil e tornou-se num sistema incontestável e de grande eficácia passando a deter maior poder sobre a moral sexual dos cristãos. Começou a incutir os mesmos valores aos restantes, assim como a perseguir e condenar todos aqueles que eram considerados hereges por não seguirem as suas regras.⁶⁷ Foi uma época de repressão sexual pura. Qualquer atitude que levasse à excitação e conseqüentemente à procura de satisfação do prazer era considerada pecado, como é evidenciado pela seguinte citação de BRUNDAGE (1987: 204):

Thus, telling dirty jokes or laughing of them, singing suggestive songs or listening to them, and producing, performing, or attending entertainments calculated to arouse prurient feelings were all forbidden to laymen and even more stringently to clerics. (...) Still more serious were touching, fondling or kissing, especially if the breasts or genitals were involved.

De forma geral, as autoridades clericais viam todo o tipo de sexo extramarital como um crime sujeito a castigo. Toleravam, contudo, alguns tipos de relações ilícitas como é o

⁶⁷ BRUNDAGE (1987: 183-199).

caso da prostituição. Apesar de os homens disporem de grande tolerância na sua atividade sexual, os autores do direito canónico tentaram, no entanto, inculcar novos hábitos sexuais na população criando crenças e leis de forma a restringir as suas práticas. Contudo, como explica BRUNDAGE (1987: 206-207), embora a fornicação fosse considerada uma ofensa sexual na lei canónica, não o era na lei civil.

A sociedade no século XII sofreu um grande crescimento populacional. Esta transformação demográfica foi acompanhada por um processo de urbanização. As novas cidades atraíram grande parte da população, o que levou a uma mudança também no modo de vida e no trabalho, pois as sociedades voltaram-se para o comércio e a manufatura. Criaram-se novas instituições como tribunais, novas leis e taxas, novos cargos oficiais de forma a governar as cidades, e a lei romana voltou a ser matéria de interesse.

A partir de 1140 surgem novas leis para regular os relacionamentos e a sexualidade humanos.⁶⁸ No que respeita ao negócio da prostituição, Graciano seguia a doutrina dos autores antigos da Igreja, mais precisamente a de São Jerónimo, que identificava a prostituta como: “Meretriz é aquela que está à disposição da lascívia de muitos”⁶⁹. Tendo em conta esta definição, para ele uma mulher era identificada como prostituta se tivesse relações com vários homens, quer cobrasse ou não pelo seu serviço.⁷⁰ Ou seja, a principal característica do negócio da prostituição na Idade Média baseava-se no critério da promiscuidade e não no lucro. O conceito comum neste período, explorado por BRUNDAGE (1976: 827) apresentava a seguinte definição: “Promíscuo, isto é, que se une de forma indiferente e sem distinções, como se por amor canino. Os cães, de facto, unem-se de forma indiferente e sem distinções.”⁷¹ A promiscuidade é identificada como uma característica feminina, animalesca e detestável, sendo as relações sexuais das mulheres comparadas às dos cães, que se conduzem pelo desejo e pelas vontades irracionais. O parâmetro da transação económica – troca de serviços sexuais por dinheiro – inerente a este negócio e utilizado como critério de identificação do fenómeno é relegado para

⁶⁸ Nesta época, Graciano, um jurista, completou a obra de direito canónico *Harmonia dos Cânones em Discordância (Concordia discordantium canonum)*. Esta foi de extrema importância para a Igreja Católica, pois foi uma compilação da totalidade de normas canónicas existentes ao longo dos séculos editadas pela Igreja, embora, algumas delas fossem contraditórias entre si. Vide BRUNDAGE (1987: 229-234).

⁶⁹ São Jerónimo, *Epistolas* 64.7 ad Fabiolam: *meretrix, quae multorum libidini patet*. Cf. BRUNDAGE (1976: 827).

⁷⁰ KARRAS (2010: 243) e BRUNDAGE (1987: 248).

⁷¹ C. 27 q. Ic. 41 glos. ord. ad v. promiscuum: "Promiscuum, id est, indifferenter et indistincte comiseret scilicet canino amore. Canes enim indifferenter et indistincte comiserentur."

segundo plano na Idade Média, tornando esta atividade um problema mais social e cultural do que económico.

Segundo BRUNDAGE (1987: 249, 308-310) e (2010: 43-44), os legisladores do Direito Canónico deste período incentivavam os fiéis a não confraternizar com prostitutas, pois desprezavam este negócio, contudo, toleravam-no. Puniam todavia os homens que incentivassem as suas esposas a ganhar a vida através desta atividade, assim como obrigavam a separar-se todos aqueles que descobrissem que as esposas o faziam.

Como explica ROSSIAUD (1988: 47; 75), no século XIII, alguns pensadores começavam a ter uma visão mais aberta e flexível no que diz respeito à sexualidade humana, e entendiam o sexo e o prazer como algo natural e inerente à condição humana. Contudo, continuavam a existir defensores das teorias de Santo Agostinho, que viam o sexo e o prazer carnal como algo pecaminoso, e que consideravam que as mulheres deveriam ter maior pudor e modéstia sexual do que os homens.⁷²

De acordo com RICHARDS (1993: 48), a fornicação continuava a não ser considerada uma ofensa sexual na lei civil. As autoridades clericais, por sua vez, classificavam-na como um pecado mortal e desejavam acabar com esta prática. Como tal, após 1287, a Igreja declarou que todos aqueles que defendiam que fornicação não era um pecado eram hereges.⁷³ Em 1215, a Igreja instituiu oficialmente o Tribunal da Inquisição, que se destinava a perseguir, inquirir e condenar os chamados “hereges”, ou seja, todos aqueles que tinham ideias contrárias aos dogmas defendidos pela Igreja Católica.⁷⁴ Esta instituição terá particular força no século XV, altura em que foi criado um “manual de instruções” para os inquisidores para combater os hereges, a obra *Malleus Maleficarum* ou *Martelo das Bruxas* de Heinrich KRAMER & Jakob SPRENGER (1487?) que será analisada no Anexo A, como complemento desta investigação.

Os séculos XIII e XIV foram também marcados por alguma intervenção das autoridades municipais em questões ligadas ao comportamento sexual e ao casamento.

⁷² Crenças que persistiam principalmente em zonas rurais. Vide BRUNDAGE (1987: 422- 429).

⁷³ Como refere OTIS (1985: 106), com base nos registos de Jacques Fournier (bispo Inquisidor, e Papa Bento XII), nos interrogatórios era normal os inquisidores questionarem os seus suspeitos acerca da sua visão sobre a simples fornicação, e na sua maioria, muitos dos acusados viam-se obrigados a assumir que a consideravam um crime mortal, com medo das consequências. No entanto, os inquisidores por vezes tentavam apanha-los numa armadilha, perguntando-lhes se sexo com uma prostituta era também um pecado.

⁷⁴ De modo geral, a Inquisição é conhecida como uma instituição que atuava sem dó nem piedade, perseguindo, torturando física e psicologicamente, assim como condenando à fogueira muitos homens e mulheres, na sua maioria inocentes. Vide ABREU (2007: 195-198).

2.2.2. Prostituição

O interesse pela lei Romana causou o ressurgimento de velhas noções e leis sobre o negócio da prostituição, tais como: a prostituta ter direito ao seu salário; a validade do estigma permanente ligado à condição de prostituta e a impossibilidade de casamento de prostitutas e das suas filhas com homens nobres ou respeitáveis. Segundo OTIS (1985: 16; 66-67), surge também nesta época uma nova expressão para designar a prostituta: “*meretrix publica*”. As prostitutas eram também designadas como *infames*, e estavam sujeitas a todas as incapacidades legais inerentes a esta condição, entre elas a impossibilidade de testemunhar ou de fazer acusações em tribunal, como já acontecia na lei romana.

Os especialistas em direito canônico dos finais do século XI e ao longo dos séculos XII e XIII tinham como principal objetivo a reabilitação daquelas que eles consideravam ser mulheres perdidas, ou seja, queriam encaminhar as prostitutas para uma vida honesta. Para tal, as mulheres tinham que se arrepender, fazer penitência pelas depravações cometidas, ficando assim absolvidas da excomunhão, e livres das incapacidades legais ligadas àquele modo de vida. Poderiam depois optar pela vida religiosa, uma vez que foram criados conventos específicos para este grupo. Como explica BRUNDAGE (1976: 841-842), eram os “Conventos ou lares de Madalena”, assim conhecidos pela sua associação à figura bíblica de Maria Madalena, a prostituta que através do arrependimento terá alcançado a salvação. Estas instituições destinavam-se também a “velhas prostitutas”, uma vez que a “carreira” de uma prostituta era normalmente de curta duração. Chegando a uma certa idade, estas tinham que se retirar ou se arrepender. Estas ex-prostitutas eram vistas como um perigo para a sociedade, pois as autoridades temiam que corrompessem as mulheres honestas, tornando-se suas alcoviteiras. Era por isso melhor criar instituições de forma a afastá-las das restantes mulheres. Contudo, como refere ROSSIAUD (1988: 36) estas comunidades de irmãs arrependidas eram poucas, e todas elas possuíam diferentes normas e regulamentações. Segundo OTIS (1985: 72-76) existem registos das leis em vigor em duas instituições, nomeadamente a das “Irmãs de Santa Catarina de Montpellier”, que se destinava a todas as mulheres pecadoras, e o único requerimento era que estas trouxessem a sua cama, as suas roupas e uma soma determinada de dinheiro. Neste convento todas as mulheres tinham direito a um período experimental de um ano, durante o qual podiam decidir casar e deixar o convento, embora não pudessem pedir o seu dinheiro

de volta. Após a fase experimental, elas já não eram livres de abandonar o convento. Os seus castigos por faltas cometidas no convento eram na sua maioria muito ligeiros, como por exemplo ficarem impedidas de beber vinho às refeições. Apenas em casos graves, como, por exemplo, serem acusadas de fornicação ou de desobediência grave, podiam ser expulsas ou ficarem enclausuradas. Esta era uma instituição municipal, contudo não era uma comunidade fechada, uma vez que permitia que as mulheres saíssem. Simplesmente não podiam comer ou beber na cidade. Outra comunidade que deixou registo das normas que regulavam a vida das suas residentes foi a das “Irmãs de Santa Maria Madalena dos Milagres de Avignon”. Esta instituição destinava-se apenas a pecadoras abaixo dos vinte e cinco anos, que tinham direito a uma fase experimental de oito a dez dias. Após entrarem para a ordem, teriam de jurar obediência e castidade e aceitar a sua nova forma de vida no convento. Durante o Advento e a Quaresma tinham de se confessar uma vez por semana. Os castigos para pequenas ofensas requeriam uma dieta a pão e água. Já as grandes ofensas eram punidas por enclausuramento.

As ex-prostitutas que se arrependessem podiam também levar uma vida respeitável e casar. Após o decreto de Inocêncio III em 1198, casar com uma mulher que havia sido prostituta já não era proibido. Era sim considerado um ato piedoso e os homens cristãos respeitáveis que fossem capazes de tal ação eram considerados de grande valor e merecedores de recompensas espirituais, como a remissão dos seus próprios pecados. Contudo, tal prática não foi muito bem sucedida, pois a reputação da mulher que havia sido prostituta marcá-la-ia para sempre e, conseqüentemente, ao marido que a aceitasse. Por isso, em algumas partes da Europa foram criados mais incentivos para um maior sucesso desta medida, como dar dotes a estas mulheres, o que já as tornava mais apelativas para os homens, pelo menos os mais pobres.⁷⁵

Nos séculos XII e XIII, a prostituição floresceu nas cidades e vilas europeias, devido ao aumento da população e da pobreza, pois com o abandono da agricultura e urbanização das cidades, as mulheres tinham menos recursos, habilidades e possibilidades de sustento. Viam-se assim obrigadas a enveredar por este estilo de vida para sobreviver. Contudo, a razão para a “escolha” daquele modo de vida é motivo de especulação para muitos autores. Como explica BRUNDAGE (1976: 835-836), segundo a maioria dos especialistas em direito canónico, as prostitutas agiam simplesmente de acordo com o seu carácter sexual.

⁷⁵ KARRAS (1998: 81-82); BRUNDAGE (1976: 842-843) & (2010: 44) e ROSSIAUD (1988: 37; 84).

São Tomás de Aquino defendia que elas eram facilmente atraídas para aquela vida pela sua ganância e ambição.⁷⁶ Hostiensis justificava a entrada destas na prostituição pela sua natureza insaciável e luxuriosa⁷⁷, uma vez que, como fundamentam BRUNDAGE (1987: 464) e SIMONS (2011: 192), a luxúria estava associada a este género de mulheres, assim como as mulheres luxuriosas eram consideradas famintas de sexo e sémen. Como explica CADDEN (1993: 142), alguns escritores de textos sobre medicina como William de Conches, na sua obra *Dragmaticon*, defendiam que as prostitutas se dedicavam àquela vida porque eram estéreis, o que se devia à sua falta de prazer no sexo. Esta teoria da esterilidade das prostitutas provinha da crença de que o útero era um simples recipiente do sémen. Acreditava-se que o útero das prostitutas fechava, devido à grande quantidade de relações sexuais que elas mantinham, evitando assim que o sémen entrasse. Como referem CADDEN (1993: 92-94) e KARRAS (1998: 82), outros médicos defendiam também que o útero das prostitutas se tornava extremamente escorregadio impedindo a fixação do sémen. Segundo SIMONS (2011: 196), outros argumentavam ainda que a esterilidade destas mulheres se devia ao facto de as mulheres não produzirem semente. Tais crenças são evidenciadas no texto de um manuscrito medieval, explorado por CADDEN (1993: 93-94):

A concepção não pode acontecer com uma únida semente. Uma mulher não concebe a não ser que se unam a semente do homem e a da mulher. Por esta razão, as prostitutas que apenas têm relações a troco de dinheiro não têm nenhum prazer e não geram nem emitem nada.

Sabemos, contudo, que muitas prostitutas da época tiveram filhos. Infelizmente faltam dados e provas suficientes para saber quantas os chegaram a criar e/ou abandonar. Tendo em conta que os filhos de uma prostituta provavelmente sofreriam das mesmas necessidades e condições da mãe, as suas alternativas de subsistência eram muito poucas. Em relação às prostitutas que porventura não terão engravidado, podemos procurar uma explicação nos métodos contraceptivos e abortivos da altura – referidos no início deste capítulo – no entanto, sem quaisquer certezas de que terão realmente funcionado. Como defende RIDDLE (1994), estes eram particularmente conhecidos pelo sexo feminino. Entre o século XII e o século XIII, é conhecida a existência de uma médica conhecida pelo nome de Trótula – que teria praticado medicina em Salerno e terá escrito tratados sobre os

⁷⁶ S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* 2-2.118.8 ad 4.

⁷⁷ Hostiensis, *Lectura* ad X 4.1.20 § 6.

problemas médicos das mulheres.⁷⁸ Segundo RIDDLE (1994: 142) e ROSSIAUD (1988: 124-125), também as prostitutas eram conhecidas por terem os seus segredos para não engravidar. Há, contudo, que ter em conta que muitas destas mulheres também praticavam sexo não procriativo, o infanticídio e a exposição, outras também contraíam doenças infecciosas e outras que provocavam a esterilidade.⁷⁹

Predominavam ainda outras teorias, por exemplo como explica LEMAY (1980: 131) que não era culpa da mulher a escolha daquele estilo de vida, mas sim dos astros, ou seja, das influências astrológicas a que estiveram sujeitas quando nasceram. Hoje analisando a história deduzimos que as necessidades económicas e individuais devem ter sido o motivo da escolha deste tipo de vida para muitas mulheres na Idade Média. Uma escolha feita dentro de um sistema económico e social que não era nada favorável ao sexo feminino. Muitas delas devem ter sido vítimas de coerção e de tráfico por parte de terceiros.

As prostitutas continuavam a ser identificadas pela sua promiscuidade sexual, contudo, as autoridades discordavam do número de clientes que as qualificariam como prostitutas. Como nota BRUNDAGE (1987: 390; 465), em algumas jurisdições locais espanholas, estas eram classificadas como prostitutas se tivessem cinco ou mais amantes; as leis de Savigliano (cidade italiana) em 1305, declaravam-nas prostitutas se tivessem quatro ou mais parceiros; as leis de Alfambra (cidade espanhola) estipularam o mínimo de onze parceiros; e em Cremona (cidade italiana) foi estabelecido que se tivessem relações com dois ou mais homens eram prostitutas.

Como já foi dito, até ao século XIV, a prostituição era um negócio recorrente, sendo considerada necessária, mas desprezível. Na sua maioria, a atitude para com esta atividade era de tolerância, contudo, como foi explicado por BRUNDAGE (1987: 467-469), OTIS (1985: 17-22, 79-82), ROSSIAUD (1988: 56-58), ROBERTS (1996: 90-92) e BRACKETT (1993: 277-278), foram tomadas medidas de forma a restringi-la. Certas cidades proibiram as prostitutas de exercerem e/ou de viverem dentro da cidade, como é o caso da cidade de Toulouse em 1201. Outras proibiram-nas de frequentarem e viverem em certos bairros, normalmente frequentados por mulheres e homens decentes, como é o caso de leis aplicadas nas cidades de Arles e Avignon, em 1240. Em Avignon, em 1243 estas foram também proibidas de frequentar os banhos públicos. Outras cidades mandaram destruir os bordéis e prender os proprietários, como é o caso de York, em 1301. Houve

⁷⁸ RIDDLE (1994: 124-126).

⁷⁹ CADDEN (1993: 93-94); KARRAS (1998: 82-83) e ROSSIAUD (1988: 125).

também necessidade de as distinguir das mulheres respeitáveis através da roupa, pois o sucesso de muitas mulheres neste negócio dependia do facto de não parecerem prostitutas. A sua intenção era demonstrarem ser mulheres decentes, de forma a evitar o seu registo na atividade, mas ao mesmo tempo parecerem estar sexualmente disponíveis, e aí a roupa desempenhava um papel importante neste engano. Algumas cidades optaram por distingui-las através da cor, obrigando as prostitutas a usar determinadas cores: em Augsburg, era o verde; em Viena e Leipzig, era o amarelo; e em Zurique, o vermelho. Noutras cidades, eram identificadas pelo estilo da roupa; noutras pelo uso de insígnias: em Bristol e Londres, tinham de usar toucas às riscas; em Berna e Zurique, toucas vermelhas; em outras cidades havia também restrições para os adereços e as joias que elas podiam usar. Em Avignon, em 1243, as restrições foram ainda mais pesadas quando as proibiram de tocar no que quer que fosse no mercado, sob pena de serem obrigadas a comprar. As prostitutas que infringissem as regras sofriam multas avultadas e viam muitos dos seus artigos apreendidos, ou então eram presas e/ou vítimas de agressões físicas. Foram estas medidas de restrição e segregação que progressivamente agravaram a marginalização deste grupo, tornando-a exteriormente visível.

Todas as pessoas que induziam estas mulheres àquele modo de vida e obtinham lucro à custa do seu trabalho, fossem família, proxenetas ou donos de estabelecimentos onde as prostitutas trabalhavam, estavam sujeitas a grandes penalizações. Os mais severamente punidos seriam os proxenetas, que eram por definição considerados *infames*. Devido ao sentimento de repugnância e intolerância para com estes, todas as transgressões cometidas pelas mulheres sob o domínio dos proxenetas eram consideradas da sua responsabilidade.⁸⁰

Certas cidades como Viena, contudo, adotaram uma prática de tolerância reprimida, isto é, toleravam a existência do negócio, mas aplicavam leis que tornavam as prostitutas vulneráveis a repreensões e agressões, como por exemplo não se poderem defender legalmente contra violações.⁸¹ Isto quer dizer que os legisladores entendiam que pela natureza do seu negócio, estas mulheres estariam sempre disponíveis para quem as quisesse, sem poderem recusar. Já noutros locais eram protegidas de tais abusos, como por exemplo na Sicília onde prescreviam inclusive a pena de morte para homens que violassem prostitutas.⁸² No geral, elas eram julgadas como imorais, mercenárias e traiçoeiras e devido

⁸⁰ BRUNDAGE (1987: 392).

⁸¹ Lei Municipal da cidade de Viena, adotada em 1221. *Vide* OTIS (1985: 68).

⁸² Constituição de Melfi, adotada em 1231. *Vide* OTIS (1985: 68).

à natureza do seu trabalho e à credibilidade do seu caráter não podiam fazer acusações criminais, sendo negligenciadas perante a lei. A sua capacidade para se defender de abusos e violência era bem limitada e os ataques que sofriam raramente eram punidos.⁸³

Como refere ROSSIAUD (1988: 55-56), algumas cidades e países mais conservadores e menos tolerantes para com este negócio publicaram decretos para a expulsão das prostitutas, como é por exemplo o caso de Veneza em 1266 e 1314, e da França em 1254 e 1256. No entanto, estas eram ações de curto prazo. Na sua maioria, as cidades aplicavam uma política de tolerância para com estas mulheres, e a prostituição continuou a ser um negócio próspero e em desenvolvimento nestes séculos.

De acordo com ROSSIAUD (1988: 55), os bordéis, as tabernas e os banhos eram dos locais mais utilizados para este negócio sendo frequentemente representados na arte como espaços de prostituição. Eram considerados locais infames que deveriam ser evitados por pessoas decentes. Eram espaços que estavam ligados a um submundo do crime.

O pagamento que as prostitutas recebiam pelos seus serviços era matéria de interesse e de discussão, principalmente entre os homens da Igreja. A ambiguidade da sua profissão, e consequentemente do seu rendimento, é bem evidenciada na seguinte citação de Thomas de Chobham, no seu Manual de Confissão, que Le GOFF (1980: 95) resume:

As prostitutas, escreve, devem ser incluídas entre os mercenários. Na verdade, elas alugam o corpo e fornecem um trabalho... Daqui resulta este princípio da justiça secular: ela age mal sendo prostituta, mas não age mal recebendo o preço do seu trabalho, admitindo-se que é prostituta. Daqui conclui-se que ela se pode arrepender de se prostituir, e contudo conservar os benefícios da prostituição para os transformar em esmolas. Mas, se se prostitui por prazer e se aluga o corpo para que ele tenha prazer, então o seu trabalho não é louvável e o ganho é tão vergonhoso quanto o ato. O mesmo sucede, se a prostituta se se perfuma e se adorna de forma a atrair, por falsas aparências, e faz crer numa beleza e em atrativos que não possui, comprando o cliente que vê e que, neste caso, são mentiras. Ao fazê-lo a prostituta comete um pecado e não deve guardar o rendimento que dele tira. Se, com efeito, o cliente a visse tal como ela é, não lhe daria mais que um óbulo, porém dá-lhe um dinheiro, porquanto ela lhe parece bela e resplandecente. Neste caso, ela apenas deve guardar um óbulo e restituir o resto ao cliente que iludiu, ou dá-lo à Igreja ou aos pobres...

Por norma, as prostitutas eram consideradas mulheres de mau caráter que ganhavam o seu dinheiro a enganar os homens. Contudo, o dinheiro que elas lucravam com os seus serviços era, no geral, considerado seu por direito “(...) ela age mal sendo prostituta, mas

⁸³ BRUNDAGE (1976: 839-840).

não age mal recebendo o preço do seu trabalho (...)”.⁸⁴ Segundo a citação, o que era considerado condenável era o exercício da atividade por prazer, sendo “(...) o ganho tão vergonhoso quanto o ato”. Durante algum tempo, as ofertas destas mulheres à Igreja foram motivo de discussão pelos seus membros. Como referem BRUNDAGE (1987: 393; 465-466), e ROSSIAUD (1988: 83), alguns defendiam que aceitar oferendas destas mulheres era pecado, pela forma como ganhavam dinheiro, como tal, tais ofertas deviam ser recusadas. Entre estes, muitos argumentavam que receber as suas esmolas era proibido segundo as Escrituras: (DEUT. 23:18-19):

Entre os israelitas não haverá prostituta sagrada, nem prostituto sagrado entre os israelitas. Não leves à casa de Javé teu Deus, como cumprimento de um voto, o salário de uma prostituta sagrada, nem o pagamento de um prostituto sagrado, porque os dois são abomináveis para Javé teu Deus.

Outros rejeitavam esta teoria ao contra-argumentarem que se por lei elas tinham o direito legal de ficar com o dinheiro que recebiam pela sua profissão, tinham também o privilégio de oferecê-lo a quem desejassem. Como é referido na citação, principalmente se estas arrependessem e transformassem esse dinheiro em esmolas. Segundo BRUNDAGE (1987: 393-394), a visão maioritária dos homens da Igreja era de que seria melhor aceitar os seus donativos, como aceitavam doações caridosas e usá-lo para fins piedosos e beneficentes do que deixá-lo para as prostitutas, que provavelmente, só lhe iriam dar mau uso. Na prática a Igreja raramente recusava as oferendas destas.

2.3. Baixa Idade Média

2.3.1. Contextualização Social

A população diminuiu drasticamente devido ao surto da Peste Negra, que em 1348 devastou a Europa e que provocou mudanças drásticas na sociedade. O período entre os séculos XIV e XVI foi marcado por várias crises religiosas e políticas, assim como por guerras, como por exemplo a Guerra dos Cem Anos (1338-1453) que opôs a França e a Inglaterra. O trabalho tornou-se escasso em muitas regiões. Como tal, a estrutura social, política e económica foi completamente alterada pelas consequências da praga, das guerras e da miséria que se faziam sentir. A população continuava a ser em parte urbana. Foi uma

⁸⁴ No entanto, como já referido, por lei elas não tinham autoridade de recorrer na justiça ou a qualquer outra instituição, caso os clientes não lhes pagassem.

época de grande crescimento e expansão das universidades europeias, em especial as de direito e direito canónico, que atraíam alguns jovens. Os fins do século XIV marcam também o início do Renascimento, este que foi um movimento cultural que alastrou pela Europa entre os séculos XV e XVII.

Na lei, a intervenção dos governos e das autoridades municipais na regulamentação dos comportamentos sexuais tornou-se notável essencialmente no final do século XIV. Contudo, as ideias só se alteraram na lei e na doutrina no século XVI. O sexo continuava a ser um assunto social e os legisladores deste período continuavam a ter uma visão obscura do prazer carnal e do sexo.⁸⁵ Segundo BRUNDAGE (1987: 491-492), os crimes sexuais passaram a ser punidos mais severamente após a epidemia da Peste Negra. Depois do surto, as cidades começaram a restringir os comportamentos sexuais e a desencorajar com punições mais severas todas as aventuras sexuais consideradas ilícitas. Instituíram-se proibições tais como: homens falarem abertamente com as mulheres nas ruas; toques inapropriados entre homens e mulheres; etc. Estas leis refletiam as crenças defendidas pelos autores do direito canónico de que a aproximação entre os sexos levava à troca de carícias, toques desonestos, comportamentos inapropriados como beijos e, conseqüentemente, à atividade sexual.

Persistiam igualmente crenças populares de que o comportamento das mulheres precisava de maior supervisão do que o dos homens, pois eram consideradas sexualmente mais sedentas, vorazes e insaciáveis. Elas seriam a verdadeira tentação e causa do pecado.⁸⁶ Estas crenças eram sustentadas por teorias médicas de autores como Alberto Magno, que na sua obra *Quaestiones super De animalibus*, um comentário à obra zoológica de Aristóteles, considerava as mulheres mais suscetíveis de corrupção pela sua fraqueza de razão, e pela sua constante disponibilidade sexual.⁸⁷ Apoiando-se em Aristóteles, defendia que as mulheres desejavam e estavam sempre prontas para o coito, como é evidenciado na seguinte citação de Alberto Magno: “No entanto, a mulher porque

⁸⁵ Por exemplo, no casamento já ninguém contestava que as relações sexuais eram essenciais tanto para o propósito da procriação, como para evitar relacionamentos ilícitos. No entanto, estas ainda continuavam sujeitas a diversas restrições como por exemplo evitar carícias lascivas ou a nudez entre o casal. *Vide* BRUNDAGE (1987: 487- 490; 503-508).

⁸⁶ SALISBURY (2010: 86-87); MURRAY (2010: 125-127) e BRUNDAGE (1987: 492).

⁸⁷ CADDEN (1993: 140).

nem sempre manteve relações sexuais com emissão [da semente], mas tem também outros prazeres nas relações sexuais e está sempre preparada para as relações sexuais.”⁸⁸

A concubinação passa também a sofrer grandes penalizações, pois no início do século XVI, a partir do concílio de Latrão em 1514 esta é considerada uma prática ilícita.⁸⁹ O estatuto da concubina tornou-se ambíguo porque as autoridades faziam grandes esforços para distinguir as mulheres honestas das prostitutas. No entanto, as concubinas mantinham-se numa situação ambígua, pois tinham relacionamentos impróprios, não honrados pelo casamento, muitos de pouca duração, o que evidenciava o seu caráter promíscuo. Contudo, não se registavam como as prostitutas, nem eram obrigadas a viver nos bordéis. Daí provinha a grande dificuldade de as distinguir das mulheres respeitáveis.⁹⁰

2.3.2. Prostituição

Ao longo do século XIV e início do século XV, a prostituição passou a ser encarada como um negócio público e legítimo, no qual os governos das cidades estavam envolvidos tanto na posse como na gestão dos bordéis.⁹¹ Estes situavam-se em bairros destinados à prostituição – que já vinham a ser instaurados e autorizados desde o fim do século XIII – áreas que facilmente se multiplicaram. No entanto, apesar de ser preferível coloca-las nos subúrbios, ou seja, fora dos limites das cidades, estes bairros, dependendo das autoridades, existiam tanto dentro como fora do centro urbano.⁹² Segundo OTIS (1985: 49), pelo menos em Itália, estas zonas de prostituição eram intituladas de *postribulum*. Nestes bairros, as prostitutas tinham o direito permanente de residência, não podendo ser expulsas pelos vizinhos. No entanto, no final do século XIV, as inúmeras casas de prostituição foram

⁸⁸ Alberto Magno, *Quaestiones super De animalibus*, X, tr. I, c. I.

⁸⁹ As penas para quem continuasse com concubinas variavam entre multas e atos de penitência pública. Sendo a concubinação ilegal, as concubinas também foram bastante desfavorecidas pela lei: ficavam proibidas de receber heranças do parceiro; proibidas de testemunhar em tribunal; podiam ser acusadas de roubo se ficassem com algo que lhes fora prometido pelo parceiro; e os filhos também eram proibidos de receber propriedades do pai. *Vide* BRUNDAGE (1987: 514-516).

⁹⁰ GHIRARDO (2001: 406).

⁹¹ Existem várias teorias entre os historiadores sobre a institucionalização deste negócio nestes séculos, entre elas: a prostituição legalizada era vista como uma forma de evitar um mal maior, neste caso a homossexualidade; outros recorrem ao argumento clássico, de que esta era uma forma de proteger mulheres decentes de estupros; ou que a prostituição era inevitável, mas que devia ser limitada, etc. *Vide* OTIS (1985: 100-105; 110).

⁹² Confina-las aos bairros dos subúrbios era uma forma de afastá-las dos centros urbanos, no entanto, tornava efetiva uma certa segregação que as associava ao mundo do crime e da marginalidade. Os bordéis públicos situados dentro ou fora da cidade tinham como principais características a acessibilidade (uma única rua ou casa), o controlo por parte das autoridades municipais e a invisibilidade por parte das camadas respeitáveis. *Vide* NORBERG (2013: 394); OTIS (1985: 25-39; 77-79); ROSSIAUD (1988:59-61); GHIRARDO (2001: 418) e BRACKETT (1993: 280-281).

quase todos reduzidas a uma única – uma das exceções são os grandes centros urbanos italianos – de forma a esta atividade ser mais facilmente controlada pelas autoridades municipais. Grande parte destas casas estava sob a gestão das prostitutas.⁹³ Como explica OTIS (1985: 82-83), nos bordéis públicos, as prostitutas, normalmente, pagavam ao gerente as despesas com o quarto e serviço por dia.

Depois de serem definidas as zonas específicas para o seu negócio, as prostitutas eram obrigadas a restringir a sua atividade a estes locais, e existiam leis para regular os seus comportamentos. Como referem GHIRARDO (2001: 402), OTIS (1985: 85-86) e ROSSIAUD (1988: 8-9), entre as medidas vigoravam o encerramento dos bordéis na semana santa, no Natal e durante os períodos em que havia epidemias. Havia regulamentações relativas ao vestuário e à utilização de determinados adereços; outras medidas requeriam que elas fossem identificadas por insígnias, normalmente uma manga de tecido ou cor diferente. Foram também proibidas de aparecer publicamente em determinados dias; e/ou de participar na celebração de certas épocas festivas; e/ou de frequentar a cidade por tempo limitado; e/ou de entrar em certos estabelecimentos, e/ou de participar em outras atividades comerciais. Segundo OTIS (1985: 79-82), a principal preocupação das autoridades era evitar que as mulheres honestas entrassem em contato com prostitutas. Certas cidades adotaram medidas ainda mais restritivas, por exemplo tentaram até limitar os clientes a quem poderiam oferecer os seus serviços, como era o caso dos judeus em Avignon, ou de pessoas doentes, como aconteceu em Pamiers. Contudo, os clientes quase nunca sofriam qualquer tipo de punição.⁹⁴

Os termos que se referiam à prostituta também sofreram alterações. Segundo OTIS (1985: 50), no fim do século XIII e início do século XIV, por vezes identificavam uma prostituta dando uma pequena definição do que ela fazia: em Nimes identificavam-nas como aquelas “mulheres que se oferecem por dinheiro”; em Uzès identificavam-nas como “mulheres insignificantes e vulgares”. No fim do século XIV, surge uma nova expressão para as classificar: “mulheres públicas” (*mulieres publice*). A prostituta era agora uma mulher que trabalhava na “casa pública”, ou seja, no bordel municipal.

Nesta altura, distinguem-se quatro tipos de prostitutas, categorias definidas de acordo com o local onde trabalhavam. As primeiras eram as prostitutas mais protegidas pela lei,

⁹³ OTIS (1985: 38, 49-52; 54; 61).

⁹⁴ No entanto, existem exceções como é o caso de multas aplicadas a clientes casados, que frequentavam bordéis, em cidades alemãs. *Vide* BRUNDAGE (1987: 525-526) e OTIS (1985: 84-85).

eram as que trabalhavam nos bordéis públicos, locais geridos pelas autoridades públicas e municipais. As prostitutas que trabalhavam nestes estabelecimentos eram as que tinham proteção oficial e privilégios cívicos.⁹⁵ Como explicam ROSSIAUD (1988: 5) e KARRAS (2010: 244-245), normalmente, estas não estavam enclausuradas nestes bordéis, uma vez que tinham a liberdade de solicitar os clientes nas tabernas e noutros locais públicos. Contudo, estavam sujeitas a diversas restrições, tais como os locais que podiam frequentar, os relacionamentos que podiam manter com terceiros, assim como eram obrigadas a trazer os clientes para o bordel. No geral, a política para com estas era de tolerância, uma vez que eram consideradas pela sociedade como um bem público.⁹⁶

De acordo com ROSSIAUD (1988: 5-6; 43), OTIS (1985: 98-99) e BRUNDAGE (1987: 521), a segunda categoria de prostitutas incluía as profissionais especializadas que trabalhavam nos banhos. Estas instalações eram maioritariamente privadas e visto ser um negócio legítimo e muito rentável, beneficiava muitas vezes de investimentos de pessoas respeitáveis e poderosas na sociedade, tais como de figuras eclesiásticas e comerciantes ricos, sem danos à sua honra.

Como explicam ROSSIAUD (1988: 7; 30-31), e BRUNDAGE (1987: 521), a terceira categoria de prostitutas incluía as que trabalhavam em bordéis privados. Estes estabelecimentos eram na sua maioria geridos por mulheres que eram frequentemente ex-prostitutas, e/ou também algumas viúvas e mulheres casadas com artesãos e/ou donos de estalagens. Estas mulheres utilizavam as suas casas como bordéis. Algumas destas “madames” eram simples intermediárias, recebendo os clientes e as prostitutas em sua casa; ou então simplesmente faziam os “contratos” entre as prostitutas e os clientes; outras recrutavam jovens raparigas, muitas delas vítimas de violações ou da pobreza, para entrar na atividade; outras providenciavam serviços apenas para homens de classe social elevada, recrutando virgens para os seus clientes. Contudo, este era um negócio de pequena escala.

Segundo ROSSIAUD (1988: 7; 31-32) e BRUNDAGE (1987: 522), a última categoria de prostitutas era a das que trabalhavam na rua – procurando clientes em

⁹⁵ Em França, no século XV, a *mulier publica* não tinha quaisquer impedimentos legais, pois existem registos de contratos de casamentos destas mulheres, testamentos, contratos de gestão e arrendamento de bordéis. Existem também registos de acusações feitas por estas mulheres contra tentativas de estupro e agressões, e também existem arquivos das multas aplicadas a diversos cidadãos que as atacaram nos séculos XIV e XV. Vide OTIS (1985: 68-69) e ROSSIAUD (1988: 35; 64).

⁹⁶ Como diz ROSSIAUD (1988: 43): “Not only did prostitutes have a social responsibility; they had a moral responsibility as well, since they contributed to the defence of collective order. (...) the *filles communes* helped to defend the honour of women ‘of estate’ and protect them from unruliness. They also participated in the struggle against adultery (...)”.

tabernas, praças, etc. Estas provavelmente teriam particular sucesso nos dias de festas, de feiras ou quando vinha grande número de visitantes para as cidades. Este tipo de prostituição era a mais recorrente, como se pode concluir pela análise feita, na prática nunca deixou de existir. Estas mulheres trabalhavam individualmente para sobreviver ou então eram dependentes de proxenetes, que tanto as protegiam de abusos, como as exploravam económica e sexualmente.

Sendo um fenómeno comum é difícil saber ou estimar o número de mulheres que trabalhavam em cada categoria.⁹⁷ Contudo, como explicam ROSSIAUD (1988: 30) e GHIRARDO (2001: 408), era requerido que todas as mulheres que tivessem relações sexuais com mais do que um homem se registassem como prostitutas públicas, ficando assim associadas à condição destas, ou seja, confinadas às zonas de prostituição e ao pagamento de uma taxa. Em relação à sua origem, os únicos dados concretos é que do século XIV ao século XVII a migração era muito comum neste meio e elas eram na sua maioria de origem pobre. As mulheres mudavam de cidade ou país para exercerem a profissão de prostitutas, quer por necessidade económica quer social.⁹⁸ Algumas trabalhavam apenas em troca de comida e roupa.⁹⁹

Quanto aos seus ganhos económicos, é igualmente difícil estipular valores, sabendo, contudo, que os bordéis municipais, na sua maioria, tinham lucros elevados.¹⁰⁰ Segundo ROSSIAUD (1988: 31; 61), também os proprietários dos banhos conseguiam retorno do dinheiro investido, estando no topo da hierarquia relativamente aos lucros deste negócio. Como refere BRUNDAGE (1987: 523), em relação aos proveitos das prostitutas que trabalhavam de forma individual, os seus rendimentos eram os mais variados possíveis, dependendo: do local e das condições em que trabalhavam; das suas habilidades e competências pessoais; da sua dependência em relação a terceiros: e da concorrência, que era grande neste negócio. No entanto, de acordo com OTIS (1985: 65-66), existem arquivos de cidades pequenas que provam que algumas das mulheres que viviam da

⁹⁷ Por exemplo, na cidade de Veneza, no século XVI, estavam listadas 210 mulheres neste negócio. No final do século XV, Londres regulava cerca de 18 estabelecimentos de prostituição. *Vide* BRUNDAGE (1987: 522-523).

⁹⁸ Muitas mulheres nesta época foram vítimas de violação. Estando dependentes da sua fama pública, muitas delas eram depois abandonadas, sendo obrigadas a viver da prostituição. Na sua maioria, iniciavam-se na profissão muito novas por terem ficado desamparadas. Algumas eram obrigadas a prostituir-se pela própria família. *Vide* ROSSIAUD (1988: 11-30; 32-33; 112).

⁹⁹ GHIRARDO (2001: 405); BRACKETT (1993: 287); OTIS (1985: 63-65) e ROSSIAUD (1988: 32-34).

¹⁰⁰ Por exemplo, num dos bordéis públicos em Toulouse o lucro do bordel destinava-se para arranjos da casa, e o resto ia para os cofres do Município. *Vide* OTIS (1985: 55).

prostituição conseguiam grandes riquezas. Segundo NORBERG (2013: 394), os rendimentos das mulheres envolvidas nesta atividade estavam, contudo, sujeitos aos impostos das autoridades municipais.

Como explica ROSSIAUD (1988: 4), o século XV foi o período de maior crescimento da prostituição como negócio público, uma vez que zonas como Languedoque, Dijon, Nimes, etc., autorizavam despesas públicas e investiam capital neste tipo de estabelecimentos. Havia grande concorrência entre os estabelecimentos públicos e os privados. As leis desta época puniam severamente o proxenetismo ou *lenocinium*. Sendo o proxeneta designado com o termo latino *leno*.¹⁰¹ O seu estatuto de *infame* era reconhecido em várias cidades, contudo, os padrões que o definiam mudavam. Por exemplo, em Ferrara, os critérios utilizados para o definir eram: espaço, tempo e dinheiro, como explica GHIRARDO (2001: 411):

Space, time, and money were the standards by which city officials gauged which Ferrarese citizens were pimps: if a man slept in the room of a prostitute more than twice in one week, if he lived or talked with her for at least an hour more than three times a week, or if he lived off her earnings, then he could be declared a pimp.

As penas a aplicar a estes homens iam de multas à tortura física. Como explica OTIS (1985: 91-94), no geral, as autoridades tentavam limitar as atividades de quem recrutava as prostitutas para este estilo de vida, com punições que incluíam açoitamento, expulsão da cidade e confiscação dos bens. Segundo GHIRARDO (2001: 402) e OTIS (1985: 94-97), para com as prostitutas havia pouca repressão, na maioria das cidades europeias, elas só eram punidas quando violavam as restrições estabelecidas, como exercer fora da área definida. As suas punições incluíam multas e castigos corporais. Contudo, como explica BRUNDAGE (1987: 528), em países como a Inglaterra, que não aderiu a esta vertente institucional do negócio da prostituição, as prostitutas continuavam a ser vítimas de perseguição e repressão por parte das autoridades.

Sendo a prostituição considerada um negócio legítimo, ser proprietário, gerir ou frequentar um bordel no século XV não era visto como um ato vergonhoso ou de desonra, mas sim uma prova da normalidade dos homens.¹⁰² No entanto, como explicam OTIS (1985: 84) e ROSSIAUD (1988: 40-41), havia exceções, como por exemplo os membros

¹⁰¹ OTIS (1985: 89).

¹⁰² A justificação apresentada pelos clientes que frequentavam regularmente os bordéis era que a sua própria natureza os impelia a procurar o prazer. *Vide* ROSSIAUD (1988: 38-44; 104-105).

do clero que o fizessem abertamente, o que seria punido pelas autoridades eclesiásticas. Certas cidades, como Avignon em 1441, também proibiam a entrada de homens casados nos bordéis. Contudo, havia sempre outras opções, como os banhos.

Os bordéis públicos foram mais uma tentativa de controlar e confinar a sexualidade das prostitutas que viviam na marginalidade. Foi também possível obter grandes lucros de uma atividade considerada deplorável, no entanto, extremamente lucrativa.

3. Conclusões

Como foi apurado ao longo desta pesquisa, a prostituição não foi eliminada na Idade Média, embora fosse considerada um mal e um pecado, segundo os dogmas da Igreja Católica, e em diversos períodos desta época as prostitutas tivessem sofrido perseguições, condenações e maus tratos. O seu papel e a consequente utilidade na sociedade eram dúbios, pois eram consideradas úteis para assegurar o bem-estar da ordem social. De forma a lidar com esta atividade ambígua, algumas cidades aplicaram políticas de tolerância limitada para com a atividade e seus intervenientes – através de critérios que iam desde a roupa à circunscrição deste negócio a lugares específicos. Outras cidades, com medidas mais severas tentaram banir as prostitutas do espaço urbano - encerrando bordéis, taxando a sua atividade e perseguindo-as. Outras cidades, sendo mais ambiciosas, devido aos potenciais lucros desta atividade, institucionalizaram o negócio, financiando e gerindo bordéis municipais. E existiam também as campanhas de “salvação” destas mulheres. Ou seja, era uma prática tolerada, no entanto, também condenada moralmente.

Os esforços da sociedade medieval visavam sobretudo regular a sexualidade, essencialmente aquela que era considerada diferente e que fugia à norma de decência.

Capítulo 3 – A prostituição no tempo da Reforma e do Renascimento

1. Reforma Católica e Contra-Reforma

A Reforma ou Protestantismo foi um movimento católico protestante, que levou a um rompimento com as doutrinas e práticas da Igreja, sendo o seu objetivo reformar as crenças e doutrinas da Igreja Católica. Contudo, não foi um movimento único e unido, pois os reformadores discordavam entre si nos objetivos e nas prioridades.¹⁰³ Os reformadores protestantes mais proeminentes foram: Martinho Lutero na Alemanha, Calvino em Genebra, França e nos Países Baixos e Zwingli na Suíça.¹⁰⁴

Como explicam SIENA (2013: 471) e CHAUNU (1993: 110-111), em relação aos relacionamentos sexuais extramaritais, estes pensadores eram intolerantes e tratavam-nos com severidade. Fornicação, adultério e prostituição mereciam, segundo estes, grandes penalizações e punições como a tortura, pois para os protestantes os pecados, especialmente os relacionados com o sexo, não podiam ser absolvidos pela confissão ou pela penitência. Eram permanentes e só Deus os poderia absolver após a morte.

De acordo com NORBERG (2013: 395-396) e (1993: 461-462) Lutero rejeitava a argumentação de Santo Agostinho sobre a prática da prostituição. Argumentação que fora usada ao longo da Idade Média pelos homens da Igreja, para lidar com esta atividade ambígua, baseada na ideia de que as prostitutas eram um mal necessário para a sociedade. Para Lutero este tipo de pensamento era anti-cristão, já que a doutrina base da Igreja era a

¹⁰³ Começando na Alemanha, com Martinho Lutero na publicação das suas 95 teses, na porta da Igreja de Wittenberg, que iam contra diversos pontos da doutrina católica, iniciou-se uma fratura na cristandade. Esta Reforma Protestante que teve o apoio de diversos governantes e religiosos que partilhavam as mesmas bases ideológicas, foi depois seguida na Suíça, na Escandinávia, Inglaterra, Escócia, etc. Por exemplo, em Inglaterra, as origens da Reforma estiveram no frágil equilíbrio entre o poder eclesiástico da Igreja de Roma e o dos monarcas ingleses, surgindo também o Lolardismo, movimento herético inglês, impulsionado por Wycliffe (ca. 1330-85), considerado um precursor das doutrinas protestantes em Inglaterra. *Vide* ABREU (1999: 9-45); DELUMEAU (1984: 121-147).

¹⁰⁴ Entre algumas das doutrinas defendidas por estes protestantes estavam: a rejeição da ideia de que o casamento era um sacramento religioso; eram contra o celibato obrigatório dos padres, pois para eles o desejo sexual era essencial para a saúde humana, e não podia ser discutido como uma ação voluntária. Condenavam esta doutrina que consideravam ser uma das razões da grande desordem e corrupção da Igreja, pois alguns podiam viver no celibato, mas não eram castos. Eram contra muitos dos ensinamentos da Igreja no que se referia ao sexo, especialmente no casamento, pois defendiam que o sexo tinha de ser responsável. Contudo, viam-no como uma fonte de alegria e satisfação da vida de casados e não como algo vergonhoso. Lutero e Calvino rejeitavam a crença de que o sexo conjugal devia ter como único propósito a procriação. O casamento era entendido por estes reformadores como algo positivo, sendo o sexo marital uma componente importante dos relacionamentos conjugais, uma vez que podia ser considerado um sinal de amor e afeto entre os parceiros. Como tal, a procriação era para eles a segunda e não a primeira virtude do casamento. *Vide* BRUNDAGE (1987: 552-557); BOCK (2002: 20) e ROBERTS (1996: 123).

castidade. Para ele, a única forma de salvaguardar as mulheres dignas era levar os homens a casar cedo, pois considerava as prostitutas o maior mal e os jovens rapazes da sociedade os mais propensos a cair na tentação destas mulheres desprezíveis, e também no pecado da luxúria que seria a ruína das mulheres decentes. Começou assim uma era de condenação e penalização do negócio da prostituição, nos diversos países da Europa setentrional que aderiram ao protestantismo. Por exemplo, na Alemanha e na Suíça, as prostitutas foram perseguidas e obrigadas a sair das cidades. Foram também criadas prisões para as mulheres criminosas, as *Spinnhuis*, locais onde eram encarceradas e obrigadas a trabalhar. Segundo OTIS (1985: 43), a reforma de Lutero levou igualmente ao encerramento de bordéis em diversas cidades como é o caso de Ausburgo, Ulm, Ratisbona, Nuremberga. Lutero declarou ainda que todos os que se opunham a esta medida e desejassem restabelecer tais casas deveriam negar Cristo, e declarar-se pagãos.

De acordo com VAN de POL (2010: 2) e OTIS (1985: 43-44), Calvino, ainda mais severo na sua luta contra todas as formas de luxúria, era contra os bordéis municipais. Perseguiu não só prostitutas, mas pessoas que mantinham relações sexuais ilícitas, como fornicação. Nos finais de 1520, em Montpellier, as tropas protestantes foram excessivamente severas nos seus ataques às prostitutas, uma vez que para além de as perseguirem, recorreram à violência física, assim como à tortura, que consistiu em cortar-lhes as orelhas.

Segundo MULLETT (1985: 20), de modo geral, designava-se a resposta ou reação da Igreja a estes reformadores como Contra-Reforma. Algumas das figuras que nela se destacaram foram S. Pedro Canísio (1521-1597); Giovanni Pietro Caraffa – Papa Paulo IV (1555-1559); e São Vicente de Paulo (1580-1660). Para além de concordarem com a necessidade de mudança e renovação das doutrinas católicas, as suas reformas visavam também dar resposta às críticas dos protestantes.¹⁰⁵ Os reformadores católicos tomaram igualmente medidas para lidar com o problema da prostituição sendo, contudo, medidas mais ligeiras, pois o seu objetivo persistia na penitência e conversão destas mulheres. As instituições criadas nos séculos anteriores para ajudar na reabilitação e na inclusão das prostitutas na sociedade tinham praticamente desaparecido no último século, quando o negócio sofreu uma grande alteração. Foram, assim, criados novos conventos de refúgio

¹⁰⁵ As reformas da Igreja basearam-se em normas que tornassem os casamentos clandestinos inválidos; a Igreja reiterou também a proibição da concubinação junto do povo, punindo os que recusassem a deixar os amantes ou formalizar matrimónio. *Vide* BRUNDAGE (1987: 561-566).

para as prostitutas. No entanto, como nos diz NORBERG (2013: 396-397), era raro as mulheres escolherem entrar nestes asilos de livre vontade. Normalmente eram condenadas pelos tribunais seculares e obrigadas a ficar confinadas a estes espaços, onde eram forçadas a trabalhar. Aí era-lhes imposta disciplina através do trabalho, da oração e da confissão. Como referem OTIS (1985: 44) e STOREY (2008: 4), também as autoridades eclesiásticas decretaram o encerramento de vários bordéis municipais, no entanto em certos países como Espanha, estes mantiveram-se abertos até 1626.

O negócio da prostituição sofreu grandes alterações a nível social, moral e económico, tanto devido à intolerância dos protestantes como dos católicos. Como diz STOREY (2008: 4), a prostituição estava na raiz das preocupações destes reformadores, no que diz respeito à sexualidade feminina e à moralidade social, pois as prostitutas eram um exemplo de tudo aquilo que as mulheres não deviam ser ou fazer, mais ainda, eram consideradas uma doença da sociedade:

(...) prostitution was seen as a ‘canker’, a symptom of moral degeneracy which could spread like a disease throughout society, multiplying what Borromeo referred to as the ‘occasions to sin.’ Prostitutes promoted the ruin of others by seducing young men and setting a bad example to other young women. Sociability around prostitutes was associated with general indiscipline and a range of other vices: drinking, gambling, dancing, vanity and greed.

Acabou a política de tolerância para com os intervenientes, como nos diz VAN de POL (2010: 2): “Prostitutes were no longer sinners who could be saved, they were malefactors who needed to be punished.” Assim como já não era bem visto estar relacionado com o negócio dos bordéis. A partir do século XVI, os bordéis municipais que no século anterior tinham florescido em grande escala foram encerrados, principalmente nas cidades da Europa Protestante.¹⁰⁶ O estatuto “seguro” e oficial que as prostitutas mantinham até ao século XV desapareceu. De acordo com OTIS (1985: 50), no final do século XV e início do século XVI surgiram novos termos para as designar, desta vez com carácter pejorativo: *cantonnieres*, *paillardes*, *garces*, *femmes lubriques*, *femmes déshonnêtes*, *femmes dissolutes*, pobres, pecadoras ou raparigas perdidas. Como descrevem os autores ROBERTS (1996: 127-130); OTIS (1985: 42-45) e NORBERG (2013: 396-397), as prostitutas que trabalhavam por conta própria ou em estabelecimentos privados

¹⁰⁶ OTIS (1985: 40); VAN de POL (2010: 2) e STOREY (2008: 3).

voltaram a ser perseguidas e banidas dos espaços públicos, em diversas cidades, como é o caso de Amesterdão e Montpellier. Segundo STOREY (2008: 4) e BRACKETT (1993: 275-277), a Itália foi um dos países que apresentou uma mudança menos drástica e radical ao negócio da prostituição, pois nas suas diversas cidades grande parte das zonas reservadas à prostituição não foram encerradas. Contudo, foram tomadas medidas mais restritivas quanto aos seus intervenientes.

A prostituição voltou a ser considerada uma atividade marginal e ilícita. Uma das razões usada para justificar tais considerações é o aparecimento da sífilis. Esta foi identificada pela primeira vez em 1494, entre os soldados franceses que estavam destacados em Nápoles. O termo sífilis para designar esta doença sexualmente transmissível só será usado a partir do século XIX. Até lá, os termos usados para a identificar eram: “mal napolitano”; “*lues Venerea*” ou “a doença de Vénus”; “*morbis gallicus*” ou “doença francesa”.¹⁰⁷ De acordo com SIENA (2013: 464): “Sexually transmitted disease (STD) was not entirely new in the 1490s; medievalists have their own of sorts, leprosy.”¹⁰⁸ No entanto, como explica SCHLEINER (1994: 499), a sífilis só foi reconhecida como venérea num período após 1530. Entre as várias teorias, segundo SCHLEINER (1994: 502-506) e SIENA (2013: 466), a única convicção dos médicos era de que as mulheres eram o agente infeccioso desta doença, em especial as mulheres promíscuas. Daí surgiu a crença de que as prostitutas eram as principais responsáveis. Surgiram teorias que as responsabilizavam de diferentes formas: uma das principais teorias surgiu por volta de 1527, e identificava a causa da doença como a mistura das sementes femininas e masculinas no útero. Esta mistura podia degradar-se dentro do útero e assim tornar-se um veneno mortal. Esta teoria foi desenvolvida e em 1596 foi apresentada por Aurilius Minadoi, que identificava a origem da doença com a mistura de sementes de homens diferentes acumuladas no útero de uma só mulher. Outras teorias foram apontadas, tais como que a origem da doença provinha de relações sexuais entre prostitutas menstruadas e leprosos. Outra era que as prostitutas leprosas que seguiam os soldados nas

¹⁰⁷ Estes termos estavam associados ao facto de esta doença, nas primeiras décadas, ser ligada a determinados grupos, isto é, havia a tentativa de tornar responsáveis pela origem da sífilis certos segmentos da população, entre os quais os Franceses, os Napolitanos, os indígenas americanos ou os Judeus. *Vide* SIENA (2013: 463-466) e SCHLEINER (1994: 499-500).

¹⁰⁸ Ao longo da Idade Média existiu a crença de que uma criança nascia com lepra, caso os pais tivessem relações sexuais durante o período menstrual da mãe. Ou caso os pais tivessem tido relações promíscuas. A lepra era uma doença ligada ao pecado da luxúria e também marcada como uma doença venérea. *Vide* CADDEN (1993: 80; 89; 268) e ALLEN (2002: 33-34).

Cruzadas, andando de tenda em tenda com os soldados, rapidamente espalharam a doença. Acreditava-se que elas ao fazerem sexo indiscriminadamente, haviam mantido relações com leprosos e assim transmitido a doença aos restantes clientes. De modo geral, a ideia prevalecente era de que a promiscuidade feminina era a causa da doença. Todas as mulheres se tornaram, por este motivo, uma ameaça, especialmente as que viviam do negócio do sexo, sendo o seu o corpo o local da corrupção. E os homens passaram a assumir o papel de vítimas da promiscuidade das mulheres e da doença.

Como explica ROSSIAUD (1988: 50), tendo em conta a mentalidade predominante na época, a justificação que se dava a fenómenos como epidemias, doenças, guerras ou desastres naturais, era que estes eram um sinal da ira ou do desagrado de Deus. Esta doença foi interpretada como um castigo que punia o povo pelos seus pecados carnis.¹⁰⁹

As prostitutas tornaram-se, assim, uma ameaça e conseqüentemente um alvo dos reformadores protestantes e dos católicos. Durante anos foram a figura mais associada à origem e transmissão da doença, assim como outros grupos marginalizados. As prostitutas eram consideradas um “grupo de risco”¹¹⁰ que necessitava de ser controlado e confinado, daí que no século XVI se tenha dado novamente grande importância à criação de instituições que as pudessem isolar da sociedade. A figura de Maria Madalena, a prostituta arrependida, voltou a estar em grande destaque. Foi também usual no século XVI o facto de mulheres de famílias importantes ajudarem na conversão destas prostitutas arrependidas.¹¹¹

¹⁰⁹ Teoria que foi defendida pelos protestantes, especialmente os Calvinistas, como evidencia a seguinte citação de Calvino: “I ask you, after fifty years is it not seen that God has raised up new illnesses against fornication? Whence came this pox, all these foulnesses which there is no need to list? Whence do all these things come, unless God has displayed vengeance that were unknown previously? The world was amazed, and for a time it is true that people were terrified; but even today they have not observed the hand of God. And today we are accustomed to know that the despisers of God, those who are dissolute in their lives, the fornicators, when they abandon themselves to every villainy, only thumb their noses. If God strikes them with some sort of leprosy, as this truly is, so that they are eaten by cancer or other foulness, they do not leave off following their course, and do nothing but jeer.” *Vide* COTTRET (2000: 306).

¹¹⁰ Estigma que vai acompanhar os intervenientes desta profissão ao longo dos séculos tornando-os um grupo condenado e isolado pela população. *Vide* NORBERG (1996: 35).

¹¹¹ Esta foi uma época em que as mulheres com posses, de classe social elevada e não só, exerceram a arte do patronato, normalmente em causas religiosas. *Vide* ABREU (1999: 156-159). Patrocinar artistas e as suas obras era também uma forma de estas mulheres participarem e apoiarem as suas causas. *Vide* REISS (2001). É importante para esta investigação referir a figura de Vitória Colonna, marquesa e poetisa italiana do século XVI, que teve uma intervenção ativa na conversão de prostitutas. Ela patrocinou muitas das instituições que serviam de refúgio para prostitutas arrependidas, todas elas ligadas à figura de Maria Madalena – figura que Vitória tinha como modelo, e à qual dedicou vários dos seus poemas. Possuía também um dos quadros pintados por Ticiano que retratava esta figura emblemática de forma sensual. Outro episódio que distingue Vitória das restantes mulheres do seu tempo, foi o facto de a sua ajuda a este tipo de mulheres marginalizadas não se basear apenas em ajudas financeiras. Vitória ajudou a cortesã Ângela Greca a se arrepender e a ser

Como dão conta os autores ROBERTS (1996: 130-131), NORBERG (2013: 395); OTIS (1985: 41) e ROSSIAUD (1988: 50, o encerramento dos bordéis que foi acompanhado pela mudança de atitude para com o negócio e seus intervenientes, não está, contudo, claramente associado ao aparecimento da sífilis. A doença foi identificada pela primeira vez em 1494, num dos acampamentos dos soldados franceses em Nápoles e muito rapidamente se espalhou pela Europa, ou seja, no final do século XV, século marcado pelo florescimento da prostituição pública. Recorde-se que o encerramento dos bordéis só começou 25 anos depois do aparecimento da doença.¹¹² Segundo OTIS (1985: 42-45), a reviravolta que esta atividade sofreu e conseqüentemente a vida dos seus intervenientes, a partir do século XVI, pode antes ser justificada por outros factores, tais como o aumento da repressão do crime, levada a cabo pelas autoridades seculares, em especial pelos monarcas, que visavam consolidar o seu poder, uma vez que havia uma clara associação entre a prostituição e a criminalidade; a reformulação dos valores de pureza moral defendida pelos reformadores protestantes e católicos que visavam criar uma nova imagem do homem e da sociedade, inculcando-lhe uma nova moralidade sexual. Como já vimos, todas as atividades sexuais extramaritais eram por estes severamente condenadas e punidas. Contudo, como diz ROSSIAUD (1988: 50): “Prostitution did not die with the municipal brothel, but it became more expensive, more dangerous, and more shameful.”

2. Cortesã do Renascimento¹¹³

2.1. Contextualização socio-cultural

No contexto renascentista das cortes a individualidade das mulheres começa a ser reconhecida. Embora, como explicam BURCKHARDT (1983: 304-308) e ABREU (1999: 62), ainda permanecesse o ideal geral de mulher submissa aos homens que a rodeiam (pai, marido, tutor, etc.), e esta continuasse a ser valorizada principalmente pelo seu papel de

aceite no Convento das *Convertite* como freira. Na cerimónia solene em SS. Trinita dei Monti, Vitória terá levado pessoalmente Ângela Greca pela mão até ao altar. Provocando escândalo por quebrar todas as normas sociais com a sua piedade. *Vide* MUSIOL (2013: 148-149); PAUL (2012: 168) e WITCOMBE (2002: 279-281).

¹¹² No entanto, a associação da prostituição à origem da doença, através das teorias explicadas atrás, e o medo do seu desenvolvimento fez com que nos finais do século XV, vários bordéis, depois de desinfetados tenham sido usados como hospitais para as vítimas. *Vide* OTIS (1985: 41)

¹¹³ O Renascimento foi um movimento cultural que se desenvolveu na Europa entre os séculos XIV e XVII, sendo Itália o país de vanguarda, como explica DELUMEAU (1984: 20), “pelos seus humanistas, pelos seus artistas, pelos seus homens de negócios, pelos seus engenheiros e pelos seus matemáticos”. Um fenómeno que teve repercussão em todas áreas e atividades humanas. Para informações mais detalhadas, *Vide* DELUMEAU (1984) e BURCKHARDT (1983).

esposa e mãe, a sua companhia passa a ser valorizada e apreciada em determinados círculos sociais. Algumas mulheres começam a receber uma formação intelectual, embora tais privilégios fossem essencialmente destinados a mulheres de classe aristocrata e ligadas à vida nas cortes.¹¹⁴ As regalias gozadas por estas mulheres neste período são evidenciadas na seguinte citação de MACLEAN (1983: 64):

One sphere in which women were counselled to display their learning was at court. (...) The *taciturnitas* for which the domestic woman is praised is abandoned; her private exclusive relationship to a dominating husband is replaced by a public, promiscuous, social role in which, by convention, she is the dominant partner; she is splendidly arrayed, in spite of moralists warnings about the feminine weakness for vanity, ornament, extravagance and luxury; she enjoys the delights of food, music and dancing despite her supposed propensity to sensuality.

É no contexto das cortes que se nota a crescente liberdade e participação ativa das mulheres. A isso se deve a sua intervenção e o seu sucesso nas diferentes áreas, sendo a dama palaciana a mulher que melhor se conseguia elevar a um estatuto similar ao do homem, e assim entrar no seu domínio. Contudo, a liberdade e o reconhecimento das atividades das mulheres na vida pública foram motivo de atenção e preocupação para muitos homens da época, uns que os apoiavam, outros que deles discordavam.¹¹⁵

Nesta investigação, interessa salientar a obra *O Cortesão*, de Castiglione, publicada em 1528, mais precisamente o terceiro livro da obra, em que se desenvolve um diálogo sobre a mulher renascentista. Nesta discussão encontramos, por um lado, um elogio à virtude feminina e, por outro lado, um discurso misógino. Segundo alguns dos intervenientes, a dama palaciana devia ser o análogo feminino do cortesão – detentora de grande beleza; capaz de se distinguir nas humanidades, em áreas como a música, a pintura, a dança e as letras; devia ser inteligente e culta de forma a entreter qualquer homem de elite com discursos eruditos; também moderada e prudente nos seus gestos, ações e comentários, de forma a não justificar uma má reputação. Devido a todas estas qualidades, seria considerada uma mulher virtuosa e honrada, sendo a sua presença desejável entre as

¹¹⁴ Como refere ABREU (1999: 57-58; 63-68), no período da Reforma em países como Itália, França, Espanha e Inglaterra, várias mulheres das classes altas já haviam sido distinguidas por terem adquirido uma reputação de intelectuais, cientistas e naturalistas. Entre elas encontram-se a duquesa Eleanora de Ferrara (1450-1493), Marguerite de Navarre (1492-1549) e Catarina de Aragão (1485-1536).

¹¹⁵ Como refere MACLEAN (1983: 65): “It is to be expected that moralists in a patrilinear and patriarchal society would recommend a private and domestic role for women as wives, and reject social and marital liberty for both sexes except in the case of courtesans.”

classes altas da sociedade. Por outro lado, encontramos um discurso que continuava a identificar as mulheres como um erro da natureza. Eram consideradas mesquinhas, insaciáveis, lascivas, fracas de razão, gananciosas, capazes de tudo por dinheiro, sendo só necessárias para gerar filhos.

A sociedade renascentista procura viver e comemorar os prazeres da vida, atitudes condenadas e praticamente desconhecidas na Idade Média. As elites sociais misturavam-se com os restantes que procuravam ascensão social, no meio de festas e tertúlias. Todos eles procuravam rodear-se de luxo, beleza e sabedoria, assim como todos usavam dos meios de que dispunham para alcançarem maior influência, estatuto e poder. As mulheres eram instruídas para se comportarem como damas, de forma a terem a possibilidade de serem apresentadas nas cortes ou bailes, onde poderiam encontrar um marido, e todos os seus esforços para o fazer deveriam supostamente parecer inocentes. Contudo, muitas tinham noção de que a sua principal arma era a arte da sedução, e não hesitavam em utilizar os seus truques para cativarem a atenção dos homens.

O sucesso alcançado por vários humanistas das diferentes áreas deveu-se em grande parte à ascensão ao poder de homens diferentes que investiram no mecenato. Tornaram-se financiadores e protetores de diversos artistas, e de algumas das mais reconhecidas cortesãs neste rol, como por exemplo Verónica Franco – figura analisada mais à frente. No entanto, várias figuras masculinas demonstravam o seu desagrado com a participação das cortesãs na vida pública e intelectual, arenas tradicionalmente reservadas aos homens.

Os artistas do Renascimento ficaram essencialmente famosos por se inspirarem nas obras clássicas. A vida erótica era agora novamente explorada nas obras destes artistas, daí a sua estreita ligação com as cortesãs, que lhes serviam de musas.¹¹⁶ Artistas e cortesãs

¹¹⁶ Muitos retratos renascentistas representavam a beleza feminina, mulheres belas, nuas ou semi-nuas, ostentando imensas joias. Poucas obras representavam mulheres enquanto cortesãs. Muitos estudiosos argumentam que as *Belles* eram os retratos das cortesãs famosas da época, essencialmente pela visão da nudez. Contudo, GIUSTI (2014) apresenta-nos uma obra que inclui vinte e cinco quadros, de diferentes artistas, quadros através dos quais tenta demonstrar a dificuldade e a falta de coerência entre os elementos, o que impede que as mulheres aí representadas sejam identificadas como cortesãs. Por exemplo define que qualquer mulher podia desafiar as leis do seu tempo, em qualquer cidade e período, não sendo os retratos de mulheres com seios expostos necessariamente associados à figura de uma prostituta, mas sim de qualquer mulher mais ousada. Por outro lado, sabemos que as próprias cortesãs desafiavam as barreiras que lhes impunham, por exemplo no vestuário e nos adereços, podendo ser representadas como mulheres dignas. Por exemplo a cortesã Barbara Raffacani Salutati foi representada por Domenico Puligo elegantemente vestida e com um livro na mão assumindo-se como uma figura respeitável, culta e não ousada ou erótica. Também a obra de Domenico Tintoretto, com o título de “Ritratto di cortigiana”, ou “retrato da cortesã” mostra uma mulher sentada com uma postura que demonstra autoridade, vestida com um sumptuoso vestido e deslumbrantes joias, com nada de erótico. Vide SYSON (2008: 246-248) e GIUSTI (2014: 39-85).

partilhavam o mundo dos salões, as festas, os convívios privados, o mundo erudito, um terreno ambíguo entre o respeitável e o erótico, o moral e o imoral. No Renascimento, a sexualidade entra numa era de explorações, descobertas e contestações. Como nos indica CRAWFORD (2013: 24): “Renaissancé ushered in a period of new contestations around sex and body, new forms of control, and new anxieties: configurations of sex which were both a form of science and an art at the same time.” Graças ao estudo dos autores clássicos como Aristóteles, Cícero, Tácito, Vergílio, Ovídio, Catulo, etc. e das práticas e costumes destes; ao desenvolvimento de conhecimentos médicos, apoiados no método experimental, que ultrapassavam os da antiguidade e traziam novos entendimentos sobre o corpo humano e o sexo, criou-se uma nova mentalidade.

Com o desenvolvimento da imprensa, os discursos sobre o sexo multiplicaram-se. A contestação sobre as definições dos comportamentos sexuais adequados e as leis que os regiam começou a surgir em textos de carácter erótico, com a exploração da ideia do prazer sexual. Estes textos podem até ser considerados pornográficos – pornográfico, como explica MOULTON (2013: 209), é um conceito moderno, um termo impreciso e difícil de definir. Segundo o autor:

(...) it describes both writing and visual images; it refers both to a genre and a type of content; it denotes a subject matter, but connotes a precise range of attitudes towards that subject matter; it is descriptive, but also pejorative. Although the word ‘pornography’ is often used to refer to a work’s erotic content, most formal definitions focus instead on the intention of those who produced it.

Embora seja uma noção que não se aplicava na época do Renascimento, os textos eróticos deste período podem ser analisados tendo em conta a nossa definição de pornografia. Foram escritos numa variedade de géneros: sátira, lírica, poesia, epigramas, drama, diálogos e romances. Todos estes textos eram considerados libertinos¹¹⁷, e surgiram num contexto elitista e erudito, pela mão de homens que desafiaram as normas sociais e éticas tradicionais. Como diz MOULTON (2013: 215) os seus textos:

¹¹⁷ Alguns exemplos destes textos são: *La Cazzaria* (1525), de Antonio Vignali’s; *L’Alcibiade fanciullo a scuola*, de Antonio Rocco, publicado em 1652; *La Puttana errante* ou *Dialogo di Giulia e di Maddalena*, publicado antes de 1660, atribuído a Aretino. Vide MOULTON (2013: 213- 216). Pietro Aretino (1492-1556) é uma das figuras mais conhecidas no género de poesia obscena desta época. Os seus poemas elogiavam e celebravam o sexo não-reprodutivo e vinham acompanhados de imagens de atos sexuais. Vide CRAWFORD (2013: 30).

(...) set themselves in opposition to organized religion; they celebrate passion and physical pleasure; they challenge or reject traditional notions of family and duty. (...) Libertine texts tend to be materialist: they focus on the body and physical desires as the fundamental ground of human experience.

De acordo com MOULTON (2013: 212-216), num tom de rebelião sexual, estes textos marcam uma mudança na forma de pensar o sexo – este passa a ser entendido como natural e em termos de prazer, ou seja, rejeitam a antiga teoria que defendia que o sexo tinha apenas fins reprodutivos. Estes distinguiam-se ainda pelo seu pendor bastante misógino, pois a mulher aparece como “objeto” de prazer dos homens. No entanto, nem todos estes textos eram literários. Havia ainda os chamados catálogos das prostitutas e cortesãs, que davam informações sobre as diversas mulheres deste ramo, por exemplo: *Tariffa delle puttane di Venegia*, de 1535, atribuído a António Cavallino; *Il Catalogo di tutte le principale e piu honorate cortigiane di Venezia*, que surgiu em 1568; a reedição da obra de Aretino, *Ragionamenti*, por John Wolfe’s em 1584, incluía *Ragionamenti di Zoppino*, de autor anónimo, que era um catálogo das prostitutas romanas.¹¹⁸ Segundo CRAWFORD (2013: 30), os textos literários de carácter erótico, assim como os catálogos destinavam-se sobretudo a um público minoritário de elite e de letrados. No entanto, um género como o das baladas populares atingiu níveis sociais diversos. Estes textos e imagens de carácter erótico eram considerados arte obscena, lasciva. Como explica MOULTON (2013: 211-212), no início da modernidade existiam mais textos de carácter erótico do que imagens. Os quadros eróticos eram uma arte de elite, um produto caro e luxuoso, feito por homens e para homens.

2.2. Caraterização da Cortesã

É no contexto social e cultural do Renascimento que surgem as cortesãs. Segundo, SHEMEK (2007: 101), entende-se nesta altura cortesã como:

(...) an educated and talented woman who, in the courtly and urban society of early modern Italy, provided sexual services to wealthy and prominent men. Despite her name, the courtesan was not a direct counterpart to the male courtier (*cortegiano*) who was usually a court diplomat or intellectual. She is also not to be confused with the palace lady or princess (*dama, donna di pallazo*) or with the lady-in-waiting (*donzella, damigella*).

¹¹⁸ MOULTON (2013: 217).

Atualmente a “cortesã” é comumente identificada como uma prostituta. No entanto, analisando a história e a vida destas mulheres veremos que esta identificação é enganadoramente simples. Como explica GIUSTI (2014: 15-16), na sociedade do século XV e XVI o termo “cortesã” referia-se tanto a uma prostituta de elite, como a uma dama da corte. Os termos “cortesana puttana” e “cortesana onesta” utilizados pela sociedade italiana evidenciam a ambiguidade da palavra, assim como da realidade social vivida. A palavra “cortesã” associada a uma prostituta tem, segundo Arturo Graf (poeta, literato e crítico italiano), em *Attraverso il Cinquecento*, de 1888, a sua origem no *Diarium* de Joannes Burchard, mestre de cerimónias do Papa Alexandre VI, que, em 1498, se referiu a Cursetta, uma mulher que identifica como uma prostituta honesta, ou cortesã.¹¹⁹ Também Matteo Bandello, em *Le Novelle*, publicada pela primeira vez em 1554, se havia referido a uma cortesã como sendo uma prostituta, pela venda de serviços sexuais:

Ella era molto bella e giovane. Il perché, essendo in abito di cortigiana ed usando atti di putta, comincio a servire quelli che erano in nave (...) ma di quelli servigi che communemente gli uomini de le donne ricercano, e per um baiocco si dava in vettura a chi volela.¹²⁰

O termo “cortesã honesta” como indica GIUSTI (2014: 16-18) é mencionado também por Burchard, no seu diário *Liber Notarum*, referindo-se à participação de cinquenta cortesãs no banquete realizado em 1501 (descrito abaixo), no palácio de César Bórgia, filho do Papa Alexandre VI. Este termo aparece ainda no censo de Roma em 1517. Como é indicado por GIUSTI (2014), ao longo dos tempos, vários autores têm tentado interpretar e explicar o verdadeiro significado desta expressão. Por exemplo, Paul Larivaille na sua obra *La vie quotidienne des courtisanes en Italie au temps de la Renaissance: Rome et Venise, XVe et XVIe siecles* (1975), considera que o termo “honesto” não se refere a uma mulher casta, mas sim a uma mulher instruída e bem-educada. E Giorgio Pandon, em *Il mondo delle cortigiane nella letteratura rinascimentale* (1990), interpreta o adjetivo “honesto” como sendo significado de que a prostituição já não era um negócio, mas uma arte de viver. Há também que ter em conta a obra de CASTIGLIONE (1528), que não só elevou o estatuto do cortesão, mas também beneficiou a figura da cortesã, sendo esta reconhecida como uma mulher de educação, requinte e virtude. E como

¹¹⁹ GIUSTI (2014: 16-17); SHEMEK (2007: 102) e WITCOMBE (2002: 274-275).

¹²⁰ BANDELLO (1942: 247).

explica ROSENTHAL (1992:5 9-60; 67), muitas vezes era difícil de distingui-las das mulheres de respeito.

Sono accresciute in tanto eccessivo numer le meretrice in questa città nostra, quale posposta ogni erubescencia et vergogna publicamente vanno per le stradde e chiesie et altrove si bem ornate et vestite che molte volte le nobili et citta dine nostre per non esser diferente dal vestir delle dette, solo non solum dalli forastieri ma dalli habitante non conosciute le bone dalle triste, com cativo et malíssimo exempio di quele che per mezo li stanno in stantia et che le vedona.¹²¹

As cortesãs ficaram, assim, conhecidas como as “prostitutas decentes” ou honestas, não havendo nas leis, como explica ROSENTHAL (1992: 67-68), uma definição legal para o seu estatuto, como havia para prostitutas, pelo menos em Veneza, no ano de 1542.

Quelle veramente se intendino esser meretrice quale non essendo maridate haveranno comercio et pratica com uno over più homeni. Se intendano etiam meretrice quele che havendo marito non habitano com sui mariti, ma stanno separate et babbino commercio com uno over più homeni.¹²²

Como explicam WITCOMBE (2002: 274), NORBERG (2013: 398) e GIUSTI (2014: 21-22), contudo, no final do século XVI, o termo “cortesã” começou a ser utilizado de forma comum para designar qualquer mulher que vivesse da prostituição.

Tendo em conta o étimo da palavra, a cortesã era uma mulher que frequentava a corte. Era normalmente uma mulher de baixo ou médio estatuto, de grande beleza e charme, conhecida, inclusivamente, pelos seus talentos nas artes e na literatura mas principalmente pelos seus dotes nas artes da sedução. Era muitas vezes a sua própria família que a preparava e treinava em áreas como literatura, música, dança e nos modos e comportamentos próprios das elites, de forma a torná-la uma jovem de estilo requintado e extremamente atrativa, uma vez que também era feito um grande investimento em roupas e cosméticos. Esta forma de vida das cortesãs é descrita por BASSANESE (1988: 296-297):

Like the ladies of the court, the honest courtesan dedicated herself to the creation of an external image of grace and beauty, of cleverness, poise and elegance, which had to be bolstered by specific abilities in music and in witty conversation. To these qualities were added the ability of discuss and understand the cultural agenda common to all educated contemporaries and the necessary appearance of propriety and decorum.

¹²¹ (*Senato terra*. Reg. 32. Fol. 126). Citação retirada de ROSENTHAL (1992: 59).

¹²² (*Senato terra*, 21 February 1542 m.v.). Citação retirada de ROSENTHAL (1992: 67).

De acordo com SHEMEK (2007: 101-102) existiam vários termos para identificar mulheres que vendiam serviços sexuais, tais como: meretriz; *puttana*; *donna de partio*; *donna publica*, cortesãs, etc. As cortesãs eram consideradas as prostitutas de luxo, as que se distinguiam das prostitutas comuns que se encontravam nos bordéis e/ou nas ruas. Como explicam ROSSIAUD (1988: 132-133) e WITCOMBE (2002: 275-277), pela sua educação privilegiada conseguiam frequentar determinados círculos sociais aristocráticos e requintados, e captar a atenção dos homens mais ricos e influentes: nobres, reis, banqueiros, embaixadores, papas, etc. Os seus clientes eram homens de classe social elevada, os mais seletivos e pouco numerosos. O seu envolvimento com estes homens baseava-se na satisfação mútua de determinados requisitos pessoais e sociais. Por parte dos clientes, esperava-se que as cortesãs os satisfizessem a nível erótico, mas também que fossem companheiras dignas destes homens que acompanhavam a festas, a tertúlias nos salões e nos palácios, a bailes, etc. Sabendo socializar com homens de estatuto e formalidades diferentes, elas eram amantes, confidentes, conselheiras, acompanhantes de eventos requintados, cantoras, dançarinas, etc. Um exemplo que mostra os ambientes de luxo que frequentavam, a influência dos seus clientes e alguns dos serviços que prestavam, foi o já referido banquete realizado em 1501, no palácio de César Bórgia, filho do Papa Alexandre VI, no qual estavam presentes cinquenta cortesãs. Este evento foi descrito por John Burchard, no seu diário *Liber Notarum*:

On Sunday, the last day in October and the eve of All Saints... Duke Cesare held a banquet in his rooms in the Vatican palace. Fifty girls of the type called courtesans, not the lowest sort, took part. After the meal they danced with the servants and others who were there. At first they were dressed but then they took off all their clothes and were quite nude. The candlesticks were moved from the table to the floor, that was now strewn with chestnuts which the courtesans, walking about on their hands and knees, then picked up. The pope, with Duke Cesare and Lucrezia were present and watched the fun. Finally a display of silk robes, shoes, hats and other objects was promised to those who gave the courtesans the greatest number of proofs on their virility. This was done in public in the room.¹²³

Como explicam SHEMEK (2007: 102), GIUSTI (2014: 23-24), SMITH (2008: 496-497) e WITCOMBE (2002: 275-277), os benefícios que as cortesãs recebiam pelos seus serviços e relacionamentos com figuras influentes da sociedade ultrapassavam os bens

¹²³ Citado em HOLLINGSWORTH (2014: i).

materiais que recebiam em joias, propriedades e dinheiro, dos quais também beneficiava a família, que investira na sua educação. Elas recebiam apoio e proteção de pessoas poderosas, o que lhes permitia a entrada em círculos destinados apenas ao sexo masculino. Algumas destas mulheres alcançavam alguma independência e reconhecimento social.

Tendo em conta todos estes factores, sabemos que tornar-se uma verdadeira cortesã não era tarefa fácil na sociedade renascentista. GRIFFIN (2001) apresenta-nos uma obra que inclui a caracterização de sete virtudes – beleza, atrevimento, brilhantismo alegria de viver, graça, charme e sentido de oportunidade – que, segundo a autora, todas elas reunidas, foram as responsáveis pelo sucesso de várias mulheres que seguiram a profissão de cortesãs.¹²⁴ GRIFFIN (2001: 4-5) enumera também as qualidades e os procedimentos necessários para se tornar cortesã, entre estes: a sua capacidade de saber falar, ler, escrever, ser culta em matérias literárias e históricas, vestir-se luxuosamente, caminhar com elegância, dançar, cantar, tocar piano, saber os diferentes comportamentos a adotar em cada situação, aprender a aproveitar o momento certo.

De acordo com BRACKETT (1993: 294) e ROSSIAUD (132-135), a cortesã bem-sucedida era aquela que estava dependente das suas habilidades como amante, que era capaz de seduzir e encantar qualquer homem, mas também dependia da sua personalidade de mulher determinada, culta, sociável e desejável. Segundo WITCOMBE (2002: 275), a cortesã era “in modern parlance (...) a woman who had acquired celebrity status and who used the opportunities that such status offered for psychological and social maneuvering.”

Como explicam WITCOMBE (2002: 275), ROSENTHAL (1989: 232-233) e GIUSTI (2014: 23-24), o seu estatuto tornava-a uma mulher tolerada. Causava também alguma admiração e inveja às mulheres, devido à sua excepcional educação e privilégios sociais que lhe permitiam alcançar um elevado grau de autonomia, tendo em conta a sua condição. A independência destas mulheres é, contudo, sobrevalorizada por alguns historiadores. As que eram bem-sucedidas na sua carreira tinham de facto maior liberdade de frequentarem círculos normalmente restritos ao domínio masculino, de terem uma educação rara para o sexo feminino, e possuírem casa e bens que também eram pouco frequentes. No entanto, o sucesso de muitas destas mulheres estava condicionado pela

¹²⁴ Griffin dedicou um capítulo da obra a cada uma das sete virtudes e em cada um incluiu a história de vida de várias cortesãs, famosas nas suas épocas. Contudo, o período estabelecido na obra não é linear, uma vez que se encontram histórias sobre as cortesãs do Renascimento italiano, mas a autora também fala de heteras e cortesãs da Antiguidade Clássica, como é o caso de Frine.

capacidade de poderem praticar a sua profissão sem grandes limitações, factor que dependia dos governos locais, que na sua maioria lhes impunham grandes restrições. Como explicam e exemplificam GIUSTI (2014: 25; 44; 48), SHEMEK (2007: 103), GHIRARDO (2001: 424), BRACKETT (1993: 290) e WITCOMBE (2002), estas limitações eram diversas. Por exemplo, em Roma, no papado de Pio V, as cortesãs tinham de usar um véu branco na cabeça e um vestido preto com um cinto branco. Em Veneza, no ano de 1421 as prostitutas públicas – prostitutas registadas (*vide* capítulo da Idade Média), tinham de usar um lenço amarelo sobre a sua roupa. No século XVI, em Pisa e em Bolonha, eram obrigadas a usar uma faixa amarela na cabeça. Em 1615 e 1617, o concílio veneziano X proibiu as cortesãs de comparecer em festas, casamentos de nobres, festivais, bailes, feiras, igrejas e outros espaços públicos. Em 1690, em Veneza, era requerido que todas as prostitutas usassem máscaras no teatro. Há que ter em conta também que se vivia num período em que as mulheres não tinham personalidade legal e em certas cidades não lhes era permitido ter propriedades. Nas cidades em que era possível, estas conseguiam adquirir grandes riquezas em propriedades e bens. Em Roma, se as cortesãs faleciam sem legar as suas posses, era requerido que uma parte destas fossem utilizadas para apoiar conventos de prostitutas arrependidas. Inclusive os bens de prostitutas comuns eram entregues a estes conventos. No entanto, as cortesãs eram consideradas mulheres caridosas e muitas vezes em vida doavam dinheiro para diversas construções como é o caso da decoração da capela de Maria Madalena na Igreja de Santissima Trinita dei Monti.

Segundo RUGGIERO (2015: 436) e ROSENTHAL (1992: 66-67), a sorte e o sucesso de muitas destas mulheres dependiam, também e principalmente, dos seus conhecimentos, pois ao socializarem com homens de classe social elevada, elas tiravam o máximo partido das suas relações. Além da oferta de bens e de um rendimento regular, que lhes permitia manter um estilo de vida seleta, muitos dos seus clientes intercediam por elas nos tribunais, protegendo-as de acusações e punições.

Como explicam ROSENTHAL (1992: 2-3), WITCOMBE (2002: 275), GIUSTI (2014: 23-25) e BRACKETT (1993), mesmo com as diversas restrições impostas, sabemos que estas mulheres desafiavam o seu tempo. Por exemplo ao fazerem-se passar por mulheres nobres, como explicou Vecellio, em *Habiti antichi e moderni di tutto il mondo*, no século XVI, ao falar das táticas das cortesãs, citado em BRACKETT (1993: 279):

Courtesans who wish to get ahead in the world by feigning respectability go around dressed as widows or married women... when a foreigner expresses the desire to enjoy the favors of a highborn lady, a procuress dolls up some common prostitute, then leads her and him to a secret meeting place with so much ceremony that he is taken in and believes she's a noblewoman (...)

Como explica ROSENTHAL (1992: 2-13; 73), as cidades italianas foram o principal centro de destaque e atuação das cortesãs, por serem as mais tolerantes. Em especial Veneza, que era considerada a cidade das cortesãs, das mulheres bonitas e da vida sem moral. Era apreciada por ser uma cidade muito transigente, e como tal era muito visitada por viajantes atraídos pela reputação de cidade de mulheres belas. Em Veneza, viveram algumas das cortesãs mais conhecidas como, por exemplo, Verónica Franco. No entanto, como dão conta SMITH (2008: 496) e BRACKETT (1993), gradualmente também as repressões religiosas para com a prostituição chegaram as cidades italianas.

2.3. Cortesãs do Renascimento Italiano

Analisaremos agora algumas das cortesãs que mais se destacaram na sociedade italiana durante o Renascimento e das quais temos mais informações. Tendo em conta todos os factores descritos na caracterização da cortesã, as cortesãs de sucesso e que se distinguiram das restantes foram as que aproveitaram as oportunidades, os apoios e a proteção de figuras influentes, e procuraram desenvolver outros interesses. Ultrapassando várias barreiras sociais, foram capazes de se inserir em esferas de domínio masculino, e deixar de outra forma o seu testemunho na história como é o caso de Imperia, Tullia d'Aragona e Veronica Franco, que deixaram o seu marco na poesia, e Barbara Raffacani Salutati na música. Mulheres marcadas como exceções dentro do excepcional.

De acordo com TOURNIER (2006: 93-95), **Imperia Cognata** nasceu em 1481 em Roma. Era filha de Diana Cognati, uma ex-cortesã, que a introduziu na profissão a fim de se sustentar. Com o propósito de se distinguir na atividade, para além de aprender as artes do amor, Impéria estudou latim, música e poesia com o mestre Niccolo Campana. Tornou-se famosa pelos seus sonetos e madrigais. No século XVI, Imperia já se tornara uma das mais requisitadas e famosas cortesãs da época, por clientes poderosos e influentes tais

como diplomatas, magnatas e membros do Vaticano.¹²⁵ A todos eles cobrava dispendiosos preços pelos seus serviços.¹²⁶

Imperia foi imortalizada na obra *Le Novelle* (1554), de Matteo Bandello, pela sua beleza e pelo seu talento enquanto escritora, mas também pela sua riqueza e pelo seu requinte. É possível ter noção do luxo e da sofisticação pelos quais Impéria vivia rodeada, na seguinte citação de Bandello, quando o autor descreve uma visita à casa da cortesã:

Era la casa appurata e in modo del tutto provista, che qualunque e ordine de l'servidori, credeva che ivi una principessa abitasse. Era tra l'altre cose una sala e una camera e un camerino si pomposamente adornati, cha altro non v'era che velluti e broccati e per terra finissimi tapetti. Nel camerino ove ella si riduceva, quando era da qualche gran personaggio visitata, erano i paramenti, che le mura coprivano tutti di drappi d'oro riccio sovra riccio, con molti belli e vaghi lavori. Eravi poi una cornice tutta messa a oro ed azzurro oltremarino, maestrevolmente fatta, sovra la quale erano bellissimoi vasi di varie e preziose materie formali, con pietre alabastrine, di porfido, di serpantino e di mille altre spezie. vedervinsi poi a torno molti coffani e for zieri riccamente intagliati e tali, che tutti erano di grandissimo prezzo. Si vedeva poi nel mezzo un tavolino, il piu bello del mondo, coperto di velluto verde. Quivi sempre era o liuto o cetra o libre di musica e altri instrumenti musici. V'erano poi parecchi libretti volgari e latini riccamente adornati. Ella non mezzanamente si dilettava de le rime volgari, essendolo stato in cio essortatore e come maestro il nostro piacevolissimo messer Domenico Camapana detto strascino, e tanto sia di profito fatto ci aveva che ella non insoavemente componeva qualche sonetto o madrigale.¹²⁷

Bandello continua a história, falando de um suposto embaixador espanhol, que ouvindo falar dos encantos de Impéria e da sua riqueza resolveu conhecê-la pessoalmente. Durante a visita à sua casa, o embaixador terá cuspidado na cara de um criado de Impéria, explicando ao criado que este não se devia sentir ofendido, pois só o fizera porque a sua cara seria a coisa mais vulgar e feia que se encontrava naquela casa.¹²⁸

Imperia manteve uma ligação muito próxima com o famoso pintor renascentista Rafael Sanzio, e diz-se que terá inspirado muitos dos seus quadros e frescos. Sanzio tê-la-á apresentado ao seu mecenas, o banqueiro Agostino Chigi, de quem Impéria se tornou

¹²⁵ Entre eles o cardeal Giuliano della Rovere. Vide YELLING (2007: 21)

¹²⁶ Supostamente terá cobrado 100 coroas a um dos seus clientes, para este passar a noite na sua companhia. Vide TOURNIER (2006: 94-95) e ROBERTS (1996: 114).

¹²⁷ BANDELLO (1942: 1736-1737).

¹²⁸ “In questo dunque ornatissimo camerino condusse un giorno il signor Angelo l'ambasciatore de re si spagna, che, tratto de fama de l'Imperia, era venuto a vederla. Ella gli venne incontro fuor di sala e di quella il condusse in camera e nel camerino. Egli venduto la donna che era bellissima di lei e de la pompa e de l'apparato forte si meraviglio. Stette seco l'ambasciatore buona pezza ed, avendo voglia di sputare, si revolto ad un suo servidore e gli sputo nel viso dicendo: - Non ti dispiaccia, percio che qui non e piu brutta cosa del tuo viso.” BANDELLO (1942: 1737).

amante. Chigi tornou-se também seu patrocinador e protetor. Este comprou a vila Chigi, que era utilizada por Impéria como salão de festas e tertúlias literárias – esta era muito visitada por intelectuais tais como o poeta Bernardino Capella, e os humanistas Angelo Colocci e Filippo Beroaldo. Numa das suas sessões, Impéria terá conhecido Angelo del Bufalo, pelo qual se terá apaixonado. Mantiveram, no entanto, um relacionamento de curta duração, pois del Buffalo terá posto termo à relação, o que porventura levou ao suicídio de Impéria em 1512.¹²⁹

Esta sua relação com del Buffalo pode ser vista como trágica, por ser a causadora da “ruína” da cortesã que alcançara o sucesso. Imperia foi lembrada como uma das mulheres mais bonitas, inteligentes, ricas e amadas da sua época. Alcançando e possuindo tudo aquilo que uma cortesã alguma vez sonhara, como nos indica Bandello:

Chi fosse l’Imperia cortegiana di Roma, e quando a suoi giorni sia stata bella e senza fine da grandissimi uomini e ricchi amata, credo che la maggior parte di noi o per udità o per vista abbia conosciuto, che molti qui sono che in Roma a quei tempi erano. Ma tra gli altri, che quella sommamente amarono, fu il Signor Angelo da Bufalo, uomo de la persona valente, umano, gentile e ricchissimo. Egli molti anni in suo poter la tenne e fu da lei ferventissamente amato, come la fine di lei dimostro.¹³⁰

Imperia foi sepultada na Igreja de São Gregório no Monte Célio. Na sua lápide Chigi mandou colocar a seguinte inscrição: “Imperia cortesana romana cuae digna tanto nomine rarae inter homines formae specimen dedit.”¹³¹ Segundo TOURNIER (2006: 92), Impéria terá tido duas filhas, Lucrecia e Margarida, as quais foram deixadas ao cuidado de Chigi que as deu em casamento a membros da elite.

Tullia d’Aragona¹³² nasceu entre 1505 e 1510 em Roma, também ela filha de uma antiga cortesã, Giulia Campana, e supostamente fruto de uma relação ilegítima com o cardeal Luigi d’Aragona, embora fosse reconhecida por Costanzo Palmieri d’Aragona, como sua filha legítima.

¹²⁹ Para mais informações sobre estes pormenores da vida de Imperia *vide* SERVADIO (2005: 41-42; 43-44); TOURNIER (2006: 95-98), YELLING (2007: 22) e PESUIT (1997: 21).

¹³⁰ BANDELLO (1942: 1736).

¹³¹ SERVADIO (2005: 44-45) e YELLING (2007: 22).

¹³² Há que ter em conta nesta investigação que existem várias histórias sobre o registo biográfico de Tullia d’Aragona, umas mais romantizadas que outras, assim como contraditórias entre si, o que provoca uma maior dificuldade na sua análise. *Vide* BASSNETT (1991: 48-49). Para esta pesquisa daremos particular atenção às informações sobre a vida de Tullia presentes em RUSSEL (1994) e HAIRSTON (2007).

Tullia que aspirava a entrar nos grandes círculos aristocráticos teve instrução em música, literatura e poesia.¹³³ Na sua infância viveu em Siena, onde terá adquirido fluência em toscano, uma característica marcante no seu trabalho e na sua conversação. Como indica RUSSEL (1994: 26), graças ao seu grande talento e eloquência passou a frequentar círculos literários influentes com figuras como Lodovico Martelli, Claudio Tolomei, Filippo Strozzi, Francisco Maria Molza e Paolo Emilio. O seu talento foi reconhecido por autores como Jacopo Nardi ou Sperone Speroni, que a representavam nos seus trabalhos com grandes elogios.¹³⁴ No entanto, outros como Pietro Aretino atacaram Tullia nas suas obras, ao denegri-la devido à sua atividade de cortesã.¹³⁵ Tullia, no entanto, não se deixou intimidar, pois continuou a escrever e a ganhar o apoio de mecenas, muitos deles ligados à imprensa veneziana. Aos 30 anos já era considerada das mulheres mais originais e versáteis na arte da escrita.

De acordo com TOURNIER (2006: 110), por outro lado, Tullia d'Aragona também alcançou imenso sucesso na sua carreira de cortesã, pois o seu nome constava no catálogo das melhores cortesãs das cidades italianas, catálogo oferecido aos visitantes mais ricos, devido à extrema curiosidade que suscitavam as cortesãs.

Em 1543, estaria a viver em Siena, onde supostamente terá casado com Silvestro Guicciardini, com quem teve um filho.¹³⁶ Pouco mais sabemos deste relacionamento a não ser, como indicam RUSSELL (1994: 27) e HAIRSTON (2007: 27), o que se refere numa carta de Agnolo Firenzuola, que indica que Tullia terá deixado o marido morrer à fome.

Tullia d'Aragona viveu durante alguns períodos nas cidades de Roma, Siena, Ferrara, Veneza e Florença. As suas constantes mudanças deveram-se em parte à perseguição de prostitutas e cortesãs, por parte de grupos e movimentos religiosos. Estes pretendiam obrigá-las a vestir roupas distintas das mulheres respeitáveis, e proibi-las de usar joias, ou de frequentar certos espaços. Em Florença, por volta de 1547, Tullia que não seguia as normas estabelecidas pelas autoridades chegou a ser presa por desrespeitá-las. Segundo

¹³³ Alguns historiadores indicam que Tullia beneficiou desta educação privilegiada por ser filha do cardeal Luigi, que lhe forneceu os meios necessários. *Vide* SERVADIO (2005: 40).

¹³⁴ Por exemplo, na obra de Speroni, *Dialogo d'amore*, publicada em 1542.

¹³⁵ Por exemplo, na sua obra *Ragionamenti* (1534), na qual Aretino difama a vida das cortesãs ao utiliza-las como símbolo de distúrbio moral, económico e social. *Vide* RUSSELL (1994: 26); HAIRSTON (2007: 26-27); MOULTON (2013: 213) e ROSENTHAL (1992: 18-19).

¹³⁶ Alguns historiadores consideram que este casamento nunca existiu, por ela sempre ter mantido o seu nome de solteira e não haver muitas mais referências ao seu relacionamento com Guicciardini. *Vide* BASSNETT (1991: 49). Contudo, há que ter em conta que era uma prática comum prostitutas e cortesãs casarem de forma a se fazerem passar por mulheres respeitáveis e evitarem cumprir as leis sumptuárias e consequentemente as suas punições. *Vide* ROSSIAUD (1988: 70)

BASSNETT (1991: 49), existem várias histórias sobre as supostas transgressões de Tullia. Uma delas contava que D'Aragona foi presa por estar a usar roupas proibidas às cortesãs. Outra que esta se recusava a usar um manto amarelo, vestuário próprio para identificar as cortesãs. No entanto, graças às suas ligações com pessoas influentes e poderosas como a duquesa Eleanora de Toledo e o duque Cosimo I, que intercederam por ela em tribunal, alegando que ela tinha uma profissão honrada de poetisa e filósofa, esta foi libertada.

Tendo em conta as adversidades sociais que enfrentava e punham em causa a sua liberdade, mais razões existiam para Tullia se estabelecer como uma mulher de letras. Assim foi. Em 1547, foram publicadas duas das suas obras: *Rime delle Signora Tullia d'Aragona et diversi a lei*, que incluía um conjunto de poemas, uns escritos por si e dedicados a vários dos homens com quem mantinha algum tipo de relacionamento e muitos outros poemas, escritos por diversos dos seus admiradores, em sua homenagem. Esta obra foi dedicada por Tullia à duquesa Eleanora de Toledo. É uma obra em prosa intitulada *Dialogo della infinita di amore*¹³⁷, uma obra que descreve um diálogo entre Tullia e o seu amigo Benedetto Varchi, sobre a eternidade do amor.

Tullia voltou a Roma em 1548, onde permaneceu até à sua morte em 1556. Foi sepultada na Igreja de Santo Agostino. No entanto, mesmo após a sua morte, a sua fama de cortesã e poetisa mantiveram-se, pois em 1560 foi publicada a obra *Il Mechino altramente detto il Guerrino*, cuja autoria foi atribuída a Tullia. Alguns outros dos seus sonetos foram incluídos em antologias do século XVI, tais como *Il libro sesto delle rime di diversi eccellenti autori*, editado por Andrea Arrivabene.

Veronica Franco¹³⁸ nasceu em 1545 em Veneza e não era de baixo estatuto. Pertencia aos *cittadini* – os cidadãos autóctones da cidade – embora a sua família não fosse rica ou influente. Veronica como muitas das outras cortesãs foi iniciada no ramo pela sua mãe Paola Fracassa, antiga cortesã, que necessitava de dinheiro. Esta tomou a seu cargo a administração do dinheiro e dos bens da filha, que rapidamente singrou na profissão, pois seduziu muitas figuras importantes. Por conseguinte antes dos vinte anos já fazia parte do seletivo catálogo das cortesãs venezianas, juntamente com a mãe. Ainda durante a sua adolescência Veronica casou com o médico Paolo Panizza, embora fosse uma relação fugaz, pois rapidamente se separaram. Veronica teve seis filhos. Contudo, só três chegaram

¹³⁷ Existe um estudo e tradução deste trabalho: RUSSELL & MERRY (1997).

¹³⁸ As informações biográficas sobre Verónica Franco consideradas para esta investigação baseiam-se sobretudo nas obras de ROSENTHAL (1992); ROSENTHAL (1989) e TOURNIER (2006).

à idade adulta. Segundo o seu testamento, todos eles eram de pais diferentes, entre estes o nobre Andrea Tron, membro das famílias mais poderosas de Veneza.

Veronica tornou-se uma figura bastante proeminente na sociedade veneziana não só pelo seu talento enquanto amante, mas inclusive pelo seu gosto e estudo das artes e de literatura, e também devido à vocação que tinha para a escrita. Tornou-se uma das mulheres mais bem instruídas e eruditas da época. Como explica ROSENTHAL (1989: 237), tendo em consideração o seu estatuto, era difícil ela ter acesso aos estudos necessários para ser uma mulher tão culta e refinada, e como a sua instrução não foi documentada, deduzimos que ela beneficiou da educação providenciada aos seus três irmãos.

Entre 1570 e 1580, Verónica foi introduzida nos círculos mais elitistas de intelectuais e aristocratas, por Domenico Venier. Este geria um salão de grande influência, no qual os poemas de Veronica foram divulgados. Tornou-se também seu protetor. Nos círculos literários nos quais se inseriu rapidamente lhe reconheceram e elogiaram o grande talento de poetisa.¹³⁹ Veronica foi autora de poemas e cartas. Entre os seus trabalhos poéticos o que mais se destacou foi *Terze Rime* (1575).

O seu trabalho foi merecedor de grande louvor por ser feito por uma mulher, em especial uma cortesã, numa sociedade ainda dominada pelo discurso masculino. Foi igualmente importante na defesa da entrada das mulheres na vida pública. Através do seu trabalho, Veronica foi mais além, reescreveu a visão misógina e vulgar da cortesã criada por muitos autores contemporâneos como Pietro Aretino e Maffio Venier – a imagem da cortesã como uma prostituta comum, vigarista, oportunista, gananciosa e traiçoeira.¹⁴⁰ Veronica Franco, por seu lado, defende a cortesã como uma mulher intelectual, habilidosa e escritora, pedindo reconhecimento público pelos seus feitos. Tenta demonstrar que o que ela pretende oferecer aos homens é uma companhia culta e eloquente. Veronica utiliza o seu poema *Terze rime* (1575) como uma sátira e um debate, em forma de perguntas e respostas entre ela e um poeta anónimo que é referido como o *incerto autore*. Ela tem de se defender contra uma poderosa oposição que tenta diminuir o seu estatuto na sociedade.

¹³⁹ ROSENTHAL (1989: 229; 240) e ROSENTHAL (1992: VII; 17);

¹⁴⁰ Veronica demonstrou ser o oposto de todas estas características, em especial gananciosa e egoísta, uma vez que tal como muitas outras cortesãs, ela cuidou e sustentou a sua família, assim como tentou ajudar mulheres empobrecidas, sem uma figura paternal que as apoiasse. Após uma epidemia de peste, em 1577, Veronica terá também fundado um lar de crianças, deixadas órfãs pela peste. *Vide* ROSENTHAL (1992: 59; 65-66; 75) e TOURNIER (2006: 119).

Graças à sua grande mestria poética ela demonstra ser digna do nome de *cortesã honesta*, mulher capaz de lutar habilidosamente para entrar na esfera masculina.¹⁴¹

A sua entrada na vida pública e social veneziana não era de todo bem vista, quer pelas autoridades que tinham dificuldade em distinguir as cortesãs das restantes mulheres¹⁴², quer por muitos homens e mulheres que invejavam o apoio e proteção que as cortesãs recebiam de figuras ricas e influentes da sociedade.¹⁴³ Tal aconteceu, em parte, por também desejarem alcançar aclamação literária e social, e também porque viam as cortesãs como ameaça para as instituições e estruturas hierárquicas. Muitos destes, por uma razão ou outra, tentavam denegrir a imagem da cortesã, mostrando-a como uma simples prostituta venal. Veronica foi vítima de ataques por parte destes homens no campo literário, especialmente por Maffio Venier, com o poema “*Veronica, Ver Unica Puttana*”, onde ridiculariza o facto de uma prostituta ter a pretensão de entrar nos círculos literários venezianos, descrevendo-a numa imagem de perversidade, degradação e doença. Veronica Franco também foi vítima de ataques na vida social, pois ela foi denunciada perante o tribunal da Inquisição sob acusações de bruxaria, encantamentos e prostituição, pelo tutor do seu filho. No entanto, graças aos indivíduos poderosos que intercederam por ela, assim como graças à sua habilidosa retórica, ela defendeu-se com grande sucesso, sendo ilibada e tornando-se merecedora do nome de *cortesã honesta*.¹⁴⁴

Em 1580, publicou a obra *Lettere familiare a diversi*, com dois sonetos dedicados a Henrique III, de França. Até à sua morte em 1591, pouco mais sabemos da sua vida.

Veronica, como muitas outras mulheres, utilizou os seus talentos físicos e artísticos para sobreviver e se distinguir em meios sociais dominados por homens. Ela foi considerada uma das mais belas e cultas cortesãs de Veneza, mas ao mesmo tempo foi atacada pela sua profissão. Tentaram igualmente denegri-la enquanto artista, por ter a pretensão de ingressar em círculos sociais proibidos a mulheres normais e ainda mais a cortesãs. No entanto, Veronica Franco demonstrou que era talentosa o suficiente para

¹⁴¹ ROSENTHAL (1992: 58-60) e ROSENTHAL (1989: 230-232; 239).

¹⁴² *Provveditori alle pompe*, 1543: “Sono accresciute in tanto eccessivo numero le meretrice in questa città nostra, quale posposta ogni erubescencia et vergogna pubblicamente vanno per le stradde e chiesie et altrove si bem ornate et vistite che molte volte le nobiliti et cittadine nostre per non esser differente dal vestir delle dette, solo non slum dalli forastieri ma dalli habitante non conosciute le boné dalle triste, non cattivo et malíssimo exemplo di quelle che per mezo li stanno in stantia et che lev edono.” (Senato Terra. Reg. 32. Fol. 126.)” Citado em ROSENTHAL (1992: 59).

¹⁴³ As autoridades venezianas em 1543 alertavam os nobres para os perigos de estes manterem relações com cortesãs, e tentavam desencoraja-los de procurar os seus serviços, de as sustentarem economicamente e de as defenderem publicamente nos tribunais. *Vide* ROSENTHAL (1992: 66-67)

¹⁴⁴ ROSENTHAL (1898: 238-240; 249-256).

singrar como figura literária. Embora tal como Imperia e Tullia, Veronica tivesse também um grande talento, provavelmente cada uma delas só conseguiu alcançar reconhecimento e sucesso no meio literário porque através da sua profissão de cortesã se tornaram amigas e amantes das figuras mais proeminentes e influentes de Itália. Tiraram assim partido de ambas as suas atividades profissionais. Como nos diz BASSANESE (1988: 295):

The Italian *cortigiana* used any literary talent in her advantage: her letters not only communicated but also cajoled; her poetry won her more status, money and fame from those she eulogized; her verse was advertisement as well as art. To attract public approbation and positive consensus, she assimilated the male-proposed models in fashion, borrowed the man-made idiom of traditional Petrarchism, and composed herself physically and culturally as the erotic projection of male fantasies (...). More than any lady, the courtesan had to please and appease the males who were concurrently her admirers, her subjects, and her source of income, status, and reputation.

O título de cortesã honesta e a fama alcançados por Veronica representam, contudo, os avanços que esta mulher alcançou dentro da sociedade renascentista. Através da sua escrita Veronica Franco ganhou, por mérito próprio, respeito social e serviu de impulso para a desejada igualdade intelectual das mulheres.

Em relação a **Barbara Raffacani Salutati** existem poucas informações sobre a sua vida, a maioria relacionadas com o seu envolvimento com Nicolau Maquiavel.¹⁴⁵ Este foi um romance assumido e visível para todos, apesar de Maquiavel ser casado com Marietta Corsini. A comédia *La Clizia*, de Maquiavel, retrata o seu amor por Barbara. O mesmo acontece com muitas das cartas que dedicou a esta. Barbara terá também escrito as canções para a comédia *La Mandragola*, de Maquiavel.

Bárbara ficou conhecida em Florença, no século XVI, pelas suas atividades como cantora, poetisa, compositora e cortesã, sendo, contudo, mais elogiada pelo seu mérito como cantora. O reconhecimento dos seus dotes nestas áreas foi feito por Giorgio Vasari, quando este comenta o retrato de Barbara Salutati pintado por Domenico Puligo.¹⁴⁶ “[Puligo] painted a portrait of Barbara Fiorentina, famous at that time, a beautiful courtesan and much loved by many, not only for her beauty, but also for her fine manners, and particularly for being an excellent musician and a divine singer.”

¹⁴⁵ Vide RUGGIERO (2015: 480-482).

¹⁴⁶ Vide *supra*.

Através da análise destas figuras é possível concluir que as cortesãs desempenhavam um papel ambíguo na sociedade renascentista, pois eram consideradas mulheres promíscuas, que vendiam o seu corpo ou a sua companhia a troco de bens, de riqueza ou de ascensão social, embora associadas a uma vida de luxo, de requinte e de cultura. Por outro lado, as mulheres que conseguiam singrar nesta profissão e que eventualmente aprofundassem os seus dotes noutra área como a música ou a poesia eram reconhecidas por muitos como artistas respeitáveis, as *cortesãs honestas*. Ainda assim, a sua vida estava longe de ser fácil. Numa sociedade dominada por homens, a sua entrada nas esferas de domínio masculino tornava-as também vítimas de constantes ataques dirigidos ao seu trabalho e ao seu carácter. A mobilidade social destas mulheres quebrava todas as barreiras, pois entravam em esferas proibidas ao seu sexo, e à sua condição, uma vez que mantinham relações com e eram protegidas por cidadãos de classe social elevada.

3. Prostituição séculos XVII – XXI

Com o passar do tempo, o mundo das cortesãs entrou em declínio perante a pressão exercida por Protestantes e Católicos, incluindo o movimento dos puritanos criado em Inglaterra. Progressivamente as restrições e punições destes grupos foram também chegando às diversas cidades italianas. Já no século XVI, após o Concílio de Trento (1545-1563), foram criadas várias forças policiais para manter a ordem e confinar esta atividade em toda a Europa, apesar de estas nem sempre serem bem-sucedidas. Eles dificultavam e muito a vida das prostitutas, incluindo as cortesãs, que sofreram perseguições.¹⁴⁷

Durante o Renascimento foram as cidades italianas o palco das famosas cortesãs. No entanto, como explica SMITH (2008: 500), nos séculos XVIII e XIX era em França e depois em Londres que se encontravam as mulheres mais célebres deste meio. Contudo, as cortesãs deste período são completamente distintas das que encontramos durante o Renascimento Italiano, na medida em que a vertente intelectual e a educação privilegiada já não são características únicas destas mulheres, que se distinguem antes por serem extremamente carismáticas, encantadoras e animadas. Os dotes artísticos que marcaram algumas das cortesãs do Renascimento, na sociedade do século XVIII, eram pelo contrário motivo de desonra e vergonha. Estas cortesãs eram normalmente mulheres ligadas ao mundo do espetáculo como atrizes, cantoras ou dançarinas, em espaços como o teatro, a

¹⁴⁷ NORBERG (2013: 400-405); BRACKETT (1993) e ROBERTS (1996: 120-131; 140-148).

ópera, os cabarés, etc. A sua presença em palco era entendida como uma falta de honra e caráter moral. Contudo, no século XIX, com o desenvolvimento das artes e a sua profissionalização, esta ligação entre o mundo do espetáculo e a decência moral esmoreceu, pois as artes abriram caminho para que muitas mulheres alcançassem maior liberdade, reconhecimento social e autonomia financeira.

Do século XIX ao início do século XX, o mundo das cortesãs tornou-se distinto, especialmente em França. No período conhecido como *La Belle Époque*, a sociedade parisiense vive uma era de elegância e de libertinagem. Como explica CONYERS (2003: 220), mulheres conhecidas como as cortesãs ou “*les grandes horizontales*” eram reconhecidas e famosas pela sua extrema beleza e pela riqueza que alcançavam. Quer através dos seus espetáculos de dança, representação, música, quer dos diversos amantes que cativavam com os seus variados dotes físicos e artísticos, homens de estatuto e riqueza elevados. As suas aventuras amorosas eram motivo de grande curiosidade e alarido nos jornais da época.

Conyers (2003), no seu ensaio *Courtesans in Dance History: Les Belles de la Belle Époque*, lista cinco das mais conhecidas e proeminentes cortesãs da época, as verdadeiras “*les grandes horizontales*”: Caroline Otero; Liane de Pougy; Emilienne d'Alençon, Cléo de Mérode e Mata Hari. Com uma breve biografia de cada uma e com a descrição dos seus dotes artísticos e dos sucessos que alcançaram, assim como das suas ligações amorosas com grandes figuras da elite aristocrática, CONYERS (2003: 220-240) explica o grande sucesso destas mulheres. Tal sucedeu numa época em que o estatuto da mulher estava claramente em mudança. Algumas mulheres tinham mais autonomia e eram mais ousadas, tendo em conta o contexto social progressivamente liberal em que viviam. Ainda assim, como explica COCKS (2013: 48), a condenação da prostituição era mais severa, por parte de diversos grupos, maioritariamente religiosos e moralistas, pois, apesar das mudanças, a sociedade do século XIX caracterizava-se por rigorosos sistemas morais que identificavam a promiscuidade, característica intrínseca da prostituição, como um sinal de primitividade.

Progressivamente deu-se um aumento da consciencialização de movimentos e de grupos em relação a temas como a propagação da sífilis e de outras doenças sexualmente transmissíveis o que consequentemente levou ao aumento das campanhas contra a prostituição, e tornando-a uma atividade criminalizada nas sociedades dos séculos XVIII e XIX. No século XIX, as doenças venéreas e a prostituição eram consideradas inseparáveis.

A prostituta era vista como uma predadora. Abordava os homens em todo o tipo de espaços públicos, homens que desculpavam os seus desvios e maus comportamentos com a existência de tais mulheres. As prostitutas tornaram-se uma ameaça biológica pública que contaminava o espaço social e passaram assim a ser culpabilizadas por muitos dos males com que as comunidades se debatiam. O seu registo e as inspeções médicas regulares tornaram-se obrigatórios, assim como o seu isolamento e a marginalização em relação à sociedade.¹⁴⁸

Devido ao grande preconceito de que eram vítimas, elas tornaram-se vulneráveis perante crimes violentos, violações e até mesmo homicídio. É célebre a história de Jack, o Estripador, nome dado a um assassino de identidade desconhecida, que na segunda metade do século XIX matou diversas prostitutas na cidade de Londres, mais precisamente nas ruas de Whitechapel.¹⁴⁹ O número de vítimas confirmadas por Sir Melville MacNaughten, chefe assistente da investigação criminal da época, como sendo de *Jack* foi de cinco.¹⁵⁰ Contudo, muitos historiadores rejeitam esta teoria, alegando que terá havido mais vítimas.¹⁵¹ Todas elas eram prostitutas, mulheres pobres com problemas de consumo de álcool. As quatro primeiras mulheres tinham cerca de quarenta anos, e a última cerca de vinte anos. Todas elas tinham a garganta cortada e sofreram diversas mutilações na zona do abdómen e nos genitais. Catherine Eddowes terá sido a única a não ser mutilada, embora a polícia tenha atribuído a sua morte a Jack, por suspeita de este ter sido interrompido e não ter conseguido terminar a mutilação do cadáver, o que porventura terá levado à segunda vítima da noite. Foi uma história que pelo mistério serviu e continua a servir de base a imensas teorias, livros e filmes.

Como explicam CRUZE (2013: 447-448) e NORBERG (1996: 308-313), em geral, a lei continuava a atribuir a culpa às mulheres, por se considerar que tinham falta de caráter e valor moral. Era responsabilidade destas tornarem-se vítimas de violência sexual, como tal

¹⁴⁸ NORBERG (1996: 34-50); LUDDY (2013: 414-419) e HALL (2013: 479-482; 487).

¹⁴⁹ A identidade de Jack, o Estripador nunca chegou a ser descoberta, vários foram os suspeitos, mas poucas as provas. As teorias recorriam para alguém que fosse médico, ou tivesse conhecimentos médicos ou então um talhante, por causa das mutilações e da remoção de órgãos das vítimas. Para mais informações sobre as histórias de Jack, o Estripador, *vide* STAPLETON (2014) e RUMBLELOW (2013).

¹⁵⁰ A primeira vítima foi Mary Ann Nichols, a 31 de Agosto de 1888; a segunda foi Anne Chapman, a 8 de Setembro de 1888; a terceira foi Elizabeth Stride, a 30 de Setembro de 1888; a quarta foi Catherine Eddowes, na mesma data; e a quinta foi Mary Jane Kelly, a 9 de Novembro de 1888.

¹⁵¹ Entre elas Annie Millwood, Ada Wilson, Emma Smith, Martha Tabram, Annie Farmer, Rose Mylett, Elizabeth Jackson, Alice McKenzie, e Frances Coles. *Vide* EDDLESTON (2001).

não se lhes atribuía credibilidade enquanto testemunhas e, na maioria dos casos, não lhes era feita justiça. Esta mentalidade prevaleceu até ao dia de hoje.

O nosso atual entendimento do trabalho da prostituta e do comércio de sexo e suas consequências, incluindo o estigma que marca a vida destas mulheres foi moldado por um conjunto de factores que só uma análise profunda e interdisciplinar da história torna compreensíveis. Esses factores são enumerados por LUDDY (2013: 409):

The practices of prostitution, its relationship to power and authority, the politics of sexuality, the diversity of the experience of prostitutes, the ways in which venereal diseases have shaped public health policy, the impact of international debates on issues such as “trafficking” and the rights of women and children, together with the impact of regulation on the colonies suggest how these new histories of prostitution are reshaping our understanding of the impact of what is never simply an act of sexual commerce.

Na civilização contemporânea, o mundo da prostituição é marcado por um conjunto de clichés e estereótipos criados por uma diversidade de grupos relacionados com a política, as teorias feministas, a ciência, o direito e a saúde, que condicionam a forma como encaramos o comércio de atos sexuais. Moral ou imoral, certo ou errado, voluntário ou forçado? Seguindo esta política ou aquela doutrina, cada um procurou ao longo dos anos desenvolver opiniões sobre os prós e contras desta atividade. Tentou-se intervir na sua prática com o incentivo à legalização ou pretendeu-se restringir o comércio sexual, tornando-o ilegal e sancionando-o. No geral, não há consenso sobre como lidar com o negócio do sexo e com os seus intervenientes.

Ainda hoje, em pleno século XXI, a prostituição continua a existir, por necessidade, por gosto ou por causa do tráfico de seres humanos. É um negócio marginal, mas com imensa procura e consequentemente grande lucro. Como tal, o próximo ponto da investigação focar-se-á na prostituição de luxo na atualidade.

Capítulo 4 – Prostituição de Luxo na atualidade

1. Contextos Sócio-culturais da prostituição na atualidade

1.1. Caracterização do negócio da prostituição

Tendo em conta os diversos períodos da história analisados ao longo desta investigação, podemos afirmar que apesar das fases conturbadas, das crises e das restrições impostas à prostituição e aos seus intervenientes, esta continua a ser uma profissão com bastante adesão, e é um fenómeno impossível de ser eliminado da sociedade. Considerando que há sempre alguém disposto a vender os seus serviços sexuais, segundo WEIZTER (2010: 1), este termo engloba “activities of direct physical contact between buyers and sellers (prostitution, lap dancing) as well as indirect sexual stimulation (pornography, stripping, telephone sex, live sex shows, erotic webcam performances)”, mediante diferentes tipos de pagamento. As razões da escolha deste tipo de vida variam entre pobreza, alternativa ao casamento, dificuldades no mercado de trabalho, procura de autonomia conjugal, financeira, gosto ou prazer no que se faz, etc. Da mesma forma, existe sempre alguém disposto a comprar serviços sexuais, sejam clientes casados ou solteiros, sexualmente satisfeitos ou insatisfeitos. Como foi possível apurar nos capítulos anteriores, o mercado da prostituição existe pelo menos desde a antiguidade clássica, sendo na atualidade, como explicam EDLUND & KORN (2002: 182; 188-189) e WEITZER (2010: 1-2), um dos mais procurados e lucrativos do mundo.

Com os profissionais do sexo, as pessoas procuram um relacionamento baseado principalmente na procura de prazer sem laços afetivos, sem compromissos ou consequências reprodutivas. Esperam a realização das suas fantasias mais íntimas sem juízos de valor moral. Como explicam EDLUND & KORN (2002: 184) e ARNOWITZ (2014: 224), este é um negócio onde os compradores são na sua maioria homens e as mulheres são as principais vendedoras, apesar da crescente importância da prostituição masculina, que segundo KOKEN *et al* (2010: 222), continua também principalmente a prestar serviços à clientela masculina.¹⁵²

De acordo com EDLUND & KORN (2002: 188-192) e ARNOWITZ (2014: 224-225), a persistência desta profissão tão controversa deve-se provavelmente ao facto de esta ser uma atividade bem paga, em que os profissionais obtêm grande lucro financeiro de

¹⁵² Para mais informações sobre a prostituição masculina, *vide* WEITZER (2011).

forma rápida, sem necessitar de habilitações tradicionais – tendo em conta o mercado de trabalho que muitas vezes lhes oferece poucas oportunidades ou condições e salários precários – e que ainda, em muitos países, é ilegal, e uma atividade que escapa à taxaço fiscal. Trata-se, portanto, de um mercado em que é fácil entrar, e que, apesar de existir muita concorrência, tem grande procura e é extremamente lucrativo. Tendo em conta estes factores, é natural que as mulheres que trabalham neste ramo sejam diferenciadas e valorizadas também segundo os serviços que fornecem, e principalmente segundo o investimento que fazem em si, pois como explica COELHO (2009: 207-208), o corpo de uma prostituta é a principal razão para a escolha por parte do cliente.

Segundo COELHO (2009: 40) e WEITZER (2010: 8-17), existem atualmente diferentes tipos de prostituição. No entanto, nem sempre é fácil distingui-los e os profissionais desta indústria podem estar inseridos em mais do que uma categoria. Existem: 1) as/os prostitutas/(os) de rua; 2) acompanhantes de luxo ou *escorts* ou *call girls*, que podem trabalhar como independentes ou para uma agência; 3) massagistas eróticas/(os); 4) prostitutas/(os) de alterne; 5) *stripers*/bailarinas/(os) eróticas/(os); 6) atrizes/atores e modelos pornográficos; 7) operadoras/(es) de linhas eróticas. Atendendo à grande variedade de profissionais deste meio, a expressão mais correta para os designar será “profissionais do sexo”, que, de acordo com ARNOWITZ (2014: 224), foi criada para evitar o estigma ligado à palavra “prostituta/(o)”. Todos estes profissionais atuam em diferentes meios, com diferenciados serviços e ganhos, segundo as suas necessidades e as dos clientes que os procuram, sendo ou não dependentes de terceiros e também tendo em conta as leis que regulam esta atividade no país ou cidade em que se encontram.

Os locais ou espaços utilizados para a prática da prostituição são igualmente variados.¹⁵³ Consideremos os principais locais onde na atualidade se concentram este tipo de práticas. A rua é o local mais conhecido para a prática da prostituição, sendo uma atividade propícia de ruas movimentadas e com má reputação. Como foi possível constatar nos capítulos anteriores, a prostituição de rua manteve-se relativamente estável ao longo dos tempos, sem nunca desaparecer, embora tenha declinado ligeiramente em alturas mais conturbadas e de perseguição aos seus intervenientes, em certas cidades e países. Muitos dos profissionais do sexo que trabalham na rua abordam e angariam os clientes, assim como procedem à transação comercial com estes no espaço público em que se encontram,

¹⁵³ Para uma análise mais detalhada dos diferentes locais utilizados atualmente para a prática da prostituição, vide DITMORE (2011: 1-14); WEITZER (2010: 7-17) e LEVER & DOLNICK (2010: 186-203).

seja ele um passeio, um beco, um parque de estacionamento, uma paragem de transportes, um café, etc. Contudo, a interação sexual com o cliente pode ocorrer quer no espaço privado, quer no público. Quando ocorre na rua, normalmente realiza-se nos becos, ou nos veículos dos clientes; ocorre em espaços privados quando a se prostituta desloca com o cliente para um hotel ou uma pensão, uma vez que muitas destas profissionais fazem negócio pequenos espaços hoteleiros, alugando quartos para os encontros com os clientes, ou, embora raramente, pode também ocorrer na residência dos mesmos. Existem também alguns profissionais de rua que moram em edifícios normalmente abandonados, de onde aliciam e onde mantêm relações sexuais com os clientes. Sendo esta a forma mais visível da atividade prostitucional, o sucesso dos trabalhadores de rua depende muito das políticas vigentes que regulam a atividade nos países e nas cidades em que estes se encontram.

Segundo WEITZER (2010: 9), muitos destes profissionais de rua são fugitivos, pessoas com poucos recursos, com problemas criminais, e que escolhem esta atividade por necessidade. Uns optam por este ofício para poderem sustentar os seus vícios com drogas e/ou álcool, outros recorrem a estes aditivos para “sobreviver” com a sua escolha. Em comparação com as acompanhantes de luxo, a interação dos profissionais de rua com os clientes é muito diferente, em relação ao tempo, aos serviços prestados e aos pagamentos. Segundo o estudo de LEVER & DOLNICK (2010: 194-201), as prostitutas de rua, normalmente, demoram menos de uma hora com um cliente; os seus clientes regulares são poucos; maioritariamente são procuradas para relações sexuais, sendo as práticas mais comuns as relações vaginais e orais; e algumas das prostitutas aceitam ter relações sexuais sem o uso de preservativos, com medo de perderem o cliente ou o serviço; os valores que recebem por norma são baixos; os bens materiais que por vezes recebem por parte dos clientes resumem-se sobretudo a comida, a álcool, a cigarros e raramente flores.

Em relação à prostituição que acontece em espaços interiores, os locais utilizados também são diversos: salões e clubes noturnos ou bares de alterne. Na maioria destes locais as raparigas trabalham como prostitutas, mas têm de entreter o cliente de forma a estimular o consumo de bebida por parte deste e aumentar o lucro do bar, devendo também uma percentagem do valor dos serviços sexuais que cobram ao cliente reverter para o clube. Estas mulheres estão igualmente sujeitas a diversas regras por parte do estabelecimento em que trabalham, referentes aos seus horários, períodos de descanso, relacionamento com os clientes, etc. Além destes estabelecimentos existem clubes

dedicados a certas especialidades sexuais como o sadomasoquismo, onde os clientes procuram realizar fetiches sexuais com trabalhadoras especializadas. Existem também os clubes de *striptease* e danças exóticas. Nem todas as profissionais destes estabelecimentos vendem sexo, mas as que vendem serviços sexuais fazem-no como complemento do *show* de dança.¹⁵⁴

Os bordéis continuam a ser estabelecimentos comuns para a venda de serviços sexuais, contudo, a sua legalidade depende das leis vigentes que regulam a prostituição.¹⁵⁵ Por norma, são administrados por um gerente ou pelo dono, que trata da sua manutenção, segurança e publicitação. Atualmente, estes espaços possuem também *sites* onde são apresentados aos clientes os anúncios das trabalhadoras do estabelecimento, os seus serviços e condições. Através da reportagem “Toda a verdade – prostituição, os supermercados do sexo”¹⁵⁶, realizada pelo canal português SIC Notícias, e do documentário “Taboo: Prostitution”¹⁵⁷, produzido por Beyond Entertainment Limited, para o canal National Geographic foi possível aferir que os bordéis são hoje completamente distintos entre si, tendo estes estabelecimentos também se adaptado às novas exigências da sociedade moderna.¹⁵⁸ Atualmente, podem-se encontrar bordéis do estilo mais básico ao mais luxuoso; desde espaços de pequenas dimensões e de funcionamento familiar a estabelecimentos que ganham contornos de hipermercados¹⁵⁹; bordéis que utilizam os meios tecnológicos para comercializar de outra forma os seus

¹⁵⁴ Para mais informações sobre os clubes de *strip*, vide FRANK & CARNES (2010: 115-137).

¹⁵⁵ Como é possível constatar ao longo desta investigação, estes estabelecimentos de venda de sexo existem desde a Grécia clássica. Ao longo dos tempos tiveram uma nomenclatura própria, e a sua institucionalização sempre dependeu das políticas que regulamentam a indústria da prostituição. Em certas épocas, estes estabelecimentos foram considerados um negócio público, sendo financiados e protegidos pelas autoridades, noutras eram declarados locais infames, por isso foram banidos ou confinados em espaços destinados à atividade de prostituição.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0CrCkLcqWTK>, acessado em 19/08/2014.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDDdEsOffFc>, acessado em: 18/08/2014.

¹⁵⁸ Como explica PERSAK (2014: 112), a difícil conjuntura económica que vivemos atualmente também afeta o negócio da prostituição, tendo alguns destes estabelecimentos tomado medidas para combater a crise e atrair clientes. Por exemplo, na Alemanha, o bordel Maison d’envie fez um desconto a todos os clientes que pudessem provar que tinham ido a pé ou de bicicleta para o local.

¹⁵⁹ Como foi explicado na reportagem “Toda a verdade – prostituição, os supermercados do sexo”, estes estabelecimentos são de grandes dimensões. Destinam-se ao consumo das massas e ganharam esta caracterização também pelo seu funcionamento. Como é possível conferir na reportagem, em alguns destes espaços os clientes necessitam de pagar para entrar no estabelecimento, e dentro do mesmo existem dezenas de raparigas seminuas, como numa exposição de gado, a aliciar os clientes para sexo. Pela grande concorrência entre as profissionais, os preços dos seus serviços variam imenso, tendo em conta que muitas tentam negociar o valor com o cliente, de forma a serem as escolhidas para o serviço. O pagamento é feito em dinheiro, por isso, muitos estabelecimentos possuem caixas de multibanco. Nestes estabelecimentos, é muito comum existirem traficantes de drogas que se aproveitam do grande movimento para fazer o seu negócio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0CrCkLcqWTK>, acessado em 19/08/2014.

serviços, por exemplo, com a transmissão de sexo ao vivo entre clientes e prostitutas, a estabelecimentos básicos na prestação de serviços, desde locais onde os clientes apenas conhecem as trabalhadoras no interior, a bordéis em que elas se expõem em montras a aliciar os clientes.¹⁶⁰

Como foi possível verificar na reportagem “Toda a verdade – prostituição, os supermercados do sexo”, atualmente alguns salões de massagem são igualmente utilizados para a atividade da prostituição, uma prática iniciada no século XIX, em especial em países onde o negócio é ilegal como os Estados Unidos e a França¹⁶¹. Certos salões servem apenas de fachada, são disfarçados de negócios legais para encobrir o verdadeiro negócio da prostituição, enquanto outros comercializam os dois serviços (massagens e sexo). Na maioria dos casos, existem preços fixos para as massagens e preços adicionais para os diferentes serviços sexuais. Nestes estabelecimentos, a conversação que se estabelece sobre o negócio entre o cliente e a trabalhadora do local quase nunca é explícita, uma vez que, tratando-se de uma prática ilegal nestes países, é muito comum estes salões serem vigiados pela polícia que os tenta surpreender em flagrante delito, como foi possível confirmar através da reportagem. Como indica DITMORE (2011: 8-9), nos Estados Unidos, estes salões são na sua maioria de domínio asiático. É também esta a origem das trabalhadoras. O mesmo se verifica na cidade de Paris, onde, segundo as autoridades policiais

¹⁶⁰ Por exemplo, na reportagem “Toda a verdade – prostituição, os supermercados do sexo”, podemos ver como funciona um pequeno bordel na Bélgica. Estes são estabelecimentos de pequenas dimensões, uma espécie de casas familiares, sendo pouco rentáveis. Atualmente já só sobrevivem os que se encontram estabelecidos no mercado há muito tempo, com clientes fixos. O lupanar referido é gerido por Meirelle, a dona do estabelecimento, em conjunto com a irmã. Para o seu bordel, elas escolhem raparigas bonitas, apresentáveis e simpáticas, e são estas que se expõem em montras a aliciar os clientes. Meirelle faz um contrato de trabalho com todas as prostitutas que trabalham para si, no entanto, no contrato nada diz sobre prostituição. Indica sim que as raparigas trabalham como empregadas de mesa, e recebem um salário mínimo de 11 euros por hora, de forma a que possam depois ter direito à segurança social e à reforma. Dos lucros provenientes dos serviços, Meirelle fica com metade do que as prostitutas cobram aos clientes. Das bebidas que elas levam os clientes a consumir, 40% do valor é para as trabalhadoras e o resto para Meirelle. Por outro lado, através do documentário “Taboo: Prostitution” ficamos a conhecer o funcionamento de um dos bordéis de luxo da atualidade, o bordel *Stiletto* na Austrália. É um local de luxo, com todo o tipo de conforto e benefícios para os clientes e para as acompanhantes que aí trabalham: inclui salas privadas para as trabalhadoras se prepararem, ginásio, quartos luxuosamente decorados, etc. Chegado ao local, o cliente é que escolhe a acompanhante. Pode também fazê-lo através do *Website*: <http://stiletto-brothel.com.au/sydney/>. Durante o encontro, no quarto, os órgãos sexuais dos clientes são inspecionados pela acompanhante, de forma a tentar detetar algum tipo de doença. O preço é determinado conforme o que o cliente pretende fazer e o tempo que quer ficar no estabelecimento, e é pago à acompanhante no início do encontro, que o guarda com o *cashier* do bordel. Uma mulher que trabalha neste bordel pode conseguir de lucro 117,000 mil dólares por ano. Por turno elas podem atender até dez clientes. As mulheres que trabalham neste bordel são de uma beleza notável, são instruídas, estão na indústria por escolha própria e muitas gostam do que fazem.

¹⁶¹ Como será explicado mais à frente, atualmente na França já não é proibido prostituir-se, mas o proxenetismo, a prostituição organizada, ou mesmo a compra de sexo ainda são ilegais.

entrevistadas na reportagem, havia, pelo menos em 2012, entre cento e cinquenta a duzentos estabelecimentos deste género.

Como explica WEITZER (2010: 9-12), nos espaços interiores onde se pratica a prostituição, as profissionais do sexo encontram-se muito mais protegidas do que as que trabalham nas ruas, pois nestes estabelecimentos existem seguranças, gerentes, colegas de trabalho que podem intervir em caso de algum tipo de violência. Alguns locais estão equipados com sistemas de alarme e de vídeo. É igualmente menos provável que os profissionais destes estabelecimentos tenham um passado de abuso, ou de consumo de drogas, e não são tão estigmatizados, por não estarem tão visíveis no espaço público. As interações com os clientes são mais longas, de carácter multifacetado, e mais recíprocas. Isto é, como refere WEITZER (2010: 11):

(...) indoor workers are much more likely to counsel and befriend clients, and their encounters often include a semblance of romance, dating, friendship, or companionship (...) Indoor workers are more likely than street workers to be caressed, kissed, massaged, or hugged by, and to receive oral sex or manual stimulation from, a client. Indeed, in at least some indoor venues, the workers *expect and request* such sensual and sexual behaviour from clients as a routine part of the encounter.

É também de referir brevemente (uma vez que serão desenvolvidas em pormenor nos tópicos seguintes deste capítulo) as agências de acompanhantes, que são semelhantes aos bordéis – oferecem o serviço de trabalhadores do sexo, normalmente pessoas instruídas, com níveis de comportamento e de boas maneiras elevados, que estão dispostas a oferecer uma diversidade de serviços a clientes que os procuram, quer para servirem de companhia em eventos, quer para realizar qualquer tipo de fantasia erótica. E as acompanhantes que trabalham de forma independente, utilizando anúncios e a *internet* para se publicitar e para conseguir clientes. É necessário fazer a distinção entre as acompanhantes profissionais que trabalham sozinhas – são aquelas que conseguiram estabelecer-se no mercado, tendo já uma clientela fixa; e as acompanhantes amadoras – mulheres que nunca se prostituíram em algum estabelecimento, nem foram introduzidas no meio por alguém da indústria, mas que o fizeram por curiosidade ou necessidade. Resolveram responder a anúncios de clientes em *sites* e iniciaram-se, assim, na prática da prostituição. Os encontros são marcados entre elas

e os clientes, em qualquer sítio, estando sujeitas a todo o tipo de situações de perigo, sem apoios. Esta prática é cada vez mais recorrente entre jovens estudantes inexperientes.¹⁶²

Em todos os espaços descritos, os clientes vão à procura de prostitutas, tendo a possibilidade de escolher as raparigas segundo os diversos serviços especializados que estas oferecem ou pelos seus atributos corporais. São diversos os motivos que os levam à procura dos serviços de prostitutas. No entanto, como explica MONTTO (2010: 249) os clientes compram sexo, mas fazem-no unicamente com um parceiro sexual que disponha de determinados atributos físicos, que pode ser uma cor específica de cabelo, um tipo de corpo ou uma determinada etnia. Segundo entrevistas feitas a clientes de prostitutas, MASSARI (2009: 8) conseguiu apurar que alguns sentiam-se atraídos apenas por determinadas partes do corpo das mulheres que escolhiam, tais como: os lábios, as costas, os seios, etc. Como explica MASSARI (2009: 9):

Clients' choice is made on the basis of a kind of menu of the various body organs they have in front of them, onto which they project their fantasies and desires. Women are often chosen on the basis of the fantasies connected with single body parts which are used in a totally instrumental way, completely disregarding the person in her integrity.

Segundo DAVIDSON (2014: 519-520), por norma os clientes têm preferência por jovens, com idades compreendidas entre os dezanove e os vinte e cinco anos; com seios e nádegas salientes; loiras e/ou morenas. Todos estes atributos são depois enfatizados nos textos e imagens de apresentação nos anúncios das prostitutas, como é possível conferir no Anexo B, onde se inclui a análise de anúncios de prostitutas de luxo. Com base em diversos estudos, DAVIDSON (2014: 520) afirma também que a mulher branca se

¹⁶² Os jovens estudantes são um grupo cada vez mais prejudicado pela atual conjuntura económica. Sendo cada vez maior o número de pessoas deste segmento que envereda por esta prática, por ver nesta uma resposta fácil e rápida aos seus problemas. Na França, em 2006, o sindicato SUD-*Étudiant* indicou que cerca de 40 000 estudantes se prostituíam para poder continuar os estudos. *Vide* CLOUET (2008: 169). Um estudo recente publicado em 2015, "The Student Sex Work Project", levado a cabo pelos investigadores Dr. Tracey Sagar e Debbie Jones, Dr. Katrien Symons e Jo Bowring, da Swansea University, com a participação de 6,750 estudantes do Reino Unido, revelou que 5% dos inquiridos já haviam trabalhado na indústria do sexo e 22% haviam considerado a hipótese. Os dados da pesquisa encontram-se disponíveis em: <http://www.swansea.ac.uk/media/Student%20Sex%20Work%20Report%202015.pdf>, acedido em 05/06/2015. Segundo CLOUET (2008: 176-185), as escolhas por parte dos estudantes, para a prática desta atividade ocorrem sobretudo por diferentes situações de rutura nas suas vidas, existindo três tipos que justificam esta escolha por este segmento: de carácter socioeconómico, amorosas e de afastamento dos valores tradicionais. Por norma, a precariedade financeira e um custo de vida elevado são os principais factores, como foi possível constatar com a análise do caso de "Laura D", e no estudo recente referido.

encontra no topo do mercado do sexo e a mulher negra na base, sendo muitos os clientes relutantes em pagar por sexo com mulheres de pele escura.

1.2. A Internet

A *internet* abriu portas para novas formas de prostituição, visto que é possível interagir com os trabalhadores do sexo no mundo virtual, sem que os clientes tenham de se encontrar fisicamente com estes. O sexo é vendido através de imagens, filmes e ao vivo através da *webcam*. Este tipo de prostituição virtual é muito comum na atualidade e um bordel extremamente famoso pela sua prática é o bordel *Big Sister*, em Praga. Neste bordel, os clientes encontram-se com as prostitutas para ter sexo, contudo, não pagam pelos serviços sexuais. Em vez disso, pagam a entrada no valor de dez euros. Depois se quiserem acompanhá-las ao quarto têm de assinar um contrato no qual aceitam ser filmados nos seus atos sexuais, uma vez que todos os quartos do bordel incluem uma câmara que grava em direto a interação sexual entre os clientes e as prostitutas que lá trabalham. O lucro deste bordel advém essencialmente do grande número de clientes que subscrevem este serviço *online* de forma a assistirem em direto, através do seu computador, a este tipo de prostituição. As mulheres que trabalham neste bordel não recebem por cliente, mas auferem um salário mensal com valores entre os 3000€ e os 5000€.¹⁶³

A *internet* também possibilitou a entrada de um maior número de pessoas neste tipo de negócio. Muitos iniciaram a atividade sem qualquer tipo de experiência, e fazem-no apenas ocasionalmente. A *internet* possibilitou-lhes a criação de uma vida dupla e oculta, sendo alguns deles casados, pais, trabalhadores. No entanto, recorrem à prostituição amadora sem jamais revelarem aos amigos e familiares que o fazem, e devido à discrição dos encontros e dos meios utilizados, muito dificilmente serão identificados como trabalhadores deste meio. A *internet* criou igualmente um sentimento de maior controle e segurança aos profissionais do sexo, pois é possível avaliar o cliente numa conversação virtual, procurar e partilhar informações sobre este com os restantes membros da indústria, especialmente se o cliente for violento ou tiver doenças sexualmente transmissíveis.

¹⁶³ Para mais informações sobre este bordel, *vide* o documentário *Taboo Prostitution*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDDdEsOffFc>, acessado em 18/08/2014; e a entrevista de Miguel Torres, a Carl Borowitz, o *manager* e relações públicas do bordel *Big Sister*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=51DqESMnJDI>, acessado em 18/08/2014.

1.3. Políticas vigentes em três países da União Europeia

O humorista George Carlin lançou a questão: “Sex is legal. Selling is legal. Why is selling sex illegal?”. Trata-se de uma questão pertinente quando atualmente tudo parece ter um preço, contudo, nem tudo é aceite como comercializável do ponto de vista moral.¹⁶⁴ Hoje em dia, tal como explicam WONDERS & MICHALOWSKI (2001: 550), as pessoas estão constantemente a consumir, não só bens materiais, mas também outras pessoas, “via the purchase of human services, relational experiences, and sexual encounters”. No entanto, a comercialização da sexualidade é algo que ainda não é bem aceite pela maioria das pessoas, que criminaliza, penaliza e estigmatiza quem o faz. Como explica SILVA (2010: 15), a venda de serviços sexuais engloba um conjunto de problemas sociais como a saúde pública, o tráfico e a exploração de pessoas, a qualidade de vida, a degradação moral, etc. E a extensão destes problemas varia de país para país, dando origem a diferentes tipos de políticas e programas sociais que regulamentam esta atividade.

Com base em diferentes fontes como documentários, reportagens e monografias, analisamos neste capítulo as práticas de prostituição na atualidade em Portugal, na Holanda e na França. Estes países foram selecionados, pois as suas políticas relativas à prática da prostituição são completamente diferentes entre si, sendo importante a sua análise de forma a compreender como se processam atualmente estas diferentes realidades.

1.3.1. Portugal

Em Portugal, é de assinalar que este tipo de atividade não é legal, embora, desde 1983, esta prática tenha sido despenalizada. Tal como explicam PERSAK & VERMEULEN (2014: 16), esta tem sido uma atitude de muitos países europeus, que descriminalizam a prática da prostituição, no entanto, criminalizam o segmento mais visível, ou seja, a oferta e venda de serviços sexuais nos espaços públicos. Há também que ter em conta que, na lei portuguesa, não se encontram distinções ou artigos específicos para os diferentes tipos de prostituição.

No código penal português é referido que quem exercer e/ou promover o lenocínio ou proxenetismo está sujeito a penas de prisão de cinco a seis meses, ou de um a oito anos conforme a gravidade da acusação.¹⁶⁵ Se tal prática ocorrer contra menores de idade, a lei

¹⁶⁴ Citação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1prYbnnDs7Q>, acessado em 30/08/2014.

¹⁶⁵ De acordo com o artigo 169º, nº 1 “Quem, profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição é punido com pena de prisão de cinco a seis

prevê penas de prisão de um a dez anos.¹⁶⁶ De acordo com o artigo 160º, o tráfico de pessoas para a prostituição é também punido, com moldura penal até doze anos de cadeia. Para quem pratica o ato de se prostituir, a única lei prevista no código penal é a do artigo 170º, referente à importunação sexual de terceiros, que prevê penas de prisão de até um ano, ou uma multa de até 120 dias para os ofensores.¹⁶⁷ Os clientes não sofrem qualquer tipo de penalização pela compra de serviços sexuais, a não ser que o façam com menores de idade.¹⁶⁸ Apesar das recentes recomendações sobre a criminalização da compra de sexo, feitas pelo Parlamento Europeu aos países da União Europeia, Portugal não aderiu a elas.¹⁶⁹

Por não ser uma atividade legal, os trabalhadores do sexo em Portugal não têm quaisquer direitos sociais ou fiscais, e estão mais vulneráveis a situações de violência, de abusos sexuais, de doenças e de tráfico humano. Por estas razões, muitos membros da indústria do sexo e mesmo outras forças sociais vêm pedindo e lutando pela legalização da atividade, para que a prostituição venha a ser encarada como uma profissão, ficando sujeita a um regime laboral e fiscal como qualquer outra, e para que os seus trabalhadores possam ter os mesmos direitos e benefícios que os restantes. Os profissionais desta atividade

meses. Nº 2 Se o agente cometer o crime previsto no número anterior: a) por meio de violência física ou ameaça grave; b) através de ardil ou manobra fraudulenta; c) com abuso de autoridade resultante de uma reação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho; ou d) aproveitando-se de incapacidade psíquica ou de situação de especial vulnerabilidade da vítima; é punido com pena de prisão de um a oito anos.” Redação dada pela Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, com entrada em vigor a 15-09-2007.

¹⁶⁶ De acordo com o artigo 175º, nº 1 “Quem fomentar, favorecer ou facilitar o exercício da prostituição de menor é punido com pena de prisão de um a cinco anos. Nº 2 Se o agente cometer o crime previsto no número anterior: a) por meio de violência física ou ameaça grave; b) através de ardil ou manobra fraudulenta; c) com abuso de autoridade resultante de uma reação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho; ou d) aproveitando-se de incapacidade psíquica ou de situação de especial vulnerabilidade da vítima; é punido com pena de prisão de dois a dez anos.” Redação dada pela Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, com entrada em vigor a 15-09-2007.

¹⁶⁷ Artigo 170º: “Quem importunar outra pessoa praticando perante ela atos de caráter exibicionista ou constrangendo-a a contato de natureza sexual é punido com pena de prisão até um ano ou com multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.” Redação dada pela Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, com entrada em vigor a 15-09-2007.

¹⁶⁸ De acordo com o artigo 174º, nº 1 “Quem, sendo maior, praticar ato sexual de relevo com menor entre 14 e 18 anos, mediante pagamento ou outra contrapartida, é punido com pena de prisão até dois anos ou com pena de multa até 240 dias. 2- Se o ato sexual de relevo consistir em cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos, o agente é punido com pena de prisão até três anos ou com pena de multa até 360 dias. 3- a tentativa é punível.” Redação dada pela Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, com entrada em vigor a 15-09-2007.

¹⁶⁹ Sobre as novas medidas de punição de clientes pela compra de sexo defendidas pelo Parlamento Europeu, ver o artigo “Europa quer punir clientes de prostituição mas Portugal não alinha” de Luís Claro, no *Jornal i*, Disponível em: <http://www.ionline.pt/artigos/portugal/europa-quer-punir-clientes-prostituicao-portugal-nao-alinha/pag/-1>, acedido em 31/08/2014.

solicitam, sobretudo, os cuidados de saúde e de segurança que lhes são negados e sem os quais se encontram muitas vezes em situações de grande risco.¹⁷⁰

1.3.2. Holanda

Na Holanda, a prostituição é totalmente legal desde o ano 2000. Até esta data, a atividade da prostituição em si, desde que fosse praticada por maiores de idade e de forma voluntária também era legal.¹⁷¹ Contudo, os bordéis e outras formas de organização de prostitutas eram ilegais desde 1911, embora, na sua maioria, os clubes de sexo continuassem a florescer na Holanda e fossem tolerados, desde que em zonas específicas das cidades holandesas.¹⁷² A de 1 de Outubro do ano 2000, a lei que bania os bordéis foi revogada, sendo a partir de então concedida uma licença a alguns estabelecimentos (bordéis, clubes de sexo, agências de acompanhantes), que necessitam de cumprir os requisitos das autoridades municipais para poderem ser locais de trabalho legal, estando assim sujeitos a constantes inspeções e policiamento.¹⁷³ Pelo grande número de áreas existentes, as regulamentações destes estabelecimentos são distintas entre si, no entanto, existem algumas comuns, tais como: 1) a restrição do seu número e a localização destes espaços em zonas próprias; 2) a imposição de registo criminal aos donos e gerentes destes estabelecimentos; 3) estes espaços necessitam também de possuir os requerimentos de higiene, de saúde e de segurança básicos – por exemplo, todos os estabelecimentos têm de ter preservativos novos, as áreas de trabalho devem possuir alarmes de pânico (botões que alertam diretamente a segurança, aos quais as prostitutas podem recorrer se se sentirem ameaçadas de qualquer forma) e os donos estão proibidos de obrigar as trabalhadoras a ter relações sexuais desprotegidas, ou a realizar atos sexuais invulgares com os clientes, ou a consumir bebidas alcoólicas com os mesmos; 4) estes estabelecimentos também estão

¹⁷⁰ Para mais informações sobre a prostituição em Portugal e seus intervenientes, *vide* a reportagem “A prostituição em Portugal” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o-D3MYWJagA>, acedido em 19/08/2014; e a entrevista a Ana Oliveira, investigadora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação na Universidade do Porto, que defende a legalização da profissão em Portugal, disponível em: http://www.jn.pt/multimedia/video.aspx?content_id=1345245, acedido em: 19/08/2014.

¹⁷¹ ARNOWITZ (2014: 236); WONDERS & MICHALOWSKI (2001: 553); BARENETT & CASAVANT (2014: 9) e Ministry of Foreign Affairs (2012: 4) disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acedido em 27/05/2015.

¹⁷² ARNOWITZ (2014: 237) e BARENETT & CASAVANT (2014: 9).

¹⁷³ Ministry of Foreign Affairs (2012: 5-6), disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acedido em 27/05/2015; VERMEULEN & DAMME (2014: 281) e BARENETT & CASAVANT (2014: 10).

limitados em relação aos trabalhadores que podem empregar – estão proibidos de contratar menores de idade, ou ilegais¹⁷⁴ – sendo ilegais todos aqueles profissionais que não têm nacionalidade de nenhum país da União Europeia, não estão registados junto das autoridades, e não pagam taxas. Todos os donos de estabelecimentos com menores ou ilegais são considerados responsáveis pelos mesmos e estão sujeitos a multas e à revogação temporária ou permanente da sua licença. Em caso de coação e exploração de pessoas para prostituição involuntária, os ofensores incorrem numa pena máxima de até dezoito anos de prisão.¹⁷⁵ A lei referente à prostituição de rua também depende do município. Alguns proibiram de todo esta prática; outros designaram zonas específicas para tal; outros limitaram a prostituição de rua de acordo com os espaços e horas do dia em que tal atividade é permitida.¹⁷⁶

Na Holanda, as prostitutas legais são, portanto, maiores de dezoito anos de idade, residentes legais, sendo estas obrigadas por lei a se registar junto das autoridades para a prática da prostituição, estando igualmente sujeitas às taxas referentes a tal atividade. Ao trabalharem por conta própria ou com contrato num estabelecimento legal (bordel ou agência de acompanhantes), estão sujeitas aos mesmos benefícios sociais, legais e de saúde que os restantes trabalhadores noutras áreas.¹⁷⁷ Contudo, estes profissionais ainda continuam a ser vítimas de estigma e marginalização por parte da sociedade, o que induz ao medo de se registarem e conseqüentemente à sua permanência na ilegalidade e a uma maior probabilidade de serem vítimas de abusos, de violência e de tráfico. De igual forma, ainda existem muitos bordéis e agências de acompanhantes clandestinos, e muitos profissionais utilizam as suas residências e outros espaços para esta atividade, sobretudo

¹⁷⁴ Ministry of Foreign Affairs (2012: 6-7) disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acessado em 27/05/2015. BERNETT & CASAVANT (2014: 10) e ARNOWITZ (2014: 237).

¹⁷⁵ No código penal holandês, o artigo 273f, distingue claramente a prostituição voluntária da involuntária. Segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros holandês (2012: 4-5), este artigo refere que qualquer pessoa que: force outra pessoa a entrar na prostituição; que induza um menor a se prostituir; que recrutar ou raptar uma pessoa para se prostituir noutro país; que lucrar com a prostituição involuntária de um menor ou adulto; que obrigar outra pessoa a entregar os lucros da prostituição, está sujeita a uma pena de oito anos de prisão. Em caso de circunstâncias agravadas, a pena pode aumentar até aos doze anos. Se as ofensas envolverem violência física ou perigo de vida, a pena aumenta para entre quinze a dezoito anos de prisão. Disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acessado em 27/05/2015.

¹⁷⁶ ARNOWITZ (2014: 237) e BERNETT & CASAVANT (2014: 11).

¹⁷⁷ Ministry of Foreign Affairs (2012) disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acessado em 27/05/2015; ARNOWITZ (2014: 237; 242) e BERNETT & CASAVANT (2014: 11-12).

graças à *internet*, que facilita a sua interação com os clientes. Continuam a existir também muitos migrantes ilegais que recorrem sobretudo a estes estabelecimentos clandestinos para trabalhar.¹⁷⁸ No entanto, a lei prevê penas para prostitutas que trabalhem sem licença, assim como para os clientes que recorram a estas. Por estas razões, as estimativas mostram que grande parte das prostitutas que trabalham na Holanda fazem-no ainda de forma ilegal, e que a procura e a oferta diminuíram após a legalização da atividade. A pouca procura também pode ser justificada pelo uso de câmaras de segurança nos *red light districts*.¹⁷⁹

Em relação aos cuidados de saúde das prostitutas, foram disponibilizadas clínicas e serviços médicos para estas profissionais, e implementaram-se exames gerais de caráter anónimo e gratuito, pelo menos quatro vezes por ano.

A Holanda é um dos países mais liberais em relação a esta atividade, sendo assim um dos destinos de maior procura no que se refere ao turismo sexual. Segundo WONDERS & MICHALOWSKI (2001: 545), “turismo sexual” é uma expressão que designa as viagens de lazer que têm como principal finalidade a compra de serviços sexuais, sendo os turistas sexuais sobretudo homens com posses, que procuram aventura e prazer.¹⁸⁰

1.3.2.1. Cidade de Amesterdão

A cidade de Amesterdão é considerada um dos principais centros de turismo sexual do mundo, em especial pelo seu famoso *red light district*. Este termo refere-se às áreas das cidades destinadas ao negócio do sexo. Como vimos no capítulo sobre a Idade Média, estas zonas começaram a ser estabelecidas e reguladas pelas autoridades desde o século XIII, sendo ainda hoje espaços comuns, de grande fama e atração em muitas cidades

¹⁷⁸ ARNOWITZ (2014: 242) e BARNETT & CASAVANT (2014: 11-12).

¹⁷⁹ Ministry of Foreign Affairs (2012: 11-12) disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acedido em 27/05/2015; ARNOWITZ (2014: 238) e BARNETT & CASAVANT (2014: 12).

¹⁸⁰ WONDERS & MICHALOWSKI (2001: 551) descrevem como se desenrola esse processo entre turistas e prostitutas: “For men, tourism and travel are more often defined as adventure and constant change, as distance and escape from the routine and familiar. This sense of tourism, along with the idea that leisure for the tourist takes place beyond (some might say “against”) the home reflects a historically male interpretation of pleasure. While selling sexual services is an old commerce, and leisure travel has long been common for the wealthy, both have changed in ways that increasingly parallel the globalized economy and the desires of privileged male tourists. Increasingly, women are themselves viewed as a tourist destination. Sex and bodies are viewed as commodities that can be packaged, advertised, displayed, and sold on a global scale. (...)Whether prostitutes are displayed in windows (like clothes on mannequins) or appear in hotel lobbies (as though they are complementary beverages), bodies increasingly are used as simulacra to represent “something else” to the leisure tourist; prostitutes appear as “minor wives,” “girlfriends,” “exotic others” or “sex toys”- whatever the tourist needs them to be to achieve the experience he desires.”

europeias.¹⁸¹ A popularidade deste destino deve-se sobretudo, como explicam AALBERS & SABAT (2012: 119), ao facto de a cidade de Amesterdão ser mundialmente conhecida pelas suas políticas e práticas progressistas relativamente ao “squatting, drug use, prostitution, sexuality, gay rights, housing, urban planning, sustainable development and more generally for having a relaxed climate conducive to self-expression and experimentation.”. De igual forma, o *red light district* de Amesterdão difere dos restantes a nível mundial, por não estar apenas associado a conceitos negativos, tais como drogas, imoralidade, perigo e crime, mas por estar também ligado a conceitos positivos, tais como a tolerância, a excitação, a liberdade. Ele distingue-se também pela sua extrema visibilidade, pela beleza dos seus trabalhadores do sexo e pela mistura de serviços disponíveis no espaço. É considerado um parque de adultos, ou como descrevem WONDERS & MICHALOWSKI (2001: 553), um centro comercial:

In Amsterdam, the commodification of bodies has been perfected to the level of an art form. The red light district resembles the modern open-air shopping mall in the United States. Relatively clean streets, little crime, a neon atmosphere, and windows and windows of women to choose from-every size, shape, and color (though not in equal amounts). The red light district seems designed to be a sex tourist's Mecca. The range of services for the leisure traveler includes sex clubs, sex shows, lingerie and S&M clothing shops, condomories, and a sprinkling of porno stores. But the character of Amsterdam's red light district is different from most other sex tourist locations because it is centered in an historic district between the Oude Kerk (Old Church) and de Waag (an old weighing station) - two of the most spectacular cultural tourist sites in the city - and it is surrounded by an old, well established residential neighborhood. Indeed, walking through the red light district in the daytime is not so different from walking down any other shopping street in the city, though the area takes on a festival atmosphere at night. Crowds of men walk the street, stopping to gaze at the living merchandise in the window.

As mulheres que trabalham nos bordéis dos *red light districts* expõem-se em montras, como manequins, a aliciar os clientes, e estes percorrem as montras à procura da mulher ideal para si no que diz respeito ao tamanho, à cor, às formas e ao custo desta. Sendo uma atividade habitual no dia-a-dia desta sociedade, em 2014 foi criado em Amesterdão o primeiro museu da prostituição “*Red Light Secrets, Museum of Prostitution*”.¹⁸² Tendo sido criada uma réplica de um bordel holandês, este museu tenta

¹⁸¹ Como explicam AALBERS & SABAT (2012: 114-118), atualmente, estes localizam-se em zonas movimentadas, de fácil acesso e o fluxo dos trabalhadores, dos habitantes e da sua localização está diretamente ligado ao turismo internacional, à indústria do sexo e às novas tecnologias.

¹⁸² O *site* do museu encontra-se disponível em: <http://www.redlightsecrets.com/>, acedido em 31/08/2014.

demonstrar aos visitantes como funciona o mundo da prostituição. Por exemplo, estes podem usufruir da experiência de se expor nas montras como se esperassem clientes, sendo-lhes também possível tirar fotos. Relembrando um pouco as ideias da Idade Média, em relação à confissão dos pecados, os visitantes podem também deixar o seu “contributo”, uma vez que existe um confessionário, onde estes escrevem sobre os seus segredos eróticos. Confissões que são depois expostas no mural do museu. Os visitantes podem ainda apreciar obras de arte de artistas como Vicent Van Gogh, que pintaram sobre o tema da prostituição, e são ainda fornecidas às visitas informações sobre a história desta atividade na cidade de Amesterdão.

1.3.3. França

A França foi um dos países que se posicionaram contra a atividade da prostituição, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, tendo adotado uma legislação que penaliza todos os seus intervenientes.¹⁸³

Segundo a lei francesa, as prostitutas são geralmente consideradas vítimas. No entanto, até ao ano de 2013, estas também eram penalizadas pelo código penal.¹⁸⁴ De acordo com o artigo 225-10-1, referente à aliciação pública, as prostitutas estavam sujeitas a uma condenação de dois meses de prisão e ao pagamento de uma multa de três mil, setecentos e cinquenta euros¹⁸⁵, que ficaria anotado no seu registo criminal, o que seria um obstáculo para futuros trabalhos noutras áreas. De igual forma, as prostitutas não tinham qualquer tipo de apoio ou segurança. Este artigo foi então removido do código penal em 2013 e foram criados apoios para este grupo, de forma a proteger estas mulheres da ação penal, a evitar a sua vitimização e traumas adicionais, a incentivá-las a agir como

¹⁸³ De acordo com a convenção das Nações Unidas para a Supressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Outrem, aprovada em 1950, a prostituição é um mal, que põe em causa a dignidade, o valor da pessoa humana, e o bem-estar do individuo, da família e da comunidade, posição ratificada pela França em 1960. Contudo, é um negócio com muita adesão. Através de um inquérito sobre a prostituição no país, levado a cabo pelas entidades reguladoras em 2011, aferiu-se que as prostitutas residentes em França eram na altura cerca de 20 000, e quase 90% das prostitutas de rua eram de origem estrangeira. Informação disponível no Projeto de lei francês, que visava reforçar a luta contra o sistema da prostituição, disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/14/pdf/propositions/pion1437.pdf>, acedido em 03/06/2015.

¹⁸⁴ Código penal francês disponível em: <http://www.juareztaavares.com/textos/codigofrances.pdf>, acedido em 29/05/2015.

¹⁸⁵ Artigo 225-10-1 (introduzido pela Lei nº 2003-239, de 18 de março de 2003, art. 50 2, Jornal Oficial de 19 de Março de 2003).

testemunhas contra pessoas que as tenham induzido à atividade da prostituição e de forma a que lhes fossem providenciados meios de reintegração social.¹⁸⁶

O código penal francês condena também o recrutamento e o tráfico de pessoas para a prostituição. O artigo 225-4-1 referente ao recrutamento e tráfico de seres humanos para a prostituição prevê uma pena de sete anos de prisão e uma multa no valor de quinze mil euros para os ofensores.¹⁸⁷ De acordo com o artigo 225-4-2, dependendo das circunstâncias, esta pena será agravada, por exemplo se envolver vítimas menores de idade ou pessoas debilitadas, levando a uma pena de dez anos de prisão e a uma multa de um milhão e meio de euros.¹⁸⁸ Segundo o artigo 225-4-3, esta infração será agravada quando for cometida por um grupo organizado, sendo punida com vinte anos de prisão e uma multa de três milhões de euros.¹⁸⁹ Em caso de tortura, a lei prevê ao abrigo do artigo 225-4-4 a prisão perpétua e uma multa de quatro milhões e quinhentos mil euros para os ofensores.¹⁹⁰

Relativamente ao proxenetismo e aos estabelecimentos de prostituição, no código penal são vários os artigos previstos para penalizar os intervenientes – do artigo 225-5 até ao 225-12-4. De acordo com o artigo 225-5 entende-se como lenocínio: o auxílio, a assistência ou a proteção da prostituição de outrem; obter lucro da prostituição de outrem; contratar ou levar uma pessoa para a prostituição, ou exercer sobre ela pressão, de forma a que continue a fazê-lo. Estas ações são puníveis com pena de sete anos de prisão e uma multa de cento e cinquenta mil euros.¹⁹¹ O artigo 225-6 prevê as mesmas penas, estabelecidas no artigo anterior, para pessoas que ajudem proxenetas; ou sirvam de intermediárias entre estes e os profissionais do sexo; também para indivíduos que não consigam justificar os seus rendimentos, e vivam com pessoas que se dedicam à atividade da prostituição; e para aqueles que impeçam que os organismos competentes atuem em

¹⁸⁶ Para mais informações sobre os apoios concedidos às vítimas de tráfico, ou de coação para entrada na prostituição, ou para aquelas que abandonem a atividade de prostituição, *vide* Projeto de lei francês, disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/14/pdf/propositions/pion1437.pdf>, acedido em 03/06/2015.

¹⁸⁷ Artigo 225-4-1 (introduzido pela Lei nº 2003-239, de 18 de Março de 2003, art. 32, Diário Oficial de 19 de Março de 2003).

¹⁸⁸ Artigo 225-4-2 (introduzido pela Lei nº 2003-239, de 18 de Março de 2003, art. 32, Diário Oficial de 19 de Março de 2003).

¹⁸⁹ Artigo 225-4-3 (introduzido pela Lei nº 2003-239, de 18 de Março de 2003, art. 32, Diário Oficial de 19 de Março de 2003).

¹⁹⁰ Artigo 225-4-4 (introduzido pela Lei nº 2003-239, de 18 de Março de 2003, art. 32, Diário Oficial de 19 de Março de 2003).

¹⁹¹ Artigo 225-5 (introduzido pela Lei nº 2003-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

relação a pessoas em risco de prostituição ou envolvidas na atividade.¹⁹² O artigo 225-7 agrava a pena de lenocínio para dez anos de prisão e multa de um milhão e meio de euros, em casos de maior gravidade, por exemplo quando o proxenetismo é exercido sobre um menor de idade; ou sobre alguém com algum tipo de enfermidade ou invalidez; ou em caso de coação e violência para com as vítimas.¹⁹³ O artigo 225-7-1 agrava a pena do artigo anterior para quinze anos de prisão e uma multa de três milhões de euros, se tal envolver um menor de quinze anos.¹⁹⁴ O artigo 225-8 aumenta a pena indicada no artigo 225-7 para vinte anos e três milhões euros, caso a prática do lenocínio seja levada a cabo por um grupo organizado.¹⁹⁵ Se a prática de proxenetismo incluir atos de barbaridade e tortura para com as vítimas, o artigo 225-9 prevê a pena de prisão perpétua e uma multa de quatro milhões e quinhentos mil euros para os ofensores.¹⁹⁶ De acordo com o artigo 225-10, qualquer pessoa que ajude no funcionamento, exploração, gestão ou financiamento de um estabelecimento de prostituição, ou vender ou alugar espaços dentro de casa ou anexos, ou veículos para o exercício da prostituição está sujeito a dez anos de prisão e a uma multa de setecentos e cinquenta mil euros.¹⁹⁷ Ou seja, bordéis e outras formas de prostituição organizada são ilegais. Uma forma de contornar as leis e esconder o negócio da prostituição em França é a utilização de casas de massagens, que funcionam como um estabelecimento legal ao oferecerem um serviço legítimo, contudo, muitos deles não são nada mais do que fachadas para o negócio da prostituição, uma vez que também oferecem sexo aos clientes.

Em 2013, a França legalizou a oferta dos serviços dos profissionais do sexo, no entanto, imitando o modelo da Suécia, criminalizou a compra dos mesmos por parte dos clientes¹⁹⁸, partindo do princípio de que esta seria uma medida mais eficaz para reduzir o

¹⁹² Artigo 225-6 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹³ Artigo 225-7 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹⁴ Artigo 225-7-1 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹⁵ Artigo 225-8 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹⁶ Artigo 225-9 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹⁷ Artigo 225-10 (introduzido pela Lei nº 2203-239 de 18 de Março de 2003, art. 50 1º, Diário Oficial a 19 de Março de 2003).

¹⁹⁸ De acordo com os artigos 225-12-1 e 225-12-2, a lei já punia quem solicitava, aceitava ou obtinha relações sexuais com menores ou incapacitados, a troco de pagamento, com penas que incorriam até três anos de prisão e multas até os 45.000 euros.

número de profissionais desta indústria. De acordo com a nova lei, a compra de serviços sexuais a adultos é punível com uma multa de mil e quinhentos euros. Em caso de recorrência, a pena será aumentada para uma multa de três mil euros.¹⁹⁹

1.4. Conclusões

A luta pela legalização da prostituição pelo mundo dura já há muito anos, tendo sido bem-sucedida em alguns países, enquanto na maioria ainda não teve a repercussão necessária. Como afirma SCHOUTEN (2010: 92), a asserção de que a prostituição é a “mais velha profissão do mundo” está longe da realidade, uma vez que são raras as sociedades onde esta atividade é realmente considerada uma profissão.

As políticas levadas a cabo pelos governos muitas vezes não respondem da melhor maneira aos problemas associados à prostituição. Têm surgido grupos, desde feministas a liberais, que se posicionam no debate com todo o tipo de reações: uns, com atitudes condenatórias, exigem a criminalização e/ou mesmo a eliminação da atividade; outros tentam normalizar a prática da prostituição, pedindo a sua regulamentação e/ou a legalização. Como explica ANDERSON (2002: 752-755), os argumentos dos que apoiam uma posição feminista radical, tais como Andrea Dworkin, Kathleen Barry, Carole Pateman, Sheila Jeffreys, etc., isto é, que exigem a proibição da prostituição baseiam-se na alegação de que a prostituição é uma instituição prejudicial e esta asserção baseia-se em três pressupostos: 1) que a prostituição promove a degradação dos indivíduos que se prostituem, devido à violência e indecência a que se dispõem; 2) que a sua existência se deve ao facto de haver uma grande desigualdade social e económica entre prostitutas e clientes; 3) que a sua prática só levará ao aumento destas desigualdades. Por outro lado, ANDERSON (2002: 756-761) explica também as razões apresentadas pelos que apoiam uma posição liberal, tais como Martha Nussbaum, Sibyl Schwarzenbach, Lars Ericsson, Norma Jean Almodovar, Carol Queen, etc., ou seja, os que defendem a prática da prostituição: 1) não concordam que a prostituição é uma instituição nociva no geral, pois defendem que a sua abolição só iria piorar as condições das mulheres pobres, que ingressam de forma voluntária, uma vez que esta atividade é mais bem paga que muitos outros trabalhos; 2) defendem que a atividade da prostituição não é assim tão degradante, existindo diferentes formas de prostituição, e os que entram nesta atividade de forma

¹⁹⁹ Para mais informações, *vide* Projeto de lei francês, disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/14/pdf/propositions/pion1437.pdf>, acedido em 03/06/2015.

voluntária fazem parte de um grupo completamente heterogéneo, provêm de diferentes meios sociais, com diferentes condições económicas, por uma diversidade de razões, etc.; 3) defendem que os males causados pela prostituição derivam dos indivíduos que participam no comércio sexual, vendedores e clientes, e que a abolição desta atividade não iria melhorar a situação daqueles para quem esta é a melhor de um conjunto de más escolhas. Lutam pela normalização da prática de forma a mudar mentalidades e acabar com o estigma, procurando garantir maior proteção e direitos aos trabalhadores do sexo.

Independentemente do país e das políticas existentes, a prostituta, sob qualquer uma das suas formas, é, geralmente, estigmatizada em todo o lado. Muitas vezes chamada de “puta”²⁰⁰, “*whore*”, “*putain*”, “*puttana*”, “*nutte*” palavras tendencialmente ofensivas e difamatórias que transformam a mulher que tem esta profissão numa mulher marginal, pois a sua disponibilidade sexual de carácter promíscuo e o facto de se vender remetem-na para a categoria de imoral, uma mulher sem decência, reprovada pela sociedade devido aos seus comportamentos e atitudes desregrados. Provavelmente, as profissionais do sexo serão sempre vistas como marginais e um mal para a saúde pública. Um estigma permanente e um rótulo que mantêm a fronteira entre as mulheres puras e as impuras.

Tendo em conta que os principais motivos da entrada na prostituição devem ser o dinheiro e a pobreza, a conclusão é que esta é uma indústria globalizada que gera milhões, sendo mais comum em países pobres do que nos desenvolvidos. Como explicam EDLUND & KORN (2002: 182; 206) e ANDERSON (2002: 774-756), é habitual que nos países pobres as mulheres se encontrem em desvantagem e muitas vezes entrem no mundo da prostituição, não por vontade própria mas por necessidade ou obrigação, e neste são, por norma, tratadas como objetos sexuais, sendo escravizadas, abusadas e maltratadas. As políticas e as atitudes para com estas só ajudam a marginalizá-las ainda mais.

2. Acompanhantes de luxo

Esta parte da investigação centrar-se-á apenas na prostituição de luxo feminina, ou seja, nas acompanhantes ou *escorts*, mulheres que vendem a sua companhia e os seus serviços a troco de grandes quantias de dinheiro, de luxo e de presentes. Estas mulheres escolheram este estilo de vida tendo em conta principalmente a necessidade de melhores condições económicas, sociais, pessoais e/ou profissionais.

²⁰⁰ Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, entende-se o termo “puta” como: “1. Prostituta; 2. Qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem.”

O que faz um homem gastar uma pequena fortuna para ter a companhia ou mesmo comprar os serviços sexuais de uma mulher? O que necessita uma mulher de ter ou ser para valer essa fortuna? Quem são as atuais prostitutas de luxo? Como são? Como vivem? O que vendem? Como vendem? Por quanto vendem? Qual a sua motivação? Como se desenvolveu esta atividade? Para tentar encontrar respostas para estas questões sobre este meio prostitucional em específico, serão analisados testemunhos verídicos de acompanhantes de luxo. Ao contrário das diferentes épocas já analisadas, atualmente existem cada vez mais histórias de vida, contadas pelas próprias trabalhadoras do sexo. Muitas dão a cara em entrevistas, escrevem livros e publicam em blogues sobre as suas experiências, outras tornam-se fonte de inspiração, ou mesmo produtoras de séries televisivas ou de filmes baseados nas suas histórias. Estas mulheres arriscam divulgar as suas experiências e a sua identidade mesmo sabendo que serão julgadas e rotuladas publicamente. Outras, que por diversos motivos não revelam a sua verdadeira identidade, arriscam falar no anonimato sobre as suas experiências de vida no mundo da prostituição.

2.1. Composição do *Corpus* de estudo

Esta parte da investigação tem por base de estudo documentários, entrevistas, séries televisivas e livros com testemunhos verídicos de acompanhantes de luxo da atualidade:

1) Ana, Joana, Isabel, Carla, Natasha, Marta e Leonor, acompanhantes de luxo em Portugal, entrevistadas pelo sociólogo Bernardo Coelho, que publicou os seus testemunhos no livro *Corpo Adentro*.²⁰¹

2) Brooke Magnanti, uma cientista que deu a conhecer ao público o seu passado como *escort* em Londres, em diversas entrevistas nos meios de comunicação, após a sua história já ser conhecida em todo o mundo, graças ao sucesso do seu blogue *Belle de Jour*, e a adaptação da sua história de vida à série televisiva *A secret diary of a call girl*, e depois ao livro *The Intimate Adventures of a London Call Girl*, publicado em 2005.²⁰²

²⁰¹ Vide em COELHO (2009: 71-77) uma tabela com os seus retratos sociológicos.

²⁰² Vide entrevista com Katyá Adler no programa “HARDtalk”, no canal BBC News, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jZFDBkn9KB4>, acedido em: 18/08/2014. Entrevista com Billie Piper, atriz protagonista da série televisiva inspirada na sua história *A secret diary of a call girl*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3rdVXR0ubw>, <https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>, acedido em 18/08/2014.

3) Amanda Goff, uma ex-jornalista que abandonou a sua carreira para se tornar uma acompanhante de luxo na Austrália, e que resolveu revelar nos meios de comunicação a sua vida dupla como trabalhadora do sexo.²⁰³

4) “Ana”, “Rita” e “Joana Well”, três acompanhantes que exerciam a atividade em Portugal, entrevistadas por Bruno Mateus, para uma reportagem sobre a “companhia de luxo” em Portugal.²⁰⁴

5) Eva, Anastasia e Jéssica, três acompanhantes da agência Cachetladies no Canadá, entrevistadas por Gary Wilson, no programa da Eligible Tv “Interviews with Experts” de forma a darem a conhecer o seu estilo de vida, enquanto *escorts*.²⁰⁵

6) Kristen D’Angelo, acompanhante de luxo americana, entrevistada por Bob Andelman, no *podcast* Mr. Media “American Courtesans Interview”, após a sua realização do filme “American Courtesans”, como testemunhos verídicos de várias acompanhantes.²⁰⁶

7) “Laura D.”, uma estudante universitária que trabalhou como acompanhante amadora em França e resolveu alertar a sociedade para uma realidade cada vez mais comum, a prostituição estudantil, deixando por escrito o seu testemunho no livro Laura D (2008), *Universitária 19 anos Convive com Cavalheiros*.

2.2. Análise do corpus de estudo

1) Brooke Magnanti, uma cientista na Universidade de Bristol, quando se mudou para Londres em 2003 para acabar o seu doutoramento e arranjar emprego, trabalhou como acompanhante durante catorze meses, de forma a pagar os seus estudos. A sua história tornou-se mundialmente conhecida, pois enquanto exercia a atividade de acompanhante, Brooke optou por criar um blogue: *Belle de Jour*, no qual, sem revelar a sua verdadeira identidade, relatava as suas experiências no mundo da prostituição de luxo. O blogue

²⁰³ A sua entrevista no programa televisivo “Seven Sunday Night”, no canal australiano SEVEN, encontra-se disponível em: <https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>, acedido em: 19/10/2014. A sua entrevista no programa de “Kyle & Jackie O”, na estação de rádio australiana KIIS 1065, encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=k3G56C-XCZE>, acedido em: 19/10/2014.

²⁰⁴ A reportagem “Cama e companhia de luxo” de Bruno Contreiras Mateus, publicada no *Correio da Manhã*, em 17/01/2010, feita a “Ana”, “Rita” e “Joana Well”, está disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>. Acedido em: 19/08/2014.

²⁰⁵ A entrevista “High-End Escort Life” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoAbj9ZvxEQ>; <https://www.youtube.com/watch?v=WtPoSxDyUhY>. Acedido em: 20/08/2014.

²⁰⁶ A entrevista no *podcast* Mr Media encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47h4-5g2oL0>. Acedido em: 20/08/2015.

captou a atenção de muitos espetadores, difundiu-se rapidamente e foi adaptado à série televisiva *A secret diary of a call girl*²⁰⁷ e ao livro *The Intimate Adventures of a London Call Girl* (2005). Em 2009, após muita especulação sobre a sua identidade e depois de o seu anonimato ter sido posto em causa, Brooke resolveu revelar-se como a autora do blogue e do livro e como fonte de inspiração da série televisiva. Por esta altura, tinha já uma posição de cientista na área de neurotoxicologia do desenvolvimento e epidemiologia oncológica, na Universidade, no entanto, preferiu que a sua história fosse contada por ela própria. Quando questionada por Katya Adler, na sua entrevista no programa HARDtalk, no canal BBC News, sobre a razão de descrever as suas experiências no mundo da prostituição como uma “happy hooker”, Brooke respondeu: “I was actually happy doing it.”²⁰⁸

Nas diversas entrevistas que deu, Brooke revelou que enquanto acompanhante cobrava o equivalente a 350€ por hora e entre 1000€ a 1750€ por noite, dependendo do serviço prestado.²⁰⁹ Numa primeira fase, trabalhou com uma agente ou *manager* que lhe angariava os clientes. Estes só entravam em contato com Brooke no encontro. A sua agente tinha direito a 40% do lucro. Após ter já uma lista de clientes regulares, Brooke começou a trabalhar como independente, ficando assim com o lucro do seu trabalho só para si. Como independente criou o seu próprio *site* e os clientes entravam em contato com ela por *email* ou telefone. Os seus encontros com os clientes foram sempre feitos com grande discrição, tendo sido respeitadas a identidade e a privacidade destes. Brooke era procurada para todo o tipo de atividades íntimas, por exemplo: *the girlfriend experience* (GFE)²¹⁰, sexo, fantasias sexuais, companhia para festas, jantares e viagens ou apenas para conversa.²¹¹

Brooke admitiu nunca ter tido problemas em trabalhar como acompanhante, pois assumiu que gostava de sexo e fazia-o com estranhos pelo dinheiro. Encarava a prostituição como um simples trabalho, nada mais, e a partir do momento em que alcançou

²⁰⁷ A visualização completa da série televisiva encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qh33EIDk0mQ&list=PLE2FA3468439D1E6E&index=1>, acedido em 18/08/2014.

²⁰⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jZFDBkn9KB4>, acedido em: 18/08/2014.

²⁰⁹ Informações disponíveis na sua entrevista com Billie Piper, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>, acedido em: 18/08/2014.

²¹⁰ Os clientes que procuram o serviço de GFE pagam sobretudo por intimidade. Eles querem conversar, relações sexuais, carinhos, partilhar refeições, etc. Como explicam LEVER & DOLNICK (2010: 188): “Because the men seeing call girls can pay more, they get more time, as well as settings more conducive to extended displays of intimacy, such as caressing, kissing, conversation, and companionship.”

²¹¹ Informações disponíveis na sua entrevista com Billie Piper, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>, acedido em: 18/08/2014.

o que pretendia, ou seja, em que já não precisava de dinheiro, deixou a atividade. Segundo Brooke, na sua entrevista a Billie Piper: “Because I decided to do it for the money it didn’t enter my head to feel strange about having accepted money. That was the all point. (...) The more I did it, the more I came to enjoy be good at it.”; “I didn’t need the money anymore (...)”²¹²

Brooke manteve, no entanto, sempre duas vidas completamente separadas. Só após revelar a sua verdadeira identidade como autora do blogue e do livro é que os seus amigos próximos e familiares tiveram conhecimento da sua segunda identidade. A maioria apoiou-a na sua opção de vida.

Brooke Magnanti foi acusada por muitos de glamorizar a prática da prostituição com a série televisiva e com o livro. Nas suas entrevistas, no entanto, defendeu-se dizendo que apenas falou da sua experiência pessoal. Uma vez que nunca se sentiu ameaçada durante a atividade, não foi coagida a entrar ou permanecer nesta, não foi violada ou sofreu qualquer outro tipo de abusos, obteve o que queria em pouco tempo, e principalmente teve prazer em fazê-lo. Brooke entrou num mundo luxuoso, cativante e sedutor e viveu tudo o que escreveu. Segundo a ex-acompanhante, pode ser considerada uma mulher privilegiada, dentro do meio em que trabalhou. Quando questionada por Billie Piper, sobre o facto de o seu blogue e de a série televisiva poderem inspirar outras mulheres a entrarem no mundo da prostituição de luxo, Brooke respondeu que todas devem ponderar bem sobre esta profissão, tendo em conta a forma como percebem o sexo, as relações e o trabalho. Para Brooke só há três razões a considerar para a escolha desta profissão, como para a de qualquer outra: “you want to earn the money, you think you gonna be good at, and it is not gonna break you”²¹³.

2) Amanda Goff é uma acompanhante de luxo australiana, conhecida no mundo da prostituição como “Samantha X”. Na sua primeira entrevista no programa televisivo “Seven Sunday Night”, no canal australiano SEVEN Amanda explicou o porquê da sua mudança de carreira, o que fazia enquanto acompanhante, o que procuravam os clientes que lhe pagavam pelo seu tempo e como lidou com as consequências das suas escolhas.

Era uma mulher de quarenta anos, mãe de duas crianças de sete e de cinco anos, divorciada, que abandonou a sua carreira de vinte anos de jornalista para se dedicar à

²¹² Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3rdVXR0ubw;https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>, acedido em: 18/08/2014.

²¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>, acedido em: 18/08/2014.

prostituição de luxo. Amanda explicou que a razão de ter feito esta escolha de profissão deveu-se ao facto de, enquanto trabalhava como jornalista, ter fantasias que envolviam estar com homens e ser paga por algo que já fazia de forma gratuita.

I used to look through the windows of my office, I looked at the huge buildings and fantasized being in a hotel room drinking champagne with a man giving me a ridiculous amount of money for my time (...) I was not selling my body. I just decided to start charging for something I was doing for free.²¹⁴

Esta sua fantasia tornou-se real após visitar um bordel de luxo em Sidney, no ano 2012. Nesta época, Amanda já se havia separado do marido e afirmou que depois de várias más experiências amorosas, achou estar na hora de tomar o controle da sua vida, não deixando que mais nenhum homem tirasse partido dela. Este foi um ponto surpreendente, pois como lhe disse o entrevistador, a ideia generalizada é de que as mulheres que exercem esta atividade não têm qualquer controle sobre a sua vida, sendo dominadas pelos homens. Amanda contrariou esta noção referindo que é ela quem vende o corpo, que esta profissão lhe permitiu recuperar a auto-estima, ser uma mulher mais confiante e forte. Tornou-a uma mãe mais presente, uma vez que só trabalha no máximo duas vezes por semana.²¹⁵

Assumiu-se como uma mulher de quarenta anos que sabe tomar decisões racionais, não sendo coagida a fazer nada que não queira, e sem qualquer escrúpulo relativamente à atividade. Afirma ter consciência de que tem de lidar com as consequências dessa escolha, entre elas com o facto de se assumir publicamente. Amanda já havia contado aos pais, antes de se assumir na televisão. Estes, por sua vez, não aceitaram bem a sua escolha de vida e deixaram de lhe falar. O seu ex-marido também não reagiu bem. Aos filhos explica o que faz da seguinte forma: “They know that mommy has a special job where she makes sad people feel happy.”²¹⁶ Quando interrogada sobre o facto de os seus filhos virem a ser discriminados, julgados pela escolha de vida da mãe, Amanda explicou que tenta ensiná-los a serem honestos e a terem uma mentalidade aberta, e que não pode controlar o que

²¹⁴ Informação disponível na entrevista do programa televisivo “Seven Sunday Night”. Disponível em: <https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>, acedido em: 19/10/2014.

²¹⁵ Informações disponíveis na sua entrevista no programa televisivo “Seven Sunday Night”. Disponível em: <https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>, acedido em: 19/10/2014.

²¹⁶ Afirmção feita na sua entrevista no programa de rádio de “Kyle & Jackie O”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3G56C-XCZE>, acedido em: 19/10/2014.

lhes vão dizer, mas que lhes vai fornecer as ferramentas para lidar com isso, referindo que as crianças sofrem de *bullying* todos os dias, mesmo sem as mães serem prostitutas.²¹⁷

Amanda Goff justifica a sua profissão como sendo apenas um trabalho. Vê-se como uma mulher de negócios que vende o seu tempo e sexo, sendo esta uma indústria com grande oferta e procura. Não vê mal no que faz porque não está a prejudicar ninguém, ao contrário do que fazia na sua anterior profissão, durante o exercício da qual assume ter mentido, enganado, roubado e inventado, pois trabalhava para tabloides sensacionalistas.

Como “Samantha X”, trabalha entre uma a duas vezes por semana, de forma independente, cobrando 5000 dólares australianos por noite, cerca de 3.500 euros, e 800 dólares por hora, cerca de 550 euros. Por estes valores, “Samantha X” diz que oferece intimidade, um local onde os clientes se sentem confortáveis e seguros, e os seus encontros não se baseiam necessariamente em sexo. Mais do que isso ela fornece um local onde os homens que a procuram podem baixar a guarda, sabendo que ela não os vai julgar, rir deles ou ignorá-los. Muitos dos clientes procuram-na para conversar. Ela define-se como “a naked therapist”²¹⁸, pois muitos deles desabafam com ela, confidenciando-lhe coisas de que assumem não falar com mais ninguém.

“Samantha X” afirma já ter tido todo o tipo de clientes. Uma pequena percentagem eram homens casados e muitos destes queixavam-se das suas esposas: “they say that they are not listened to necessarily, they are not heard at home anymore. I have a client with three children who said he is number five on the list, the priority list at home. I have a client who lost fourteen kilos and his wife didn't notice (...)”²¹⁹. Este tipo de clientes não viam o recurso a acompanhantes como uma traição, por considerarem que não estavam a ter um caso com Samantha, nem tinham sentimentos por ela. Quando questionada pelo entrevistador sobre qual era o seu papel com estes homens, ela respondeu: “to make them feel desired, to make them feel listened to and heard (...) I make them a happier husband.”²²⁰ Por estas razões, Amanda vê-se como alguém que ajuda a salvar casamentos.

²¹⁷ Afirmação feita na sua entrevista no programa de rádio de “Kyle & Jackie O”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3G56C-XCZE>, acessado em: 19/10/2014.

²¹⁸ Afirmação feita na sua entrevista no programa de rádio de “Kyle & Jackie O”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3G56C-XCZE>, acessado em: 19/10/2014.

²¹⁹ Afirmação feita na entrevista do programa televisivo “Seven Sunday Night”. Disponível em: <https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>, acessado em: 19/10/2014.

²²⁰ Afirmação feita na entrevista do programa televisivo “Seven Sunday Night”. Disponível em: <https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>, acessado em: 19/10/2014

Tendo em conta a visão que tem do trabalho que exerce, Amanda resolveu escrever o livro *Segredos de uma Prostituta de luxo*, de forma a revelar este outro lado da prostituição. Queria dar voz às mulheres da indústria e aos clientes. Amanda assume vir a deixar a profissão quando achar que está na hora ou então quando se apaixonar.

3) Na reportagem “Cama e companhia de luxo” de Bruno Contreiras Mateus, publicada no *Correio da Manhã*, três acompanhantes sob uma identidade fictícia foram entrevistadas e falaram das suas experiências no mundo da prostituição de luxo.²²¹ “Rita”, de trinta e sete anos, que trabalhava como acompanhante, anunciando o seu trabalho através de anúncios *online*, cobrava 100€ por hora e 950€ por noite. “Rita” assumiu-se como uma mulher de relações promíscuas. Revelou, contudo, não ter sido fácil vender-se. Só com o tempo perdeu todas as restrições. Realçou que apesar da ideia generalizada de que as acompanhantes não têm obrigatoriamente de prestar serviços sexuais, todos os clientes com que esteve queriam ter relações sexuais. Evidenciou ainda que a maioria dos seus clientes eram homens jovens que procuravam mulheres maduras, com experiência. A principal motivação para entrar no meio prostitucional foi o dinheiro, pois antes trabalhava num restaurante onde ganhava 35€ por dia.

“Ana”, de vinte e nove anos, trabalhava como acompanhante, sendo também estudante universitária. Teve medo ao ingressar neste mundo da prostituição, mas o seu primeiro cliente surpreendeu-a pela positiva, por isso continuou. Revelou cobrar 200€ por hora, pela sua companhia. Encontrava os clientes em eventos, em hotéis e motéis. Sempre manteve o máximo de sigilo sobre esta atividade. No seu dia-a-dia ninguém era capaz de a ver como a mulher sedutora, preparada para trabalhar como acompanhante. Admitiu ter prazer no que fazia, sem remorsos, achando hipócrita recriminar os profissionais do sexo, mas não quem mantém casos de uma só noite: “Tenho prazer no sexo. Mais com umas pessoas e menos com outras. Com estranhos? E os ‘one-night stand’? Também são com estranhos...”. Do dinheiro que recebia da atividade poupava a maioria, não o gastando em luxos ou bens supérfluos, apenas nas despesas correntes.

“Joana Well”, de trinta anos, acompanhante que utilizava o seu blogue (missjoanaswell.blogspot.com) para encontrar clientes. Através da poesia erótica que publicava, homens que gostavam do que escrevia e interessados em conhecer “Joana Well”

²²¹ A reportagem “Cama e companhia de luxo” de Bruno Contreiras Mateus, publicada no *Correio da Manhã*, em 17/01/2010, feita a “Ana”, “Rita” e “Joana Well”, está disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>. Acedido em: 19/08/2014.

entravam em contato com ela também por meio do blogue. Por sua vez, a acompanhante selecionava de entre esses os seus clientes, mas apenas aqueles com quem sentia empatia pelo estilo da escrita. Cobrava 150€ por uma hora e meia, 200€ se tivesse que se deslocar. Apesar da profissão, considera-se uma mulher romântica e afetuosa, como tal os clientes que a procuravam não o faziam especialmente pelo seu corpo, pois as suas fotografias eram poucas, mas pelas palavras e afeto que lhes podia proporcionar. Joana recebia apenas um cliente por dia, tendo em conta que possuía um apartamento próprio, apenas para uso enquanto acompanhante.

4) Eva, Anastasia e Jessica, três acompanhantes modelos de Cachetladies²²², agência de acompanhantes de luxo do Canadá, deram uma entrevista a Gary Wilson, no Eligible Tv “Interviews With Experts” a explicar como funciona o mundo da prostituição de luxo no Canadá.²²³ Em relação à agência na qual trabalhavam, as acompanhantes consideram-na uma agência de grande qualidade, uma vez que possui uma estrutura sólida, que trata as mulheres que lá trabalham com respeito e as protege de abusos e violências, não sendo estas obrigadas a fazer nada que não aprovem. Os clientes que procuram os serviços da agência são pessoas de grandes posses e instrução e oferecem às acompanhantes oportunidades únicas. No geral, a agência apenas recruta mulheres com boa aparência física, instruídas e com personalidade jovial e divertida.

As três acompanhantes explicam que os seus serviços se baseavam essencialmente em realizar as fantasias dos seus clientes. Revelaram ter tido clientes de ambos os sexos, e mesmo casais, embora a maioria fossem homens. Os eventos para os quais eram requisitadas dependiam do que o cliente procurava: companhia para idas ao teatro, viagens, jantares, festas, etc., e nestes eventos é essencial manter a discrição, nunca demonstrando ser uma acompanhante, uma companhia paga. Como explicou Eva, o objetivo da sua presença nestes eventos era animar e criar momentos excitantes e únicos com os seus clientes. “Clients call us because they want some spice and sparkle in their lives, as whoever they want to. They want us join them in their evening, in their fantasies and add our personal flirt to it and we love doing that.” Trata-se de um grupo predominantemente

²²² Sobre o site da agência vide: <http://www.cachetladiestor.com>, acessido em 20/08/2014.

²²³ A entrevista “High-End Escort Life” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RoAbj9ZvxEQ>; <https://www.youtube.com/watch?v=WtPoSxDyUhY>. Acessado em: 20/08/2014.

composto por mulheres com grande capacidade de adaptação a diferentes ambientes e pessoas.

Jessica explicou que entrou na agência após se mudar para a cidade. Sendo estudante universitária, o trabalho como acompanhante foi uma forma de poder pagar as despesas, a universidade e ter independência financeira. Nunca se sentiu mal a fazer o trabalho, pois fazia tudo o que queria e como acompanhante era quem queria ser. Anastasia também se encontrava a frequentar um curso. O trabalho como acompanhante deu-lhe confiança e o dinheiro para fazer o que quisesse, por isso gostava do que fazia. Eva, também universitária, entrou na indústria de acompanhante por intermédio de colegas universitárias. Por ser uma pessoa de mente aberta não teve qualquer tipo de problema ou restrições em fazê-lo. O trabalho como acompanhante representava uma mais-valia a todos os níveis da sua vida, chegando a admitir que encarava o seu trabalho como a partilha de momentos especiais com homens especiais. Todas estas mulheres estavam na profissão por escolha própria, todas tinham um nível de escolarização elevado, e encaravam o trabalho de acompanhante como uma experiência de grande valor, não depreciativa.

5) Kristen D'Angelo, uma acompanhante de luxo americana, falou da sua experiência com Bob Andelman, no vídeo *podcast* Mr. Media “American Courtesans Interview”, após a realização de um filme exclusivo sobre a vida das acompanhantes de luxo americanas.²²⁴ O filme “American Courtesans”²²⁵ apresenta a experiência pessoal, contada em primeira mão por diversas mulheres do meio, entre elas a de Kristen D'Angelo, a produtora, que teve a ideia e juntou as restantes acompanhantes.

Esta é a sua história, em traços largos. Kristen era de uma boa família, sem qualquer tipo de necessidades, no entanto, começou no negócio da prostituição quando era muito jovem. Com a mudança da sua família para um país de cultura muçulmana, ela ficou sozinha nos Estados Unidos, começando depois a procurar emprego. Entrou na profissão por ingenuidade: foi a uma entrevista a um salão de massagens, sem compreender que se tratava de uma fachada para o negócio da prostituição. Acabou trabalhando em bordéis no Nevada e em Carson City até ganhar bastante dinheiro. Depois ingressou na Universidade e continuou a trabalhar enquanto acompanhante. No entanto, após um violento acidente

²²⁴ A entrevista no *podcast* Mr Media encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47h4-5g2oLQ>. Acedido em: 20/08/2015.

²²⁵ Mais informações sobre o filme encontram-se disponíveis em: <http://www.americancourtesans.com/about1.php>. Acedido em: 20/08/2015.

retirou-se. Tirou um curso em finanças e acabou a trabalhar numa firma de analistas financeiros, contudo, ficou bastante doente e em 2002 voltou à indústria da prostituição, quando a *internet* se tornou uma mais-valia para a atividade. Preferiu voltar à profissão de acompanhante porque queria qualidade de vida, queria trabalhar menos horas, sem *stress* e ter um salário alto. Concluiu que nada mudou no negócio do sexo: mantêm-se os abusos e a falta de proteção das prostitutas. Kristen afirmou que a indústria da prostituição não é tão fácil como parece, uma vez que as mulheres que optam por esta profissão precisam de ter algumas habilidades e de se saber adaptar aos diferentes meios, situações, clientes, etc.

Kristen anuncia os seus serviços através da sua página pessoal. Apresenta-se como uma “companhia de elite”, disposta a oferecer não um serviço, mas relacionamentos íntimos e afetuosos. É através do *site* que os clientes a contatam.²²⁶ Kristen admitiu nunca ter tido muitos problemas com os seus clientes, que eram, na maioria, de bom caráter, com todo o tipo de feitios e gostos específicos e tratavam-na muito bem. Maioritariamente tornaram-se clientes regulares, embora já tivesse tido clientes de quase todo o mundo. Nunca revelou a identidade de nenhum, sendo a discrição essencial nesta profissão, por isso as acompanhantes são bem pagas quer seja por políticos, atores, etc.

O seu objetivo na realização do filme “American Courtesans” era mudar as mentalidades e as leis; obrigar as pessoas a falar sobre temas tabu; acabar com ideias pré-concebidas sobre a indústria do sexo; para que as mulheres que trabalham nesta profissão se tornassem reais para os restantes que as desprezam. As diversas intervenientes no filme esperavam que este pudesse abrir portas para discussões que levassem à legalização e/ou regulamentação da profissão nos E.U.A., à conquista de direitos de igualdade e proteção para as trabalhadoras do sexo.

6) “Laura D.” é um pseudónimo usado por uma aluna universitária, que trabalhou como acompanhante em França, enquanto estudava. “Laura” resolveu deixar o seu testemunho no livro *Universitária 19 anos convive com cavalheiros*, de forma a chamar a atenção para uma prática cada vez mais comum na sociedade, a prostituição estudantil.

“Laura” era uma jovem rapariga, vinda de uma família de classe média-baixa, sem grandes possibilidades. Conseguiu ingressar no ensino superior, de forma a melhorar o seu futuro. No entanto, sem qualquer tipo de ajuda financeira, teve de se sustentar sozinha numa cidade distante. Embora além de estudar tivesse um trabalho, o salário era precário e

²²⁶ Sobre os serviços de Kristen D’Angelo como acompanhante, ver a sua página pessoal: <http://www.mykristen.com>, acedido em 20/08/2014.

o nível de vida na cidade era muito caro para uma estudante, com preços exorbitantes e contas para pagar. Todos estes factores a levaram à necessidade de se prostituir aos dezoito anos, vendo nesta solução apenas uma situação provisória, de forma a não abandonar os estudos. Contudo, para “Laura” a prostituição não foi uma escolha fácil, muito menos agradável. Começou por descobrir o trabalho através da *internet*, numa página de anúncios de encontros eróticos, anúncios que em grande número se destinavam a estudantes, muitos deles com a mensagem de que se procuravam massagistas. Numa lista exaustiva de possíveis clientes, “Laura” respondeu a vários anúncios. Depois, após os interessados entrarem em contato com ela, “Laura” escolheu um com o qual trocou mensagens insinuantes e eróticas. Sendo inexperiente na indústria pediu apenas 100€ por hora, por um encontro, marcando depois o local e as horas. Todas as experiências seguintes descritas por “Laura” foram traumáticas, apesar de em alguns dos encontros muitos dos clientes não quererem ter relações sexuais com ela. Em vez disso, queriam que ela simplesmente realizasse uma fantasia: desde observá-la em trajas menores a fazer tarefas domésticas, a que ela se tocasse nos genitais ou aceitasse relações sadomasoquistas. O que seria uma experiência única, de forma a permitir algum desafogo financeiro, tornou-se uma profissão ocasional. “Laura” tornou-se uma “prostituta amadora”. No entanto, segundo afirma, não tinha nenhum prazer no que fazia, bem pelo contrário. Por essa razão tentava demonstrar aos clientes que apenas oferecia o seu corpo, nada mais, tentando a todo o custo evitar a conversa, a partilha de informações, que muitos dos clientes procuravam nos encontros.

Apenas uma vez utilizou os encontros para receber algo mais do que dinheiro: pediu também um computador, pois tinha necessidade dele para os seus estudos. No entanto, tornou- cada vez mais difícil consentir que estranhos lhe tocassem e tinha grande receio de que a família descobrisse o que fazia. Por estas razões, assim como por ter sido enganada por um cliente que não lhe pagou o prometido, e por ter vivido uma situação de perigo com um outro cliente que conseguiu os seus dados pessoais e começou a persegui-la, “Laura” sentiu-se ameaçada e perdida, decidindo deixar a prostituição e mudar de país.

2.3. Caraterização da prostituição de luxo e dos seus intervenientes

Na atualidade, as prostitutas de luxo são denominadas de acompanhantes, *escorts* ou *call girls* – segundo o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o termo “call girl” significa: “a woman prostitute who makes her arrangements by telephone.”; e “escort”

refere-se a: “2. a social companion (...); 3. A man or woman who is paid to go out socially with another: an escort agency.” Segundo DITMORE (2006: 74; 144-145), estes termos surgiram associados à criação de agências de serviços de encontros. Estas agências disponibilizavam o serviço de acompanhantes, normalmente modelos, a homens que procuravam companhia para uma diversidade de eventos, como jantares, casamentos, encontros de trabalho, teatro, etc. Com o aumento da procura e da oferta, começaram a incluir também serviços sexuais.

As mulheres que prestam estes serviços têm de ter não só beleza e charme que cativa e chame a atenção, mas também algumas qualidades intelectuais, de forma a poderem acompanhar os seus clientes em diversos tipos de ocasiões e de encontros. Estes homens têm normalmente posses e/ou com cargos importantes em diferentes áreas. Atualmente, os clientes das acompanhantes de luxo esperam sobretudo, como explicam LEVER & DOLNICK (2010), que elas criem a ilusão de intimidade entre ambos, sendo esta a componente principal do serviço de GFE (*the girlfriend experience*), muito solicitado neste meio. Ou seja, eles tentam que a sua experiência ou interação com as *escorts* seja menos como uma transação comercial e mais como um encontro romântico.

Quem são? Atualmente as acompanhantes de luxo, *call girls* ou *escorts* são consideradas as mulheres do topo da indústria do comércio sexual. São prostitutas na medida em que vendem serviços sexuais em troca de dinheiro, no entanto, são diferentes das restantes, tendo em conta o seu comportamento, a instrução, o uso e controle do seu corpo, os diferentes serviços prestados aos clientes e os possíveis ganhos. Por norma, são mulheres que fogem ao estereótipo de prostitutas que vendem sexo por necessidade, ou que foram violentadas ou entraram na indústria por coerção.²²⁷ É sua intenção evitar a identificação de prostitutas ou nomes mais difamatórios e vulgares, rótulos sociais que apenas as tentam estigmatizar, desvalorizar e insultar. Segundo COELHO (2009: 84-99), para muitas, estes rótulos são completamente ofensivos tendo em conta que não se

²²⁷ Vejamos, por exemplo, o caso de três das acompanhantes entrevistadas pelo sociólogo Bernardo Coelho para a sua pesquisa sobre a prostituição de luxo em Portugal: Joana, de 23 anos admite que ingressou no mundo da prostituição de luxo por curiosidade de experimentação e desejo de descoberta sexual, assim como pelo dinheiro para consumos distintos, uma vez que os seus gastos são normalmente para bens de luxo; Marta, de 19 anos trabalha como acompanhante pela busca de dinheiro extra, tendo uma outra atividade profissional; e Isabel, de 36 anos que abdicou do trabalho de funcionária administrativa para se dedicar à profissão de acompanhante, por curiosidade pela profissão, sendo a sua principal motivação o dinheiro que podia lucrar. Nenhuma delas foi coagida a entrar na atividade ou sofreu abusos que as deixassem com traumas. Para mais detalhes sobre a vida das diversas acompanhantes entrevistadas por Bernardo Coelho, Vide COELHO (2009: 71-77).

identificam com os estereótipos deste tipo de mulheres, vendo no nome de acompanhantes um significado de maior valor. Contudo, para outras os nomes pelos quais as tratam são apenas nomes que simplesmente as identificam como marginais, e não as afetam.

Como são? Como explica COELHO (2009: 116), as acompanhantes apresentam-se como mulheres comuns, não como prostitutas. No seu dia-a-dia mantêm uma vida normal, e vestem-se de forma banal. São mães, estudantes, donas de casa, namoradas, funcionárias públicas, etc. São mulheres que mantêm uma vida completamente fora do contexto prostitucional, muitas vezes uma vida dupla. Tendo em conta o *corpus* de estudo selecionado, as idades das acompanhantes variam entre os dezoito e os quarenta anos, aproximadamente. Por norma, deixam a profissão quando o seu corpo deixa de corresponder às expetativas dos clientes que as procuram.

Sabemos cada vez mais sobre a experiência de mulheres deste meio, pois a sua vida tem sido objeto de estudo por parte dos média. Inclusive a prostituição de luxo tem sido bastante glamorizada na ficção com filmes como *Pretty Woman* e *The Girlfriend Experience*²²⁸ e através da série televisiva *A secret diary of a call girl*. De igual forma, cada vez mais mulheres do meio tentam mostrar ao mundo quem são, revelando as suas experiências em formatos diversos. E os média, por sua vez, tentam encontrar e expor a verdadeira identidade dos clientes da prostituição de luxo, encontrando-se entre estes muitas figuras públicas, que mesmo tendo condenado publicamente a atividade da prostituição, no entanto, em privado recorreram aos serviços destas mulheres, como aconteceu com alguns dos exemplos apresentados em WEITZER (2010: 4), entre eles o do governador de Nova Iorque, Eliot Spitzer, o senador David Vitter, etc.

2.4. Métodos de trabalho

As acompanhantes podem trabalhar como independentes ou por conta de outrem, normalmente para agências de acompanhamento ou agências de modelo de fachada onde o verdadeiro negócio é a prostituição. Podem também trabalhar para madames²²⁹ ou agentes. Como explicam KOKEN *et al.* (2010: 205; 210) e FLOWERS (2011: 52-56), sendo qualquer um destes os seus “empregadores”, são eles que normalmente marcam os encontros entre os clientes e as acompanhantes, estabelecendo previamente o preço do

²²⁸ Em Portugal conhecido como *Confissões de Uma Namorada de Serviço*.

²²⁹ FLOWERS (2011: 53) dá o exemplo de madames que ficaram conhecidas por serem tão infames e controversas como as suas prostitutas e os seus clientes, tais como Bidlle Barrows e Susan Austin.

serviço e o local do encontro, são também eles que fazem a investigação prévia da vida do cliente. As agências e os agentes possuem tendencialmente uma lista de clientes regulares. Os serviços das acompanhantes são anunciados em *sites* próprios (páginas pessoais criadas pelas *escorts* ou pelas agências), nas revistas, nas páginas amarelas, na televisão, etc. Estas agências tentam operar segundo a base de que oferecem companhia e socialização de alta qualidade. As agências e os agentes ficam normalmente com um lucro entre os 20% e os 60% da transação comercial.

As acompanhantes profissionais que trabalham como independentes são geralmente as que já se conseguiram estabelecer no mercado, tendo já uma clientela fixa. As acompanhantes amadoras são as que se estabeleceram por conta própria, normalmente respondendo a clientes que procuram “companhia” em *sites* de encontros.

Como foi referido acima, as acompanhantes são consideradas as mulheres do topo da indústria do sexo. Contudo, dentro desta categoria existe ainda um outro grupo de elite, mais restrito e envolto em secretismo. Segundo FLOWERS (2011: 58-61) e COELHO (2009: 101), neste meio, trabalham apenas mulheres que estão dentro do mundo da prostituição de luxo, mas só aquelas que pertencem a um sistema de relacionamentos muito fechado. Para serem escolhidas são referenciadas por clientes com recursos ou por outros profissionais do ramo, ou então, por pessoas influentes. Os seus clientes são muito ricos e poderosos e elas são recompensadas pelos seus serviços com lucros que podem chegar aos milhões. Estes clientes procuram na companhia destas mulheres o máximo de discrição e sigilo. As suas sessões e/ou encontros podem durar horas ou dias, sendo raro serem contratadas apenas por uma hora. Normalmente, são requisitadas para servirem de companhia em serões e eventos sociais e em viagens de trabalho e lazer. Estas mulheres não são trabalhadoras a tempo inteiro como acompanhantes. Algumas são modelos, atrizes pouco conhecidas, apresentadoras de televisão. Por norma, são mulheres muito belas, com classe, instruídas, que conhecem pessoas influentes em áreas diversas, que querem sobretudo fazer dinheiro, e/ou também progredir na carreira. Certos hotéis de luxo apresentam a determinados clientes mais abastados catálogos com mulheres deste meio. Do mesmo modo, algumas agências de modelos dão a conhecer estas acompanhantes como modelos, criando também catálogos específicos para este propósito. Tudo isto acontece num sistema muito reservado e seletivo, em moradias ou condomínios privados e com

clientes muito ricos.²³⁰ É um negócio com uma rede relacional muito fechada. Joana, acompanhante de luxo, entrevistada COELHO (2009), declarou já só trabalhar numa rede assim. Os clientes para a conhecerem têm de fazer parte desta rede de relacionamentos, sendo os seus clientes que a recomendam a outros interessados.²³¹

As acompanhantes de luxo podem trabalhar a qualquer hora do dia, tendo em conta a sua preferência.²³² Dependendo dos clientes fixos e dos valores que cobram, quando são avultados, estas podem atender dois ou no máximo três clientes por dia, como era o caso de Brooke, ou então dar-se ao luxo de trabalhar apenas um ou dois dias por semana, como é o caso de Amanda Goff. E fazem-no nos seus apartamentos, em hotéis, podendo ou não se deslocar à residência ou a outros locais requeridos pelos clientes e podem também trabalhar em bordéis de luxo.²³³ Este horário flexível e o facto de não terem empregadores tradicionais são outros dos factores atrativos desta atividade.

Todas as acompanhantes seguem certos procedimentos e regras de forma a manterem a sua segurança: entrevista ao cliente antes de se conhecerem pessoalmente, por norma por *email* ou telefone de forma a saberem o que este pretende; estipulam valores e definem o local; sendo habitual no início do encontro receberem o dinheiro adiantado; e seguem normas de higiene básicas: pedem ao cliente que tome banho e/ou fazem uma verificação dos seus genitais de forma a detetarem algum tipo de doença; requerem o uso de preservativo nas relações; se trabalharem com alguém, podem confirmar com estes que estão em segurança, por exemplo com um telefonema.²³⁴ Depois de estabelecidas as regras

²³⁰ Dados fornecidos por Elisabeth Butterfly, ex-acompanhante de luxo, na reportagem de Bruno Contreiras Mateus “Cama e companhia de luxo”, publicada a 17/01/2010, no *Correio da Manhã*, disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>, acedido em 19/08/2014. “O luxo, no sentido da oferta muito reservada de mulheres singulares, quer pela sua formação ou pela restrição da procura fora de certos círculos de relações, é quase secreto: circula de boca em boca ou em catálogos feitos para esse propósito, como se de modelos se tratassem. Nesse sentido, existe, mas existe em condomínios insuspeitos ou nas vivendas metidas em quintas conhecidas... e chega a ser alimentado por agências de modelos convencionais.”

²³¹ Segundo o testemunho de Joana: “(...) aqui não há anúncios, as pessoas para terem o meu contato têm de estar referenciadas, tem de conhecer pessoas que me conhecem e muito bem, porque ninguém vai contar isto assim...” Vide COELHO (2009: 220).

²³² Em Portugal, segundo as acompanhantes entrevistadas na reportagem de Bruno Contreiras Mateus, “Cama e companhia de luxo” publicada a 17/01/2010, no *Correio da Manhã*, estas são mais procuradas pelos clientes à hora de almoço, e depois das 22h. Reportagem disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>, acedido em 19/08/2014.

²³³ Como é o caso do bordel de *Stiletto* na Austrália, descrito *supra*.

²³⁴ Os procedimentos de segurança levados a cabo pelas acompanhantes podem ser conferidos em: COELHO (2009: 62); no episódio 1 da série televisiva “A secret diary of a call girl”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qh33EIDk0mQ>, acedido em 18/08/2014; na reportagem “Cama e companhia de luxo” disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de->

e os limites, elas tentam dar ao cliente o que este procura. No caso de relações sexuais, o mais rapidamente possível, utilizando técnicas corporais e de linguagem que segundo COELHO (2009: 177) “poderiam ser associadas aos comportamentos e desempenhos/*performances* explicitadas pelos atores pornográficos”.

Para muitas das acompanhantes, o seu trabalho é encarado como uma representação, como a simulação de prazer, intimidade e afeto com o cliente, pois enquanto para os clientes muitos dos encontros sexuais têm exatamente esses significados, para as profissionais o significado é maioritariamente económico. Pagam-lhes para efetuar um serviço, pagam-lhes pelo seu corpo, ou pela sua companhia, mas não pelo seu “eu”. Para muitas das profissionais deste ramo é a barreira que criam entre a intimidade e o prazer que lhes permite fazer o que fazem. É o que define a sua atividade como um trabalho, nada mais.

2.5. Comercialização do corpo e dos seus serviços

Como se dão a conhecer as acompanhantes aos clientes, uma vez que se tentam diferenciar das prostitutas “vulgares”, e ao mesmo tempo tentam manter o carácter secreto da sua atividade? A prostituição é uma atividade na qual os intervenientes para o seu sucesso profissional necessitam de grande visibilidade social. No entanto, tendo em conta os discursos, as imagens e a censura moral que os colocam nas margens da sociedade, por demonstrarem o seu comportamento transgressor, é crucial para as acompanhantes criar uma visibilidade diferente, num sistema relativamente limitado. Como explica COELHO (2009: 36-37): “As acompanhantes constroem uma visibilidade transgressora limitada aos pequenos anúncios de jornais ou da *Internet* que funcionam como cartões-de-visita: neles são tornadas explícitas práticas sexuais, disponibilidades e atributos corporais.” Ou seja, por norma, a apresentação destas mulheres é feita através de anúncios em jornais, revistas especializadas ou na *internet*²³⁵, sendo a última o meio preferencial, pois lá podem expor imagens mais explícitas e textos mais pormenorizados onde descrevem os seus atributos

[luxo.html](#), acessido em 19/08/2014; e na reportagem “Escort Prostitution in Oklahoma City”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUUnIa_UntE, acessido em 21/08/2014.

²³⁵ Em Portugal 28% dos anúncios em prostituição de luxo ou trabalhadores que atendem em apartamentos são feitos *online*, e 44% são *online* e em jornais. Em média, os trabalhadores do sexo gastam entre 400 a 500€ mês em anúncios na *internet*. Para mais informações, *vide* a reportagem “Prostituição em Portugal”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o-D3MYWJagA>, acessido em 19/08/2014.

Vide também a reportagem “Escort Prostitution in Oklahoma City”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUUnIa_UntE, acessido em 21/08/2014.

corporais e os serviços que estão dispostas a oferecer aos clientes. Indicam também os seus preços, a disponibilidade horária e os contatos, estando também estas informações acessíveis a um maior número de possíveis clientes.

Como explicam KOKEN *et al.* (2010: 213-219), a arte de se publicitar é uma das competências essenciais a desenvolver para ser bem-sucedido no trabalho de acompanhantes de luxo, em especial das independentes. Por isso, são várias as estratégias usadas nos anúncios, por parte das mulheres deste meio para maximizar os seus lucros: 1) algumas acompanhantes optam por se apresentar aos clientes com uma personalidade autêntica, ou seja, descrevem-se apenas com informações básicas, e depois falam especificamente de determinados serviços sexuais ou fantasias, como por exemplo dizendo-se especialistas na experiência de *The Girlfriend Experience*. Com estes anúncios elas tentam chegar aos clientes com quem normalmente teriam uma relação. 2) Outras *escorts* salientam sobretudo a sua educação, a inteligência, a elegância, etc. 3) Outras optam por destacar as suas preferências nas atividades sexuais e os seus atributos físicos. 4) Algumas escolhem apelar essencialmente à variedade de fantasias dos clientes, com uma seleção cuidadosa de fotografias e de informações escritas. 5) Algumas acompanhantes procuram nichos de mercados ao oferecerem serviços especializados para esses clientes, tais como serviços de dominação sexual – *Bondage, Dominance, Submission and Sadoomasochism*, ou *tantra*.²³⁶

O corpo das acompanhantes será a sua principal atração nos anúncios, e é o que as distingue das restantes prostitutas. Segundo COELHO (2009: 123), “Um corpo bem modelado, com nádegas proeminentes e seios grandes, caraterísticos dos corpos jovens, são mais importantes do que uma cara bonita.”, sendo o conjunto dos atrativos físicos o principal factor de sucesso de uma acompanhante. O corpo das acompanhantes é, portanto, um projeto. Normalmente estas mulheres dedicam bastante esforço a moldá-lo e algumas investem muito dinheiro em cirurgias, de forma a obterem corpos esculturais, tonificados, com curvas salientes e rostos sem imperfeições e de aparência jovem, ou seja, alteram os seus corpos num sentido fetichista²³⁷. Segundo os testemunhos das acompanhantes

²³⁶ É possível ver alguns exemplos deste tipo de estratégias no Anexo B.

²³⁷ Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, o termo “fetichista” é um adjetivo “1 – referente a ou próprio de fetichismo; 2 – que ou aquele que cultua fetiche (s).”, e o termo “fetichismo” refere-se entre outras definições a “2 – admiração exagerada, irrestrita, incondicional por uma pessoa ou coisa; veneração; 2.1 – desvio do interesse sexual para algumas partes do corpo do parceiro, para alguma função fisiológica ou para peças de vestuário, adorno, etc. (...)”

entrevistadas por COELHO (2009: 119-124; 205-208), este é um investimento fundamental, porque o seu corpo é fonte de trabalho e rendimento. Investem também bastante dinheiro em roupas e adereços, que são os marcadores da sua sensualidade: roupas *push-up*, atrevidas, de marca, sapatos altos, etc. São mulheres com estilo elitista, que se tentam apresentar entre a elegância e a sensualidade.

Para as mulheres que trabalham nesta profissão e que mais investem em si, como a acompanhante Joana, entrevistada por Coelho, que investe em vestuário, em diversos hábitos como a ida ao ginásio, em regimes alimentares, e rigorosos tratamentos de pele e corpo, etc., maior será a sua compensação material. Como diz COELHO (2009: 219), “quanto maior o seu capital físico, maiores serão os seus capitais sociais e económicos”.

Nos anúncios, as acompanhantes têm de se apresentar como mulheres fora do comum, têm de oferecer ao cliente a possibilidade de uma fantasia erótica e sexual. Como verificamos com os anúncios analisados no Anexo B, as acompanhantes fazem-se valer do investimento no seu corpo, com imagens do seu corpo nu, ou com roupas que salientam os seus atributos físicos. Contudo, de acordo com COELHO (2009: 121) e FLOWERS (2011: 52), a acompanhar os clientes em serões, eventos, viagens ou mesmo quando vão ao encontro destes em hotéis, residências, etc. tentam fugir à imagem estereotipada das prostitutas comuns. As acompanhantes tentam distanciar-se desta imagem vulgar, de forma a não chamarem a atenção de agentes da autoridade ou da população em geral para o que fazem. Por outro lado, elas recorrem a um visual de feminilidade provocador e sensual, mas elitista.

2.6. Os clientes

Segundo o estudo realizado por LEVER & DOLNICK (2010), os clientes das acompanhantes são normalmente homens brancos, com bons recursos financeiros. Estes homens podem ser casados ou não, e podem ou não sentir-se sexualmente insatisfeitos. Neste estudo, a grande maioria dos clientes eram solteiros.

De acordo com MONTÓ (2010: 233-251), os clientes recorrem aos serviços de prostitutas por diversas razões, sendo estas também diferenciadas de acordo com a classe social e o estado civil dos indivíduos. Tendo em conta diversos estudos feitos sobre esse fenómeno, este autor revela também o resultado dos seus estudos e conclui que os homens recorrem aos serviços das prostitutas: a) por se sentirem atraídos pela natureza ilícita do

encontro; b) porque procuram variedades sexuais que não conseguem obter com os seus parceiros regulares; c) porque entendem o sexo como um bem comercializável e não como um aspeto íntimo de um relacionamento; d) porque por diversas razões não querem manter relacionamentos convencionais; e) porque não têm facilidade em se envolver ou manter relações afetivas de longa duração, por timidez, por não se sentirem fisicamente atraentes, etc. De acordo com os resultados de MONTTO, os homens com níveis de escolarização elevados buscam sobretudo nestes relacionamentos a excitação do sexo ilícito. Já os homens com poucos estudos revelam recorrer a prostitutas por dificuldade em conhecer mulheres de outra forma, assim como indicam também querer ter o controle durante o ato sexual. Os clientes casados procuram em especial a realização de experiências sexuais que não têm com as esposas, e os clientes solteiros justificam a sua escolha por prostitutas, maioritariamente por tentarem evitar a responsabilidade de relacionamentos convencionais, ou então por dificuldades em formar este tipo de ligações.

Como explicam LEVER & DOLNICK (2010: 199), os clientes que recorrem às acompanhantes esperam que elas criem sobretudo a ilusão de intimidade entre ambos, e que a sua experiência não seja uma simples troca comercial, mas sim a concretização de uma fantasia. Como afirma COELHO (2009: 174):

O trabalho emocional é central na relação destas mulheres com os seus clientes, este trabalho passa por um processo de falsificação, manipulação e supressão dos seus próprios sentimentos, em ordem a poderem satisfazer as necessidades e desejos sexuais dos seus clientes, tendo de construir preocupação, carinho, consideração, admiração pessoal e sexual por eles. Ela deve ser (representar) tudo aquilo que o cliente deseja que ela seja. A habilidade da prostituta reside, precisamente, na capacidade de representar sensações, emoções, sentimentos, desejos e preferências genuínas em todos os cenários, parecendo que sempre viveu na fantasia do seu cliente.

Como explica COELHO (2009: 164-165; 168-173), são elas, no entanto, que ditam as regras e fronteiras da sua relação com os clientes. Na sua maioria não aceitam fazer o que não querem ou não gostam e muito menos colocam a sua saúde em risco. Segundo o estudo de LEVER & DOLNICK (2010: 196-197), as atividades sexuais mais solicitadas às acompanhantes eram relações vaginais e sexo oral, e uma minoria requeria também fantasias de dominação sexual. Grande número dos clientes também procurava intimidades não sexuais, tais como: massagens, conversação, carícias.

Este negócio entre as acompanhantes e os clientes torna-se normalmente um segredo para ambos. A discrição do encontro é uma proteção para a acompanhante, uma vez que é do seu interesse que a sua atividade não seja reconhecida por terceiros, mas também para o cliente, uma vez que ser reconhecido significa que pode pôr em causa a sua masculinidade²³⁸ e reputação, por isso, na sua maioria, elas não temem ser reconhecidas na rua pelos clientes. O entendimento entre ambos sobre os diversos factores envolvidos nesta transação e a satisfação do cliente fazem com que normalmente se crie uma relação de confiança e às vezes de amizade entre as acompanhantes e os seus clientes.²³⁹ A partir do momento em que conseguem estabelecer-se como profissionais independentes, quanto menos clientes atendem, mais lucro obtêm, na medida em que os seus clientes tornam-se regulares, e normalmente são pessoas com meios financeiros, dispostos a pagar bens de luxo.²⁴⁰ Segundo o estudo realizado por LEVER & DOLNICK (2010: 194-195), grande parte das acompanhantes entrevistadas atendiam os seus clientes na privacidade e no conforto das residências dos mesmos, por norma, espaços bem agradáveis e às vezes luxuosos. Os seus encontros, por regra geral, duravam cinco ou mais horas, e muitas vezes estes encontros de longa duração incluíam almoços e jantares, e alguns clientes habituais, considerados já como “amigos”, chegavam a passar noites inteiras com as acompanhantes. Para além das quantias avultadas cobradas por hora aos clientes, as *escorts* também afirmaram receber prendas, tais como joias, flores, champanhe, perfumes, etc.

2.7. Motivações

Porque o fazem? Segundo COELHO (2009: 181-185), algumas mulheres vêm na prática da prostituição uma forma de liberdade de expressão sexual. É o seu corpo e fazem dele o que querem, seguindo uma lógica de descoberta e experimentalismo erótico. Outras comparam esta vida às oportunidades que teriam sem os luxuosos rendimentos desta atividade. Isto transmite-lhes a noção de que fazem o que gostam e são bem pagas por isso. No entanto, para COELHO (2009: 186-187) estes são maioritariamente discursos autojustificativos:

²³⁸ Segundo COELHO (2009: 69), muitos homens temem ser reconhecidos como “clientes” por vergonha, pois atualmente, ao contrário do que sucedia noutras épocas – como, por exemplo, como referido no capítulo 2, na Grécia Clássica, a visão de masculinidade desqualifica o recurso à prostituição. Contudo, ainda há meios em que recorrer a uma prostituta ainda é sinal de masculinidade.

²³⁹ COELHO (2009: 171; 222-223).

²⁴⁰ COELHO (2009: 206).

A concretização, ou enfabulação, da ideia de puta feliz: gosta do que faz, faz o que gosta e ganha dinheiro com isso. Aqui existirá uma elevada dose de discurso autojustificativo, uma racionalização que permita à própria conviver melhor com a sua vida, com aquilo que faz. Um estilo hedonista sobressai da conversa. O gosto pela vida e pela diversão noturna, os jantares e os copos com os amigos, as festas, o prazer sexual independentemente da natureza da relação – emergida da atividade prostitucional ou não. Aliás, «ter sexo por prazer, ao menos que seja a pagar!» (...).

Nas histórias utilizadas como objeto de estudo para esta investigação, a maioria das acompanhantes justifica o gosto por relações sexuais como um dos motivos da sua escolha pela atividade prostitucional. Estas mulheres não aceitam a justificação de que são imorais porque fazem sexo promiscuamente e levam dinheiro por isso, tendo em conta a prática comum da sociedade atual de manter relações promíscuas ocasionais, com a única diferença de que nem todos cobram por isso. Por exemplo, como explicou Brooke numa das suas entrevistas: “it is all right if someone goes home with someone that they don’t know and have sex for free. It is not all right if there is a third part involved to make sure that fellow is ok and there is some money involved.”²⁴¹

O dinheiro é, contudo, a principal motivação das mulheres que optam por esta atividade. As razões podem ser as mais variadas: desemprego; dívidas; necessidade de dinheiro extra ou da garantia de estabilidade económica; necessidade de assegurar uma vida mais glamorosa, no consumo de bens de luxo, tais como viagens, roupas e acessórios de marca, etc.; seja porque a prática da atividade é apenas uma situação temporária para alcançar determinados fins, como por exemplo pagar os estudos, etc. Em suma, todas elas vêm na prática da prostituição uma fonte de rendimento suplementar ou necessária para a sobrevivência. É o que parece demonstrar o caso de algumas das acompanhantes deste estudo, segundo os testemunhos reunidos por COELHO (2009: 71-77): Ana ingressou no mundo das acompanhantes pelo dinheiro, que utiliza como forma de viver com autonomia; Joana entrou na indústria para conseguir dinheiro que lhe permitisse viver e comprar tudo aquilo que sempre sonhou; Leonor começou na atividade porque tinha dívidas, e o dinheiro que recebe, maioritariamente, serve para manter o seu estilo de vida consumista; Marta procurava dinheiro extra de forma a poder alcançar o seu processo de autonomia; Carla encontrava-se no desemprego, sem estabilidade económica, e o dinheiro da prostituição permite-lhe manter o seu estilo de vida e pagar encargos financeiros; Natasha encontrava-

²⁴¹ Ver a entrevista em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3rdVXR0ubw>, acedido em: 18/08/2014.

se em situação de precariedade económica fora do país de origem, logo o dinheiro da profissão é visto numa lógica de poupança para poder voltar a casa com alguma estabilidade; Isabel, apesar da sua situação estável, ingressou na profissão com o objetivo de melhorar economicamente a sua vida e poder poupar para o futuro. Segundo os testemunhos de Brooke Magnanti e “Laura D.” estas entraram no mundo da prostituição porque se mudaram de cidade para estudar e viam nesta atividade uma forma de ganhar dinheiro para concluírem os estudos. Por outro lado, segundo os testemunhos de Amanda Goff, ela escolheu esta profissão, porque queria ser paga por algo que fazia gratuitamente.

Segundo COELHO (2009: 187), o dinheiro é, contudo, o elemento que as identifica como prostitutas:

(...) o dinheiro parece marcar a fronteira moral, entre a experimentação, a busca de prazer sexual e a prostituição. O facto de receber dinheiro confere um choque de realidade: elas também são a prostituta, não são apenas a pessoa que busca o prazer sexual. (...) O pagamento marca a entrada para um universo de desvalorização identitária, estas mulheres deixam de ser consideradas normais, passam a ser transgressoras. Na medida em que, o pagamento, a compensação económica, é uma das formas de definição da atividade prostitucional e da mulher prostituta.

Por esta razão, como explica COELHO (2009: 187-191: 223), muitas tentam evitar receber dinheiro em mão, preferem receber por transferência bancária, ou num envelope, ou então em bens de luxo, como por exemplo joias, roupas de marca, viagens, etc. e vêem-nos como prendas, não como pagamentos.

Quanto mais elevado for o preço que cobram pelos seus serviços, maiores serão as exigências por parte dos clientes. Tendo em conta os diversos casos analisados, os valores que cobram as mulheres que trabalham como acompanhantes em Portugal variam entre os 100€ e 250€ por hora, 950€ a 1000€ por noite, e 2000€ por dia.²⁴² Estes valores que também têm em conta o local onde atendem e o serviço que prestam ao cliente.

²⁴² Valores fornecidos pelas acompanhantes entrevistadas por COELHO (2009: 52); e valores indicados por acompanhantes e ex-acompanhantes na reportagem de Bruno Contreiras Mateus “Cama e companhia de luxo”, publicada a 17/01/2010, no *Correio da Manhã*, disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>, acedido em 19/08/2014.

2.8. Conclusões

Através desta investigação podemos concluir que:

1) Uma cidade grande é mais propícia para este tipo de atividade, especialmente por causa do anonimato que oferece às mulheres que trabalham neste meio.

2) A *internet* tornou-se uma mais-valia nesta indústria. Abriu portas para novas formas de prostituição para homens e mulheres. A *internet* ofereceu aos indivíduos a possibilidade de levar uma vida dupla, oculta, sob a pretensa “proteção” de um ecrã, que lhes transmite um sentimento de segurança e controle sobre os seus atos e da sua verdadeira identidade. Possibilitou-lhes encontros ocasionais pagos com estranhos, organizados com a maior discrição possível. Possibilitou também o surgimento de acompanhantes “amadoras”, pessoas que entram no mundo da prostituição pela simples resposta a um anúncio de carácter erótico. Esta é uma realidade cada vez mais comum no meio estudantil, tendo em conta que a necessidade se torna muitas vezes compatível com a tentação de obter grandes somas de dinheiro rápido, num curto espaço de tempo.

3) Há que considerar que dentro do meio da prostituição de luxo existem diferentes níveis. As mulheres bem-sucedidas no meio mais luxuoso e restrito têm normalmente de ter níveis de comportamento, de boas maneiras e de escolarização muito elevados, associados a padrões de beleza física extremamente altos. Necessitam igualmente de uma boa rede de contatos, por norma de pessoas muito influentes em diferentes áreas. As idades das mulheres que trabalham neste meio variam entre os dezassete/dezoito anos e o fim da sua juventude, ou seja, os quarenta anos aproximadamente, pois uma aparência e um corpo jovem são dos principais factores para a escolha destas mulheres por parte dos clientes.

4) Para o seu sucesso profissional, as *escorts* consideram crucial fazer um investimento pessoal na divulgação da sua imagem, num meio mais reservado e lucrativo, sendo preferível para as acompanhantes ter poucos clientes, mas com mais recursos.

5) Tendo em consideração que a prostituição de luxo não deixa de ser prostituição, muitas acompanhantes preferem manter a sua vida profissional completamente separada da pessoal, de forma a evitar rótulos sociais e um estigma permanente. Têm também de estipular as suas próprias regras e limites de forma a manterem o controle e a segurança dos seus relacionamentos com os clientes.

6) Quem diz dedicar-se a esta atividade de forma profissional, e tendo como motivação uma série de razões diversas, tenta cobrar um preço elevado, de modo a num curto espaço de tempo tirar os maiores benefícios.

7) Como se conclui da análise dos diferentes casos, existem histórias mais glamorizadas do que outras. Nem todas as mulheres têm acesso a um meio luxuoso, a clientes afetuosos, etc. A prostituição de luxo inclui encontros e relacionamentos íntimos com estranhos, que procuram a realização de todo o tipo de fantasias das mais naturais às mais obscenas e escabrosas. Por estas razões, as profissionais desta área têm de ter uma grande motivação ou gosto no que fazem.

8) Todos os relatos destas mulheres e os estudos analisados parecem indicar que é difícil para a sociedade em geral compreender esta prática de prostituição. Uma vez que, como explica SILVA (2010: 24): “prostitutas são vistas, por um lado, como seres “degenerados” que satisfazem necessidades sexuais compulsivas e “perversas” dos homens (...), por outro, são apontadas, num tom moralista e hipócrita, como depravadas, desonradas, promíscuas e sem-vergonha (...)” Ou então, são vistas como pessoas em situações limite, que se sentem obrigadas a vender o corpo. É também comum vê-las apenas como mulheres exploradas ou coagidas a se prostituir. Segundo estes cenários, como indica WEITZER (2010: 5): “Prostituted” clearly indicates that prostitution is something done to women, not something that can be chosen (...)” Estas mulheres estão, em todas estas situações, sujeitas ao estigma, aos rótulos sociais e ao julgamento do público. Para muitas das profissionais desta indústria, como é o caso de Brooke e de Amanda Goff, duas mulheres com níveis de escolarização elevados e uma vida estável, estes panoramas são completamente opostos à sua realidade, uma vez que a sua escolha foi feita de forma consciente e deliberada, e fizeram-na não por falta de alternativas, mas como uma opção lógica. Tanto Amanda, que ainda exerce, como Brooke que já saiu da indústria há alguns anos, optaram pela profissão, em especial devido aos avultados valores monetários provenientes do negócio, e ambas afirmaram ter prazer no que faziam.

9) Como base em todos os elementos analisados nesta pesquisa, podemos considerar que o mundo das acompanhantes de luxo é bastante complexo. A prostituição não se resume às visões estereotipadas da mulher prostituta que se submete à vontade e ao desejo do cliente, ou seja, a mulher oprimida, vítima, e objetificada, sendo neste cenário o homem o dominador. Estas visões retratam igualmente uma relação de desigualdade de poder entre

estes dois intervenientes. Pelo contrário, estas mulheres não se limitam a disponibilizar o seu corpo para satisfação sexual dos seus clientes, como explicam SACRAMENTO & RIBEIRO (2010: 177): “(...) o trabalho sexual exige da mulher a mobilização de um amplo arsenal de recursos que envolvem nomeadamente a linguagem, o gesto e a apresentação do eu. A prática exige uma representação teatral que não pode implicar necessariamente o ato sexual (...)”, ou seja, exige convívio, e uma relação baseada em compromissos e proveitos entre estes dois atores sociais. De igual forma, estas mulheres não só tem o poder de dizer que “não”, como mobilizam todos os seus recursos para tirar o máximo de proveitos das relações que estabelecem com os seus clientes.

10) Em relação aos clientes e às suas motivações para a procura dos serviços destas mulheres, como foi possível aferir, existe também uma complexa e divergente teia de perfis e razões. É possível afirmar que nem todos os homens procuram só sexo, na prostituição de luxo.

Conclusão Final

Com esta investigação podemos concluir que nas diferentes épocas estudadas a prostituição foi uma atividade que sofreu uma oscilação entre a aceitação e a criminalização. Contudo, mesmo na Antiguidade Clássica e na Idade Média, épocas em que era aceite, era considerada uma atividade ambígua, uma vez que era entendida como necessária para a salvaguarda da honra das mulheres respeitáveis, mas também porque as prostitutas eram figuras essenciais para o discurso sobre a sexualidade, pois era devido ao seu comportamento que se ditava o que era ou não má conduta, especialmente no que dizia respeito às mulheres. No entanto, as prostitutas eram também discriminadas, consideradas pessoas infames, imorais, impuras, inferiores. Por estas razões, sofreram diversas incapacidades cívicas.

Foi na Idade Média que se desenvolveram ideias mais negativas acerca do corpo humano e dos prazeres sexuais. Os esforços da sociedade medieval visavam sobretudo regular a sexualidade, essencialmente aquela que era considerada diferente e que fugia à norma de decência, como a das prostitutas. Embora, elas ainda fossem consideradas necessárias para assegurar a ordem, foram-lhes impostas limitações para o exercício da atividade prostitucional. Por outro lado, também foi na Idade Média que este negócio sofreu grandes alterações, passando a ser considerado um negócio público e legítimo, no qual os governos das cidades estavam envolvidos tanto enquanto proprietários como gestores dos bordéis. Porém, a existência destes bordéis públicos pode ser entendida como mais uma tentativa de controlar e confinar a sexualidade das prostitutas que viviam na marginalidade.

Com a Reforma, acabou-se a política de tolerância aplicada a este grupo marginal e começou uma era de condenação e criminalização da prostituição. Estas mulheres tornaram-se vítimas de penalizações, de crimes violentos e até de homicídio, por exercerem esta atividade.

Excluindo a Idade Média, época em que não existe registo da existência de prostituição num contexto social e económico elevado, em todas as outras épocas estudadas, mesmo com todas as dificuldades que as intervenientes deste meio sofriam, desenvolveu-se a atividade da prostituição de luxo. Na Grécia e na Roma antigas e no Renascimento, as prostitutas de luxo eram mulheres com alguma notoriedade no meio social, consideradas como musas de inspiração de artistas, escritores. Como explicou

WITCOMBE (2002: 275), podiam mesmo adquirir o estatuto de celebridades no sentido moderno. Embora fossem consideradas mulheres promíscuas por venderem o seu corpo ou a sua companhia a troco de bens, de riqueza ou de ascensão social, estas só o conseguiam porque eram protegidas por manterem relações com homens de classe social elevada, relações estas que, por norma, eram do conhecimento público. Graças à proteção que recebiam por parte destes homens, a mobilidade social destas mulheres quebrava todas as barreiras, pois entravam em esferas proibidas ao seu sexo e à sua condição.

Atualmente há que considerar que dentro do meio da prostituição de luxo existem diferentes níveis. As acompanhantes bem-sucedidas no meio mais luxuoso e restrito têm normalmente de ter níveis de comportamento, de boas maneiras e de escolarização muito elevados, associados a padrões de beleza física extremamente altos. São mulheres que necessitam igualmente de uma boa rede de contatos, por norma de pessoas muito influentes em diferentes áreas. Contudo, ao contrário do que sucedia nas épocas passadas, esta é uma profissão na qual as mulheres têm mais sucesso se ocultarem a sua ocupação e a identidade dos seus clientes, tendo em conta o caráter negativo e pejorativo da atividade prostitucional, embora num meio mais seletivo. Pretendem, assim, evitar rótulos sociais, um estigma permanente, discriminação social e penalizações. Um dos meios que possibilitou esta vida dupla e “oculta” foi o uso da *internet*, que permite aos trabalhadores do sexo publicitar-se e marcar encontros ocasionais pagos com estranhos, da forma mais discreta possível. Por norma, a escolha da atividade de acompanhante é feita por mulheres que dispõem de meios e de alternativas, contudo, escolhem-na como uma opção lógica, tendo em conta uma diversidade de razões.

Com a análise dos anúncios das acompanhantes de luxo, comparados com anúncios publicitários semelhantes no seu contexto e nas suas promessas, embora se tratassem de anúncios de produtos de uso quotidiano, concluímos que o objetivo de usar imagens de mulheres sensuais na publicidade visa sobretudo seduzir o consumidor, seja para lhe despertar sentimentos ou apelar ao imaginário. Nestas publicidades, a representação das mulheres enquanto corpos sexuais objetificados traduz-se na sua função de servirem única e exclusivamente para o olhar e prazer do outro, neste caso de serem o local onde estão depositadas todas as fantasias e desejos do sexo masculino. Uma vez que as mulheres são representadas em poses sensuais, com olhares e movimentos provocadores, em trajés ousados que chamam a atenção para os seus atributos físicos e as tornam desejáveis,

apetecíveis a nível sexual, ou mesmo completamente despidas, em cenários que representam espaços de intimidade e de prazer. Como explicam TEIXEIRA *et al.* (2013: 255), a banalização das imagens presentes nos anúncios prostitucionais e na pornografia ajudou a legitimar “a representação das mulheres como prostituíveis (...).” Como se conclui deste estudo, qualquer um dos anúncios publicitários aqui analisados podia ser usado no contexto prostitucional, um contexto onde as mulheres são vistas como objetos sexuais, por venderem os seus corpos. Essa mesma mensagem está implícita em todos os anúncios publicitários aqui analisados.

A prostituição leva-nos a refletir acerca da influência que a tendência cultural dominante exerce em nós, impondo limites à forma como nos entendemos enquanto seres morais ou imorais, aceites ou marginalizados, puros ou impuros, etc. Sendo a nossa sexualidade um dos aspetos que nos definem, independentemente de acharmos corretas ou não as nossas escolhas sexuais, é o olhar dos outros e a sua avaliação que determinam a forma como as nossas escolhas condicionam a nossa vida em sociedade. Como diz ANDERSON (2002: 775):

Being thought beautiful or ugly, being experienced or inexperienced, being raped or impregnated, being sexually apathetic or adventurous – all of these factors can have significant impacts on how one’s life goes, how one is treated by others, and how one thinks of oneself.

A prostituição é uma escolha, mas a escolha pessoal por esta atividade está longe de não ser condicionada pelo meio social e cultural.

ANEXOS

ANEXO A – Análise da Obra *Martelo das Bruxas*

A obra *O Martelo das Bruxas*, escrita no século XV, pelos inquisidores alemães Jacob Sprenger e Heinrich Kramer, está relacionada com a institucionalização da Inquisição. Considerou-se necessário incluir neste ponto da investigação a análise desta obra, uma vez que ela se constituiu como o manual indispensável a todos inquisidores, pois incluía as práticas, os métodos, os poderes utilizados pelos “bruxos”, assim como descrevia as suas supostas relações com Satanás. É aqui relevante, visto que, um dos grupos considerados mais propensos a tais heresias era o das prostitutas, pelo seu suposto apetite sexual insaciável.

Essencialmente a partir do século XV, um dos grupos mais perseguidos pelos Inquisidores foi o dos que praticavam bruxaria, que segundo SALLMANN (1993: 446-448) e SIENA (2013: 468), era considerada um trabalho do Diabo, e era usada para explicar fenómenos aos quais faltava uma explicação natural. A Igreja acreditava que os bruxos tinham feito um pato com Satanás renunciando aos ensinamentos de Cristo. Esta prática era na sua maioria identificada como um fenómeno feminino, o que era justificado pelo facto de as mulheres serem consideradas o sexo fraco, sendo assim também mais propensas a deixar corromper a fé e cair na tentação e no pecado. Como tal, esta ficou conhecida como a época da “caça às bruxas”, marcada por uma vaga de terror entre a população. Contudo, há que ter em conta que esta “caça às bruxas” iniciada no século XV encontrava-se já no contexto do Renascimento. E como será referido mais à frente, o fenómeno do Renascimento humanista, que se sentirá em todas as esferas e atividades sociais, provocará uma mudança progressiva de mentalidades e atitudes para com as mulheres em algumas esferas sociais. Como explica MACLEAN (1983: 88), o humanismo: “(...) promotes the emergence of a social group of rich, leisured women below the level of court and salon, but above that of peasantry and artisans.” Uma das possíveis justificações para esta perseguição às bruxas pode estar ligada assim ao medo desta transformação. Como refere MACLEAN (1983: 88), a mulher que devia ser destinada ao casamento, ser fiel e subordinada ao marido, passa agora a frequentar esferas sociais que põem em causa a visão tradicional da esposa subordinada ao esposo e conseqüentemente a importância do matrimónio defendido pela Igreja Católica. Contudo, segundo SALLMANN (1993: 449-450), existem outras causas que foram apresentadas

pelos historiadores ao longo dos tempos para explicar este fenómeno, como a pobreza; o casamento tardio e a proibição de voltar a casar, fazendo com que as viúvas desprotegidas se tornassem um alvo fácil; ou as mulheres serem detentoras de fórmulas de medicina secretas e populares. Como expõe SALLMANN (1993: 448): “Society needed guilty parties and found them in nonconformist and marginal groups, on which the repression took a heavy tool. Foremost among the victims were women: the oldest, the ugliest, the poorest and most aggressive women (...).”

Na obra *O Martelo das Bruxas*, segundo uma perspectiva masculina e misógina é feita uma identificação da natureza das mulheres, das suas características e dos seus vícios, de forma a identificar as razões pelas quais elas seriam mais propensas do que os homens a heresias e a acordos demoníacos.²⁴³ A conclusão foi que devido às fraquezas da mente e do espírito, sobre as quais as mulheres não tinham qualquer controle, elas eram mais fáceis de manipular, dominar e corromper do que os homens. O seu apetite sexual insaciável e incontrolável seria a principal característica que atraía Satanás e as bruxarias.²⁴⁴

As prostitutas são nesta obra também referenciadas como um dos géneros de mulheres mais propensas a tais heresias, pois estas mais do que as restantes possuíam apetites sexuais insaciáveis, sendo também detentoras de uma ambição desmedida e de uma grande inveja das mulheres respeitáveis e casadas, como é indicado na seguinte citação:

E quanto a nossa segunda investigação, quais classes de mulheres são mais supersticiosas que as outras e estão infetadas pela bruxaria, deve se dizer, como se mostrou no estudo precedente, que três vícios gerais parecem ter um especial domínio sobre as mulheres más, a saber: a infidelidade, a ambição e a luxúria. Portanto, inclinam-se mais que as outras à bruxaria, aquelas que mais se entregam a estes vícios. Além do que, dos três vícios, o último é o predominante, sendo as mulheres insaciáveis, etc. daí que entre as mulheres ambiciosas, resultam mais profundamente

²⁴³ Utilizando as ideias de autores como Cícero, Séneca e São Mateus as mulheres são consideradas ao longo desta obra o sexo fraco; débeis mentalmente; criaturas sempre desejosas e prontas para os prazeres da carne; sendo também qualificadas de cruéis; maliciosas; avarentas; mesquinhas; traiçoeiras; um perigo disfarçado que seduz e engana muitos homens, fazendo referência à figura católica de Eva, a mulher que seduziu Adão e porventura trouxe o pecado e a desgraça para a terra. Resumindo estas características, as mulheres são comparadas com a figura mítica da Quimera. Ou seja, um deleite para os olhos e para o prazer, mas ao mesmo tempo seres mortíferos. Segundo, GRIMAL (1951: 402) a Quimera era um misto de cabra e de leão.

²⁴⁴ *Martelo das Bruxas* (2007). Parte IV, questão: Porque a superstição se encontra antes de tudo nas mulheres? (Disponível no site: <http://www.mkmouse.com.br/livros/malleusmaleficarum-portugues.pdf>, acedido em: 27 de Junho de 2013).

infetadas aquelas com temperamento ardoroso para satisfazer seus repugnantes apetites; e essas são as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas do Grande.²⁴⁵

Acreditava-se que as prostitutas engendravam atos de bruxaria e maldições de forma a impedir que o homem tivesse relações com a sua parceira por falta de desejo, mas estivesse louco de luxúria pela “rameira” que o enfeitiçasse. Como é indicado na citação:

Agora bem, o facto de que as rameiras e as prostitutas adúlteras se entregam antes de mais nada à bruxaria está confirmado pelos feitiços efetuados pelas bruxas sobre o ato de engendrar. (...) pois quando um homem diz que foi embruxado, continua sendo muito capaz em relação às outras mulheres, ainda que não com aquela com quem lhe é impossível copular; e a razão disso é que não há desejo, e portanto nada pode fazer nesse sentido.²⁴⁶

Outra das justificações para a crença de que as prostitutas seriam mais “demoníacas” do que as restantes, residia no facto de estas serem consideradas as mulheres com mais conhecimentos nas áreas do amor e do sexo. Como desenvolve GHIRARDO (2001: 411), sendo a sua ajuda por vezes solicitada por mulheres respeitáveis, que desejavam atrair os homens desejados através de poções de encantamento. Como refere ROSSIAUD (1988: 124), também a convicção de que as prostitutas não eram férteis era justificada pelo uso de magia negra por parte destas mulheres.

Segundo SALLMANN (1993: 448): “The *Malleus maleficarum* gives the impression that witchcraft was simply a reflection of the war between the sexes, with aggressive witches on the one side and men threatened in their reproductive capacities on the other.” Ou seja, as ideias apresentadas na obra *O Martelo das Bruxas* refletem sobretudo as convicções e atitudes predominantes acerca da natureza e da sexualidade humana na Idade Média, que se baseavam no pressuposto de que o homem e a mulher eram opostos na sua essência, sendo as mulheres sempre consideradas as culpadas dos males dos homens, pela sua natureza desviante. Como diz ROSSIAUD (1988: 81): “(...) everyone knew that women were by nature fornicators, lustful and insatiable. They sold themselves or they offered themselves. (...) they led men into debauchery, and their pride in their beauty made them all the more sinful.” Os dogmas da Igreja Católica basearam-se na condição de que a

²⁴⁵ *Martelo das Bruxas* (2007). Parte IV, questão: Que tipo de mulher é supersticiosa e bruxa mais que qualquer outra? (Disponível no site: <http://www.mkmouse.com.br/livros/malleusmaleficarum-portugues.pdf>, acedido em: 27 de Junho de 2013).

²⁴⁶ *Martelo das Bruxas* (2007). Parte IV, questão: Se as bruxas podem embotar o poder de gestação ou obstruir o ato venéreo? (Disponível no site: <http://www.mkmouse.com.br/livros/malleusmaleficarum-portugues.pdf>, acedido em: 27 de Junho de 2013).

figura de Eva tinha sido a responsável pela expulsão do Paraíso, e conseqüentemente pelas desgraças do mundo, daí a constante identificação das mulheres ao longo da Idade Média como “a porta do Diabo”, segundo a citação de Tertuliano em *De cultu feminarum* I, 1.2:

Tu és a porta do diabo; tu és a que desvendou aquela árvore; tu és a primeira desertora da lei divina; tu és a que persuadiu aquele a quem o diabo não foi capaz de aliciar; tu esmagaste com tanta facilidade a imagem de Deus, o homem; graças ao teu pecado – isto é a morte – até o filho de Deus teve de morrer.²⁴⁷

Como escreveu Alberto Magno em *Quaestiones Super de Animalibus* XV, Quaest. 11., as mulheres são mais preparadas para o mal e para as más ações, e são mais astutas do que os homens. Carecem de faculdades intelectuais, que consistem na apreensão do bem e na compreensão da verdade e em evitar o mal. Por estas razões elas direcionam-se para os apetites/desejos, que tendem para o mal, a não ser que sejam governados pela razão. Disto resulta que os apetites/desejos movem as mulheres para o mal, tal como o intelecto move os homens para o bem. Ou seja, enquanto os homens, eram considerados como o sexo forte, ligados à razão e ao espírito, as mulheres eram identificadas pela sua fraqueza, pela inferioridade da virtude feminina e pela sua conseqüente maldade.

²⁴⁷ Tradução de PINHEIRO (2014), Material de Apoio da Unidade Curricular Família: Uma contextualização Cultural e Psicossocial, texto policopiado.

ANEXO B – Mulher sensual/erótica²⁴⁸ como objeto sexual na publicidade

The objectification of women in advertisement today is extremely prevalent and in many ways has become social norm. Companies have found that sex sells, regardless of the product. In many ways, advertisements have become more and more sexual and increasingly sexist in nature. (...) sexualized images of women are viewed as desirable and therefore sellable commodities. McNeal (2013: 14)

Seguindo uma abordagem diferente, embora de forma breve e sucinta, esta parte complementar da investigação pretende considerar o papel da publicidade na utilização da sexualidade feminina para vender produtos e serviços do quotidiano. Como é indicado na citação de McNeal em epígrafe (2013: 14), a utilização do sexo como fio condutor das campanhas publicitárias vende, independentemente do produto publicitado. A utilização do corpo feminino em diversas campanhas publicitárias procura, sobretudo, provocar sensações de sedução, atração ou mesmo a construção de fantasias e ilusões. E, como será explicado, são as mulheres o sexo preferível para este tipo de publicidade, por isso, como refere o autor citado, as imagens sexualizadas de mulheres são entendidas como desejáveis pela sociedade e como tal as mulheres são consideradas mercadorias vendáveis. Como *corpus* de estudo foram selecionadas algumas imagens publicitárias de diferentes marcas e produtos, que ligaram a imagem das mulheres a um determinado objeto de consumo e as transformaram num objeto desejável, que proporciona prazer. As imagens a analisar foram selecionadas através de uma busca de anúncios polémicos e controversos na *internet*, devido às insinuações sexuais que contêm. São imagens cujas representações visuais do corpo feminino estão ligadas a uma vertente erótica. Apresentam corpos belos e atraentes, em poses sensuais ou mesmo eróticas que insinuam disponibilidade sexual. Há uma

²⁴⁸ De acordo com o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, entende-se a palavra “sensual” como “(...) 2. Relativo à sensualidade, ou amor carnal 3. que evoca sensualidade 4. Caraterizado pela sensualidade 5. Que atrai fisicamente; belo, bonito 6. Que desperta desejos sexuais, que excita a sensualidade; lúbrico, lascivo, voluptuoso (...)”, e “sensualidade” como: “1. Qualidade ou caráter de sensual 2. Inclinação pelos prazeres dos sentidos; voluptuosidade 3. Propensão exagerada para os prazeres do sexo; lubricidade, volúpia, lascívia, luxúria, sensualismo (...)” Do mesmo modo, compreende-se o termo “erótico” como: “1. Relativo ao erotismo 2. Que provoca amor ou desejo sexual 3. Que aborda ou descreve o amor sexual. (...)” e a palavra “erotismo” como: “1. Estado de excitação sexual 2. Tendência para experimentar a excitação sexual mais prontamente que a média das pessoas 3. Tendência para se ocupar com ou de exaltar o sexo em literatura, arte ou doutrina. (...)” Entende-se assim nesta investigação a mulher sensual/erótica como aquela que pelas suas poses lascivas, pela sua sensualidade e beleza atrai fisicamente e provoca desejo sexual no espetador.

encenação pornográfica²⁴⁹, em que todas as cenas representadas estão validadas no imaginário sexual. A mulher é retratada como um objeto sexual a ser consumido. Nestes anúncios, como explica REICHERT (2012: 18) “Models behave sexually in ads by making eye contact with the viewer, flirting and moving provocatively. In these ways, models can communicate interest with the viewer or simply attempt to elicit sexual arousal.” Estas mesmas campanhas publicitárias serão depois comparadas com anúncios de acompanhantes de luxo da atualidade, mulheres que se encontram dentro dos mesmos padrões idealizados, e que recorrem ao mesmo tipo de técnicas visuais para cativar, seduzir e adquirir conquistar os seus clientes. Os seus anúncios foram selecionados nos seguintes sites: www.eurogirlsescort.com; www.eros.com; www.parklaneandmayfair.com; www.elitecityescorts.com.²⁵⁰

Partimos do pressuposto de que, na maioria dos casos, como vimos no capítulo 4, referente à prostituição de luxo na atualidade, os homens recorrem ao serviço das acompanhantes em busca da concretização de fantasias sexuais, nos mais variados cenários e contextos, com mulheres lindíssimas, fascinantes, com corpos esculturais e sexualmente disponíveis. São precisamente mulheres como estas as utilizadas pelos média nas campanhas publicitárias que visam promover todo o tipo de produtos, ao mesmo tempo que prometem algo mais ao consumidor.²⁵¹ O objetivo desta abordagem é explorar a ligação entre a mulher perçecionada na publicidade enquanto objeto sexual, e a mulher que se dispõe livremente a ser um objeto sexual.²⁵²

²⁴⁹ Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, o termo “pornográfico” refere-se a “1. Relativo a pornografia 2. Que demonstra, descreve ou evoca luxúria ou libidinagem; indecente, imoral, libertino 3. Que pratica pornografia (...)” e “pornografia” diz respeito a “1. Estudo da prostituição 2. Coleção de pinturas ou gravuras obscenas 3. Caraterística do que fere o pudor; obscenidade, indecência, licenciosidade 4. Qualquer coisa com intuito de ser pornográfico, de explorar o sexo tratado de maneira obscena, como atrativo. (...)”

²⁵⁰ O primeiro *site* corresponde a um dos maiores e mais confiáveis diretórios de acompanhantes de luxo da Europa; o segundo diz respeito a um diretório mundial de artistas eróticos; os restantes dois correspondem a *sites* de agências de acompanhantes de luxo em Londres.

²⁵¹ Como é explicado em BROCHAND *et al.* (1999: 264-265), a promessa é um dos elementos mais importantes de um anúncio. A promessa é o benefício do consumidor, ou seja, “a identificação da vantagem principal que o cliente retirará pelo consumo ou pela compra do produto”. Existem três níveis de promessa: 1) no primeiro nível, esta “é um atributo objetivo (e positivo) do próprio produto. Neste primeiro caso, deixa-se ao consumidor o cuidado de imaginar as vantagens que obterá pessoalmente do atributo do produto que lhe é anunciado.” 2) “um segundo tipo de promessa consiste, pelo contrário, em formular explicitamente uma vantagem – objetiva ou subjetiva – que o consumidor obterá ao consumir o produto.” 3) “num terceiro nível mais imaginário, a vantagem sugerida pela publicidade pode ser um sentimento de valorização ou de prazer que o consumidor experimentará ao identificar-se, através da compra ou do consumo de um produto, com o que esse produto evoca ou representa.”

²⁵² Como explicam TEIXEIRA *et al.* (2013: 255), a banalização das imagens presentes nos anúncios prostitutionais e na pornografia ajudam a legitimar “a representação das mulheres como prostituíveis (...)”.

1. Imagens estereotipadas da mulher-corpo

Ao longo da história, como vimos com a análise de diversas personagens, inclusive de personagens mitológicas como Pandora e Eva, as mulheres têm estado associadas a uma ligação entre a beleza e o pecado, estabelecendo-se uma dicotomia entre o corpo-tentação e a razão-transgressão. Foram vistas e encaradas como fracas de caráter e símbolo de corporalidade, libertinagem e luxúria. Por outro lado, o homem foi associado à mente e à racionalidade lógica, e pela ordem natural a mente domina o corpo. Segundo COELHO (2009: 89), será esta a razão pela qual as mulheres têm sido dominadas pelo sexo masculino e assim pensadas como objetos e não como sujeitos. Como foi evidenciado ao longo deste estudo, a construção do gênero e do corpo feminino foi concebida e controlada pelo sexo masculino. Como nos diz GRIECO (1991: 71):

As mulheres foram durante muito tempo identificadas com o seu próprio corpo. Quer sejam consideradas como “machos imperfeitos” ou “úteros ambulantes”, reflexos terrenos de beleza divina ou tentações lascivas ao serviço de Satanás, o seu viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, em geral, como pelas suas mais específicas definições de gênero.

Como explica LIPOVETSKY (2000: 144-145; 167-179), durante muito tempo, a beleza foi entendida como um poder especificamente feminino e como um trunfo perigoso a ser jogado contra os homens. A noção de “atração fatal” – a sedução irresistível exercida pela mulher bela, tentadora e insidiosa – um estereótipo criado com base nas figuras mitológicas e nas imagens criadas pelos mídia, como as *sex symbols*²⁵³, levou à difusão da ideia de que essa é uma marca das mulheres que utilizam o seu corpo, a sua beleza para atingir objetivos com o sexo oposto.²⁵⁴ Atualmente, cada vez menos o culto e a veneração da beleza são vistos como elementos prejudiciais à imagem das mulheres. Pelo contrário,

²⁵³ A imagem das mulheres criada pela indústria cinematográfica americana, entre os anos vinte e cinquenta, que utilizavam o seu corpo como arma de sedução e que foram designadas de *sex symbols*. Estas ficaram conhecidas por serem detentoras de uma beleza rara e extrema, mulheres de grande sensualidade e fascínio. Segundo RIBEIRO (2005: 90-92), estas mulheres ganharam uma dimensão mítica, pois eram mulheres de beleza natural, que apareceram nos *écrans*, próximas dos telespetadores para despertar todo o tipo de novas emoções, mas ao mesmo tempo distantes, de forma a que não se banalizassem, tornando-se assim objeto de culto e desejo. Rapidamente desapareceram de cena mas permaneceram na memória dos homens e das mulheres.

²⁵⁴ MOTA-RIBEIRO (2005: 44) e RIBEIRO (2005: 95).

tornaram-se se quase uma obrigação, e continuam a ser factor crucial na atração e sedução do outro.²⁵⁵

A valorização das mulheres através do olhar masculino é uma característica da sociedade ocidental, em épocas diversas. Uma característica que moldou não só a forma como os homens olham as mulheres, mas também a forma como elas se vêem. Como diz BERGER (1972: 51): “Os homens olham para as mulheres. As mulheres vêem-se a ser vistas. (...) a mulher transforma-se a si própria num objeto – e muito especialmente num objeto visual: uma visão.”. Ou seja, o objetivo de recorrer à aparência física, impondo aos outros corpos belos e atraentes que devem ser desejados, faz com que o corpo das mulheres seja visto e identificado como um objeto desencadeador de emoções e de desejo no sexo oposto. Isto faz com que as próprias mulheres se percecionem a si próprias em termos de objetos sexuais, como nos evidencia VAUGHAN (2003: 135):

(...) women also learn to see themselves as sex objects to a certain degree. When little girls are small they are dressed up to be appealing; when they reach adolescence they dress to be noticed; and when they reach adulthood they dress to try to attract the attention and admiration of men. They recognize very early on that they have a special power over the opposite sex due to their desirability, and they play into the image of being a sex object almost unconsciously.

1.1. Veneração/valorização e importância do corpo e da aparência na atualidade

Atualmente, na nossa cultura de consumo, o exterior do corpo serve de base à identidade e imagem social do indivíduo. Como diz RIBEIRO (2005: 224), o corpo tornou-se um objeto manipulável, que consegue assumir qualquer identidade à sua escolha. A preocupação com a impressão que deixamos a terceiros fez com que o exterior do corpo se tornasse um objeto de grande cuidado e dedicação: a atenção concedida aos regimes alimentares, ao exercício físico e ao consumo de cosméticos e produtos de moda fazem hoje parte das práticas diárias de uma sociedade extremamente consumista e hedonista. A nossa aparência física é extremamente valorizada, numa sociedade moldada por estereótipos de beleza: um corpo jovem, escultural, belo, elegante, sensual, atraente, bronzeado, vestido com roupas e adereços de luxo, ou mesmo nu. Estes corpos são hoje explorados pelos média, que procuram pela utilização destes modelos criar padrões

²⁵⁵ Como diz LIPOVETSKY (2000: 179): “A beleza perturbadora e maldita foi substituída pela beleza-mercadoria, uma beleza funcionalizada ao serviço da promoção das marcas e do volume de vendas das indústrias do imaginário.” Segundo LIPOVETSKY (2000: 59), ao contrário dos homens, as mulheres recorrem sobretudo à sua aparência e a técnicas de valorização estética para seduzir o sexo oposto.

estéticos socialmente aceites.²⁵⁶ O corpo tornou-se um objeto de poder e prazer, como nos diz RIBEIRO (2005: 7):

Para os homens e mulheres de hoje, o corpo próprio já não é apenas um instrumento de trabalho tantas vezes humilhado e explorado, e é mais do que um jardim de delícias privadas ou objeto estético para pública exposição. Cada vez mais pessoas investem mais no corpo, na esperança de obter dele mais prazer sensual e de lhe aumentar o poder de estimulação social.

1.2. Construção do corpo-objeto na publicidade

Os média são um veículo privilegiado na difusão de mensagens acerca da sociedade e da cultura. As mensagens e as imagens criadas por estes são o reflexo das ideias enraizadas na sociedade, ou então, de construções que ao serem massivamente difundidas por estes produzem determinadas ideias e modos de pensar. Para esta investigação interessa salientar o papel da publicidade. Esta é uma das componentes dos meios de comunicação, que tem como papel emitir mensagens de forma a influenciar diretamente um determinado público. Para tal, a publicidade cria imagens que prendem a atenção dos consumidores, centenas de imagens que são expostas todos os dias, por todo o lado e que visam provocar diferentes reações. Como é referido em BROCHAND *et al.* (1999: 23): “a publicidade joga com as emoções, anseios, necessidades, preconceitos e todo o tipo de sentimentos do recetor das suas mensagens.” Com imagens e encenações que reproduzem a vida quotidiana, produzem-se visões do mundo e estilos de vida, estas associadas ao nosso imaginário. A publicidade torna os produtos desejáveis, e um dos seus métodos é convencer o público de que ele precisa daquela transformação. Como diz BERGER (1972: 135): “(...) a publicidade é o processo de fabricar fascínio.”, isto é, trabalhando a partir do desejo ou da necessidade de prazer que as pessoas têm, a publicidade oferece uma imagem fascinante ao consumidor, e esta imagem deixa-o insatisfeito com a sua vida, deslumbrado e com desejo

²⁵⁶ Cada vez mais pessoas moldam o seu corpo e a sua aparência, de forma a se aproximarem de modelos impostos (*top models*, atrizes, atores, desportistas, famosos, etc.), para obterem gratificações cultural e socialmente ou apenas por satisfação narcísica. Para as mulheres, a estética e a beleza, normalmente, parecem ter maior importância e significado do que para os homens (embora haja uma maior valorização da beleza masculina), daí a identificação das mulheres como o “belo sexo”. As revistas femininas, a moda e a publicidade oferecem imagens de ideais femininos a alcançar, uma vez que a estética e a beleza se tornam elementos cruciais nas relações sociais e na autoperceção do feminino, com mensagens visuais que indicam: “respeita-me”, “admira-me”, “deseja-me”, etc. No entanto, o olhar masculino é fundamental para a construção do visual feminino dominante. *Vide* MOTA-RIBEIRO (2005: 30-34); VERÍSSIMO (2008: 62-65) e LIPOVETSKY (2000: 97). Para uma análise sobre a evolução do corpo feminino, da sua aparência, das suas adaptações, das tendências de moda e dos conceitos de beleza nas diferentes épocas e culturas, *Vide* MORRIS (2007).

daquilo que pode vir a ser ou a ter. No entanto, como explica OLIVEIRA (2004: 9), atualmente o papel da publicidade vai além do anúncio de produtos, da sua promoção e consequente compra:

O sistema comunicacional publicitário constitui-se como uma profunda e complexa instância produtora de normas, valores, estilos de vida, comportamentos sociais que conformam a vida pública e a sociabilidade humana. (...) A publicidade «fabrica» cultura, ideologia, padrões de comportamentos individuais e coletivos.

Para este estudo, é relevante evidenciar o papel da publicidade na construção das imagens de feminilidade, imagens que nos ajudam a perceber o que significa ser mulher na nossa cultura: como se devem apresentar, comportar, ser vistas e tratadas. Segundo MOTA-RIBEIRO (2005: 49-50; 70-72; 197-199), tendencialmente, persistem representações das mulheres em termos de aparência e de beleza e baseadas no corpo, representações nas quais as mulheres são primeiramente e sobretudo pensadas e vistas em termos de objetos sexuais.

Como no ocidente o corpo se tornou um dos elementos cruciais da identidade, hoje em dia os mídia utilizam o corpo tanto o feminino como o masculino como marketing para diversas metáforas consumistas. De acordo com ARCARI (2001: 150) e PACHECO (1998: 136-144), o sexo feminino não só é o principal protagonista no que respeita à compra de bens de beleza e moda, como foi utilizado pelos mídia como elemento decisivo nas estratégias de vendas não só dos produtos usados pelo sexo feminino, como dos do sexo masculino. Como já referido, a utilização do corpo feminino em diversas campanhas publicitárias procura, essencialmente, provocar sensações de sedução, atração ou mesmo a construção de fantasias e ilusões. Segundo PEREIRA (2001: 109): “Nos anúncios em que a personagem principal é a mulher ela está ali para aliciar o público e não para demonstrar a utilização do produto. O corpo feminino apenas serve para criar o desejo de sucesso nas outras mulheres e o desejo sensual nos homens.”

Como explica ANDERSON (2002: 767-768), atualmente, encontramos mensagens ou imagens de insinuações sexuais por todo o lado. A publicidade, recorrendo sobretudo a estratégias apelativas a nível afetivo e emocional, utiliza em muitos anúncios os desejos sexuais dos indivíduos, ou seja, apela à sua libido para manipular os seus outros desejos. Usando métodos nos quais o imaginário faz uso da estética do belo para promover uma visão ou estilo de vida, os anúncios prometem algo mais além de sexo, prometem uma

ilusão, uma aventura. Nestes anúncios, os corpos femininos representados são erotizados com recurso a determinadas roupas, poses sensuais ou mesmo eróticas, à seminudez ou nudez, assim como ao cenário. Todos estes elementos transformam o corpo feminino num corpo-objeto²⁵⁷ de desejo sexual. O conceito corpo-objeto é aqui utilizado segundo a noção de que as mulheres passam elas próprias a ser consideradas um produto ou objeto a ser consumido, tanto em anúncios destinados ao sexo masculino, como ao feminino. Como diz ARCARI (2001: 150-151):

Visando a mulher como presa de consumo e como tema anatomicamente privilegiado, fez-se dela um objeto de uso, confirmando-se desta maneira com a cumplicidade dos meios de comunicação social, o seu papel de objeto, de mercadoria. Atualmente com o automóvel ou a moto, com um perfume ou um desodorizante, vende-se uma certa ideia da mulher, vende-se uma aventura, uma parceira dócil e sempre disponível.

1.3. Contextualização da exposição e exploração do corpo feminino nos mídia

Numa sociedade industrializada e consumista, a publicidade tornou as compras apelativas, uma necessidade para um certo nível de vida. A mulher foi um dos veículos privilegiados deste meio, usada primeiramente para anúncios relacionados com artigos domésticos, depois para artigos de uso feminino, e posteriormente, nos anos cinquenta, para produtos de uso masculino.²⁵⁸ A publicidade servia-se da imagem das mulheres para demonstrar os efeitos das mercadorias, e os produtos começaram a ser associados aos novos ideais femininos. De acordo com o novo conceito apresentado pela publicidade, como diz HIGONNET (1991: 405) elas “estavam dependentes dos produtos comerciais para levarem a cabo as suas tarefas domésticas, atraírem os homens, educarem os filhos ou conseguirem aceitação social.” As mulheres, incentivadas pela publicidade, começaram a se identificar com objetos. Com o advento do cinema, as mulheres continuam a ser “acarinhadas” e exploradas pelos mídia.

²⁵⁷ No estudo realizado por VERÍSSIMO (2008), sobre a representação do corpo na publicidade, este explora o conceito das mulheres como corpo-objeto, reservando esta noção apenas para a exposição de corpos femininos eróticos encontrados em anúncios destinados a promover exclusivamente produtos masculinos. Por outro lado, MOTA-RIBEIRO (2005), no seu estudo sobre as representações visuais do feminino na publicidade explora o conceito através das duas vertentes, ou seja, estuda a mulher enquanto corpo-objeto tanto em anúncios destinados ao sexo masculino como ao sexo feminino.

²⁵⁸ Os anúncios dirigidos ao público feminino foram impulsionados pela imprensa “cor-de-rosa” e pelas revistas de moda que apresentavam modelos de corpos e rostos esteticamente belos, e que assim incentivam o público feminino à compra de produtos de beleza. Só a partir dos anos oitenta, é que a publicidade deixa de se limitar à promoção de produtos estéticos, passando também a promover um estereótipo feminino, ou seja, a modelo deixa de ser usada para promover produtos, passa antes a promover e vender imagens dela própria.

Atualmente a nudez tornou-se algo banal (no cinema, na televisão, na publicidade), contudo, até há pouco tempo atrás, a nudez da pele era uma imagem pouco tolerada. Foi o cinema o grande revelador do corpo no século XX, com a apresentação que data dos anos cinquenta dos corpos nus, ao mesmo tempo que levou à quebra de tabus, relacionados com a sexualidade, com a apresentação do beijo e de cenas íntimas na tela e nos *écrans*. O cinema começou a representar as mulheres como um objeto de prazer visual para o sexo masculino.²⁵⁹ Em simultâneo, a publicidade também começou a socorrer-se das mulheres como objetos sensuais e eróticos para promover e vender produtos, inicialmente automóveis e cigarros.²⁶⁰ Estas novas modelos e atrizes sensuais que representam o aparecimento do erotismo *soft* nos meios de comunicação eram as *pin-ups*²⁶¹. Eram mulheres muito femininas, bonitas, de corpos voluptuosos, representadas em poses sensuais, com trajes e olhares provocantes. Como diz LIPOVETSKY (2000: 170), elas assemelhavam-se a “uma boneca sexual insubmissa”.

Nos anos que se seguiram, as imagens utilizadas para retratar as mulheres tornaram-se cada vez mais ousadas e explícitas.²⁶² Atualmente, as roupas e o próprio corpo das modelos promovem uma mulher bela, jovem, sensual e sexualmente disponível e ativa. Especialmente quando se trata da promoção de produtos para o sexo masculino, em

²⁵⁹ Segundo MULVEY (1975: 4-5), no cinema as mulheres assumiram um papel passivo, de pura exibição, enquanto os homens, por sua vez, assumiram um papel ativo de contemplação da figura feminina enquanto objeto erótico. Como diz: “In a world ordered by sexual imbalance, pleasure in looking has been split between active/male and passive/female. The determining male gaze projects its phantasy on to the female form which is styled accordingly. In their traditional exhibitionist role women are simultaneously looked at and displayed, with their appearance coded for strong visual and erotic impact so that they can be said to connote to-be-looked-at-ness. Woman displayed as sexual object is the leit-motif of erotic spectacle: from pin-ups to striptease, from Ziegfeld to Busby Berkeley, she holds the look, plays to and signifies male desire.”

²⁶⁰ Tendo em conta que o ato de fumar se tornara um ato de virilidade e possuir uma viatura própria significava ter capacidade económica e poder de conquistar sexualmente o sexo oposto. Vide PACHECO (1998: 141).

²⁶¹ Segundo LIPOVETSKY (2000: 172), a *pin-up* era: ““objeto sexual” ostensivamente construído em função dos desejos e dos fantasmas masculinos.” Elas representam também uma nova fase, pois quebraram com o imaginário da beleza maldita. Em vez disso, através das suas figuras, o erotismo feminino é exaltado em conjugação com o humor. Vide LIPOVETSKY (2000: 170-179).

²⁶² Apesar de se ter tornado banal, a exposição do corpo feminino está sujeita à construção de estereótipos e rótulos que prejudicam a imagem das mulheres. Recentemente, uma aluna da escola Miami Ad School, na Alemanha, Theresa Wlokka criou uma campanha publicitária de três imagens nas quais remete para a necessidade de consciencializar a sociedade para “não medir o valor das mulheres com base nas suas roupas”. Em cada um dos cartazes Theresa criou uma hierarquia com oito categorias: *prude; old fashion; bore; tease; cheeky; asking for it; slut; whore*. Estas categorias são medidas conforme o tamanho do decote, o comprimento da saia e o tamanho do salto do sapato que as mulheres usam. São termos extremamente comuns e banalizados pela sociedade que rotula e julga negativamente as mulheres de acordo com a forma de se vestir, tornando-as muitas vezes vítimas de abusos, violência e marginalização. Vide a notícia disponível em: http://lifestyle.publico.pt/noticias/346328_campanha-lembra-que-o-valor-das-mulheres-nao-esta-na-sua-roupa, acedido em 26/3/2015.

anúncios nos quais as mulheres são apresentadas nuas ou seminuas, e em poses sensuais ou mesmo eróticas. Imagens nas quais as mulheres são transformadas no “objeto a ser consumido” pelo espectador. Contudo, o mesmo sucede em anúncios dirigidos ao público feminino, por exemplo com a promoção de *jeans*, de *lingerie*, de batons ou de perfumes. Por vezes, trata-se de imagens nas quais a linguagem continua a ser sexualizada, isto é, a modelo é colocada a posar nua ou seminua, de forma sensual, provocadora e sedutora. Qualquer um destes pormenores incita os homens a olhá-la, a desejá-la e a fantasiar encontrá-la, assim como as próprias mulheres admiram-na e desejam ser como ela.²⁶³

A exposição pública da nudez é uma forma de erotismo, contudo, não é o único elemento que caracteriza o erotismo publicitário. Este é também identificado na sensualidade dos corpos que se expõem e se tornam objeto de desejo sexual, através das poses, dos olhares, das expressões, dos adornos e do próprio vestuário feminino. Todos estes são elementos fundamentais no mecanismo de atração erótica e sensual. Como diz VERÍSSIMO (2008: 87), a roupa é um elemento primordial para o corpo e para a arte de sedução, detendo o poder de se ajustar e moldar, salientando aquilo que mais atrai no corpo – no caso feminino, por exemplo, certas peças fazem com que os seios pareçam maiores, as ancas mais curvas, as pernas mais longas, etc. De igual forma a roupa tem o poder de mostrar e ocultar – por exemplo, ocultando certas zonas do corpo, convida a imaginação do espectador a fantasiar com algo mais do que aquilo que é apresentado. A roupa serve também para chamar a atenção para as zonas eróticas e não tanto para as cobrir, técnica já usada pelas esculturas das Vénus gregas.²⁶⁴

Outro elemento que ainda denota mais poder de sedução e erotismo na publicidade do que o corpo totalmente nu e exposto é a seminudez. Jogam bastante com a imaginação do espectador os atos nos quais as modelos aparentam despir-se e através dos quais

²⁶³ Para VERÍSSIMO (2008), no caso dos produtos dirigidos ao sexo feminino, o corpo da mulher apresentado enquanto objeto erótico na publicidade pode ter duas justificações: a primeira é que o corpo das mulheres é encarado como a causa das fantasias dos homens. A segunda é que a sua representação enquanto objeto erótico tenta convencer as mulheres a tirarem partido do seu corpo para obter gratificações sensoriais, que poderão advir do prazer da utilização dos produtos, ou “dos efeitos “persuasivos” que essa utilização poderá exercer sobre o homem.”. Em qualquer uma destas hipóteses, as mulheres são entendidas e pensadas como objeto sexual dos homens. *Vide* VERÍSSIMO (2008:113-115).

²⁶⁴ No caso do vestuário íntimo, mais particularmente no caso das *lingeries* – peças para uso feminino, mas que visam chamar a atenção e agradar particularmente ao público masculino, sendo as *lingeries* mais compostas com elementos que cobrem mais o corpo e as zonas eróticas, como os corpetes, as meias, as ligas, etc. mais apreciadas. Nas vanguardas modernistas, esta moda das roupas interiores, anteriormente ligada ao estereótipo das prostitutas, das mulheres sem honra, contudo, bastante apreciada nas fantasias masculinas, foi adotada como vestuário complementar das mulheres honestas, das esposas. *Vide* PACHECO (1998: 144).

desvendam apenas determinadas zonas ou aspetos da sua sexualidade, normalmente imagens em que se dá ênfase aos seios, ou nádegas, em que as mulheres mostram olhares provocadores e sensuais (ênfase no olhar e na boca).²⁶⁵ Todos estes factores denotam corpos eróticos, sendo o erotismo, enquanto elemento da sensualidade, um dos temas mais utilizados pela publicidade que representam o corpo como um objeto sexual.

Nas imagens selecionadas para análise, as mulheres foram transformadas num objeto passivo, exposto publicamente. Quando as mulheres são “objetificadas”, o seu corpo pode promover qualquer tipo de produto, desde um carro a uma revista. O seu corpo é visto de uma perspetiva utilitarista, como um objeto consumível. Segundo VERÍSSIMO (2008: 108-111), o recurso que a publicidade faz das mulheres enquanto objeto sexual é legitimado pela sociedade, que faz uma ligação entre o imaginário sexual, especialmente masculino, e os objetos de uso diário. Ou seja, as mulheres tornam-se objeto de fetiches e entende-se que estão dispostas a saciar os desejos libidinosos dos homens. É completamente diferente o significado atribuído às mulheres quando estas são representadas seminuas ou nuas a publicitar um produto e aos homens que se apresentam nas mesmas condições e no mesmo cenário, como refere EVOLA (1993: 239), citado em VERÍSSIMO (2008: 111-112):

“o efeito do nu masculino sobre a mulher é, comparativamente, não só reduzido como especializado, pois é de ordem física e fálica. O mesmo não sucede com a seminudez ou nudez da mulher: para o homem, ela é a deusa das festas orgíacas, é também a inacessível, a prostituta, a virgem, a inviolável e a inesgotável.”

Tendo em conta estas interpretações atribuídas à exposição do corpo das mulheres na publicidade, podemos concluir que estas não só são percecionadas como belas ou feias, mas que a publicidade transmite diferentes significados implícitos nos elementos visuais e narrativos. Neste caso, a publicidade, recriando cenários e imagens erotizadas para seduzir e persuadir o público, tem como principal objetivo entrar no imaginário dos espetadores, apelando diretamente aos sentidos, aos desejos e às fantasias dos consumidores. Tendo em conta que os produtos e serviços promovidos por mulheres belas, sensuais promovem antes de mais uma ilusão, uma fantasia de uma aventura e de uma parceira. Esta publicidade transforma as mulheres em objetos sexuais consumíveis. Para defender esta posição serão analisadas imagens publicitárias, cujas representações visuais do corpo feminino estão

²⁶⁵ VERÍSSIMO (2008: 97; 109).

ligadas a uma vertente erótica e onde existe uma insinuação de disponibilidade sexual. Através destas representações, as mulheres são identificadas como objetos de desejo sexual. São diversos os parâmetros linguísticos e visuais que remetem para a erotização e objetificação do corpo feminino e que serão aqui analisados: a mensagem linguística; a mensagem icônica e os significados desta: a pose das modelos (sensuais e/ou eróticas); o corpo (seminu ou nu); o vestuário (reduzido ou que dê ênfase aos contornos do corpo); os toques e movimentos corporais; o cabelo; o rosto (o posicionamento dos lábios, a expressão facial, o olhar).²⁶⁶ Estas mesmas imagens serão depois comparadas a anúncios de acompanhantes de luxo, semelhantes na sua encenação e promessa. Nestes o objetivo é apenas um: a adesão do cliente, que se vê beneficiário da encenação e da promessa apresentada – benefícios sexuais; a realização de uma fantasia erótica ou a ilusão de intimidade. Destes anúncios serão apenas analisados o texto de apresentação²⁶⁷ e a imagem, embora todos eles incluam também em tópicos a identificação e caracterização das acompanhantes.²⁶⁸

²⁶⁶ A análise das imagens terá como base orientadora o esquema de JOLY (2007). Segundo a autora, existem três tipos de mensagens que constituem uma mensagem visual, neste caso uma imagem publicitária. 1) A mensagem plástica – as cores, as formas, a composição, a textura, o enquadramento, a dimensão; 2) a mensagem icônica – os motivos: a idade, o gênero, a nacionalidade, o cabelo, o corpo, o aspeto, a expressão, a pose, o contato visual, o movimento corporal, o toque, o vestuário, os adereços e os cenários; 3) a mensagem linguística.

²⁶⁷ Este é também importante de analisar, pois o seu objetivo é atrair o máximo desejável de clientes e maximizar os lucros do negócio, sendo por norma uma corroboração da promessa explícita na imagem. Como explicam KOKEN *et al.* (2010: 213), nos seus anúncios, muitas acompanhantes utilizam a estratégia de: “presenting one’s authentic personality in the advertisement in order to connect with clients they would “click” with on a personal level, marketing specific types of sexual services or fantasy persona, and running a minimal advertisement featuring only basic information.”

²⁶⁸ Em categorias que identificam o nome, a origem, a nacionalidade, a idade, a atividade, as línguas faladas, a orientação sexual; a aparência e os seus atributos físicos, cor dos olhos, a cor do cabelo, o tamanho dos seios, o peso, a altura; os clientes a que se destina, e os preços dos seus serviços. Tal como explicam LEITE (2011: 9) e TEIXEIRA *et al.* (2013: 259), este tipo de descrição das acompanhantes remete para a transformação do corpo apresentado num corpo-mercadoria.

2. Análise de imagens publicitárias e de anúncios de acompanhantes de luxo

I. Figura 1 – Anúncio do perfume *Opium*; Marca *Yves Saint Laurent*; Modelo Sophie Dahl; Ano 2000.



Na figura 1, reproduz-se a campanha publicitária do perfume *Opium*, da marca *Yves Saint Laurent*, publicada no ano 2000, com a participação da modelo Sophie Dahl. O perfume *Opium* é uma fragrância para mulheres, que foi lançada no ano de 1977. O público-alvo/*target* principal deste anúncio seria pois o público feminino, neste caso todas as mulheres com poder de compra, que se identificavam com Sophie Dahl, que transmite uma imagem de feminilidade, sensualidade, sedução, ousadia, desejo e de prazer. Todos estes valores são atribuídos à modelo, uma personagem real e conhecida pelo público.²⁷⁰ Apesar de no anúncio não existir qualquer imagem da fragrância, ou qualquer mensagem ou *slogan* que evidencie as suas qualidades, o perfume é associado às características ligadas à imagem da modelo. Como explica PINTO (1997: 23), esta é uma publicidade em que: “(...) mais do que pelas suas propriedades físicas, o produto passa a valer pela imagem que de si projeta no mercado e na vida dos consumidores. Passa a valer por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgirem associadas, por meio de imagens e frases evocativas, se tornam parte integrante dele, como se compusessem a sua “personalidade””. Tendo em conta a figura de Sophie Dahl, sem roupa, deitada no género

²⁶⁹ Imagem disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/modaspot-news/anuncio-do-perfume-opium-de-ysl-e-campeao-de-reclamacoes/>, acessado em 28/02/2015.

²⁷⁰ Como explicam PEREIRA & VERÍSSIMO (2004: 68): “As personagens são colocadas na mensagem publicitária para terem um efeito de modelagem, que leve os consumidores a identificarem-se com elas e/ou a imitarem as suas atitudes e comportamentos. (...) Se forem personagens reconhecidas pelo público-alvo, procura-se que elas corporizem os valores que se pretendem transmitir.”

de uma pose pornográfica, este anúncio teria como objetivo não só chamar a atenção das mulheres consumidoras do produto, mas também do público masculino. Ou seja, o alvo da comunicação deste produto seriam igualmente os homens, que embora não fossem os utilizadores do produto, seriam também os influenciadores ou motivadores da compra, tendo em conta que é para eles um elemento de prazer visual, ao mesmo tempo que muitos poderiam fantasiar possuir “aquela” mulher.

A estratégia publicitária utilizada pela marca foi afetiva, isto é, esperava-se que o anúncio provocasse uma emoção no consumidor, emoção que iria direcionar a atenção diretamente para o produto, neste caso para a sua dimensão simbólica. Através da erotização do objeto de consumo procurou-se provocar excitação e desejo em mulheres e homens, querendo ser “aquela” mulher ou querendo possuir “aquela” mulher, levando eventualmente à compra do perfume que possibilitaria tal transformação.

Esta publicidade originou muita polémica e contestação quando foi colocada nos *outdoors* das ruas de Inglaterra, em mais de cinquenta cidades, por ser considerada uma imagem com uma conotação obscena e erótica. Esta mesma campanha já havia sido veiculada nos meses de outubro e novembro do ano 2000, em várias revistas femininas, sem que houvesse muita polémica. No entanto, quando foi colocada em cartaz, em dezembro, e divulgada nas ruas, gerou grandes manifestações de descontentamento.²⁷¹ Contudo, mesmo após ser retirada dos *outdoors* continuou a fazer parte da publicidade das revistas.²⁷² Neste caso, a grande diferença entre os dois meios utilizados para promover a mesma imagem, consiste no facto de que como disse o crítico Eduardo Cintra Torres: “A pessoa que adquire uma revista escolhe o seu conteúdo e sujeita-se a ele.”. Por outro lado, como diz Américo Guerreiro, diretor da agência de publicidade Guerreiro DDB: “O

²⁷¹ Após ter recebido mais de setecentas queixas, a Advertising Standards Authority da Inglaterra resolveu retirar os cartazes. O anúncio foi classificado pelo director da ASA, Christopher Graham como ofensivo: "This was the most complained about advertisement in the last five years. As a poster it clearly caused serious and widespread offence." Citação disponível em: <http://www.theguardian.com/media/2000/dec/19/advertising.uknews>; acedido em 28/2/2015.

²⁷² Tendo em conta os milhares de imagens publicitárias às quais as pessoas estão sujeitas todos os dias, o objetivo da publicidade é se destacar e chamar a atenção do consumidor. É importante aqui salientar o choque e escândalo causado pelo cartaz mas não pelas revistas. Como explica LAMPREIA (1992: 94): “O cartaz. O seu elemento principal é a imagem. Através dela o cartaz tem de conseguir, em frações de segundo, chamar a atenção do passante, despertar-lhe interesse e «agredi-lo» rapidamente com a mensagem que pretende transmitir. Esta tem, pois, de ser breve e de fácil compreensão. Comparando com o anúncio de revista, a sua principal diferença, excluindo o tamanho, reside na ausência de texto. (...) Todo o seu impacto está associado ao poder de choque que provocam e ao efeito surpresa e até de escândalo que produzem, tentando assim lutar contra o desgaste do olhar do homem moderno, mergulhado na sua rotina diária.”

outdoor pode ser violento. Eu não sou obrigado a ver aquilo mas ele impõe-se.”²⁷³ Ou seja, ninguém fica indiferente ao anúncio, não por causa do perfume *Opium*, até porque o espetador nem conhece a fragrância em questão, uma vez que não existe nenhuma imagem do perfume no anúncio, mas sim pela provocação da imagem de Sophie Dahl, uma jovem atraente, que seduz o espetador e lhe provoca desejo pela sua nudez, pela sua posição erótica e pela sua sensação de êxtase.²⁷⁴

Analisando agora os elementos da imagem, a modelo Sophie Dahl aparece totalmente despida, usando apenas umas sandálias e como adereços um colar e uma pulseira, em tons de dourado. A junção da nudez, dos acessórios e dos sapatos foi propositada, pois é algo que remete para o imaginário pornográfico. A nudez de Sophie torna-se saliente pelo contraste entre a sua cor pálida e o tecido azul-escuro, parecendo seda, no qual se encontra deitada, e pelo seu cabelo ruivo. O contraste destas cores torna a imagem vibrante, intensa e marcante. Todos os elementos presentes conferem à mensagem visual um contexto de sofisticação e de erotismo. A modelo aparece numa pose completamente erótica e sensual: deitada de costas, numa posição que mostra bem os contornos do seu corpo, com as pernas completamente afastadas, com uma mão sobre um dos seios, enquanto o outro fica parcialmente visível de um dos lados. Esta pose é considerada lasciva, como disse Américo Guerreiro: “Está numa pose de receber o sexo.”²⁷⁵ No seu rosto é evidenciada uma expressão de satisfação, pois a modelo simula uma emoção de prazer ou êxtase, que é enfatizada pelos olhos fechados, pela boca semiaberta e pelo tronco arqueado. Todos estes indicadores simulam um momento íntimo de prazer, como o orgasmo.

A publicidade é em si provocante e insinuante. Os criadores da marca afirmaram que procuravam denotar com este anúncio a sensualidade, que é uma das características do perfume. No entanto, tudo nesta imagem anuncia sexo: a pose lasciva, a nudez, a expressão de prazer. A mulher é aqui apresentada como um corpo pornográfico, um objeto sexual ou como um símbolo para sexo e prazer visual. A promessa deste anúncio ou o benefício

²⁷³ Citações em: <http://www.publico.pt/sociedade/jornal/o-opium-do-povo-152920>; acedido em 28/02/2015.

²⁷⁴ Apesar de ser apreciada, por tudo o que a imagem sugere, requer privacidade e não exposição, daí a sua aceitação no contexto privado e rejeição no espaço público, como explica PIRES (2001: 10): “(...) não podemos deixar de nos sentirmos de algum modo expostos e vulneráveis quando na rua, trasladados do nosso espaço de intimidade, nos apercebemos que fazemos subitamente parte de uma plateia constituída por uma multidão boquiaberta na contemplação do paraíso perdido, denunciando-se, assolada por um inquietante pudor, numa manifestação de vontade de evasão da realidade.”

²⁷⁵ Disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/jornal/o-opium-do-povo-152920>; acedido em 28/02/2015.

desejado pelo consumidor é a emoção a retirar do uso do perfume, ou seja, o prazer de ser aquela mulher e/ou de possuir aquela mulher.²⁷⁶

II. Figura 2 – Anúncio de Elena, uma acompanhante de luxo independente, em Roma.



“My name is Elena. I'm independent elite escort. I love meeting new people! I can be a little bit shy at first, but don't let that fool you – I am a very warm, welcoming lady and I know just how to put you at ease before the fun begins.”

Comparando a imagem publicitária da figura 2 com o anúncio presente na figura 3, que corresponde ao anúncio de Elena, uma acompanhante de luxo russa, que trabalha como independente em Roma, encontramos várias semelhanças, em particular a nudez e a pose da mulher no anúncio. Elena encontra-se também totalmente despida, deitada numa cama, numa pose lasciva, com as pernas afastadas – embora a imagem das mesmas não seja completa e o ângulo impossibilite a visualização total da sua zona púbica, aparentemente esta encontra-se totalmente depilada e exposta – deitada com o tronco arqueado e apoiado numa almofada. Apresenta os seios completamente expostos e os braços erguidos acima da cabeça, apoiada na cama, com o rosto virado para cima. Elena encontra-se com uma

²⁷⁶ A acompanhar a imagem da modelo encontra-se apenas o nome da fragrância *Opium* e o nome da marca *Yves Saint Laurent*. Segundo o jornal Público, apesar de, ou por toda a controvérsia que causou, foi uma campanha bem-sucedida para a marca, tendo em conta que as vendas do perfume aumentaram. Vide a notícia em: <http://www.publico.pt/sociedade/jornal/o-opium-do-povo-152920>, acedido em 28/02/2015.

²⁷⁷ Imagem disponível em: http://www.eurogirlsescort.com/escort/elena/330/?source=state_18, acedido em 23/04/2015.

máscara parcial, que apenas lhe cobre uma parte do rosto em volta dos olhos. Ela está de olhos fechados, com a boca semiaberta e com uma expressão de prazer no rosto. Tendo em conta os mesmos elementos que a imagem anterior, este é em si um anúncio provocante e que anuncia sexo. Elena apresentou-se aos clientes como um corpo pornográfico²⁷⁸, um objeto sexual ou como um símbolo para sexo e/ou prazer visual. Contudo, mais do que na imagem anterior, esta pose confere a Elena um certo ar vulnerável, em especial pela posição dos seus braços que parecem estar imobilizados naquela posição, como se estivesse alguém posicionado em cima dela, e os prendesse.

O cenário utilizado para esta encenação foi um quarto, com uma cama com lençóis brancos às riscas, sobre os quais Elena se encontra deitada. Contudo, o papel de parede e os enfeites de pérolas que se encontram em volta da parede e em cima da cama, ao seu lado, conferem ao quarto um certo ar de sofisticação e, ao mesmo tempo, de erótico.²⁷⁹

O texto que acompanha o seu anúncio é breve. Identifica claramente quem é e o que faz. Em seguida, Elena refere ter gosto de conhecer novas pessoas e identifica os destinatários-alvo: clientes novos (sabendo neste caso que se refere apenas a homens, tendo em conta que inclui nos tópicos que os seus serviços se destinam exclusivamente a este segmento). Depois refere uma das suas características, o facto de ser tímida – algo também saliente na imagem, pelo do uso da máscara. Como explica AMÂNCIO (1994: 59), a utilização deste atributo na autodescrição identifica Elena como uma mulher submissa, ao mesmo tempo que confere ao homem o papel dominante na encenação. Criando um discurso incentivador e tentando criar uma proximidade com o destinatário, Elena continua dizendo que ele (cliente) não se deve deixar enganar pela sua timidez, pois ela é uma mulher “muito quente e acolhedora” – sentimentos orientados para o outro (AMÂNCIO, 1994: 65) e que podem ser identificados na imagem pela sua posição lasciva. E acaba a apresentação dizendo que sabe pôr o cliente à vontade mesmo antes de a diversão começar, sendo esta a sua promessa. O termo “diversão” que tem como

²⁷⁸ Como já foi referido atrás, “pornografia” tem diversos significados, mais precisamente a definição “4. Qualquer coisa com intuito de ser pornográfico, de explorar o sexo tratado de maneira obscena, como atrativo. (...)” é relevante aqui, uma vez que se trata de uma imagem em que a mulher representada se encontra numa posição lasciva, de forma a atrair o espetador. Podemos assim identificar um corpo pornográfico como aquele que é retratado de forma artística como um ser ou objeto sexual para o uso do espetador.

²⁷⁹ O quarto é um local íntimo, normalmente ligado a um espaço onde ocorre a atividade sexual, sendo por isso um cenário facilmente identificável como sensual e com uma conotação erótica quando aparece nos anúncios, em especial quando existem outros factores que corroboram esta interpretação, tais como a beleza e a sensualidade da modelo presente. *Vide* REICHERT (2012: 25). Por estes factores, é um dos cenários mais utilizados pelas acompanhantes nos seus anúncios.

associações afetivas a alegria, o divertimento, a excitação, o prazer, etc., engloba aqui todo o tipo de boas experiências, de fantasias e aventuras eróticas desejadas pelo espectador/cliente. Tendo em conta todos os elementos, a imagem em si é a verdadeira incitação e a promessa feita ao cliente. Como já referido, é uma imagem com a qual Elena promete ser um corpo pornográfico, um objeto sexual ou de deleite visual. Não só a imagem mostra uma mulher sensual, ardente de desejo e sexualmente disponível, como o seu texto classifica-a de ferosa e acolhedora e promete diversão, ou seja, uma aventura ao cliente.

III. Figura 3 – Anúncio do batom; Marca *Dolce&Gabbana*; Atriz Scarlett Johanson; Ano 2009.



Na figura 3, pode ver-se a campanha publicitária de um batom da linha de maquilhagem da *Dolce&Gabbana*, lançada em 2009, protagonizada pela atriz Scarlett Johansson. O público-alvo desta publicidade seriam em primeiro lugar as mulheres, tendo em conta que o batom é um produto de beleza feminino. Mulheres que se identificam com a personagem apresentada. Considerando-se que esta campanha foi inspirada na *sex symbol* Marilyn Monroe²⁸¹ – um símbolo de admiração, beleza, ousadia, sensualidade, elegância e

²⁸⁰ Imagem disponível em: <http://revista.vogue.globo.com/diadebeaute/2009/05/dolce-gabbana-make-up/>, acedido em 01/03/2015.

²⁸¹ Marilyn tornou-se para muitos mais do que um ícone e um padrão de beleza a ser seguido em todo o mundo, tornou-se um mito. Segundo LIPOVETSKY (2000: 172), “Numa síntese inédita de sensualidade e de inocência, de *sex-appeal* e de vulnerabilidade, de charme e de ternura, de erotismo e de alegria, a *sex goddess* de Hollywood criou o arquétipo mais deslumbrante do pós-mulher fatal.” Até hoje, muitas são as indústrias que se baseiam na sua imagem para vender ideias e produtos de beleza, luxo, *glamour* e sexo. Para mais informações sobre a vida e carreira de Marilyn, assim como um estudo sobre a utilização da sua imagem na publicidade contemporânea, Vide MAIA (2010: 35-56).

glamour – retratada aqui por Scarlett Johansson, as mulheres, possíveis compradoras deste produto, seriam todas aquelas que procuravam ou se identificavam com estas características que são aqui evidenciadas pela personagem. Contudo, o *target* deste anúncio seriam também os homens, tendo em conta a sua inspiração na *sex symbol* Marilyn, uma personagem de admiração e desejo por parte deles.

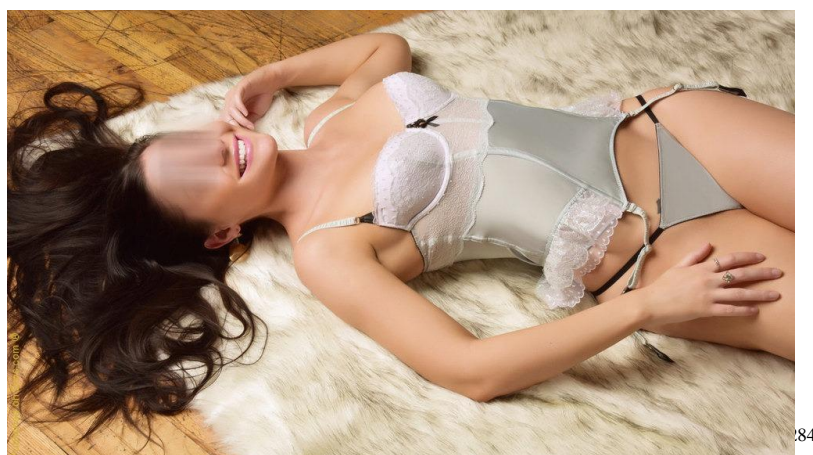
Utilizando uma estratégia que se baseia na valorização da estética, na exploração de um ícone sexual como Marilyn, o objetivo era transformar o batom num símbolo. Ou seja, a promessa deste anúncio era que todas as mulheres que utilizassem o batom seriam tão belas, sensuais, desejadas, elegantes e marcantes como Marilyn foi. Ao mesmo tempo promete aos homens a possibilidade de admirar, de conquistar e possuir “aquela” mulher.

Analisando a mensagem icónica, encontramos na imagem a atriz Scarlett Johansson numa pose ousada e sensual de corpo inteiro – sendo pouco usual, uma vez que, normalmente, as imagens que promovem este tipo de produto apresentam apenas uma imagem da boca ou o rosto da personagem (este é mais um indicador de que os homens eram também o público alvo da campanha). Neste anúncio, Scarlett Johansson encontra-se deitada de costas em lençóis de seda, numa pose sensual e provocadora que salienta as suas formas voluptuosas, tendo em conta que a atriz é apresentada apenas com uma *lingerie* branca. Os tons claros dos lençóis bege, da sua roupa interior branca, da sua pele pálida e do cabelo encaracolado louro contrastam com o vermelho das suas unhas e, em especial, dos seus lábios carnudos que se encontram semiabertos. A cor vermelha é uma cor que, como referem MEDEIROS (2004: 91) e FARINA (1975: 75), chama a atenção, evoca paixão, calor e que pode ter como significado o desejo, a excitação, a tentação e o proibido. Os lábios da atriz são também destacados pela colocação dos seus dedos junto à boca. Este gesto torna-se convidativo ao olhar, e é provocador, pois pode também ser encarado como um convite, mais ou menos explícito ao toque, ao beijo ou algo mais. Como explica REICHERT (2012: 25): “An advocate of embeds might argue that the positioning of the women’s finger in her open mouth would register as fellatio in the viewer’s subconscious.” Scarlett mostra-se ainda com uma expressão sensual no seu olhar, embora ela não olhe diretamente para o espetador, mas sim para o lado. A sua maquilhagem confere-lhe um ar selvagem e erótico. É, contudo, uma imagem contraditória nos seus elementos, pois as

cores claras²⁸² dominantes na imagem, e o facto de a atriz parecer estar numa pose vulnerável, ou então de exposição para o espetador conferem-lhe um certo ar de inocência. Contudo, ao mesmo tempo, o vermelho dos lábios, a boca entreaberta, a posição do seu corpo, a roupa e o olhar provocador proporcionam-lhe um ar de mulher sensual e sedutora.²⁸³ Uma imagem que não deixa ninguém indiferente, sendo Scarlett Johansson e Marilyn Monroe ícones de admiração por parte delas, e de desejo por parte deles.

No anúncio, encontramos ainda no canto inferior esquerdo uma pequena imagem do batom, o nome da marca *Dolce&Gabbana* e a seguinte mensagem: “Scarlett Johansson wears THE LIPSTICK. Creamy texture for lustful lips.”. Esta mensagem linguística identifica a personagem presente, o produto que ela usa e representa, neste caso o batom, e enumera uma das qualidades do mesmo, ou seja, o facto de ter uma textura cremosa. Mas também identifica mais uma das características que é conferida aos utilizadores do batom “lustful lips” ou lábios luxuriosos. Isto é, este é um batom destinado a todas aquelas mulheres que querem ter lábios sensuais e luxuriosos.

IV. Figura 4 – Anúncio de Brooke Ashlees, uma *escort* independente, em Nova Iorque.



“Hello Gentleman! Come join me in my sacred temple of ecstatic sensual awareness; A playground for your hungry sensual soul. Meet me with pure intentions, and I will eagerly meet you on an unrushed, lavish, erotic adventure. I am an American-born

²⁸² A cor branca predominante na imagem tem como associações afetivas: a juventude; a pureza; a inocência; a afirmação; o deleite, etc. Vide FARINA (1975: 74-75).

²⁸³ Como referido na citação de LIPOVESTKY (2000: 172), o misto de sensualidade e inocência, e de *sex-appeal* e vulnerabilidade são características associadas à imagem de Marilyn Monroe, por isso não é de estranhar que, embora sejam elementos contraditórios, sejam aqui retratados no anúncio.

²⁸⁴ Imagem disponível em: http://www.eros.com/new_york/new_york/files/305423.htm, acedido em 23/04/2015.

Sicilian beauty, with a gorgeous personality, and a soft-exotic look you can't get enough of. I am Tantra & Reiki Certified to the Master Teacher level, bringing a heightened level of unmatched technique. *Sexy by default and classy by standard; You get the best of both worlds.* My smile and all natural good looks will enchant you, and my sensuality will captive. My touch is an experience unlike any other you've felt before. I combine just the right combination of erotic energy therapy and sensuality, to guide you to the peak of ecstasy, BLISS, and enlightenment.

I AM the definition of a modern day Goddess.

Whether you are seeking stress relief from a hard day's work, looking to completely surrender to the ultimate Tantric experience, or are simply seeking an authentic, sexy escape for yourself, we hold space for whatever you desire. Here, we create an honest approach to bettering your life through freedom of sexuality and expression, in a warm, comfortable, and non-judgemental atmosphere. I encourage a genuinely, intimate experience, and welcome the request for true one-on-one connection."

A imagem publicitária da figura 3, tendo em conta os diferentes elementos analisados, pode ser comparada à da figura 4, que corresponde a um anúncio de Brooke Ashlees, uma acompanhante de luxo independente, que trabalha em Nova Iorque. Num primeiro olhar, são de destacar a pose e os trajas semelhantes das mulheres. Ambas estão deitadas, numa posição sensual, por assim dizer de exposição ao olhar do espetador, e encontram-se em roupa interior. Brooke está deitada de costas no chão, em cima de um requintado tapete de pelo em tons de branco e castanho, vestida somente com uma *lingerie* em tons de branco e preto. Os seus cabelos escuros, que se encontram espalhados no tapete e no chão castanho, contrastam com os restantes elementos claros da imagem. Como forma de proteção, optou-se por desfocar na imagem a parte superior do seu rosto, sendo apenas possível visualizá-la a sorrir abertamente para o espetador. Tal como Scarlett Johansson na imagem anterior, Brooke tem uma das mãos junto ao rosto, enfatizando o seu sorriso que cativa imediatamente o olhar do espetador. A forma como se encontra deitada, com os seus cabelos dispersos no chão, e o modo como sorri e coloca a mão junto ao rosto, enquanto a outra mão se encontra sobre a sua perna nua, mais precisamente como se estivesse a percorrê-la com a ponta dos dedos, conferem-lhe um ar brincalhão. Ao mesmo tempo, estes mesmos elementos servem de provocação e de convite ao observador, um convite ao olhar, mas também ao toque. Tal como explicou REICHERT (2012: 18), citado anteriormente, Brooke está a “comportar-se sexualmente”.

No seu texto de apresentação, a acompanhante refere-se diretamente ao destinatário como “cavalheiro”²⁸⁵ e incita-o a visitá-la no seu “templo” de consciência sensual

²⁸⁵ Tal como explicam TEIXEIRA *et al.* (2013: 256), e será demonstrado na análise dos diferentes anúncios de acompanhantes, nos seus anúncios elas tentam criar uma ligação de proximidade e intimidade com o

extasiante, descrevendo este espaço como um recreio para almas famintas de sensualidade. O facto de usar estes adjetivos para descrever o espaço de interação com o cliente remete-o logo para a promessa de uma aventura única e arrebatadora, de igual forma pelo uso do termo “playground” que remete para um espaço infantil, um local de diversão, de brincadeiras sem limites, de fantasia e excitação, só que neste caso refere-se a um espaço de adultos. Brooke promete depois “an unrushed, lavish, erotic adventure” neste mesmo espaço, desde que os clientes a procurem com intenções puras, reforçando aqui a ideia de uma experiência única, arrebatadora, de cariz sexual. Depois apresenta-se como uma mítica beleza siciliana – característica que remete para uma dimensão física apelativa em termos sexuais.²⁸⁶ Descreve também algumas competências como o facto de ter o grau de mestre de Tantra & Reiki: “terapia resultante de uma fusão da massagem Tântrica com a aplicação de Reiki.”²⁸⁷ Esta terapia ajudará o cliente a ter uma experiência diferente relativamente ao toque de Brooke, o qual a acompanhante promete que resultará num pico de êxtase, felicidade e entendimento – promessa de uma experiência prazerosa para o cliente. Descreve-se como uma mulher: “Sexy by default and classy by standard”.²⁸⁸ Tal como visa demonstrar na sua foto, Brooke salienta que o seu sorriso e beleza natural vão encantar, assim como a sua sensualidade irá cativar o cliente. Descreve-se como uma deusa moderna, remetendo para o imaginário mitológico das deusas pagãs, belíssimas, mas sem os escrúpulos morais e sexuais que caracterizaram o cristianismo. Relativamente aos seus serviços, Brooke promete ao cliente um tempo e um espaço onde ele pode simplesmente relaxar através da experiência tântrica, ou então, caso procure uma aventura erótica – utilizando uma linguagem mais afetiva com expressões como “experiência íntima” e “ligação pessoal” – Brooke promete a existência de relações sexuais. O facto de usar adjetivos como “warm, comfortable, and non-judgemental” para classificar a atmosfera na qual vão interagir remete também para uma experiência íntima, mas de ordem psicológica.

destinatário e fazem-no ao “pessoalizarem” as suas mensagens, por exemplo dirigindo-se a eles como “cavalheiro”, ou com expressões tais como: “guardo espaço para o que tu desejares”; “uma abordagem que vai melhorar a tua vida”.

²⁸⁶ TEIXEIRA *et al.* (2013: 259).

²⁸⁷ Vide: <http://tantricmassagezen.blogspot.pt/2011/02/terapia-tantra-reiki-massage-e-terapia.html>, acedido em 8/5/2015.

²⁸⁸ Uma frase do género *slogan*. Este tipo de frases também é usado muitas vezes em anúncios de sexo para descrever os serviços ou neste caso a anunciante. Define-a como sexy, uma característica que remete para a sensualidade e erotismo (apelativa em termos sexuais) e com classe, um adjetivo que remete para a sua elegância e educação (apelativa em termos sociais). Dois atributos necessários para o trabalho de acompanhante de luxo.

V. Figuras 5 e 6 – Anúncios do Perfume *Tom Ford for men*; Marca *Tom Ford*; Ano 2007.



Nas figuras 5 e 6 temos a campanha publicitária do perfume *Tom Ford for Men*, uma fragrância da marca *Tom Ford*, lançada no ano de 2007. Esta campanha foi divulgada e aceite em diversos países, tendo sido proibida em Itália. O *target* deste anúncio era, sem qualquer tipo de dúvidas, o público masculino. Tal é evidenciado por se tratar de uma fragrância masculina, mas também pela forma como o perfume é apresentado ao consumidor: neste caso, pela ousadia e provocação que é evidente no facto de o frasco estar colocado entre as pernas de uma mulher nua e entre os seus seios. Tendo em conta este subtexto sexual, trata-se, portanto, de uma fragrância para homens, homens heterossexuais e sexualmente ativos.

Para promover a fragrância temos duas imagens: primeiro apresenta-se o frasco do perfume entre as pernas ligeiramente entreabertas de uma mulher despida, exatamente sobre a sua zona genital, que se encontra totalmente depilada. Esta mulher nua, que aparenta estar deitada, encontra-se com a mão sobre a zona púbica, apenas com uma pulseira dourada no pulso. A sua pele é jovem e o corpo aparenta estar tonificado. As suas unhas compridas estão pintadas com uma cor vermelha, e com estas ela toca na tampa do perfume. Este gesto, como explica MACE (2012: 67), enfatiza o contexto pornográfico do anúncio: “The juxtaposition of her hand just below her navel and slightly to the right of her genitalia, while slightly pressing down on the tip of the bottle of cologne emphasizes pornographic cues by utilizing the bottle of cologne as a “phallic object” within the advertisement.” Este gesto pode ser interpretado como um gesto de masturbação feminina.

²⁸⁹ Imagens disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/blogs/lula/posts/2007/09/19/tom-ford-improprio-para-menores-73863.asp>; <https://theanimalsandusblog.wordpress.com/2013/09/10/body-fragmentation-and-the-male-gaze/>, acedido em 01/03/2015.

O corpo da mulher, para além de estar nu, encontra-se untado com uma espécie de óleo, o que o torna brilhante e lubrificado. Este óleo pode neste contexto erótico evocar o processo de transpiração, ocorrido após o ato sexual.²⁹⁰

Na segunda imagem, a mesma fragrância é apresentada entre os seios nus da mulher, que se encontra com as mãos a cobri-los parcialmente. Nesta imagem é ainda possível ver apenas a parte inferior do seu rosto, mais precisamente a zona da sua boca. Os seus lábios encontram-se pintados com um batom vermelho e abertos em forma de “Ah”, esta expressão fácil que está associada ao orgasmo.

Como explica REICHERT (2012: 25), o frasco da fragrância pode aqui simbolizar o homem e a sua virilidade. O facto de estar colocado na zona genital feminina, assim como entre os seios de uma mulher despida, cuja aparência ou face desconhecemos quase na totalidade torna clara a mensagem de que a mulher é aqui objetificada e despersonalizada. O seu corpo é interpretado como um mero objeto sexual para os homens. Como explica McNeal (2013: 14-15):

This ad deliberately does not include the model's face; further projecting the idea that her identity is not what matters but rather her body is what defines her as an individual. By only including the model's body in a manner that focuses on what is regarded as highly sexual or arousing for the male market the advertisement entices a male audience to purchase Ford's product.

A base desta campanha é o sexo, tratando-se de um anúncio que tem como promessa a realização de fantasias sexuais masculinas. Neste caso, para o consumidor a mensagem subjacente à compra do perfume é também a compra do sexo feminino. Uma fragrância que usada pelos homens, supostamente, levará à conquista sexual das mulheres. Como diz PINTO (1997: 10): “Adquirimos um perfume porque apreciamos o seu aroma, mas também porque nos identificamos com todos os outros sinais sociais que a imagem publicitária divulgou.”

É um anúncio provocante, estimulante e chocante que apela ao desejo sexual, sendo, pois, difícil de ser ignorado ou esquecido. Isto faz com que o nome da marca, que se encontra em destaque no anúncio, e o produto fiquem na mente do consumidor, quer lhe agrade ou não o aroma do perfume.²⁹¹

²⁹⁰ MCNEAL (2013: 14).

²⁹¹ Esta é outra publicidade em que a citação de PINTO (1997: 23) é elucidativa: “(...) mais do que pelas suas propriedades físicas, o produto passa a valer pela imagem que de si projeta no mercado e na vida dos

VI. Figura 7 – Anúncio de Marybea, uma *escort*, em Londres.



“Marybea may be one of our tall London escorts and Marybea knows how to turn heads of men and also know a thing or two about giving pleasure. Young and lovely Marybea is slender and standing 5 feet 8 inches tall, with a size 6-8 figure and perky 34C breasts, silky brunette hair and stunning brown eyes, however while she might look like a picture of innocence, her selection of escort services in Paddington and Edgware Road tell you otherwise. She loves dressing in school uniform, gives an arousing massage and is even happy to give you a spanking or two to keep you in line. Tempted? We're sure you are! Guaranteed by Imperial Top Models - Best Escort Agency in London.”

VII. Figura 8 – Anúncio de Rashina, uma *escort*, em Zurique.



consumidores. Passa a valer por uma série de qualidades simbólicas que, à força de com ele surgiram associadas, por meio de imagens e frases evocativas, se tornam parte integrante dele, como se compusessem a sua “personalidade”.

²⁹² Imagem disponível em: http://www.eurogirlsestort.com/escort/marybea/3376/?source=state_8, acessado em 23/04/2015.

²⁹³ Imagem disponível em: http://www.eurogirlsestort.com/escort/rashina/3400/?source=state_3, acessado em 23/04/2015.

“Charming and sensual company. I would be delighted to meet you for dinner, conversation, and perhaps more :-) I am a very hot, deeply sexual lady, this is my work, and I love what I do. Am available for couples, singles and groups, paid services only, Zurich / St. Gallen. I am in high demand for my dancing, deep throating and oral skills, the centrepiece to any wild party! In domina role, I love pegging and enjoy both sexes. 75DD breasts.. all natural .. NO SILICONE !! :-) Travel in Switzerland, Germany (or anywhere) no problem for the right people::-) So bring it on ... Let's party!”

Estes dois anúncios das duas acompanhantes de luxo, presentes nas figuras 7 e 8, podem, parece-nos, ser comparados aos das figuras 5 e 6. A figura 7 diz respeito ao anúncio de Marybea, uma *escort* que trabalha para a agência Imperial Top Models, de Londres. Na imagem do anúncio, Marybea encontra-se sentada num cadeirão cinzento e todo o cenário à sua volta, desde o chão às cortinas apresenta tons de cinza prateado e branco. Tendo em conta os tons claros envolventes, o corpo esbelto e ligeiramente bronzeado de Marybea sobressai na imagem, mais ainda por ela se encontrar parcialmente despida. Usando apenas uma minissaia vermelha, com os seus sapatos pontiagudos vermelhos e dois pequenos acessórios em tons de vermelho que lhe cobrem os mamilos. A cor vermelha, em contraste com as restantes, salienta as zonas erógenas de Marybea. Ela está sentada com as pernas ligeiramente afastadas, com uma das mãos sobre a sua zona genital – um gesto que tendo em conta o cenário pode ser interpretado como um ato de masturbação feminina ou um convite ao toque de quem observa – enquanto na outra mão apoia a sua cabeça de lado. Ela encontra-se a olhar diretamente para o espetador e com os lábios pintados em tons de vermelho esboça um ligeiro sorriso provocador no rosto.

Tendo em conta os elementos presentes em ambas as imagens, a nível da fisionomia podemos facilmente comparar o corpo de Marybea com o apresentado nas imagens anteriores, também ele jovem, tonificado, ligeiramente bronzeado. Neste anúncio, a embalagem da fragrância entre as pernas da mulher nua pode ser substituída pela minissaia vermelha de Marybea, uma peça de roupa atrevida, provocadora, que chama a atenção. Do mesmo modo, as mãos que cobrem parcialmente os seios da modelo na campanha publicitária podem ser substituídas pelos acessórios vermelhos que cobrem os mamilos de Marybea, tendo em conta que ambos visam sobretudo salientar este aspeto físico.

Apesar de não se apresentar numa imagem de corpo fragmentado e estar bem evidente o rosto da acompanhante na foto, a sua expressão facial é de provocação e convite, e tendo em conta toda a linguagem corporal (a pose, a exposição do seu corpo, o

realce das zonas erógenas) ela parece estar a objetificar o seu corpo, ou seja, a torná-lo um objeto de desejo sexual.

O texto do seu anúncio caracteriza Marybea como uma mulher alta, cativante e experiente na arte do prazer. Depois descrevendo-a em termos físicos como jovem, esbelta, magra, com seios de tamanho 34 c, com uns cabelos morenos sedosos e com uns olhos castanhos deslumbrantes, (ênfase em atributos físicos apelativos em termos sexuais e possíveis de identificar na imagem.) O texto alerta os potenciais clientes para o facto de que embora ela aparente ter um ar de inocente, a sua seleção de serviços prova o contrário – por exemplo o “espancamento”. (As características de inocência e marotice também podem ser identificadas na imagem, em especial pelo contraste entre cores claras presentes no espaço, e o vermelho que identifica as zonas erógenas da Marybea, e a forma ousada como se apresenta). Entre alguns dos serviços prestados por Marybea encontram-se destacados o facto de ela proceder à realização de fantasias sexuais como por exemplo vestir-se com um uniforme colegial²⁹⁴; realizar massagens estimulantes; ou mesmo proceder ao “espancamento” do cliente como prática de prazer sexual.²⁹⁵ Após uma seleção do que é mais apelativo para aliciar o cliente, este anúncio procurou chegar ao destinatário tentando convencê-lo de que ele tem um desejo sexual que necessita ser satisfeito por Marybea. O anúncio termina dirigindo-se ao destinatário com uma questão: está tentado?. Esta pergunta visa pessoalizar o potencial cliente e reforçar o estímulo para o convencer.

A imagem da figura 8 diz respeito a um anúncio de Rashina, uma acompanhante de luxo independente que trabalha em Zurique. A sua imagem pode ser comparada ao anúncio publicitário de Tom Ford, na figura 6, no qual o perfume se encontra entre os seios nus da mulher. No anúncio de Rashina, apresenta-se também o seu corpo fragmentado, ocultando-se todo a não ser a parte superior do tronco nu, onde os seus seios estão apenas envolvidos pelas suas mãos, num gesto que os salienta e deixa transparecer os mamilos entre os seus dedos – um gesto provocativo, de insinuação sexual que visa provocar desejo no espetador,

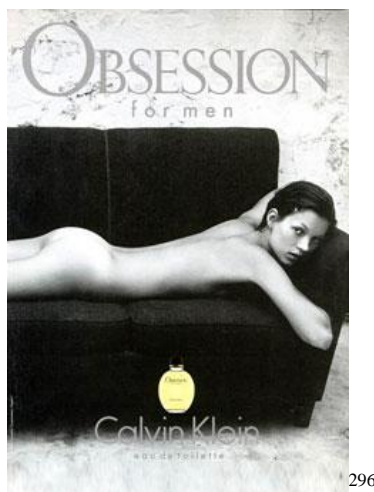
²⁹⁴ Trata-se de uma das fantasias mais comuns e desejadas pelo sexo masculino, tal como explicam FAUCONNIER & TURNER (2002: 28-29), e KRISTOF (1997) no seu artigo “A plain school uniform as the latest aphrodisiac”, disponível em: <http://www.nytimes.com/1997/04/02/world/a-plain-school-uniform-as-the-latest-aphrodisiac.html>. acedido em 10/5/2015.

²⁹⁵ Uma prática cada vez mais comum entre homens e mulheres, como concluiu o estudo de JOYAL *et al* (2014: 336).

e servir de convite ao toque. Na imagem visualizamos também a parte inferior do seu rosto, onde Rashina se apresenta com os lábios semiabertos, pintados de vermelho.

Rashina descreve-se como uma companhia encantadora e sensual e declara que ficaria encantada por encontrá-lo a “ele” (cliente) para um jantar, para uma conversa ou algo mais. Com esta última expressão “algo mais” Rashina cria um mundo de possibilidades e de fantasias para todos os interessados. De seguida, classifica-se como uma “very hot, deeply sexual lady”, salientando que este é o seu trabalho e é algo que adora fazer. Esta frase indica claramente o que indica o “algo mais”, ou seja, uma aventura sexual arrebatadora. No seu anúncio identifica ainda os possíveis destinatários: homem, mulher, casais ou grupos, isto é, encontra-se disponível para todos os interessados. De seguida, enumera alguns dos serviços pelos quais é bastante solicitada. Entre estes encontram-se os seus dotes de dançarina e algumas práticas sexuais. Indica também quais as suas preferências a nível de relações sexuais, de papel a desempenhar e de género. A nível dos seus atributos físicos realça apenas o tamanho dos seus seios e o facto de serem naturais – atributo que, como é possível identificar, é bastante valorizado por Rashina, como pelos seus clientes, tendo em conta que a imagem se foca unicamente nesta zona. Termina o seu anúncio dizendo que viaja para qualquer sítio, dando a entender que os custos não serão problema para as pessoas certas – pessoas com recursos, e convida-os para a festa. O que não diz explicitamente e remete para o “algo mais” e o convite para “festejar” são aqui a promessa do anúncio, as partes que ela deixa à imaginação do cliente.

VIII. Figura 9 – Anúncio do perfume *Obsession*; Marca *Calvin Klein*; Modelo *Kate Moss*; Ano 1986.



Na figura 9, temos a campanha publicitária do perfume *Obsession For Men*, da marca *Calvin Klein*, publicidade criada no ano de 1986, com a colaboração da modelo *Kate Moss* como rosto de representação da marca. O público-alvo deste anúncio era o masculino, por se tratar de uma fragrância masculina, e pela utilização de uma figura feminina totalmente despida para o promover.

Como refere BRETTON (2001: 84-85; 91-92), é cada vez mais comum as marcas utilizarem estratégias afetivas, baseando-se na valorização da estética e da sexualidade para promover o produto. Isto foi conseguido através da imagem da modelo *Kate Moss* no anúncio, sendo o seu objetivo chamar a atenção, seduzir o consumidor masculino, levando-o a associar a compra e utilização daquele produto à possibilidade de obter “aquela” mulher que parece estar apenas à espera que ele compre o perfume para ser consumida sexualmente, sendo essa a promessa desta campanha publicitária.

Na imagem, em grande plano e na parte central, encontramos a modelo, que aparece completamente despida e deitada sobre o ventre num sofá, numa pose na qual ela parece ter sido ali colocada para ser olhada, admirada e para provocar o espetador, pois a modelo encontra-se a olhar diretamente para o observador, com uma expressão convidativa, também salientada pelos seus lábios entreabertos. A sua nudez sobressai pela cor pálida do seu corpo em relação ao cenário preto do sofá no qual se encontra deitada.

Na parte superior da imagem, por cima do sofá, temos um fundo branco acinzentado que realça o sofá preto e a modelo que nele se encontra exposta. Neste fundo em letras maiúsculas de grande destaque, encontramos o nome do perfume: *Obsession for men*.

²⁹⁶ Imagem disponível em: <http://www.nydailynews.com/life-style/fashion/calvin-klein-faces-bodies-brand-gallery-1.26672?pmSlide=1.26832>, acedido em 27/02/2015.

Sobre a parte inferior do sofá, encontra-se uma pequena imagem do perfume e, logo abaixo, o nome da marca *Calvin Klein* e a indicação de que se trata de um perfume “eau de toilette”. Tendo em conta estes elementos, ao olhar para a imagem, dois deles sobressaem imediatamente: o nome do perfume *Obsession for men* e logo depois a imagem da modelo totalmente despida. A fragrância em si, apesar de ser apresentada no anúncio, tem um destaque mínimo. Ao lermos logo o nome do perfume, como se se tratasse de um título, olhamos imediatamente para a imagem de Kate Moss, exposta no plano central, transferindo para ela o significado da “obsessão para o homem”. A mulher é aqui representada em caráter de objeto. Como explica VERISSÍMO (2002: 1710): “Se a mensagem e o produto promovido se destinam ao homem, o uso da nudez funciona aqui como um convite ao olhar masculino, em que o corpo da personagem é também um “objeto a ser consumido”.

IX. Figura 10 – Anúncio de Adele, uma *escort*, em Londres.



“Adele is ultra feminine, charming and sensual with beautiful features, a warm and playful nature and wild imagination to match. She has a stunning figure with curves to die for and its guaranteed to please even the pickiest of men. She’s full of confidence and always friendly with charm and poise to match. We guarantee you won’t be disappointed.”

A imagem anterior pode ser comparada à da figura 10, que diz respeito ao anúncio de Adele, uma acompanhante de luxo francesa, que trabalha para a agência “High Class London Escort Agency” em Londres. Deitada na mesma pose que Kate Moss, Adele também se apresenta exposta de forma muito sensual num sofá, como se se tratasse de um

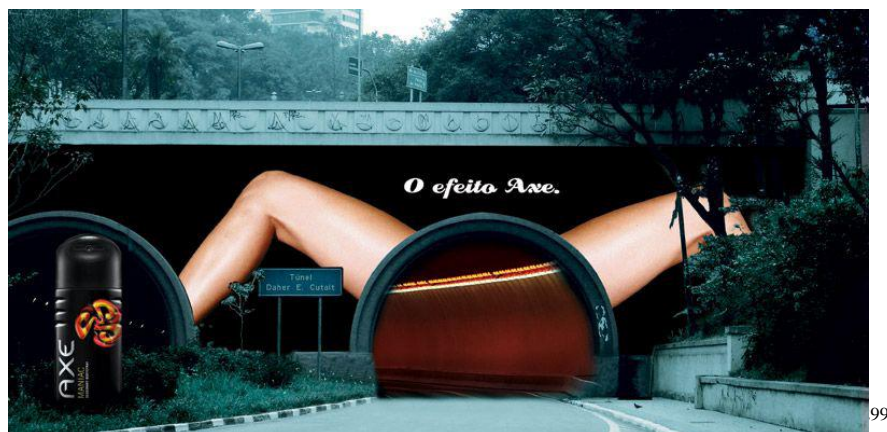
²⁹⁷ Imagem disponível em: <http://www.parklaneandmayfair.com/adele~155.html>, acessado em 23/04/2015.

objeto de deleite visual para o observador. Está deitada sobre o ventre com os cotovelos apoiados no sofá, com as pernas dobradas em “L” e a olhar diretamente para o espetador, com uma expressão de convite, corroborada especialmente pela sua boca entreaberta. Ao contrário de Kate Moss, Adele não se encontra totalmente despida, contudo, os seus trajes são mínimos e subtis: apresenta-se apenas com uma peça de roupa interior que lhe cobre as nádegas, com um tom muito semelhante à sua cor de pele bronzeada; e com umas meias de liga também elas dentro do seu tom de pele. Adele usa ainda uns sapatos de salto alto pretos.²⁹⁸ Tendo em conta os mesmos elementos analisados, mais do que a imagem anterior, pelo recurso a elementos com conotação erótica (sapatos, lingeire) Adele apresenta-se como um corpo sexual, totalmente disponível a ser consumido pelo espetador, sendo esta a sua promessa.

O texto descreve-a na terceira pessoa, classificando-a como uma mulher extremamente feminina, encantadora e sensual – qualidades que remetem para uma idealização feminina; com uma natureza acolhedora e brincalhona – atributos que remetem para sentimentos orientados para o outro; e com uma imaginação selvagem – característica que remete para o campo erótico e para as fantasias sexuais. Como explicam KOKEN *et al.* (2010: 199), nos seus anúncios “sex workers have to conjure the “feminine” demeanor of “niceness” and “sexiness””. Dando ênfase à sua aparência física, o texto descreve-a como deslumbrante – característica ligada ao erotismo e possível de identificar na imagem através da sua fisionomia, da sua beleza natural e dos seus atributos físicos – garantindo que devido às suas qualidades ela é capaz de agradar até ao mais exigente dos homens. Descrevem-na ainda como uma mulher confiante, simpática, com charme e postura a condizer. Estas qualidades sociais são importantes para uma acompanhante de luxo que presta serviços a homens de classe e poder, em meios e eventos de prestígio. Por fim dá-se a garantia ao cliente de que este não se vai desapontar.

X. Figura 11 – Anúncio do desodorante AXE Maniac; Marca AXE; Ano 2000.

²⁹⁸ Os sapatos de salto alto são um acessório de moda, símbolo de feminilidade e de sedução. Estes ganharam, entre o século XIX e o século XX, uma conotação erótica, sendo associados à figura da prostituta. Recentemente um estudo realizado por um cientista francês, Nicolas Guéguen (2014), “High heels increase woman’s attractiveness”, demonstrou que os homens reagem de forma diferente a uma mulher com saltos altos, considerando-as muito mais sensuais, e associando este acessório a uma intenção sexual.



A imagem da figura 11 foi vinculada a uma campanha do Axe Maniac, um anúncio colocado num túnel em São Paulo. O Axe Maniac foi um produto lançado no ano 2000, sendo de presumir que esta publicidade remonte a tal ano. O *target* deste anúncio era o público masculino, uma vez que se trata de um produto de higiene masculina. Do mesmo modo, podemos também considerar o elemento central da imagem, neste caso o túnel, que pode aqui ser entendido como a representação da zona genital da mulher.

Este cartaz foi colocado numa estrada, à entrada de um túnel. Na imagem, aparecem as pernas de uma mulher, uma de cada lado da entrada do túnel. Apesar de não ser representada qualquer outra parte do corpo que identifique claramente que a figura aqui retratada é feminina, pela compleição física podemos concluir que se trata de pernas femininas, que se encontram abertas e fletidas, como se a mulher estivesse deitada nesta posição. Neste contexto, a simbologia do túnel entre as pernas representaria a sua zona genital. Por cima da entrada do túnel, aparece o *slogan* “O efeito Axe”. No canto do lado esquerdo do anúncio, temos ainda em tamanho menor a imagem de uma “nova entrada” de um outro túnel, no centro desta “entrada” encontra-se a imagem do produto Axe Maniac. O produto aqui representado pode ser entendido como alusão ao homem consumidor ou ao seu órgão sexual. Como explica REICHERT (2012: 25):

One classe of sexual embed refers to sexual symbolism, which includes representations of objects that connote either genitalia or sexual acts. For example, a receiver could subconsciously interpret an image of a cylindrical cologne positioned at 45-degree angle as an erected penis.

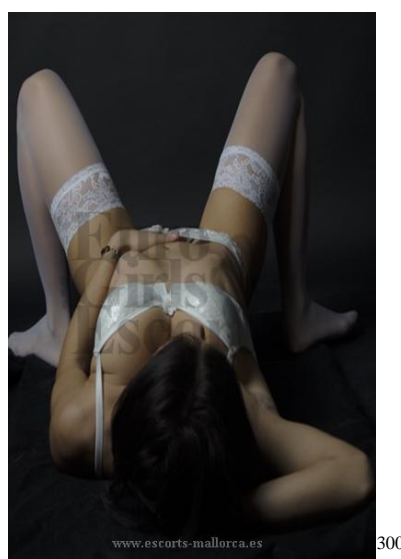
Tendo em conta todos os elementos, é facilmente identificável que a base desta campanha publicitária, e consequentemente da marca, é o sexo. Ou seja, a mensagem

²⁹⁹ Imagem disponível em: <http://lafora.com.br/search/blogs/page/9/>, acessado em 28/02/2015.

subjacente ou a promessa deste anúncio para o consumidor é: Axe Maniac é o produto com o qual o homem pode possuir qualquer mulher que deseje sexualmente.

Neste anúncio, as mulheres são retratadas como objetos meramente sexuais, neste caso, pela fragmentação do seu corpo – pernas e zona genital. Contudo, a objetificação e erotização das mulheres é uma prática comum nas campanhas publicitárias da Axe, visto que as publicidades feitas ao longo dos anos pela Axe vincularam o produto ao poder de sedução, de conquista e sensualidade masculina. Os seus anúncios não visam demonstrar as qualidades do produto em si, mas sim a capacidade de os homens que os usam atraírem mulheres, transmitindo a ideia de que é possível um homem conquistar sexualmente qualquer mulher, desde que use os produtos Axe. As mulheres presentes nestes anúncios são mulheres objetificadas, tornadas presas de consumo dos homens que usam os produtos Axe, ou seja, são objetos sexuais dos homens.

XI. Figuras 12 e 13 – Anúncio de Renata, uma *escort*, em Espanha.



“Be surprised by our beloved Renata. Young and full lips make her a perfect Escort. For a party, a dinner in good company or a wild night. She is full of surprises that will leave you pleasantly surprised and charmed her [sic].”

Tendo em conta os elementos presentes nesta campanha da Axe, esta pode ser comparada às figuras 12 e 13, que correspondem ao anúncio de Renata, uma acompanhante que trabalha para a agência Escorts Mallorca, em Espanha. Nas imagens é

³⁰⁰ Imagens disponíveis em: http://www.eurogirlsestort.com/escort/renata/3512/?source=state_29, acedido em 23/04/2015.

possível visualizar Renata em duas posições diferentes, no entanto, ambas muito semelhantes. A acompanhante apresenta-se apenas em *lingerie* branca e com umas meias de liga também brancas. A nível de acessórios tem um exuberante colar de pérolas, uns brincos e uma pulseira discreta. Na primeira imagem, Renata encontra-se sentada num pequeno banco vermelho, com as pernas completamente afastadas entre si, com um dos braços junto ao tronco e a mão colocada sobre a sua zona genital e os dedos por dentro da roupa interior – um gesto que no seu contexto erótico sugere masturbação, sendo o seu objetivo provocar desejo no espetador. O outro braço encontra-se levantado e apoiado por detrás da cabeça, que está ligeiramente inclinada para trás, um movimento que sugere que está a ter um momento de prazer. Possivelmente por uma questão de proteção da sua imagem, Renata optou por desfocar o rosto. O fundo e o chão à sua volta são completamente cinzentos. Na segunda imagem, é como se tivesse sido invertido o foco do ângulo e estivéssemos a olhar Renata de cima para baixo. Embora nesta ela se encontre deitada sobre o chão, está na mesma posição: com as pernas afastadas entre si e com a mão sobre a zona genital. A sua posição lasciva e erótica, a forma como se toca na zona genital e inclina a cabeça para trás, o facto de estar apenas em *lingerie* e ocultar o rosto, sugerem um corpo pornográfico. Renata está a provocar e a estimular sexualmente o observador.

O seu texto de apresentação convida o espetador a ficar surpreso com Renata. Destaca o facto de ela ser jovem e ter os lábios cheios – tendo em conta que Renata oculta o rosto não sendo possível ver os “lábios cheios”, assim como o facto de o seu gesto (mão sobre a zona genital) em ambas as imagens chamar a atenção para a sua zona erógena, esta expressão ganha uma conotação erótica. Estes atributos classificam-na como a acompanhante perfeita para uma diversidade de eventos tais como festas, jantares ou uma “wild night”. Esta última expressão promete aventuras exóticas, excitação, prazer, ou seja, a realização das fantasias dos interessados. Por fim, garante-se aos possíveis clientes que Renata é uma mulher cheia de surpresas, que os deixará agradavelmente surpreendidos e encantados com ela.

XII. Figura 14 – Anúncio da seleção Premium de carros usados; Marca BMW; Ano 2008.



A figura 14 diz respeito a uma campanha publicitária criada pela BBDO de Atenas, em 2008, para promover carros usados da BMW. O *target* deste anúncio era o público masculino, embora os carros não sejam necessariamente apenas utilizados por este público. Contudo, o facto de este anúncio estar focado em chamar a atenção dos homens e não das mulheres é salientado pela utilização de uma figura feminina, bonita e atraente, que é acompanhada por um *slogan* que confere uma conotação erótica ao anúncio. Dentro deste segmento é ainda possível distinguir outras características deste público-alvo, neste caso, o facto de serem condutores acima dos dezoito anos de idade. Por se tratar de uma marca conceituada, estes seriam clientes com poder de compra acima da média.

Na imagem, visualizamos uma figura feminina. O foco está no seu rosto, uma vez que se trata de uma imagem limitada, sendo só possível ver a mulher até um pouco abaixo dos seus ombros. Trata-se de uma rapariga jovem, loura, bonita e atraente. Como explica REICHERT (2012: 22), remetendo para o estudo de David Buss (1994), a atração física é uma componente importante no interesse sexual e no desejo do outro:

According to psychologist David Buss (1994) physical attractiveness among humans is a trait that is central for predicting interpersonal attraction and mate selection. In his cross-cultural study Buss argued that features of physical appearance, including facial beauty and complexion, play a central role in sexual interest and desire.

³⁰¹ Imagem disponível em: <http://persuasion-and-influence.blogspot.pt/2014/01/you-know-youre-not-first-but-do-you.html>, acedido a 27/02/2015.

A jovem aparenta estar deitada e encontra-se a olhar diretamente para o espetador, com uma expressão bastante sedutora e provocadora, como que apelando à atenção deste. O olhar provocador da mulher é enfatizado por a boca semiaberta e pela posição das suas mãos: uma delas está junto à sua face, o que lhe confere um ar brincalhão, enquanto a outra parece estar a ser deslizada pela sua pele nua. Um gesto claramente ousado e sedutor, em especial devido ao facto de a jovem não ter qualquer tipo de roupa visível, e porque esta zona dos ombros está nua, adivinha-se também o resto do corpo despido. Uma imagem que sem sombra de dúvidas excita e provoca desejo no espetador, e convida-o mais do que a olhar: convida-o ao toque.

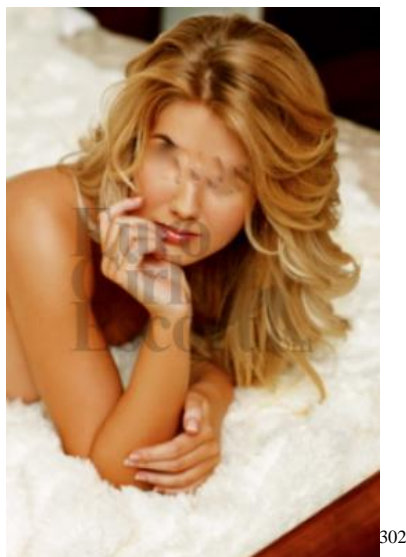
A imagem é acompanhada pelo slogan: “You know you’re not the first. But do you really care?”, ou seja, é uma frase que persuade o espetador-consumidor a fazer a pergunta retórica “Eu sei que não sou o primeiro a usá-lo, mas será que eu realmente me importo, tendo em conta que eu posso tê-lo para mim?”. Tratando-se de uma campanha de carros usados da BMW, a frase é convincente e persuasiva por serem carros de uma marca especial, pois mais do que o carro em si, a marca BMW confere ao consumidor sentimentos de poder. Ou seja, para o consumidor de carros usados da BMW, não importa ele não ser o primeiro dono ou utilizador do carro, porque continua a ser um carro de excelente qualidade. No entanto, não há qualquer imagem de um carro da BMW aqui presente. Em vez do produto, os criadores resolveram utilizar a imagem de uma modelo linda e sensual para o promover, criando aqui uma analogia entre a mulher e os carros usados. A frase que acompanha a imagem confere-lhe as insinuações sexuais. Neste caso, a mulher é equiparada a um objeto, disposta a usar e satisfazer as necessidades do consumidor, independentemente das vezes que já foi “utilizada” ou por quem. No contexto do anúncio tudo indica que se trata de uma mulher que já não é virgem, mas sim que tem experiência no campo sexual. Trata-se de um discurso pejorativo, na medida em que remete para uma mulher já “usada” sexualmente por mais do que um homem. Contudo, a mensagem subjacente a este anúncio é que o homem/consumidor, independentemente de ele não ser o primeiro, não é capaz de resistir desde que a/o (mulher/carro) possa possuir.

Tendo em conta os diferentes elementos, podemos encontrar duas promessas neste anúncio: a primeira era garantir aos clientes da BMW que embora o produto não fosse novo, de primeira mão, valia a pena comprá-lo e possui-lo porque era de qualidade. Trata-se obviamente de uma promessa ambígua, que se refere quer aos carros, quer à mulher

retratada. A segunda era que todos os homens que comprassem o carro da BMW conseguiriam ter “aquela” mulher.

O anúncio foi bastante contestado, essencialmente devido à frase apresentada. Se utilizada apenas no contexto da venda dos carros é um argumento convincente, contudo, com a utilização da imagem da modelo cria uma ligação ofensiva com as mulheres, uma vez que as encara como objetos sexuais a ser usados pelos homens, para além de as encarar como promíscuas. Mais uma vez, a imagem de uma mulher, tendo em conta os diferentes elementos analisados, foi veiculada à promoção de um produto, que embora não seja exclusivamente de uso masculino, visava a atenção e a reação consumista ao produto por parte do sexo masculino.

XIII. Figura 15 – Anúncio de Englatine, uma *escort* independente, em França.



“Je vous propose de vous recevoir dans mon petit cocoon plein de charmes et de douceur pour un moment de bien être total... Afin de me découvrir un peu plus... Je suis une jolie blonde pulpeuse avec de belles courbes féminines 90c 60 90. Élégante et raffinée, j'apprécie la belle lingerie fine...Sexy et coquine, j'aime les massages et les caresses sensuelles à la lueur des bougies... Il semblerait que j'ai des doigts de fée... En tant qu'escorte, j'aime les rencontres calines et passionnées. Je suis sensible aux charmes, à l'élégance et à l'humour des hommes.... Très séductrice, j'aime les discussions autour d'une coupe de champagne..”

A campanha publicitária da BMW pode ser comparada à da figura 15, que diz respeito ao anúncio de Englatine, uma acompanhante de luxo independente que trabalha em França. Apesar de se tratar claramente de um anúncio de sexo, Englatine decidiu promovê-lo dando ênfase basicamente a uma foto de rosto, tendo em conta que a beleza física é também uma das principais características procuradas nas acompanhantes. Contudo, optou também por desfocar a imagem, talvez de forma a proteger-se.

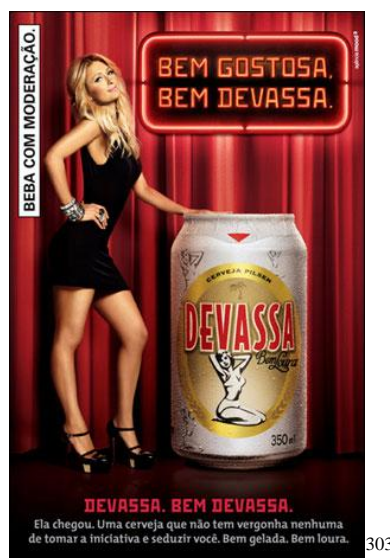
Muito semelhante à foto da campanha publicitária da BMW, na imagem vemos Englatine deitada sobre o ventre, possivelmente sobre uma cama, num tecido felpudo branco, que contrasta com a sua pele bronzeada nua e com os seus cabelos louros. Embora seja impossível ver os seus olhos, o seu rosto é jovem e atraente, e a forma como está apoiado numa das mãos, virado em direção à câmara, indica que ela está a olhar diretamente para o espetador. Os seus dedos estão colocados junto à boca, alguns deles sobre os seus finos lábios rosados. O posicionamento das mãos de Englatine junto ao rosto,

³⁰² Imagem disponível em: http://www.eurogirlsestort.com/escort/eglatine-paris/223/?source=state_12, acedido em 23/04/2015.

em especial junto à boca, dá ênfase ao seu poder de atração e sedução. Embora a imagem seja limitada, é possível verificar que Englatine se encontra despida na parte superior, deixando vislumbrar entre o posicionamento dos seus braços a curva do seu seio nu.

No seu texto de apresentação, a acompanhante começa por convidar o cliente a visitá-la no seu espaço, que ela intitula de “pequeno casulo”, e descreve-o como um local cheio de encantos e doçura para um momento de bem-estar total – estes adjetivos remetem para uma experiência positiva, relaxante e prazerosa. Seguidamente, descreve algumas das suas características, tais como o facto de ser loura, bonita, com curvas voluptuosas – traços físicos que correspondem a uma imagem feminina erotizada. Descreve-se também como uma mulher elegante e refinada – características essenciais para os seus serviços de acompanhante em eventos frequentados por pessoas de classes sociais abastadas. Transferindo o discurso para o campo das fantasias dos clientes, Englatine diz que gosta de usar *lingeries* delicadas e provocadoras – remete para o prazer visual; e massagens e carícias sensuais à luz das velas. Para estimular ainda mais o possível cliente diz que tem dedos ágeis – remete para o prazer do toque íntimo. Diz que enquanto acompanhante gosta de ter encontros carinhosos e apaixonados, prometendo com isto troca de afetos, carícias, paixão e aventura. Como explicam LEVER & DOLNICK (2010: 188; 199), os clientes que procuram os serviços destas mulheres querem sobretudo a ilusão de intimidade, de afeto genuíno e atração mútua. Englatine refere também o facto de ser sensível aos encantos, à elegância e ao humor dos homens – um discurso que enaltece as qualidades de beleza, atração, elegância e humor do sexo masculino e encoraja o ego deste, ao mesmo tempo que confere ao homem o poder de figura dominante na relação. Descreve-se ainda como muito sedutora – característica que é possível identificar na sua foto. E diz que gosta de conversar acompanhada com por uma taça de champanhe – remete para o requinte e sofisticação dos seus serviços, para a criação de laços afetivos e para o estabelecimento de uma relação que não é apenas física com o cliente.

XIV. **Figura 16 – Anúncio da cerveja *Devassa Loura*; Marca *Schincariol*; Atriz *Paris Hilton*; ano 2010.**



A imagem que se segue foi um anúncio criado pela marca *Schincariol*, atual *Brasil Kirin*, para promover a cerveja *Devassa*, nos anos 2010. A estratégia da marca foi incluir atributos de mulheres na cerveja, começando pela designação, o adjetivo na forma feminina *Devassa*. Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, devasso é aquele que é “lasso, libertino, licencioso”, ou seja, é alguém desprovido de pudores ou escrúpulos sexuais.

A imagem da figura 16 publicita a cerveja *Devassa Loura*, da *Brasil Kirin*, lançada no ano 2010, no Brasil, e tem como rosto da campanha a *socialite* Paris Hilton. O *target* deste anúncio era o público masculino, o que é demonstrado pela utilização da *socialite* para promover a cerveja, assim como pelo *slogan* e características associadas à cerveja. Dentro deste segmento, destina-se particularmente a homens com idade superior a dezoito anos, com gosto por cerveja e preferência por mulheres louras.

Analisando os elementos, é importante salientar a presença de Paris Hilton, uma mulher conhecida pela sua irreverência, irresponsabilidade, libertinagem e falta de pudor sexual, e o facto de a sua imagem ser usada para representar a cerveja *Devassa Loura*. Neste caso, para além de a cerveja ser apresentada pela *socialite*, ela é comparada a esta figura feminina e assume as suas características. A marca utilizou uma estratégia que se baseou no *sex appeal* da *socialite*, uma vez que Paris Hilton é uma mulher bonita, sensual,

³⁰³ Imagem disponível em: <http://rosthobonito.blogspot.pt/2011/05/t-oda-conjuntura-abordada-por-esse.html>, acedido em 27/02/2015.

extremamente atraente, com os seus cabelos louros, olhos azuis, pele morena e corpo escultural.

Neste anúncio, Paris é apresentada como se estivesse pousando de forma sensual para uma fotografia, numa sessão de moda, ou seja, ela assume-se intencionalmente como objeto de atenção e observação. Hilton usa um vestido preto, justo e curto, que lhe realça as formas e com uns sapatos de salto alto pretos, que lhe dão um ar sensual. Na imagem, a *socialite* encontra-se com uma mão apoiada numa grande embalagem da cerveja, que contrasta com o fundo vermelho e com o vestido preto de Hilton – sendo uma embalagem branca que contém o logótipo da cerveja, em tons de dourado e vermelho e com o desenho de uma mulher em tons de branco, que parece estar pousando ou exibindo-se. Com a outra mão apoiada na cintura, com o tronco ligeiramente inclinado para a frente, dando ênfase à sua figura elegante, e com a cabeça reclinada para trás, Paris olha diretamente para a câmara com um olhar provocador e com um ligeiro sorriso nos lábios.

Juntamente com estas imagens encontram-se diversas mensagens linguísticas: num primeiro olhar destacam-se as seguintes frases: “Bem gostosa. Bem devassa.”. Estas aparecem na parte superior do anúncio, em letras bem salientes, de cor vermelha e dentro de uma espécie de retângulo, ao lado do rosto da *socialite*, como se se tratasse de uma caixa de diálogo e estas fossem as suas palavras. A segunda mensagem sobre a qual recai a atenção do espetador encontra-se do lado esquerdo do anúncio, escrita na vertical, em letras maiúsculas, de cor preta e dentro de um retângulo branco: “Beba com moderação.”, tratando-se, pois, de uma recomendação para o consumidor, tendo em conta que se trata de uma bebida alcoólica. Por fim, por baixo da imagem da *socialite* e da embalagem da cerveja, encontram-se duas outras mensagens: “Devassa. Bem Devassa.”, escritas em letras vermelhas salientes; e por baixo destas, uma mensagem que se estende ao longo do anúncio, em letras menores e de cor branca: “Ela chegou. Uma cerveja que não tem vergonha nenhuma de tomar a iniciativa e seduzir você. Bem gelada. Bem loura.”

Como já foi referido, esta é uma cerveja comparada à figura de Paris Hilton, que assume assim as suas características. Como tal, e tendo em conta as mensagens do anúncio, apresenta-se o produto como uma cerveja diferente das restantes, por assumir livremente o que as outras gostariam de fazer: seduzir o homem sem qualquer tipo de problema, seduzir com segundas intenções. É descrita como “bem devassa”. Como já foi referido, devassa refere-se a alguém sem pudor moral ou sexual, e “bem gostosa”, tratando-se de um termo

do Português do Brasil, com uma conotação sexual, mas que é, apesar do que parece numa leitura superficial, pejorativo quando associado às mulheres, como explica MENEZES (2012: 34):

(...) termo próprio da gíria masculina machista, para se referir a mulheres bonitas e atraentes, com atributos físicos que atendem ao “padrão de beleza” feminino de determinada época. Apesar de ser uma expressão elogiosa – e de, por essa razão, despertar o desejo nas mulheres de estarem de acordo com esse requisito, pois assim elas se tornam mais desejáveis pelo sexo oposto – “gostosa” não é um atributo que valoriza a mulher; ao contrário, remete à formação discursiva segundo a qual a imagem que se tem da mulher é a de algo “comestível”, já que gostosa é uma qualidade relacionada ao paladar. E “comer”, num linguajar menos polido, é uma expressão utilizada pela maioria dos homens quando se referem ao ato sexual de maneira depreciativa.

O recurso a Paris Hilton nesta campanha publicitária transforma-a a ela própria num objeto de consumo, ao promover uma cerveja que se baseia nas suas qualidades e características pessoais. Consequentemente, todas as mulheres louras, que possuam estas características são identificadas da mesma forma. A promessa deste anúncio é uma aventura erótica a todos os homens que consumam a devassa loura. Sendo esta devassa loura tanto a cerveja como a mulher.

XV. Figuras 17 – Anúncio de Isabella, uma *escort* de elite, em Londres.



³⁰⁴ Imagem disponível em: <http://www.elitecityescorts.com/profile/346/Isabella-Dark-Brown-Italian-Escort-Notting-London-Hill/>, acessado em 23/04/2015.

“I’m a gorgeous, high class escort with long brown hair, deep brown eyes, I have natural perky breasts and have a perfect body. I am friendly and always well presented. You will find me a nice nice girl with a nice character very educated and classy.”

O anúncio publicitário da cerveja *Devassa* pode ser comparado ao da figura 17, que corresponde ao anúncio de Isabella, uma acompanhante de luxo que trabalha para a agência Elite City Escorts. Tal como a foto de Paris (figura 16), também o anúncio de Isabella apresenta uma foto de corpo inteiro, em posicionamento lateral, numa imagem que lhe realça todas as suas voluptuosas curvas. Também ela com um vestido justo, preto, de cabedal, e com uns sapatos de salto alto pretos, pousa de forma sensual: com as mãos na cintura, com o tronco ligeiramente inclinado para a frente, dando bastante ênfase às suas nádegas voluptuosas e ao peito volumoso. Contudo, a forma como coloca as mãos na cintura é diferente, pois não parece que Isabella se encontra imóvel naquela posição, mas sim que ela está a deslizar ou a percorrer o seu corpo, em especial as suas formas, com as suas mãos. Olhando diretamente para o espetador, com uma expressão de provocação, corroborada pela sua boca entreaberta, com um ligeiro sorriso. Isabella é bonita, atraente, alta, tem um corpo tonificado esbelto, e conseguiu tirar partido de todas estas qualidades para promover uma imagem não erótica, mas muito sensual. Tendo em conta estes elementos e a forma como se exhibe a nível de movimentos corporais e expressão facial, também ela, mais do que a figura de Paris, poderia ser representada com o slogan: “Bem gostosa. Bem devassa.”

A sua imagem vem, contudo, acompanhada por um texto mais comedido e delicado. Isabella descreve-se logo em termos de atributos físicos, entre eles: como uma mulher linda, morena de cabelos longos, de olhos castanhos profundos, com uns seios naturais atrevidos e com um corpo perfeito – todas estas qualidades remetem para atributos valorizados a nível de atração sexual, e todos eles podem ser claramente identificados na sua foto. Descreve-se ainda como simpática, agradável, educada, com classe, com um bom carácter e como uma mulher que se apresenta sempre bem – qualidades necessárias e valorizadas a nível da socialização com os seus clientes, assim como para eventos com terceiros. Todos estes adjetivos classificam-na como uma boa companhia, e não só a nível físico e sexual.

2.1. Conclusão

A mulher bela e sensual, tecnicamente inacessível, que faz parte da fantasia do imaginário masculino e não só, que encontramos por exemplo como acompanhante de luxo, aquela a quem certos homens estão dispostos a pagar pequenas fortunas pelo seu tempo, torna-se num objeto sexual dos anúncios quotidianos. Em poses sensuais, o seu corpo é exposto publicamente e utilizado para vender produtos banais.

Segundo BATAILLE (1987), tanto um homem como uma mulher podem ser objeto de desejo. Ao longo dos anos, a sexualidade masculina foi estereotipada como algo natural, sendo comum os homens procurarem ter o máximo possível de relacionamentos, com uma grande diversidade de parceiras, não sucedendo o mesmo com as mulheres, que ao longo dos séculos foram sendo classificadas ou como virtuosas ou como promíscuas.. Contudo, esta dinâmica de o homem procurar a mulher passiva concede à própria mulher também um papel ativo: o de ter o poder de provocar o desejo no sexo oposto. Como disse BERGER (1972: 51): “Os homens olham para as mulheres. As mulheres veem-se a ser vistas (...)”. Isto é, a mulher propõe-se como objeto de desejo dos homens, através dos seus cuidados com a beleza e com os adereços, com o fim de chamar a atenção e de agradar ao olhar masculino, ou seja, como explicou VAUGHAN (2003: 135), a mulher considera-se a si mesma como um objeto. Segundo BATAILLE (1987: 86): “Não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina.”, uma vez que as mulheres se entendem e se posicionam como o alvo de desejo dos homens.

Uma mulher despida revela claramente o objeto de desejo dos homens, pois em primeiro lugar é a sua beleza e o seu charme que eles apreciam, sendo por isso que um dos principais elementos usados pelos média para persuadir o público masculino é a estética do belo, e o belo no seu caráter erótico – com o objetivo de atrair e seduzir o outro sexualmente.

Nas sociedades de matriz cultural cristã acentuou-se o caráter de pecado associado ao corpo, sendo as prostitutas consideradas as transgressoras dessa moral. Era o seu corpo exposto que seduzia e aliciava os homens a cair na tentação da carne. O seu corpo era o único corpo erótico reconhecido. Seguindo a lógica de Bataille (1986), como explica GUERLAC (1990: 92): “The erotic object must be not only a woman, but a woman as object, or in other words, a prostitute.”, ou seja, a mulher é por norma o objeto de desejo, o

objeto erótico que constrói a sexualidade masculina, mas o corpo que se expõe de forma a atrair e seduzir os homens, e a ser “consumido” sexualmente por estes é o da prostituta, sendo ela o objeto erótico por excelência.

Na nossa sociedade hedonista, alimentou-se uma espécie de “culto do individualismo”. Foram criados instrumentos através dos quais a nossa aparência se tornou um elemento determinante para o nosso reconhecimento social. A publicidade que se baseia num processo de fabrico de fascínio transforma um determinado produto em algo mágico, num bem que vai ao encontro das nossas carências ou até mesmo das nossas frustrações, oferecendo-nos a oportunidade de sermos desejados e até invejados e por isso nos cativa. E é neste processo de fabrico do fascínio de um paraíso proibido que o corpo se torna parte dos objetos desejáveis, como nos diz PEREIRA (2001: 109): “A publicidade transforma o corpo humano num objeto desejável, com fim em si mesmo, ao passo que continua a alimentar o conceito religioso clássico sobre o corpo, uma vez que quanto mais proibido, mais desejável será.” É neste contexto que o corpo se torna objeto de consumo.

A moda, enquanto indústria, permitiu que a exposição pública do corpo se tornasse algo banal e contribuiu para aliviar o peso de algumas limitações impostas pela cultura cristã. Consequentemente, o cinema e a publicidade começaram a socorrer-se do erotismo, da sensualidade e da nudez dos corpos para promover todo o tipo de produtos. Como explica ARCARI (2001: 150-151), foi, essencialmente, o corpo feminino o principal objeto deste tipo de marketing. Ser modelo feminino de anúncios significa tornar-se um corpo consumível, o objeto mais glorificado entre os bens de consumo. Isto é, as modelos ou personagens dos anúncios são utilizados numa estratégia de sedução publicitária. O seu papel é seduzir o consumidor, seja para lhe despertar sentimentos ou apelar ao imaginário. Elas tornam-se o objeto de adulação das outras mulheres (desejo de ser igual) e dos homens (desejo de possuir) e de exploração comercial.

A exposição do corpo e de beleza das mulheres ficou ligada à representação destas enquanto objetos sexuais. A representação das mulheres enquanto corpos sexuais objetificados traduz-se na sua função de servirem única e exclusivamente para o olhar e prazer do outro, neste caso de serem o local onde estão depositadas todas as fantasias e desejos do sexo masculino, como nos diz MENEZES (2012: 36):

Banalizada como produto de consumo, a mulher é, ao mesmo tempo, objeto sexual – imagem, aliás, já presente no imaginário social – e objeto de consumo, isto é, a mulher

possui não só atributos sexuais que satisfazem o desejo erótico masculino, como sedução, erotismo e sensualidade, mas também atributos comerciais, que atendem às expectativas masculinas de consumo.

Isto quer dizer que, independentemente dos produtos que elas promovam, as mulheres se tornam vítimas da sua sensualidade e sexualidade, pois em representações construídas num universo simbólico do erotismo e das fantasias sexuais masculinas, elas são representadas através de uma imagem feminina erotizada, ou seja, como mulheres belas, sexualmente disponíveis. Em poses sensuais, com olhares e movimentos provocadores, em trajes ousados que chamam a atenção para os seus atributos físicos e as tornam desejáveis, apetecíveis a nível sexual, ou mesmo completamente despidas, em cenários que representam espaços de intimidade e de prazer. Como explicam TEIXEIRA *et al.* (2013: 255), a banalização das imagens presentes nos anúncios prostitucionais e na pornografia ajudaram a legitimar “a representação das mulheres como prostituíveis (...).”

Como se conclui deste estudo, os cenários de requinte, de sofisticação e erotização recriados nos anúncios das prostitutas de luxo da atualidade, onde os seus corpos prometem antes de mais uma ilusão, uma fantasia, ou aventura, são hoje validados e explorados de igual forma pelos média nos seus anúncios. Para cada anúncio publicitário de marcas conceituadas, foi encontrado um anúncio de acompanhantes de luxo, muito semelhante no seu contexto, na sua encenação e na sua promessa. Ou seja, qualquer um dos anúncios publicitários aqui analisados podia ser usado no contexto prostitucional, um contexto onde as mulheres são vistas como objetos sexuais, por venderem os seus corpos. Essa mesma mensagem está implícita, parece-nos, em todos os anúncios publicitários aqui analisados.

ANEXO C – Imagens do Site

Disponível em <http://tatiana-capelo2008.wix.com/prostituicaodeluxo>

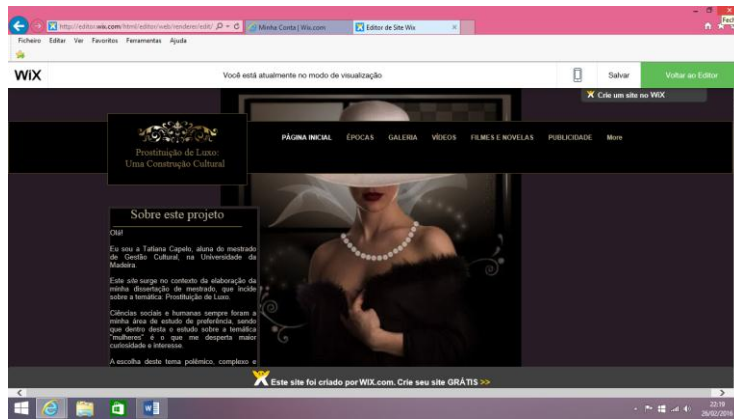


Imagem 1.

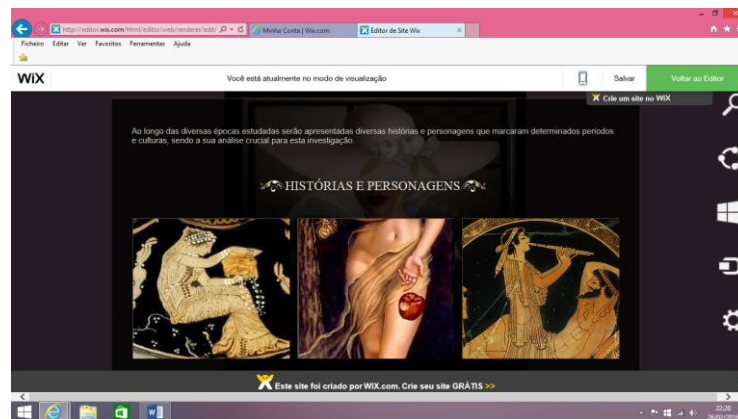


Imagem 2.

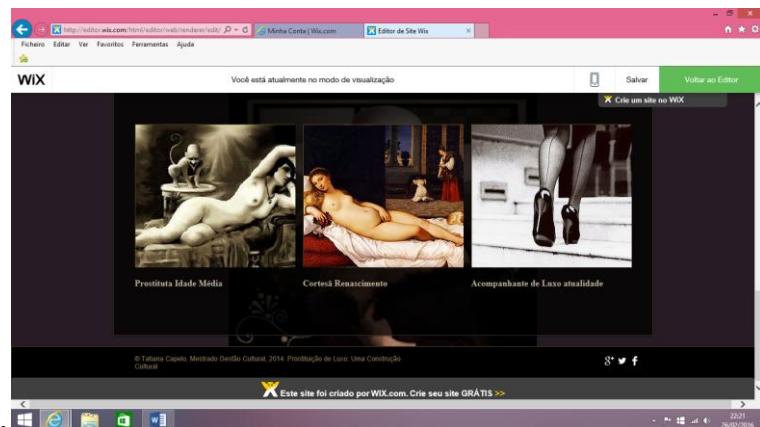


Imagem 3.

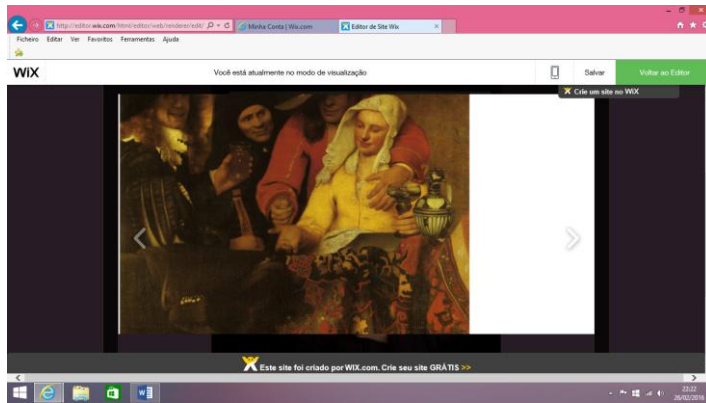


Imagem 4.

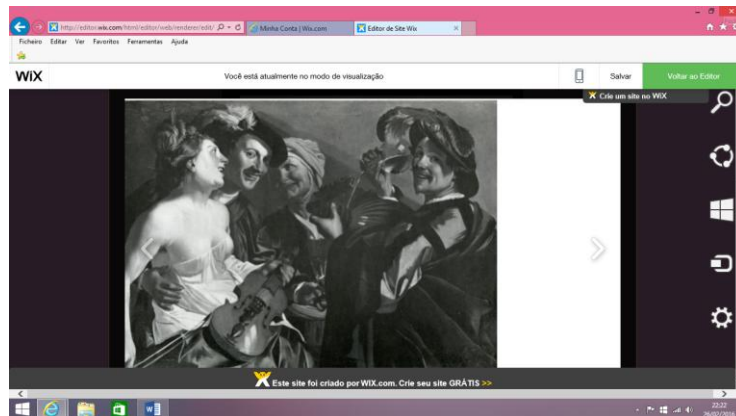


Imagem 5.

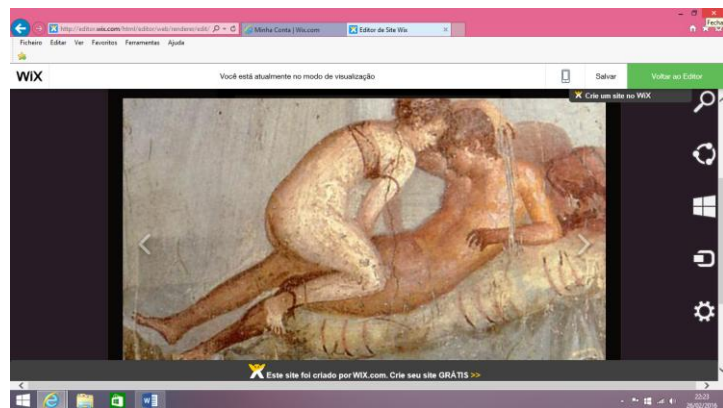


Imagem 6.

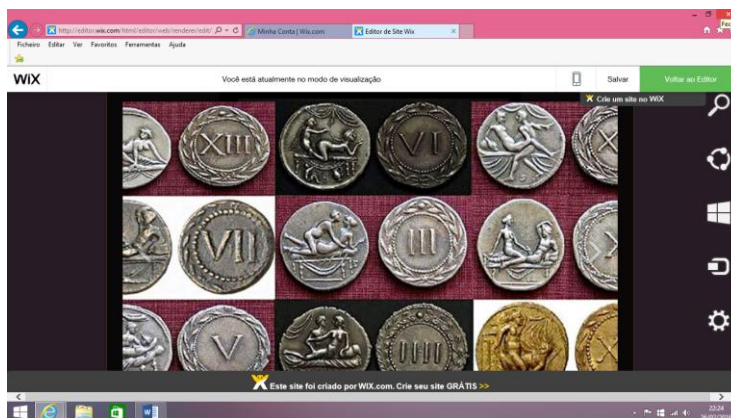


Imagem 7.

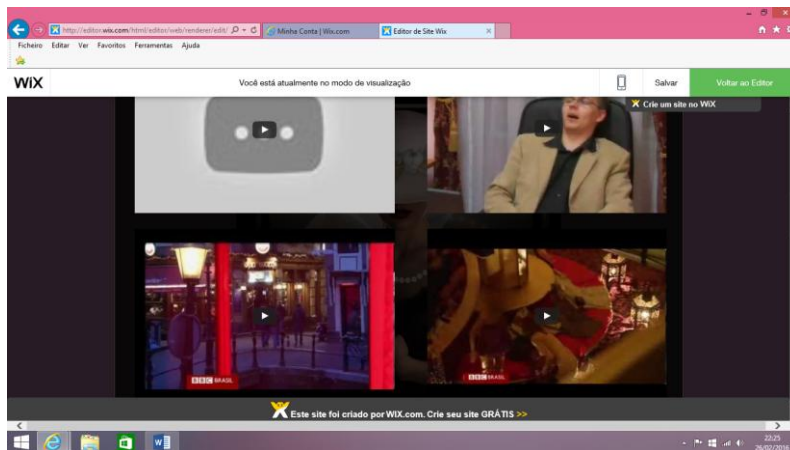


Imagem 8.

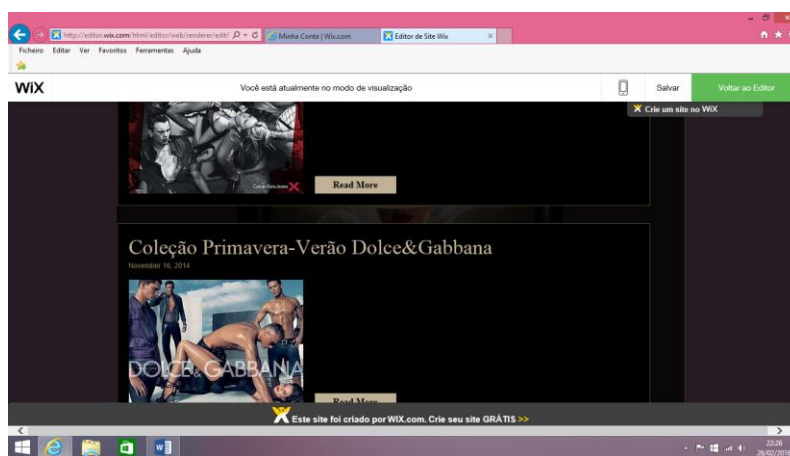


Imagem 9.

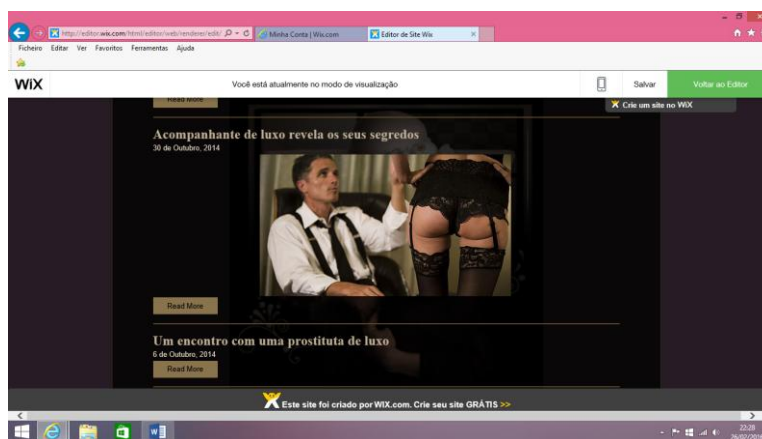


Imagem 10.

Bibliografia

1. ABREU, Maria Zina (2007). *O Sagrado Feminino, da Pré-história à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, p. 24-71; 195-198.
2. ABREU, Zina (1999). *A Mulher na Reforma da Igreja em Inglaterra: o Protestantismo como Factor Dinamizador do Processo de Democratização Política e dos Sexos*, Dissertação de Doutoramento em Cultura Inglesa, Universidade da Madeira.
3. AGOSTINHO, Santo (2001). *Confissões*, tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Pimentel, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
4. ALLEN, Peter Lewis (2002). *The Wages of Sin: Sex and Disease, Past and Present*, Chicago, University of Chicago Press.
5. ALLEN, Sister Prudence R.S.M. (1997). *The Concept of Woman – The Aristotelian Revolution, 750 B.C. – A.D. 1250*, Michigan /Cambridge, William B. Eerdmans Publishing Company.
6. AMÂNCIO, Lígia (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento.
7. ANDERSON, Scott A. (2002). “Prostitution and Sexual Autonomy: Making Sense of the Prohibition of Prostitution”, *Ethics*, Vol. 112, No.4, p. 748-780. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/339672>, acessado em 04/07/2014.
8. APOLODORO (2012). *Contra Neera*. [Demóstenes] 59. Tradução de Glória Onelley, introdução, notas e índice de Ana Lúcia Curado, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
9. ARCARI, António (2001). *A Fotografia, as formas, os objetos, o homem*. Tradução de J. J. Soares da Costa, Lisboa, Edições 70.
10. ARNOWITZ, Alexis (2014). “To punish or not to punish: What works in the regulation of the prostitution market?”, in PERSAK, Nina & VERMEULEN, Gert (edits.), *Reframing Prostitution. From Discourse to Description, From Moralisation to Normalisation?*, USA, Maklu Publishers, p. 223-251.
11. BANDELLO, Matteo (1942). *Le Novelle del Bandello*, in FLORA, Francesco (edit.), *Tutte le opere di Matteo Bandello*, Milano, Mondadori. Disponível em: http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_4/t77.pdf, acessado em 8/02/2016.

12. BASSANESE, Fiora (1988). “Private Lives and Public Lies: Texts by Courtesans of Italian Renaissance.”, in *Texas Studies in Literature and Language*, vol. 30, nº 3, p. 295-319
13. BASSNETT, Susan (1991). “Tullia d’Aragona”, in *An Encyclopedia of Continental Women Writers*, v. 1, WILSON, Katherine (edit.), United States of America, p. 48-49.
14. BATAILLE, Georges (1987). *O erotismo*. Tradução de António Carlos Viana, Porto Alegre, L&PM editores S/A. Disponível em: <http://salsichaotainha.files.wordpress.com/2011/05/georges-bataille-o-erotismo.pdf>, acessado a 06/10/2014.
15. BERGER, JOHN (Original de 1972). *Modos de Ver*. Tradução de Ana Maria Alves, Lisboa, Edições 70.
16. BERNETT, Laura & CASAVANT, Lyne (2014). “Prostitution: A Review of Legislation on Selected Countries”, in *Library of Parliament Background Papers*, publicação nº 2011-115-E, Ottawa, Canada. Disponível em: <http://www.parl.gc.ca/content/lop/researchpublications/2011-115-e.pdf>, acessado em: 05/06/2015.
17. *Bíblia sagrada*, Edição Pastoral, (1993). Lisboa, Edições PAULUS.
18. BINDMAN, Jo & DOEZEMA, Jo (1997). *Redefining Prostitution as Sex Work on the International Agenda*. Disponível em: <http://www.walnet.org/csis/papers/redefining.html#7b>, acessado em: 02/12/2014.
19. BOCK, Gisela, (2002). *Women in European History*, Oxford, Blackwell Publishers.
20. BOLOGNE, Jean-Claude (1999). *História do casamento no Ocidente*, tradução de Isabel Cardeal, Lisboa, Temas e Debates.
21. BRACKETT, John (1993). “The Florentine Onesta and the Control of Prostitution, 1403-1680”, in *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 24, No. 2, p. 273-300.
22. BRANDÃO, José Luís Lopes (2009). “Sexo e Poder na Roma dos Césares”, in RAMOS, J.A., FIALHO, M. C. & RODRIGUES, N. S. (coord.) *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Porto, Clássica – Artes Gráficas, p. 367-382.
23. BRETTON, Philippe (2001). *A Palavra Manipulada*, Lisboa, Editorial Caminho.
24. BROCHAND, Bernard; LENDREVIE, Jacques; RODRIGUES, Joaquim; & DIONISIO, Pedro (1999). *Publicitor*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

25. BRUNDAGE, James (1976). "Prostitution in the Medieval Canon Law", in *Signs*, Vol. 1, No. 4, p. 825-845.
26. BRUNDAGE, James (1987). *Law, Sex, and Christian Society in Medieval Europe*, Chicago a London, The University of Chicago Press.
27. BRUNDAGE, James (2010). "Sex and Canon Law", in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 33-50.
28. BURCKHARDT, Jacob (1983). *A civilização do Renascimento Italiano*. Tradução de António Borges Coelho, Lisboa, Editorial Presença.
29. CADDEN, Joan (1993). *Meanings of Sex Difference in the Middle Ages*, New York, Cambridge University Press.
30. CADDEN, Joan (2010). "Western Medicine and Natural Philosophy", in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 51-80.
31. CASTIGLIONE, Baldassare (1997). *O Cortesão*, São Paulo, Martins Fontes, p. 197-265.
32. CHAUNU, Pierre (1993). *O Tempo das Reformas (1250-1550). I. A Crise da Cristandade*, Lisboa, Edições 70, LDA.
33. CHAUNU, Pierre (1993). *O Tempo das Reformas (1250-1550). II. A Reforma Protestante*, Lisboa, Edições 70, LDA.
34. CLOUET, EVA (2008). "A prostituição estudantil na era da *internet*", in Laura D., *Universitária 19 Anos Convive com Cavalheiros*, título original: *Mês Chères Études*, Tradução Editorial Presença, Lisboa, p. 169-187.
35. COCKS, Harry G. (2013). "Approaches to the History of Sexuality Since 1750", in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, pp: 38-54.
36. COELHO, Bernardo (2009). *Corpo Adentro - Prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*, Lisboa, Difel.
37. CONYERS, Claude (2003). "Courtesans in Dance History: Les Belles de la Belle Époque", in *Dance Chronicle*, Vol. 26, No. 2, p. 219-243
38. CORNER, Sean (2011). "Bringing the Outside In – The Andrōn as Brother and Symposium's Civic Sexuality" in GLAZEBROOK, Allison & HENRY, Madeleine

- (Eds.), *Greek Prostitutes in Ancient Mediterranean*. The University of Wisconsin Press, p. 60-85.
39. COTT, Nancy F. (Original de 1991). “A mulher moderna”, in DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.), (dir. Françoise Thébaud), *História das Mulheres. O século XX*, volume 5, Porto, Afrontamento, p. 95-113.
40. COTTRET, Bernard (2000). *Calvin: A Biography*, United States of America, Wm B. Eerdmans Publishing Co.
41. CRAWFORD, Katherine (2013). “The Good, The Bad, and The Textual – Approaches to the study of the body and sexuality, 1500-1750”, in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 23-37.
42. CRUZE, Shani D'. (2013). “Sexual Violence since 1750” in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 444-459.
43. DAVIDSON, James (1998). *Courtesans and Fishcakes*, London, Fontana Press, p. 73-136.
44. DAVIDSON, Julia O’Connel (2014). “Let's go outside: bodies, prostitutes, slaves and worker citizens”, in *Citizenship Studies*, Vol. 18, No. 5, p. 516-532. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13621025.2014.923703>, acedido em: 10/6/2015.
45. DELUMEAU, Jean (1984). *A Civilização do Renascimento*, v.1, tradução de Manuel Ruas, Lisboa, Editorial Estampa.
46. DINIZ, João; FONTINHA, Inês & BARBOSA, Madalena (1989). *A Prostituição*. Coleção informar as mulheres nº13.
47. DITMORE, Melissa Hope (2011). *Prostitution and Sex Work*, California, ABC-Clio, LLC.
48. DITMORE, Melissa Hope (edit.) (2006). *Encyclopedia of Prostitution and Sex Work*. United States of America, Greenwood Press, p. 144-146.
49. DIXON, Suzanne (2007). *Women of the Ancient World. Cornelia Mother of the Gracchi*, London, Routledge.

50. DOVER, K. J. (2002). "Classical Greek Attitudes to Sexual Behaviour", in MCCLURE, Laura K. (edts.), *Sexuality and Gender in The Classical World*, Oxford, Blackwell Publishers, p. 19-33.
51. EDDLESTON, John (2001). *Jack The Ripper: An Encyclopedia*, United States of America, ABC-Clio, Inc.
52. EDLUND, Lena & KORN, Evelyn (2002). "A Theory of Prostitution", in *Journal of Political Economy*, Vol. 110., No. 1, p. 181-214. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.1086/324390>, acessado em 16/05/2014.
53. EDWARDS, Catharine (1997). "Unspeakable Professions: Public Performance and Prostitution in Ancient Rome" in HALLET, Judith & SKINNER, Marilyn (Eds.) (1997). *Roman Sexualities*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, p. 66-95.
54. ELSAKKERS, M. J. (2010). *Reading between the lines: Old Germanic and early Christian views on abortion*, Tese, FGw: Instituut voor Cultuur en Geschiedenis, p. 393-508.
55. FANTHAM, E., FOLEY, H. P., KAMPEN, N. B., SARAH, B. P. & SHAPIRO, H. A. (1994). *Women in The Classical World*. Nova Iorque, Oxford University Press.
56. FARINA, Modesto (1975). *Psicodinâmica das cores em publicidade*, São Paulo, editora Edgar Blucher.
57. FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark (2002). *The way we think: conceptual blending and mind's hidden complexities*, New York, Basic Books.
58. FLEMMING, Rebecca (1999) "*Quae corpore quaestum facit: the sexual economy of female prostitution in the Romane Empire*" in *The Journal of Roman Studies*, 89, p. 38-61.
59. FLOWERS, Ronald Barri (2011). *Prostitution in the Digital Age: Selling Sex from the Suite to the Street*, California, ABC-Clio, LLC.
60. FONTINHA, Inês (1989). "O meio prostitucional", in DINIZ, João; FONTINHA, Inês; BARBOSA, Madalena. *A Prostituição. Coleção informar as mulheres* nº13, Coordenação Serviço de Documentação e Informação da Comissão da Condição Feminina.
61. FOUCAULT, Michel (1994). *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

62. FRANK, Katherine & CARNES, Michelle (2010). "Gender and space in strip clubs", in WEITZER, Ronald (edit.), *Sex for Sale: Prostitution, Pornography and Sex Industry*, New York, Routledge, p. 115-137.
63. GARTON, Stephen (2009). *História da sexualidade. Da antiguidade à revolução sexual*, tradução de Mário J. Félix, Lisboa, editorial Estampa.
64. GHIRARDO, Diane Yvone (2001). "The Topography of Prostitution in Renaissance Ferrara", in *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 60, No. 4, p. 402-431.
65. GIDDENS, Anthony (1995). *Transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Rosa Maria Perez, Oeiras, Celta Editora.
66. GILFOYLE, Timothy J (1999). "Prostitutes in History: From Parables of Pornography to Metaphores of Modernity", in *The American Historical Review*, Vol. 104, No. 1, p. 117-141.
67. GILHULY, Kate (2009). *The Feminine Matrix of Sex and Gender in Classical Athens*. Cambridge University Press.
68. GIUSTI, Eugenio (2014). *The Renaissance Courtesans in Words, Letters and Images. Social Amphibology and Moral Framing (A Diachronic Perspective)*, Milano, Edizioni Universitarie de Lettere Economia Diritto.
69. GLAZEBROOK, Allison & HENRY, Madeleine (Eds.) (2011). *Greek Prostitutes in Ancient Mediterranean*. The University of Wisconsin Press.
70. GLAZEBROOK, Allison (2011). "Porneion: Prostitution in Athenian Civic Space" in GLAZEBROOK, Allison & HENRY, Madeleine (Eds.), *Greek Prostitutes in Ancient Mediterranean*. The University of Wisconsin Press, p. 34-59.
71. GOFF, Barbara (2004). *Citizen Bacchae: Women's Ritual Practice in Ancient Greece*, California, University of California Press, p. 105-110.
72. GOFF, Jacques Le (1980). *Para um novo conceito de Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa.
73. GOFF, Jacques Le (1983). *A Civilização Ocidental*, v. 1, Lisboa, Editorial Estampa.
74. GOFF, Jacques Le (1994). *O imaginário medieval*, Portugal, Editorial Estampa.
75. GRIECO, Sara F. Matthews (original de 1991). "O corpo, aparência e sexualidade" in DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.), (dir. Françoise Thébaud), *História*

- das Mulheres. Do Renascimento à idade moderna*, volume 3, Porto, Afrontamento, p. 70-119.
76. GRIECO, Sara F. Matthews (original de 1991). “O corpo, aparência e sexualidade” in in DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.), (dir. Françoise Thébaud), *História das Mulheres. Do Renascimento à idade moderna*, volume 3, Porto, Afrontamento, p. 70-119.
77. GRIFFIN, Susan (2001). *The Book of the Courtesans. A Catalogue of their Virtues*, New York, Broadway Books.
78. GUÉGUEN, Nicolas (2014). “High heels increase woman’s attractiveness”, in *Archives of Sexual Behavior*, New York.
79. GUERLAC, Suzanne (1990). ““Recognition” by a Woman!: A Reading of Bataille’s L’Erotisme” in *Yale French Studies*, nº 78, p. 90-105. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2930117>, acessado em 14/07/2014.
80. HAIRSTON, Julia (2007). “Aragona, Tullia D’”, in ROBIN, Diana; LARSEN, Anne & LEVIN, Carole (edits.), *Encyclopedia of woman in Renaissance: Italy, France, and England*, United States of America, ABC – CLIO, Inc. p. 26-30;
81. HALL, Lesley A. (2013). “Sexual Diseases since 1750” in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 479-492.
82. HALLET, Judith & SKINNER, Marilyn (Eds.) (1997). *Roman Sexualities*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
83. HAMMOND, N. G. L. & SCULLARD, H. H. (edit.) (1970). *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford at the Clarendon Press.
84. HIGONNET, Anne (Original de 1991). “Mulheres, imagens e representações” in DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.), (dir. Françoise Thébaud), *História das Mulheres. O século XX*, volume 5, Porto, Afrontamento, p. 399-423.
85. HOLLINGSWORTH, Mary (2014). *The Borgias: History’s Most Notorious Dynasty*, London, Quercus Edition Ltd.
86. HOUAISS, António (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Temas e Debates.
87. JASMIN (1993). “Prostitution is Work”, in *Social Text*, nº 37, p. 33-37. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/466248>, acessado em 20/05/2014.

88. JESUS, Ester Zuzo (2009/2010). “O possível entrelaçar do eterno mito feminino: Eva e Lilith em Pandora.” *Revista Anagrama*, edição nº2, Ano 3, São Paulo, p.1-13, em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6657/6114>, acessado em 27 de Janeiro de 2014.
89. JOLY, Martine (2007). *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Edições 70.
90. JOSHEL, Sandra R. (1997). “Female Desire and the Discourse of Empire: Tacitus’s Messalina” in HALLET, Judith & SKINNER, Marilyn (Eds.) (1997). *Roman Sexualities*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, p. 221-254.
91. JOYAL, Christian, COSSETTE, Amélie & LAPIERRE, Vanessa (2014). “What exactly is an unusual sexual fantasy?”, in *The Journal of Sexual Medicine*, Volume 12, Issue 2, pp: 328-340. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jsm.12734/epdf>, acessado em 12/05/2015.
92. KARRAS, Ruth Mazo (1998). *Common women: Prostitution and Sexuality in Medieval England*, New York, Oxford University Press.
93. KARRAS, Ruth Mazo (2010). “Prostitution in Medieval Europe”, in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 243-260.
94. KEITH, Alison (2011). “Lycoris Galli/ Volumnia Cytheris: a Greek Courtesan in Rome”, *Eugesta*, nº 1, p. 23-53.
95. KING, Helen (1998). *Hippocrates Woman*, London, Routledge, p. 23-27.
96. KING, Helen (2002). “Bound to Bleed: Artemis and Greek Women”, in MCCLURE, Laura K. (edts.), *Sexuality and Gender in The Classical World*, Oxford, Blackwell Publishers, p. 77-97.
97. KOKEN, Juline; BIMBI, David & PARSONS, Jeffrey (2010). “Male and Female Escorts: A Comparative Analysis”, in WEITZER, Ronald (edit.), *Sex for Sale: Prostitution, Pornography and Sex Industry*, New York, Routledge, p. 205-232.
98. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, Jakob. *O Martelo das Bruxas (1487?)* (2007). [trad. port. Disponível em <<http://www.mkmouse.com.br/livros/malleusmaleficarum-portugues.pdf>> acesso em 27/06/2013.
99. KRISTOF, Nicholas (1997). “A plain school uniform as the latest aphrodisiac”, in *The New York Times*, disponível em: <http://www.nytimes.com/1997/04/02/world/a-plain-school-uniform-as-the-latest-aphrodisiac.html>, acessado em 10/05/2015.

100. LAMPREIA, J. Martins (1992). *A Publicidade Moderna*, Lisboa, Editorial Presença
101. Laura D. (2008). *Universitária 19 Anos Convive com Cavalheiros*, título original: *Mês Chères Études*, Tradução Editorial Presença, Lisboa. Com Posfácio de Eva Clouet (p. 169-187) “A prostituição estudantil na era da *internet*”.
102. LEFKOWITZ, Mary & FANT, Maureen (1992). *Women’s Life in Greece & Rome*. London, Gerald Duckworth & Co.
103. LEITE, Ricardo (2011). “O corpo enunciado e suas metamorfoses: operações enunciativas em anúncios classificados de serviço de sexo.”, in *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Vol. 9.n.1, p. 1-13.
104. LEMAY, Helen (1980). “The Stars and Human Sexuality”, in *Isis*, vol. 71, nº 1, p. 127-137.
105. LEVER, Janet & DOLNICK, Deanne (2010). “Call girls and street prostitutes: selling sex and intimacy”, in WEITZER, Ronald (edit.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography and Sex Industry*, New York, Routledge, p. 187-203.
106. LIPOVETSKY, Gilles (2000). *A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino*. Tradução de Maria João Batalha Reis, Lisboa, Instituto Piaget.
107. LÍVIO, Tito (1993). *História de Roma. Ab Vrbe Condita – Livro I*, Tradução de Paulo Farmhouse Alberto, Mem Martins, Editorial Inquérito.
108. *Longman Dictionary of contemporary English* (1987), Great Britain, The Bath Press, Avon.
109. LUCIANO, Samósata (2012). *Luciano [I]*, tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo, Imprensa da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
110. LUDDY, Maria (2013). “Prostitution From 1800” in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 409-426.
111. MACE, Christine (2012). *Fashion or Porn?: the Hyper-Sexualization of Western Culture and the Commodification of Sex*, tese de mestrado em Fashion Studies, apresentada em School of Art and Design History and Theory Parsons the New School for Design. Disponível em: https://www.academia.edu/4147533/FASHION_OR_PORN_THE_HYPER-

SEXUALIZATION OF WESTERN CULTURE AND THE COMMODIFICATION OF SEX.

112. MACE, Christine (2012). *Fashion or Porn?: the Hyper-Sexualization of Western Culture and the Commodification of Sex*, tese de mestrado em Fashion Studies, apresentada em School of Art and Design History and Theory Parsons the New School for Design. Disponível em: https://www.academia.edu/4147533/FASHION_OR_PORN_THE_HYPER-SEXUALIZATION_OF_WESTERN_CULTURE_AND_THE_COMMODIFICATION_OF_SEX.
113. MACLEAN, Ian (1983). *The Renaissance Notion of Woman*, New York, Cambridge University Press.
114. MAIA, Ladinne (2010). “Idolatria e indústria cultural: a apropriação do mito Marilyn Monroe pela publicidade contemporânea.”, Dissertação de bacharelato, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, p. 35-56.
115. MARCHBANK, Jennifer; LETHERBY, Gayle. (2007) *Introduction to Gender: Social Science Perspectives*. Harlow, Pearson Longman.
116. MASSARI, Monica (2009). “The *Other* and her Body: Migrant Prostitution, Gender Relations and Ethnicity”, in *Cahiers de l’Urmis* [En ligne], 12 | 2009, p. 1-13. Disponível em: <http://urmis.revues.org/787>, acessado em: 10/06/2015.
117. MCCLURE, Laura K. (edts.) (2002). *Sexuality and Gender in The Classical World*, Oxford, Blackwell Publishers
118. MCGINN, Thomas (1998). *Prostitution, Sexuality, and the Law in Ancient Rome*. New York, Oxford University Press.
119. MCNEAL, Morgan (2013). “The objectification of women, a LA Tom Ford: a study of the use of women’s bodies as backdrop upon which to sell men’s cologne”, in *The Underground Journal of Undergraduate Research*, Volume 3, Issue 2, p. 13-15.
120. MEDEIROS, Carla (2004). “Personagens, espaços e cenários na publicidade”, in PEREIRA, Francisco & VERÍSSIMO, Jorge (coord.) *Publicidade. O estado da arte em Portugal*, Lisboa, Edições Sílabo, p. 75-91.
121. MENEZES, Daniela (2012). “Construções da imagem feminina na propaganda: para além do efeito persuasivo”, in *Comunicação e Sociedade*, nº 21, Título: *Género e Heterossexualidade. Discursos e Imagens na Publicidade e nos Mídia*, PINTO-

- COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO Silvana (edits.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, p. 19-38. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29818/1/Revista Comunicacao e Sociedade 21.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29818/1/Revista%20Comunicacao%20e%20Sociedade%2021.pdf).
122. MONTO, Martin (2010). “Prostitutes customers: motives and misconceptions”, in WEITZER, Ronald (edit.), *Sex for Sale: Prostitution, Pornography and Sex Industry*, New York, Routledge, p. 233-254.
123. MORRIS, Desmond (2007). *A mulher nua*, Lisboa, editora Relógio D’Água.
124. MOTA-RIBEIRO, Silvana (2005). *Retratos de mulher. Construções sociais e representações visuais no feminino*, Universidade do Minho, Campo de Letras, Editores S.A.
125. MOULTON, Ian Frederick (2013). “Erotic Representation 1500-1750”, in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 207-222.
126. MULLETT, Michael (1985). *A Contra-Reforma*, Tradução de J. Santos Tavares, Viseu, Gradiva – Publicações.
127. MULVEY, Laura (1975). “Visual pleasure and narrative cinema”, in *Screen* 16.3, p. 1-10. Disponível em: <http://imlportfolio.usc.edu/ctcs505/mulveyVisualPleasureNarrativeCinema.pdf>.
128. MURRAY, Jacqueline (2010). “Hiding Behind the Universal Man – Male Sexuality in The Middle Ages”, in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 123-152.
129. MUSIOL, Maria (2013). *Vittoria Colonna. A Woman’s Renaissance*, Berlim, Druck and Verlag GmbH, p. 148-149.
130. NORBERG, Kathryn (1993). “Prostitutes”, in DUBY; PERROT; DAVIS; PANTEL & FARGE (edits.). *A History of Women in the West: Renaissance and Enlightenment paradoxes*, United States of America, President and Fellows of Harvard College, p. 458-475.
131. NORBERG, Kathryn (1996). “From Courtesan to Prostitute – Mercenary sex and Venereal Disease 1730-1802” in MERIANS, Linda (edit.) *The Secret Malady: Venereal Disease in Eighteenth-century Britain and France*, United States of America, University Press of Kentucky, p. 34-50.

132. NORBERG, Kathryn (2013). “The Body of the Prostitute – Medieval to modern” in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex and the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 391-408.
133. OGDEN, Daniel (1999). *Polygamy, Prostitutes and Death*. London, Gerald Duckworth & Co.
134. OLIVEIRA, José (2004). “Prefácio. Da investigação à intervenção social”, in PEREIRA, Francisco & VERÍSSIMO, Jorge (coord.) *Publicidade. O estado da arte em Portugal*, Lisboa, Edições Sílabo, p. 9-13.
135. ONELLEY, Glória Braga (2012). *O estatuto social da cortesã no Contra Neera*, Todas as Musas, nº2 Jan-Jun, p. 81-92.
136. OTIS, Leah Lydia (1985). *Prostitution in Medieval Society. The History of an Urban Institution in Languedoc*, Chicago, University of Chicago Press.
137. PACHECO, José (1998). *O Tempo e o Sexo*, Lisboa, Livros Horizonte.
138. PAUL, Benjamin (2012). *Nuns and Reform Art in Early Modern Venice*. England, Ashgate Publishing Limited, p. 168.
139. PAYER, Pierre, J. (2010). “Confession and the Study of Sex in the Middle Ages”, in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 3-31.
140. PEREIRA, Alexandra Morais (1997). *O Nu e a Publicidade*, Lisboa, Editora Pergaminho Lda.
141. PEREIRA, Francisco & VERÍSSIMO (2004). “Persuasão e publicidade”, in PEREIRA, Francisco & VERÍSSIMO, Jorge (coord.) *Publicidade. O estado da arte em Portugal*, Lisboa, Edições Sílabo, p. 35-72.
142. PERSAK, Nina & VERMEULEN, Gert (2014). “Faces and spaces of prostitution”, in PERSAK, Nina & VERMEULEN, Gert (edits.), *Reframing Prostitution. From Discourse to Description, From Moralisation to Normalisation?*, USA, Maklu Publishers, p. 13-23.
143. PESUIT, Margaret (1997). *Representations of the courtesan in sixteenth-century Venice: sex, class and power*. Tese de mestrado em Artes, Faculty of Graduate Studies and Research, Canada.

144. PINHEIRO, Cristina Santos (2010). “A filha do *Princeps*: Júlia e a legislação moral de Augusto”, in BÁRBARA, Maria Leonor Santa (Org.) *Identidade e Cidadania. Da antiguidade até aos nossos dias*, Porto, Papiro Editora, p. 307-322.
145. PINHEIRO, Cristina Santos. (2012). *Orbae Matres. A dor da mãe pela perda de um filho na literatura latina*, Fundação Calouste Gulbenkian.
146. PINHEIRO, J. J. S. (2000). *Trabalhos e dias de Hesíodo: Do Herói ao Homem*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade da Madeira, p. 61-77.
147. PINTO, Alexandra Guedes (1997). *Publicidade: Um Discurso de Sedução*; Porto, Porto Editora
148. PIRES, Helena (2001). “O paraíso prometido. Uma leitura íntima do discurso publicitário”, Braga, Universidade do Minho, *Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*, p. 1-10. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1071/1/hpires_Malaga_2001.pdf.
149. PLUTARCO (2013). *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*, tradução, introdução e notas de Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rrodrigues, Imprensa da Universidade de Coimbra.
150. POMATA, Gianna (2013). “Was there a *Quarelle des Femmes* in early modern medicine?”, in *Arenal*, Johns Hopkins University, p. 313-341.
151. POMEROY, Sarah, B. (1990). *Women in Hellenistic Egypt: from Alexander to Cleopatra*, Michigan, Wayne State University Press, p. 24-28.
152. POMEROY, Sarah, B. (1995). *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. Nova Iorque, Schocken Books.
153. Prostitution: the Amsterdam Red Light District”, in *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, Vol. 16, Nos. 1-2, p. 112-128. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13604813.2012.662372>, acedido em: 27/05/2015.
154. RABINOWITZ, Nancy Sorkin (2011). “Sex for Sale? Interpreting Erotica in the Havana Collection” in GLAZEBROOK, Allison & HENRY, Madeleine (Eds.), *Greek Prostitutes in Ancient Mediterranean*. The University of Wisconsin Press, p. 122-146.
155. RAUH, Nicholas, K. (2011). “Prostitutes, Pimps, and Political Conspiracies during the Late Roman Republic” in GLAZEBROOK, Allison & HENRY, Madeleine (Eds.),

- Greek Prostitutes in Ancient Mediterranean*. The University of Wisconsin Press, p. 197-221.
156. REICHERT, Tom (2012). “What is sex in advertising? Perspectives from consumer behaviour and social science research.”, in REICHERT, Tom & LAMBIASE, Jacqueline (edits.) *Sex in Advertising: Perspectives on the Erotic Appeal*, New York, Routledge, p. 11-39.
157. REISS, Sheryl E. (2001). “Beyond Isabella: secular women patrons of art in Renaissance Italy”, in *Ashgate Research Companion to Women & Gender in Early Modern Europe*, p. 445-467.
158. RIBEIRO, Agostinho (2005). *O Corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*, Portugal, Casa das Letras.
159. RICHARDS, Jeffrey (1993). *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*, tradução de Marco António Esteves da Rocha e Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p. 48.
160. RIDDLE, John (1991). “Oral Contraceptives and Early-Term Abortifacients during Classical Antiquity and the Middle Ages”, in *Past and Present*, No. 13, p. 3-32.
161. RIDDLE, John (1994). *Contraception and Abortion from the Ancient World to the Renaissance*, England, Harvard University Press.
162. ROBERTS, Nickie (1996). *A Prostituição Através dos Tempos*. Lisboa, Editorial Presença.
163. ROCHA, Isabel (coord.) (2009). *Código Penal e Processo Penal (2009)*, Porto, Porto Editora.
164. RODRIGUES, Nuno (2003). “Messalina ou Aphrodita trágica in Vrbe”, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 513-534.
165. RODRIGUES, Nuno (2009). “Nas margens da sexualidade em Roma: do lupanar à lupa”, in RAMOS, J.A., FIALHO, M. C. & RODRIGUES, N. S. (coord.) *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Porto, Clássica – Artes Gráficas, p. 383-406.
166. ROSENTHAL, Margaret F. (1989). “Veronica Franco’s Terze Rime: the Venetian Courtesan’s Defense”, in *Renaissance Quarterly*, Vol. 42, No. 2, p. 227-257.
167. ROSENTHAL, Margaret F. (1992). *The Honest Courtesan: Veronica Franco, Citizen and Writer in Sixteenth Century Venice*, United States of America, University of Chicago Press.

168. ROSSIAUD, Jacques (1988). *Medieval Prostitution*, Tradução de Lydia G. Cochrane, Oxford, Basil Blackwell Inc.
169. RUGGIERO, Guido (2015). *The Renaissance in Italy: a Social and Cultural History of the Rinascimento*, United States of America, Cambridge University Press.
170. RUMBELOW, Donald (2013). *The Complete Jack the Ripper*, Londres, Virgin Books.
171. RUSSELL & MERRY (1997). *Dialogue on the Infinity of Love*, by Tullia d'Aragona, United States of America, University of Chicago Press.
172. RUSSELL, Rinaldina (1994). "Tullia D'Aragona (c. 1510-1556)" in *Italian Women Writers: A Bio-bibliographical Sourcebook*, RUSSELL (edit.), United States of America, Greenwood Press, p. 26-34.
173. SABAWI, Tia, C. (2010). *Aspasia of Miletus: Contrasting Literary Tradition with Visual Representations*. Tese de Mestrado, Faculdade do Estado da Califórnia, Universidade Dominguez Hills.
174. SACRAMENTO, Octavio & RIBEIRO, Fernando Bessa (2010). "Mulheres que trabalham, homens que se envolvem: género, estratégias e práticas na prostituição abrigada", in SILVA, Manuel C. & RIBEIRO, Fernando B. (org.), *Mulheres da Vida. Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Lda., p. 165-181.
175. SAGAR, Tracey; JONES, Debbie; SYMONS, Katrien & BOWRING, Jo (2015). "The student sex work project", Centre for Criminal Justice and Criminology, Swansea University Prifysgol Abertawe, p. 1-41. Disponível em: <http://www.swansea.ac.uk/media/Student%20Sex%20Work%20Report%202015.pdf>, acedido em: 05/06/2015.
176. SALISBURY, Joyce E. (2010). "Gendered Sexuality", in BULLOUGH, Vern & BRUNDAGE, James (edits.), *Handbook of Medieval Sexuality*, New York e London, Routledge, p. 81-102.
177. SALLMANN, Jean Michel (1993). "Witches", in DUBY; PERROT; DAVIS; PANTEL & FARGE (edits.). *A History of Women in the West: Renaissance and Enlightenment paradoxes*, United States of America, President and Fellows of Harvard College, p. 444-457.

178. SCHLEINER, Winfried (1994). “Infection and cure through women: Renaissance constructions of syphilis”, in *Journal of Medieval and Renaissance Studies* 24:3, p. 499-517.
179. SCHOUTEN, Maria Johanna (2010). “Imagens e auto-imagens de trabalhadoras sexuais”, in SILVA, Manuel C. & RIBEIRO, Fernando B. (org.), *Mulheres da Vida – Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Lda., p. 85-94.
180. SEALEY, Raphael (1990). *Women and Law in Classical Greece*. The University of North Carolina Press.
181. SEBESTA, Judith Lynn. (2001). “Symbolism in the Costume of the Roman Woman”, in SEBESTA & BONFANTE (Edts.), *The World of Roman Costume*, London, University of Wisconsin Press, p. 46-53.
182. SERVADIO, Gaia (2005). *Renaissance Women*, United States of America, I. B. Tauris & Co Ltd.
183. SHEMEK, Deanna (2007). “Courtesans and Prostitution, Italy (cortigiana, cortegiane), in ROBIN, Diana; LARSEN, Anne & LEVIN, Carole (edits.), *Encyclopedia of woman in Renaissance: Italy, France, and England*, United States of America, ABC – CLIO, Inc. p. 101-104.
184. SIENA, Kevin (2013). “The Veneral Disesease – 1500-1800” in TOULALAN, Sarah & FISHER, Kate (edits.) *The Routledge History of Sex an the Body – 1500 to the Present*, London e New York, p. 463-478.
185. SILVA, Manuel Carlos (2010). “Prostituição e formas de controle feminino: trabalho, sexualidade e poder”, in SILVA, Manuel C. & RIBEIRO, Fernando B. (org.), *Mulheres da Vida – Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Lda., p. 15-49.
186. SIMONS, Patricia (2011). *The Sex of Men in Premodern Europe: A Cultural History*, United Kingdom, University Press Cambridge, p. 192-196.
187. SMITH, Bonnie G. (2008). *The Oxford Encyclopedia of Women in World History: 4 Volume Set*, Oxford, New York, Oxford University Press, p. 495-502.
188. STAPLES, Ariadne (1998). *From Good Goddess to Vestal Virgins*. London, Routledge.

189. STAPLETON, Victor (2014). *Jack the Ripper: The Murders, the Mystery, the Myth*, Great Britain, Osprey Publishing
190. STOREY, Tessa (2008). *Carnal Commerce in Counter-Reformation Rome*, Cambridge, Cambridge University Press.
191. SYSON, Luke (2008). “Belle: Picturing Beautiful Women”, in BAYER, Andrea (edit.), *Art, and Love in Renaissance Italy*, New York, The Metropolitan Museum of Art, p. 246-254.
192. TEIXEIRA, Cláudia (2009). “Casamento, adultério e sexualidade no Direito Romano: o caso particular da *lex Iulia de Maritandis Ordinibus* e da *lex Iulia de Adulteriis Coercendis*”, in RAMOS, J.A., FIALHO, M. C. & RODRIGUES, N. S. (coord.) *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Porto, Clássica – Artes Gráficas, p. 361-366;
193. TEIXEIRA, Filomena; MARQUES, Fernandes & LOPES, Rui (2013). “Sexo e Media: ofertas sexuais na imprensa diária”, in *Indagatio Didactica*, vol. 5 (2), p. 250-260.
194. TOURNIER, Paul (2006). *As Cortesãs*, Lisboa, Editorial Estampa, Lda., p. 91-120.
195. TRAINA, G. (2001). “Lycoris the Mime”, in FRASCHETTI, A. (ed.), *Roman Women*, Chicago, University of Chicago Press, p. 82-99.
196. TREGGIARI, Susan (1993). *Roman Marriage*, New York, Oxford University Press.
197. VAN de POL, Lotte C.(2010). “The whore, the bawd, and the artist: the reality and imagery of seventeenth century Dutch prostitution”, in *Journal of Historians of Netherlandish Art*, p. 1-12.
198. VAUGHAN, Peggy (2003). *The Monogamy Myth: A Personal Handbook for Recovering from Affairs*, United States of America, Newmarket Press, p. 133-136.
199. VERÍSSIMO, Jorge (2008). *O Corpo na Publicidade*, Lisboa, Edições Colibri.
200. VERÍSSIMO, Jorge (2002). “A mulher Objeto na Publicidade”, in livro das actas – 4º SOPCOM, p. 1701-1721. Disponível <http://www.bocc.ubi.pt/pag/verissimo-jorge-mulher-objecto-publicidade.pdf>, acedido em 25/02/2016.
201. VERMEULEN, Gert & DAMME, Yasmin Van (2014). “Client criminalisation for guilty knowledge of (trafficking for) sexual exploitation”, in PERSAK, Nina & VERMEULEN, Gert (edits.), *Reframing Prostitution. From Discourse to Description, From Moralisation to Normalisation?*, USA, Maklu Publishers, p. 271-295.

202. WEITZER, Ronald (2010). “Sex work: paradigms and policies”, in WEITZER, Ronald (edit.), *Sex for Sale: Prostitution, Pornography and Sex Industry*, New York, Routledge, p. 1-43.
203. WEITZER, Ronald (2011). “Male prostitution”, in Clifton D. Bryant (edit.), *Routledge Handbook of Deviant Behavior*, New York, Routledge, p. 378-382.
204. WITCOMBE, Christopher L. C. E. (2002). “The Chapel of the courtesan and the Quarrel of Magdalens”, in *The Art Bulletin*, Vol. 84, No. 2, p. 273-292.
205. WONDERS, Nancy & MICHALOWSKI, Raymond (2001). “Bodies, Borders, and Sex Tourism in a Globalized World: A Tale of Two Cities - Amsterdam and Havana”, in *Social Problems*, Vol. 48, No. 4, p. 545-571. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3097175>, acessado em 07/06/2015.
206. YELLING, Catherine (2007). *Rethinking the Renaissance Courtesan: Contemporary Interpretation of Three Paintings by Titian (Tiziano Vecellio 1485 – 1576)*. Tese de mestrado em História de Arte, Universidade de Cincinnati.
207. ZEITLIN, Froma I. (1996). *Playing the Other*, Chicago, The University of Chicago Press, p. 53-86.

Bibliografia da Web (última consulta em Fevereiro de 2016)

Sites e blogs

- <http://borderlinedigital.wordpress.com/2013/02/27/axe-digital-experience/>
- <http://clavedosul.blogspot.com.br/2012/10/campanhas-publicitarias-para-la-de.html>
- <http://devadiprivo.com/2012/12/18/publicidad-sexista-i-de-verdad-vale-mas-una-imagen-que-1000-palabras/el-efecto-axe-tunel-vagina/>
- <http://evelynb.com.br/visoes/tags/comportamento/page/3/>
- <http://jornalggn.com.br/noticia/ministerio-da-justica-instaura-processo-contr-publicidade-racista-e-sexista-da-serveja-devassa>
- <http://lafora.com.br/search/blogs/page/9/>
- http://lifestyle.publico.pt/noticias/346328_campanha-lembra-que-o-valor-das-mulheres-nao-esta-na-sua-roupa
- <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/modaspot-news/anuncio-do-perfume-opium-de-ysl-e-campeao-de-reclamacoes/>
- <http://mood4makeup.blogspot.pt/2011/06/nova-linha-de-maquilhagem-de-tom.html>

- <http://oglobo.globo.com/blogs/lula/posts/2007/09/19/tom-ford-improprio-para-menores-73863.asp>
- <http://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/ministerio-da-justica-abre-processo-contr-a-mercearia-por-suposta-pratica-de-publicidade-abusiva-10249068>
- <http://persuasion-and-influence.blogspot.pt/2014/01/you-know-youre-not-first-but-do-you.html>
- <http://revista.vogue.globo.com/diadebeaute/2009/05/dolce-gabbana-make-up/>
- <http://rosthobonito.blogspot.pt/2011/05/t-oda-conjuntura-abordada-por-esse.html>
- <http://tantricmassagezen.blogspot.pt/2011/02/terapia-tantra-reiki-massagem-e-terapia.html>
- <http://stiletto-brothel.com.au/sydney/>
- <http://vamosinteragir.wordpress.com/2010/10/22/calvin-klein-jeans-%E2%80%93-anuncio-proibido-na-australia/>
- <http://www.americancourtesans.com/about1.php>
- <http://www.anfibia.com.br/blog/2012/09/anuncio-da-axe-em-sua-fanpage-causa-polemica-conar-pede-que-seja-alterado/>
- <http://www.blogdocrespo.com.br/?tag=/burger+king>
- <http://www.cachetladies.com/>
- <http://www.coloribus.com/adsarchive/prints/dolce-gabbana-dolce-gabbana-10293405/>
- <http://www.elitecityescorts.com/profile/346/Isabella-Dark-Brown-Italian-Escort-Notting-London-Hill/>
- http://www.eros.com/new_york/new_york/files/305423.htm
- http://www.eurogirlsescort.com/escort/eglantine-paris/223/?source=state_12
- http://www.eurogirlsescort.com/escort/elena/330/?source=state_18
- http://www.eurogirlsescort.com/escort/elisa/2791/?source=state_1
- http://www.eurogirlsescort.com/escort/marybea/3376/?source=state_8
- http://www.eurogirlsescort.com/escort/renata/3512/?source=state_29
- <http://www.futilebrands.com/gimmicks/buy-axe-and-get-laid>
- <http://www.glossyhouse.com.br/2013/02/campanhas-publicitarias-polemicas-na-moda/>

- <http://www.hotbeautyhealth.com/wp-content/uploads/2010/05/tom-ford-private-blend-lip-color-collection.jpg>
- <http://www.mykristen.com/>
- <http://www.parklaneandmayfair.com/adele~155.html>
- <http://www.publico.pt/sociedade/jornal/o-opium-do-povo-152920>
- <http://www.scentstore.co.uk/brands/c/calvin-klein/obsession-for-men.html>.
- <http://www.theguardian.com/media/2000/dec/19/advertising.uknews>
- <https://theanimalsandusblog.wordpress.com/2013/09/10/body-fragmentation-and-the-male-gaze/>
- <https://www.facebook.com/axebr>
- <https://www.facebook.com/terre.des.femmes/photos/a.131861723509918.17695.131838213512269/1022035714492510/?type=1&theater>
- www.elitecityescorts.com
- www.eros.com
- www.eurogirlsescort.com
- www.parklaneandmayfair.com

Documentários, Entrevistas e Notícias

- 1/5 - Conexão Repórter Prostituição de Luxo - 18/03/10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QkuQgZ5PB Y&list=PL318CFEAD1059A4E9>>, acessado em 20/08/2014.
- 35casillas. *Toda a Verdade - Prostituição, os supermercados do sexo - Sic Notícias*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0CrCkLcqWtk>>, acessado em 19/08/2014.
- AlbaanmorSKR's channel. *George Carlin – Prostitution*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1prYbbnDs7Q>, acessado em 30/08/2014.
- ANDELMAN, Bob. *Elite escort Kristen DiAngelo talks sex in American Courtesans! INTERVIEW*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=47h4-5g2oL0> >, acessado em 20/08/2014.
- *As confidências de uma prostituta de luxo*. Disponível em: <<http://www.tvi.iol.pt/videos/13281816>>, acessado em 18/08/2014.

- Cnamarcos. *Documentário Tabu -Prostituição (dublado) Nat Geo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9qRGZggDp9s>>, acessado em 20/08/2014. Sbt Dobrasil.
- CORREIA, Augusto. *Cientista revela passado de prostituta*. Jornal de Noticias 17 de Novembro de 2009. Disponível em: <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=1423149&page=-1>, acessado em 18/08/2014.
- CULLEN, Sean. *Escorting v. Prostitution: Documentary*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEjU5jvmAOg>>, acessado em 22/08/2014.
- EligibleInc. *High-End Escort Life - Eligible Magazine Interview 2*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WtPoSxDyUhY>>, acessado em 20/08/2014.
- EligibleInc. *High-End Escort Life - Eligible Magazine Interview Part 1*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RoAbj9ZvxEQ>>, acessado em 20/08/2014.
- Elmano Madail. *A prostituição é uma escolha*, in *Jornal de Noticias*. Disponível em: <http://www.jn.pt/multimedia/video.aspx?content_id=1345245>, acessado em 19/08/2014.
- Iuswcollectiveemail. *Brooke Magnanti (Belle De Jour), Rhoda Grant argue against and for criminalising sex work clients*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kA7Ej47DMfc>>, acessado em 18/08/2014.
- Jornal Público. *França aprova lei que criminaliza clientes de prostituição*. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/franca-aprova-lei-que-criminaliza-clentes-de-prostituicao-1614568>>, acessado a 31/08/2014.
- Kevin b. *Billie and The Real Belle bare all Part 1*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C3rdVXR0ubw>>, acessado em 18/08/2014.
- Kevin b. *Billie and The Real Belle bare all Part 2*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=acGscj6Ip1M>> acessado em 18/08/2014.
- KIIS 1065. *Amanda X*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=k3G56C-XCZE>>, acessado em 19/10/2014.
- LudVan70. *HARDtalk Dr Brooke Magnanti Scientist and former prostitute*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jZFDBkn9KB4>>, acessado em 18/08/2014.

- Luís Claro. *Europa quer punir clientes de prostituição mas Portugal não alinha*, in *Jornal I*. Disponível em: <<http://www.ionline.pt/artigos/portugal/europa-quer-punir-clientes-prostituicao-portugal-nao-alinha/pag/-1>>, acessido em 31/08/2014.
- MATEUS, Bruno Contreiras. *Cama e companhia de luxo*. Jornal Correio da manhã, 17 de Janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/cama-e-companhia-de-luxo.html>>, acessido em 19/08/2014.
- MEDEIROS, Stéfanie. *Amanda fala de ambientes perigosos*. de Cuibá, edição nº13425, 30 de Setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=418299>>, acessido em 19/08/2014.
- MEDEIROS, Stéfanie. *Público de elite e maior de 30*. Diário de Cuibá, edição nº13425, 30 de Setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=418298>>, acessido em 19/08/2014.
- MEDEIROS, Stéfanie. *Relatos de uma acompanhante de luxo*. Diário de Cuibá, edição nº13425, 30 de Setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=418297>>, acessido em 19/08/2014.
- Obolo Films. *BigSister – Second Cut*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=51DqESMnJDI>>, acessido em 18/08/2014.
- Observador Latino. *Alemanha: após legalização da prostituição, aumentam os investimentos em bordéis*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DhtX2A4H3XY>>, acessido em 31/08/2014.
- Observador Latino. *Holanda: Amstardã inaugura primeiro Museu da Prostituição*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kUrGDqTYGDM>>, acessido em 31/08/2014.
- Pedro Vaz Patto. *Prostituição – O Quadro Legal Português*. Disponível em: <<http://www.oninho.pt/ficheiros/documentacao/Quadro%20legal%20portugu%C3%AAs.pdf>>, acessido em 30/08/2014.

- Rubens5780. *Secret Diary of a call girl*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qh33EIDk0mQ&list=PLE2FA3468439D1E6E&index=1>>, acessido em 18/08/2014.
- Russianmenful. *A prostituição em Portugal*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o-D3MYWJagA>>, acessido em 19/08/2014.
- Sbt Dobrasil. 1/5 - Conexão Repórter Prostituição de Luxo - 18/03/10. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TKTuP9gEeE&list=PL318CFEAD1059A4E9&index=2>>, acessido em 20/08/2014.
- Sbt Dobrasil. 1/5 - Conexão Repórter Prostituição de Luxo - 18/03/10. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4tbZbZEFJlw&index=3&list=PL318CFEAD1059A4E9>>, acessido em 20/08/2014.
- Sbt Dobrasil. 1/5 - Conexão Repórter Prostituição de Luxo - 18/03/10. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gXBoAPMUdzc&list=PL318CFEAD1059A4E9&index=4>>, acessido em 20/08/2014.
- Sbt Dobrasil. 1/5 - Conexão Repórter Prostituição de Luxo - 18/03/10. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_1kGo2Kp3VY&list=PL318CFEAD1059A4E9&index=5>, acessido em 20/08/2014.
- Taboo. *Taboo Prostitution*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oDDdEsOffFc>>, acessido em 18/08/2014.
- TVI24. *De Jornalista a Prostituta*. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/de-jornalista-a-prostituta/5442d0ce0cf227bedde7f3b7/2?utm_campaign=editorial-tvi24&utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_content=-post>, acessido em 19/10/2014.
- Videovigilanteokc. *Escort Prostitution in Oklahoma City (FOX25)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUUnIa_UntE>, acessido em 21/08/2014.
- Yahoo!7 Pty Ltd. *Samantha X: The face of Sydney's escort business*. Disponível em: <<https://au.news.yahoo.com/sunday-night/video/watch/24858494/samantha-x-the-face-of-sydney-s-escort-business/>>, acessido em 19/10/2014.

Legislação

- Código Penal Francês, parte legislativa disponível em: <http://www.juareztavares.com/textos/codigofrances.pdf>, acessado em: 19/05/2015.
- Proposition de loi “Renforçant la lutte contre le système prostitutionnel” (2013), nº1437, Assemblée Nationale, disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/14/pdf/propositions/pion1437.pdf>, acessado em 03/06/2015.
- Ministry of Foreign Affairs of the Netherlands (2012). Dutch Policy on Prostitution *Questions and Answers 2012*. Disponível em: http://www.minbuza.nl/binaries/content/assets/minbuza/en/import/en/you_and_the_netherlands/about_the_netherlands/ethical_issues/faq-prostitutie-pdf--engels.pdf-2012.pdf, acessado em: 27/05/2015.